



**Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Departamento de Letras e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História  
Mestrado em História Social da Cultura Regional**

**Mário Ribeiro dos Santos**

**TROMBONES, TAMBORES, REPIQUES E GANZÁS:  
a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do  
Recife (1930-1945)**

**Recife  
2010**



**Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Departamento de Letras e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História  
Mestrado em História Social da Cultura Regional**

**Mário Ribeiro dos Santos**

**TROMBONES, TAMBORES, REPIQUES E GANZÁS:  
a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do  
Recife (1930-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós –  
graduação em História da Universidade Federal Rural de  
Pernambuco, como requisito para obtenção do título de  
Mestre em História.

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fabiana de Fátima Bruce da Silva

S237t Santos, Mário Ribeiro dos  
Trombones, tambores, repiques e ganzás: a festa das  
agregações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945) /  
Mário Ribeiro dos Santos. – 2010.  
270 f. : il.

Orientadora: Fabiana de Fátima Bruce da Silva.  
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura  
Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, 2010.  
Inclui referências, anexo e apêndice.

1. Carnaval de rua 2. Cultura política 3. Frevo  
4. Recife (PE) – História – 1930 – 1945 I. Silva, Fabiana de  
Fátima Bruce da, orientadora II. Título

CDD 981

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA  
REGIONAL

**TROMBONES, TAMBORES, REPIQUES E GANZÁS:  
a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do  
Recife (1930-1945)**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

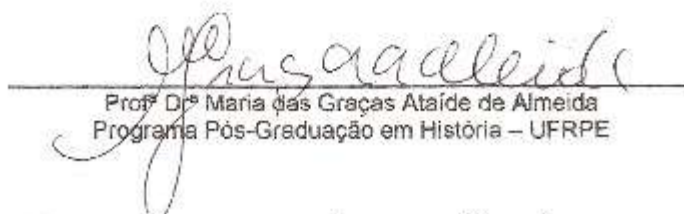
**Mário Ribeiro dos Santos**

APROVADA EM 01 / 03 /2010

BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Fabiana de Fátima Bruce da Silva  
Orientadora – Programa Pós-Graduação em História – UFRPE



Profª Drª Maria das Graças Ataíde de Almeida  
Programa Pós-Graduação em História – UFRPE



Pesquisadora Drª Rita de Cássia Barbosa de Araújo  
Fundação Joaquim Nabuco - FUNDAJ

O poeta Manuel Bandeira certa vez escreveu que nunca pensou que a casa de seu avô acabasse. “Tudo lá parecia impregnado de eternidade”. Eu também acreditava que a casa dos meus avós fosse eterna. Tudo lá era repleto de significados: o quarto da minha avó, onde muitas vezes me reservava para os estudos; a mesa do quintal na hora do almoço, sempre entre onze e meia e meio dia; as conversas à tarde no terraço esticando até a calçada; as almas, os índios, os palhaços, as La ursas que em quantidade, dançavam e animavam a porta da casa em dias de carnaval em troca de algum dinheiro.... Momentos que para sempre ficarão na memória. Como a velocidade da embriaguez do éter, o reduto que parecia indestrutível chegou ao fim. As manhãs alegres e coloridas dos dias de folia logo se fizeram noite. Que saudade.... *Saudade mal de amor. Saudade dor que dói de mais.* Parece até que sopraram cinzas no meu coração. Vovó, vovô, é para vocês que primeiro dedico este trabalho. Aos meus pais e a minha irmã, que trilharam comigo cada passo desse frenético cortejo, entrego-lhes o resultado de um trabalho que, definitivamente, marcou os nossos carnavais.

## AGRADECIMENTOS

Sonhei sem medo. Acreditei que poderia ultrapassar limites e consegui. Uma caminhada cansativa, frenética em alguns momentos, outros lentos e sofridos, nos quais procurei brincar escondendo a dor. Chegar a este estágio do trabalho dá a impressão que alcancei a apoteose dentro do tempo estimado. Apenas a sensação de dever cumprido, simplesmente, pois tenho a consciência de que uma pesquisa histórica está sempre em processo, qualquer que seja a temática. A vitória desta etapa veio ao lado de muitos momentos. Ocasões muitas vezes que me levaram ao recesso dos amigos, familiares e até mesmo de mim. Este espaço é reservado justamente para deixar registrado o meu carinho e o quanto sou grato a várias pessoas que compartilharam comigo esta trajetória. Muitas, talvez, nem devem lembrar mais de que em algum momento me ajudaram, mas suas contribuições não foram esquecidas porque foram valiosas para que a realização desta dissertação superasse o projeto inicial.

Laroiê!, então, ao invisível, por me guiar na direção de caminhos livres, limpos pelas águas e pelo movimento sábio do ar. Reverências às divindades que me concederam a plenitude de vir neste plano como filho de Roberto e Detinha – árvores de mim – meus primeiros contadores de histórias, meus primeiros heróis, vencedores das mais gloriosas batalhas da humanidade. Como se isso fosse pouco, deram parte de suas próprias vidas para que a minha existência tivesse algum sentido. Papai e mamãe, sou o que sou, graças a vocês. A minha irmã, Maíra, carinhosamente chamada de Mana, eu agradeço por compartilhar de cada momento da sombra daquela frondosa árvore e da seiva que circula em seu interior, que nos alimenta, talvez por osmose, de um rico nutriente que nos fortifica a cada amanhecer.

De casa para a rua, e da rua para o mais íntimo de minhas lembranças, eu começo por agradecer aquelas pessoas que primeiro fizeram as leituras dos rascunhos das ideias que culminaram nesta produção: a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Auxiliadora (Dôra) da disciplina de Antropologia do curso de Ciências Sociais da UFRPE, e a Doutoranda em História pela UFBA, Valéria Gomes Costa – minha orientadora no curso de especialização em Ensino da História das Artes e das Religiões – UFRPE. A minha gratidão e admiração.

Para o desenvolvimento do conteúdo desta dissertação, contei com a contribuição de importantes pessoas, que me emprestaram as suas experiências para tornar este projeto viável, com sugestões de leituras de inestimável valor. Entre as quais, destaco a minha orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fabiana de Fátima Bruce, por acreditar no meu trabalho, pela forma paciente com que leu e corrigiu todas as versões da dissertação, e pela liberdade que me deu para escrevê-la, dividindo comigo as expectativas, conduzindo a maiores reflexões e desta forma enriquecendo-a.

Agradecimentos especiais a minha banca de defesa, composta pela prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria das Graças Ataíde de Almeida (UFRPE) e pela pesquisadora Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Barbosa de Araújo (FUNDAJ), que gentilmente participaram da minha banca de qualificação, contribuindo com críticas inteligentes. Eu agradeço pelos ensinamentos, que me fizeram avançar na pesquisa histórica, e pelas vezes que colocaram as suas bibliotecas à minha disposição. O meu respeito e admiração.

Aos amigos de mestrado, Carlos André e Paulo Julião, leitores assíduos do meu trabalho, que num exercício pleno de cooperação e disponibilidade, contribuíram com críticas, sugestões e apoio que ajudaram a transformar ideias em palavras, estabelecendo comigo uma aliança que se traduziu numa co-orientação amigável. Valeu meninos!

A Janaína Santos, amiga de longas datas (da graduação ao mestrado), sou grato pelo incentivo e pelos momentos de discussões inteligentes sobre a lista de livros que estudávamos para a seleção do mestrado. As suas lágrimas a cada conquista nossa, a vibração, o sorriso ingênuo, as palavras de motivação, impulsionaram-me, durante todo o curso, a lutar cada vez mais pela conquista do meu espaço.

Não posso deixar de lembrar das amigas Denize e Keila, amabilíssimas. Uma grande conquista do mestrado que levarei, tenho certeza, para sempre na minha história. Apesar de nos separarmos nos últimos períodos (em virtude da linha de pesquisa), a torcida e o pensamento positivo para tudo transcórrer normalmente é uma constante em nossas vidas.

Aos meus professores do Mestrado (as Dr<sup>as</sup> Maria das Graças Ataíde de Almeida; Suely Creusa Cordeiro de Almeida; Vicentina Ramires; Giselda

Brito Silva e ao Prof<sup>o</sup> Dr. e coordenador do curso Wellington Barbosa), com os quais tive o prazer de dividir esta jornada, sempre solícitos, atenciosos e preocupados com a qualidade do ensino e pleno funcionamento do curso. Parabéns-lhes pelo grau de compromisso e dedicação. Meus agradecimentos por tantas contribuições. Ainda na minha casa de estudo, agradecimentos especiais a Alexandra Barbosa e a Paulo, que fazem da Secretaria do Mestrado um espaço de convivência fraterna. Meu muito obrigado a vocês pela eficiência, dedicação e simpatia.

Gostaria de agradecer também a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Noemia Luz, funcionária do Arquivo Público Estadual de Pernambuco, que muito me ajudou disponibilizando parte de seu tempo para conduzir este estudo, pelo seu interesse em separar documentos e bibliografia que abrilhantaram esta narrativa. Reconheço também a contribuição da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Zuleica Dantas da UNICAP pela forma doce com a qual me recebeu, e que muito gentilmente concedeu-me documentos de grande valia para a construção dessa dissertação.

Voltando da rua para dentro de casa, muitas foram as formas de incentivo para que eu conseguisse levar o compromisso assumido até o final. Minha gratidão, carinho e admiração ao amigo, dono de sábias palavras que me servem de alicerce e trampolim em momentos difíceis e especiais, Gustavo Ayres. Por diversas vezes, seus conselhos me deram fôlego para enfrentar os dissabores da vida acadêmica.

A Anazuleide Ferreira, Conceição Fragôso, Marla Derzi e Paulo Moraes Jr. – amigos de muitas circunstâncias - meu reconhecimento pelas palavras e atitudes que me encorajam sempre. Obrigado pela ajuda nas pesquisas, pelas primeiras leituras do trabalho. *Tambores, trombones, repiques e ganzás* também é de vocês. Tem a garra, a cumplicidade e o visgo que nos une a longas datas.

Agradecimentos calorosos a uma pessoa digna de muitas homenagens, bastante significativa na minha vida, Zélia Sales. Uma das maiores incentivadoras da minha carreira e que respeita o meu trabalho. As palavras de força, os desafios que me apresentou, a sua compreensão em me liberar para as aulas do mestrado, para as reuniões do programa, para as pesquisas de



campo, tudo contribuiu para que eu acreditasse no meu potencial. Por você, hoje, sou um mestre em História.

Não posso esquecer da minha primeira casa de estudos, onde construí um valioso banco de ideias: a Casa do Carnaval. Um marco divisor na minha carreira de pesquisador. Sob a orientação de Carmem Lélis, a qual agradeço as críticas agudas e inteligentes que fizeram crescer o meu trabalho, iniciei minha temporada na casa como estagiário, tempo no qual lapidei o alicerce dos meus pensamentos e a minha postura de pesquisador da cultura e história brasileiras.

O meu muito obrigado se estende aos admiráveis colegas de trabalho, que de uma forma ou de outra contribuíram para eu cumprir mais esta etapa da minha vida. Obrigado Albemar Araújo, Paulinho Mafe, Graça Xavier, Perácio Gondin, Vera Regina, Leandro Souza, Claudilene Silva, Dionísia, por compreenderem a minha ausência, pelos momentos de descontração que amenizaram o cansaço e tornaram preciosos os momentos de lazer (trabalho) junto a todos vocês. A Lúcia Rodrigues, pela gentileza em me ajudar com a complexidade da informática. Sua contribuição nos últimos dias foi fundamental.

Muitos amigos me incentivaram com palavras de coragem e atitudes de carinho e lembrança, mesmo quando estava recluso, no silêncio do quarto. Sou imensamente grato a George Araújo, pela disponibilidade e boa vontade com que fez todos os meus mapas, enriquecendo a qualidade do meu trabalho. A Luiz Souza, pela excelente tradução do resumo para o inglês das ideias que sintetizam essa dissertação. A Zado Cabral pela presteza com a qual sempre atendeu aos meus pedidos, indo em busca de respostas que solucionassem os meus problemas. A Diego Rafael, Serginho Barros, Bernardinho, Mônica, que acompanharam as minhas angústias, ajudando no que era possível com palavras e muitas leras, importantíssimas para revigorar as energias e voltar ao trabalho com a certeza de que iria conseguir.

Agradecimentos elevados a minha família do axé, acima de tudo amigos que aprendi a admirar e a respeitar. As palavras sábias e o abraço acolhedor de Mãe Gena contribuíram para que eu jamais abandonasse meus sonhos,

mostrando-me sempre caminhos seguros que eu pudesse trilhar. A Eliane, Luiz, David, Gilvânia, Tânia, Elias e Anginha perdoem-me os momentos de ausência, mas acreditem, que as poucas horas que permitiram que partilhasse com vocês, foram suficientes para alimentar o meu espírito, tornando-me forte para seguir com o compromisso até o final.

Meus agradecimentos, com muita emoção, a minha família de todas as ocasiões: minhas tias Zina, Valdenice e Odete, a quem carinhosamente chamo de madrinha; as minhas primas Fabiola, Fabiana, Kátia e Cláudia; a Ida, Ane, Silvinha, Vana, Conceição, Paulinha, Seu João, Cristina, Virgínia, reconheço a vibração e a satisfação com que dividem comigo cada conquista.

Não poderia deixar de agradecer também à Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia (FACEPE), pela bolsa de mestrado que me concedeu, indispensável para realizar pesquisas adicionais, adquirir livros, participar de congressos e outros eventos acadêmicos, úteis ao conteúdo desta dissertação.

**Por Mário Ribeiro dos Santos**

*Angústia, solidão, um triste adeus em cada mão  
Lá vai meu bloco vai só desse jeito é que ele sai  
Na frente sigo eu levo o estandarte de um amor  
De um amor que se perdeu num carnaval, lá vai meu bloco  
E lá vou eu também mais uma vez sem ter ninguém  
No sábado, domingo, segunda e terça-feira  
E quarta-feira vem o ano inteiro é sempre assim  
Por isso quando eu passar bata palmas pra mim.  
(Marcha Rancho de Evaldo Gouveia e Jair Amorim, 1971)*

## RESUMO

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiques e ganzás**: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Programa de Pós-Graduação em História - Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.

Esta dissertação tem como objetivo o debate em torno do Carnaval vivenciado nas ruas do centro do Recife, em especial as agremiações carnavalescas, partindo do pressuposto que esses grupos incluem o Carnaval em suas práticas cotidianas, o que nos permite pensar numa configuração dos espaços da cidade pelos foliões. Discute ainda a atuação do Estado e demais autoridades na organização da festa, sobretudo no período de 1930 -1945, quando a documentação é observada. Uma época marcada por medidas normativas de prevenção da moral e dos bons costumes, e, em contraponto, pela imposição do ideário da modernidade. O estudo, portanto, percorre caminhos que nos levam a analisar um momento específico no contexto político, social e ideológico do país, caracterizado pelo discurso autoritário do Estado e pela mudança na perspectiva do olhar das elites, que passa a perceber a organização e a força política da classe pobre trabalhadora. Nesse sentido, identificamos uma valorização da cultura mestiça e de suas práticas lúdicas pelas autoridades. Essa mudança de pensamento, de atitude e de aproximação em relação aos populares, vincula-se ao discurso estado-novista de que “toda política nasce do povo.” O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro dedica-se a percorrer os diferentes trajetos do circuito da folia no Recife, especialmente, os bairros centrais, analisando o cotidiano da cidade e seus conflitos, os bastidores de preparação da festa e as posturas de ordem que circulam entre os foliões; o carnaval organizado pelos moradores nas ruas, nos clubes, o curso, entre outras experiências. No segundo capítulo, destacamos dois pontos: em primeiro lugar, uma caracterização do carnaval do Recife que o torna original, criado na sua paisagem urbana, isto é, o FREVO, síntese das várias tradições étnico-culturais. A segunda questão diz respeito à discussão de como aparece a presença da cultura afro-brasileira, sobretudo, a religiosidade, nas agremiações ligadas ao frevo (clubes, troças e blocos). Por fim, no terceiro capítulo, questionamos como o frevo, considerado até o início do século XX, como sinônimo de atraso, por uma elite obcecada por valores europeus, transforma-se em elemento genuinamente pernambucano, exemplificando o orgulho de uma identidade mestiça propagada pelo Estado em praticamente todos os acontecimentos sociais, sobretudo, no Carnaval.

**Palavras-chave:** Carnaval de rua. Cultura política. Frevo.

## ABSTRACT

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Trombones, tambores, repiques e ganzás**: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Programa de Pós-Graduação em História - Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.

This paper aims to debate on the Carnival experienced in the streets of downtown Recife, especially by popular groups, assuming that these groups include Carnival in their daily practices annually, setting up new spaces for revelry. Discusses the role of the state and other authorities in the organization of the party, especially in the period 1930 -1945, when the documentation is observed. A time of legislative measures for the prevention of morals and morality, and the imposition of the ideology of modernity. The study, therefore, follows paths that lead us to examine a specific point in the political, social and ideological, characterized in authoritative discourse of the state and change the perspective of looking at the elites, who come to see the ability to organize and political strength of the working class poor. We identified an appreciation of the mixed culture and its practices by the playful. This shift in thinking and attitude of moving closer to the people, is linked to the speech state-Novista that "all politics is born of the people." The work is divided into three chapters: the first is dedicated to exploring the different circuit paths of revelry in Recife, especially the central districts, revealing the life of the city and their conflicts behind the scenes to prepare the party and the postures of order that circulate among revelers, the carnival organized by the residents in the streets, clubs, the course, among other experiences. In the second chapter, we highlight two points: first, that the Carnival of Recife is more specific and unique, created in its urban landscape, the FREVO, synthesis of various ethnic and cultural traditions. The second question concerns the discussion about the presence of the Afro-Brazilian religious associations linked to frevo (clubs, exchanges and blocks). Finally, the third chapter, we discuss how frevo and other demonstrations, considered until the beginning of the twentieth century as a synonym for delay, an elite obsessed with European values, becomes a genuine element of Pernambuco, exemplifying the pride of mestizo identity propagated by the state in virtually all social events, especially during Carnival.

**Key words: Street Carnival, Political Culture, Frevo.**

## Índice de Imagens

<b>Imagem 1:</b> Abertura Capítulo 1 – Desenho de Nestor Silva .....	41
<b>Imagem 2:</b> Planta do Bairro de São José – Recife.....	53
<b>Imagem 3:</b> Manchete do Diario de Pernambuco.....	58
<b>Imagem 4:</b> Manchete do Diario de Pernambuco.....	58
<b>Imagem 5:</b> Manchete do Jornal do Commercio.....	66
<b>Imagem 6:</b> Premiação do Clube Vasculhadores.....	67
<b>Imagem 7:</b> Percurso do curso pelo centro do Recife.....	72
<b>Imagem 8:</b> Pontos de parada dos bondes no centro do Recife.....	74
<b>Imagem 9:</b> Anúncios de carros – Revista A Pihéria.....	75
<b>Imagem 10</b> Desfile do curso.....	76
<b>Imagem 11:</b> Lista dos Associados T.C.M Abanadores do Arruda.....	81
<b>Imagem 12:</b> Lista dos Associados do B.C.M Batutas de São José.....	82
<b>Imagem 13:</b> Lista dos Diretores e Sócios do B.C.M É Feio Mas É Bom.....	83
<b>Imagem 14:</b> Tabela com atividades de diversas agremiações.....	95
<b>Imagem 15:</b> Homenagem do Clube das Pás .....	105
<b>Imagem 16:</b> Abertura Capítulo 2 – Desenho do jornal Arlequim.....	114
<b>Imagem 17:</b> Vendedor de caldo de cana.....	122
<b>Imagem 18:</b> Vila Operária da Fábrica do Ibura.....	127
<b>Imagem 19:</b> Fantasia de Mocambo.....	129
<b>Imagem 20:</b> Cartaz da Festa da Mocidade.....	132
<b>Imagem 21:</b> Carta da Federação Carnavalesca Pernambucana.....	139
<b>Imagem 22:</b> Nota do Jornal do Commercio.....	158
<b>Imagem 23:</b> Foliões na Rua da Imperatriz.....	173
<b>Imagem 24:</b> Foliões nas ruas do Recife.....	174
<b>Imagem 25:</b> Troça na Rua da Imperatriz.....	175
<b>Imagem 26:</b> Foliões na rua.....	176
<b>Imagem 27:</b> Foliões na rua.....	177
<b>Imagem 28:</b> Folia nos subúrbios do Recife.....	178
<b>Imagem 29:</b> Brincadeira do Urso.....	179
<b>Imagem 30:</b> Foliões na rua.....	180
<b>Imagem 31:</b> Baile no Clube Internacional.....	181

<b>Imagem 32:</b> Baile no Clube Português.....	181
<b>Imagem 33:</b> Maracatu Nação Elefante.....	182
<b>Imagem 34:</b> Foliona nas ruas do Recife.....	183
<b>Imagem 35:</b> Foliões nas ruas do Recife.....	184
<b>Imagem 36:</b> Desenho abertura capítulo 3.....	185
<b>Imagem 37:</b> Criança fantasiada de Felipe Camarão.....	201
<b>Imagem 38:</b> Fantasia de Abacaxi.....	204
<b>Imagem 39:</b> Fantasia de Caju.....	205
<b>Imagem 40:</b> Fantasia de Cana.....	206
<b>Imagem 41:</b> Fantasia de Banana.....	207
<b>Imagem 42:</b> Fantasia de Maurício de Nassau.....	208
<b>Imagem 43:</b> Fantasia de Dama Holandesa.....	209
<b>Imagem 44:</b> Fantasia de Goiabada PEIXE.....	210
<b>Imagem 45:</b> Fantasia de Pesca.....	211
<b>Imagem 46:</b> Desenho de Abertura Considerações Finais.....	226

## **Abreviaturas**

A.P.E.J.E. - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano

B.C.M - Bloco Carnavalesco Misto

C.C.M - Clube Carnavalesco Misto

D.I.P – Departamento de Imprensa e Propaganda

D.O.P.S - Delegacia de Ordem Política e Social.

FECAPE - Federação Carnavalesca Pernambucana

I.B.G.E. - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

S.S.P - Secretaria de Segurança Pública

T.C.M - Troça Carnavalesca Mista



## SUMÁRIO

<b>Seduções, lembranças e confetes na escrita de uma nova história (Introdução).....</b>	<b>19</b>
--	-----------

### Capítulo 1

<b>“Acorda Recife, acorda! Levanta, o carnaval começou.....</b>	<b>41</b>
1.1 Circuitos da Folia: territorialidades, história e cultura carnavalesca nas ruas centrais do Recife.....	47
1.2 Os Preparativos da festa: consumo, lazer e sedução.....	58
1.3 Os dias oficiais da folia.....	64
1.4 Experiências Compartilhadas: cotidiano, trabalho e família na cidade da alegria.....	80
1.5 Afinidades Irrestritas: sociabilidades, normatização e formação cultural nos bastidores da festa.....	93

### Capítulo 2

<b>“Até parece que tem feitiço! Entra na cabeça, toma conta do corpo e acaba no pé.....</b>	<b>114</b>
2.1 Vozes, buzinas e picaretas: o frenesi de uma nova cidade.....	118
2.2 Um Entusiasmo que Contagia: dos caboclos mascarados com vassouras aos maracatus de batutas e dragões com pás endiabrados.....	134
2.3 Festeiros e Devotos: perseguição e repressão na batalha da construção do corpo submisso.....	154
<b>Galeria de Imagens do Carnaval de Rua do Recife.....</b>	<b>173</b>

### Capítulo 3

<b>“Nós somos madeira de lei que cupim não rói” .....</b>	<b>185</b>
3.1 Uma relação para além da festa: a Federação Carnavalesca Pernambucana e as agremiações populares.....	188
3.2 Doutrinando as Massas: a Federação Carnavalesca Pernambucana e o caráter pedagógico da Festa.....	198

3.3 Outro Recife, outros carnavais: o que era “deles”, agora é “nosso” ..... 216

**Considerações Finais**

**“Adeus, adeus minha gente, pois já cantamos bastante” ..... 226**

**Referências Bibliográficas..... 232**

**Anexos**

## **Seduções, lembranças e confetes na escrita de uma nova história**

### **(Introdução)**

O trabalho do historiador é insuflar nova vida aos relatos que nos dizem o que era o passado. Retramar o que está tramado, redizer o que está dito, rever o que já foi visto, para que estes relatos nos sirvam para demarcar a nossa diferença.<sup>1</sup>

A lembrança nos traz à memória a mais remota passagem que temos do Carnaval do Recife. Tarde de uma segunda-feira no centro da cidade: grupos de caboclinhos e maracatus percorrem num barulho ensurdecedor uma rua cuja inocência de criança não me deixa recordar o nome. A forma com que dançam, a quantidade de pessoas, os sons produzidos, o colorido das roupas, tudo parece se revelar aos nossos olhos e em poucos minutos já estamos completamente seduzidos. Essa experiência de infância constrói o alicerce dos pensamentos sobre as manifestações da cultura popular, comprometendo o gosto pelas leituras e direcionando os nossos passos nas trilhas do estudo e da pesquisa histórica.

Nesse sentido, uma vez estabelecido o lugar de formação acadêmica e atuação profissional como historiador das expressões culturais, iniciamos as visitas aos arquivos locais, na intenção de investigar algo relacionado à temática. Com frequência, uma série de processos criminais direcionados aos divertimentos públicos na cidade do Recife, no período de 1930-1945, passam a intrigar-nos: Por que esses grupos necessitam de autorização oficial para se apresentarem no Carnaval? O que os grupos populares fazem e levam para as ruas em dias de Carnaval a ponto de o Estado interferir na organização da festa de maneira tão contundente? Será que todos os grupos se submetem às posturas oficiais de controle? Que tipo de mecanismos as agremiações utilizam para conquistar o espaço público da festa diante de tantas imposições? Qual o interesse do Estado em intervir na festa? Por que o frevo, de manifestação cultural popular, perseguida, criticada e classificada por uma elite como perigosa e violenta passa a ocupar o lugar de símbolo do carnaval de Pernambuco? Essas e outras questões instigam-nos cada vez mais a estudar o tema e acreditar, que o “modo de investigação, os métodos utilizados e as

---

<sup>1</sup>ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: Edusc, 2007. p.153.

próprias indagações relativas aos documentos emergem a partir do lugar social do investigador”<sup>2</sup>. Esse pensamento se aproxima das ideias de David Cannadine, ao afirmar que “os historiadores não são canais neutros através dos quais a verdade sobre o passado é transferida dos documentos para o leitor”. Somos, antes de tudo, indivíduos com idéias e pensamentos que deixamos em nossas obras.<sup>3</sup>

Ao refletir sobre a relação entre o discurso do historiador e a época na qual ele vive, consideramos de igual importância destacar que a vida cotidiana na cidade também influencia a escolha desse estudo, mais precisamente o fascínio pelas ruas dos bairros centrais do Recife: São José, Santo Antônio e Boa Vista; as histórias dos seus moradores; as conversas nas esquinas e calçadas; *os cheiros de café se torrando e a alfazema em casa que tem menino novo*<sup>4</sup>; os sabores de milho assado e passarinha; suas ruas, pátios e travessas; as sonoridades múltiplas (ladainhas, pregões dos vendedores, barulho das máquinas, rádios, pianos, vozes...), que se revelam timidamente das fontes enclausuradas no silêncio dos arquivos e bibliotecas, que misteriosamente, guardam os segredos de muitos momentos da festa das multidões. Aqui, os bairros aparecem “como o lugar onde se manifesta um “engajamento” social, ou noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes), [onde] cada pessoa contribui com a sua cota para a vida coletiva.<sup>5</sup>

*Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)* nasce, portanto, num lugar determinado e numa temporalidade definida. Nessas páginas, presente e passado se conectam e se misturam. Percebemos que nem tudo é fluxo; é também sedimentação. Nem todas as serpentinas voam livremente pelas ruas. Há emaranhados nos fios e postes elétricos, nas grades que protegem as varandas, cujo rumo das fitas modifica a escrita das histórias de folia.

---

<sup>2</sup>SAHLINS, Marshal David. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 225.

<sup>3</sup>CANNADINE, David. **Que é a História Hoje?** Trajectos 6. Gradiva. p.33.

<sup>4</sup>FREYRE, Gilberto. Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed.1968, p. 155.

<sup>5</sup>CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano, 2: morar, cozinhar**.7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 39.

Considerando tal perspectiva, chamamos a atenção neste estudo para o Carnaval vivenciado nas ruas do centro do Recife, envolvido pelo desejo de descobrir como se configuram os espaços da folia na cidade; quem são e o que impulsiona os foliões, integrantes ou não de agremiações carnavalescas, a fazer da festa um território com significados mutantes e polissêmicos, capazes de expressar a mudança e o movimento do tempo histórico para além do ritual de renovação anual.

Nesse sentido, procuramos construir uma narrativa que problematize os modos particulares com os quais os diferentes grupos se valem para percorrer e apropriar-se dos espaços públicos da cidade nos dias de Carnaval; quais as práticas cotidianas empreendidas pelos sujeitos, entre outras invenções, que contribuem para evidenciar micro diferenças culturais, onde tantos outros apenas percebem uniformização e conformismo.

Testemunha dessa diversidade, a rua, evidenciada no subtítulo do trabalho, aparece nesta pesquisa como a guardiã dos carnavais passados; dos mistérios dos arruaceiros; dos pecadores; das histórias de boa e má fama dos moradores-foliões. No desenho de sua geografia, entre pontos, linhas retas e curvilíneas, investimos no seu lado luminoso e nas riquezas que ela oferece e faz circular, sobretudo no momento de uma festa tão específica como o Carnaval. Nesse sentido, viver a folia na rua é abrir este trabalho e descobrir em cada página, que as praças, os pátios, os becos, as esquinas e as encruzilhadas são espaços de convívio e solidariedade, de aprendizagem, mas também de muitas negociações e resistências, protagonizadas por diferentes sujeitos que desenvolvem suas tramas e travam batalhas diárias pelo poder de enunciação.

Esse interesse em reconhecer e calibrar, na sua justa medida, a contribuição das diversas expressões festivas que acontecem nas ruas, especialmente as agremiações carnavalescas, não responde a qualquer noção de superioridade dessa forma de brincar com relação a outras práticas, como a folia nos clubes, por exemplo; mas sim, um demorado trabalho de inferências a partir de dados empíricos, que levam à comprovação de que efetivamente não existe uma única versão para a história do carnaval da cidade. Outros discursos existem e são possíveis de proporcionar outros contornos, revelar

novos sujeitos, novas falas e experiências possíveis de desenhar uma nova trama sobre o acontecimento em foco.

É importante destacar que, só recentemente, a historiografia tem-se preocupado com a descoberta dessas “outras histórias”, que surgem para favorecer os estudos que contemplam a abordagem da festa, em especial o Carnaval. A expansão dos estudos sobre essa temática na história localiza-se no quadro de transformações por que vem passando a ciência nos últimos tempos, fruto da crise dos paradigmas tradicionais sobre a sua escrita, cuja procura por novas perspectivas abriu também um campo mais amplo para a interdisciplinaridade.

Dentro desse campo inter e multidisciplinar, o tema do cotidiano tem aparecido com frequência. Assim, as invenções das massas, as táticas, as burlas, as questões da vida diária, os processos, as práticas triviais, as conversas, os gestos, as crenças, os cheiros, dos quais fala Michel de Certeau, passam a interessar ao ponto de trazer para este trabalho uma abordagem que enfatize o dia-a-dia da cidade, vivenciado entre as décadas de 1930 e 1940.

Não é nossa intenção construir uma cronologia do estudo do cotidiano, mas consideramos importante trazer para o centro das discussões esse momento de expansão dos estudos sobre a temática, pois abre novas possibilidades para a recuperação de experiências em outros setores da sociedade, ampliando o leque de abordagem da produção historiográfica e redescoberta do estudo das práticas cotidianas<sup>6</sup>.

Considerando tal perspectiva, aprendemos com Michel de Certeau três aspectos que destacamos ao longo da narrativa: primeiro, o de enxergar o cotidiano “como aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.”<sup>7</sup> O segundo aspecto apreendido, relaciona-se com a sua capacidade de se maravilhar e confiar na inteligência e na inventividade do mais fraco; na possibilidade de escrever uma história do Carnaval de rua do Recife evidenciando as práticas

---

<sup>6</sup> Sobre a importância de uma história atrelada à vida cotidiana, consultar DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos annales à nova história**. São Paulo: Ensaio; Campinas, Unicamp, 1992. MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit. p 31.

cotidianas de quem o faz, deslocando a atenção do consumo para o da criação anônima, nascida da prática, do desvio do uso desses produtos. O terceiro e último aspecto a destacar é o rigor ético com que Certeau trata o “homem ordinário”, o ‘herói comum’, o ‘herói anônimo”:

análises que nos autorizam trazer para esta narrativa, nomes importantes na história do Carnaval e da cidade do Recife, como Seu Luiz de França<sup>8</sup>, Dona Santa<sup>9</sup>, Badia<sup>10</sup>, Dona Sevi Caminha, Seu Manoel Papai, entre outros praticantes de operações astuciosas e clandestinas. Para Certeau:

[...] a uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de consumo: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos

---

<sup>8</sup> Nascido na Rua da Guia, em 1901, no Bairro do Recife, Luiz de França cresceu entre a zona portuária e o bairro de São José. Conviveu desde cedo com a dinâmica da vida no porto e com as práticas religiosas afro-brasileiras. Seu pai era estivador, seus avós - escravos africanos que chegam em Pernambuco ainda no século XIX. Filho do orixá Xangô, Seu Luiz inicia sua vida religiosa ainda jovem, pelas mãos da lalorixá Dona Santa – Rainha do Maracatu Elefante. Por uma questão de “deixa” (herança) de seus avós, Seu Luiz assume a liderança do Maracatu Leão Coroado, deixando o cargo de presidente somente em 1997, quando vem a falecer. Desde então, o comando da manifestação passa para as mãos do Mestre Afonso.

<sup>9</sup> Em 24 de março de 1877, nasce no Recife Maria Júlia do Nascimento – Dona Santa. Era o início de uma trajetória marcada pela resistência, pela luta por um espaço político e social da população afro-descendente. Sobre a sua infância, pouco se sabe. Talvez, como toda criança nascida no Candomblé, criou-se aprendendo os mitos, as lendas, os cânticos, as rezas e os fundamentos que asseguram o fortalecimento da religião. Ainda jovem, foi Rainha do Maracatu Leão Coroado; abdicando do cargo quando se casou com João Vitorino do Nascimento, 2º sargento da Força Policial do Estado. Foi eleita, em 1903, com apenas 30 anos, Rainha do Maracatu Elefante, na Igreja do Rosário de Santo Antônio. Em mais de 50 anos, com mais de 80 anos de idade, enquanto pode veio à cidade para abençoar, com seu espadim prateado, a multidão fiel. Vinha de jipe, homenagem da Prefeitura da Cidade do Recife à soberana negra. Aos 85 anos, em 1962, Dona Santa falece deixando um grande legado para a história do carnaval do Recife.

<sup>10</sup> Em 09 de abril de 1915 nascia no Recife aquela que se tornaria a 1ª Dama do Carnaval do Pátio do Terço, Maria de Lourdes da Silva, a popular Badia. Desde criança foi criada na lavanderia (e residência) de Sinhá e Iaiá, as velhas “Tias da Costa”, local de trabalho da sua mãe, Dona Emília. Após o falecimento das “Tias”, Badia, a zelosa filha d’Oxum, dá continuidade aos ritos africanos praticados na casa. Devota da Virgem do Carmelo ela também era integrante da Ordem de São Bartolomeu, Sociedade 16 de julho, As Carmelitas Descalças e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Festas e novenas a santos católicos eram frequentes na sua residência. Políticos, representantes de ordens religiosas, populares e personalidades da sociedade civil costumavam marcar presença nos eventos religiosos. Mulher de espírito festivo, Badia transformou sua casa também em quartel general das agremiações carnavalescas. Participou como diretora, madrinha, fundadora, costureira, bordadeira e amiga de muitos grupos, entre os quais os Clubes Pão Duro, Vassourinhas, a Escola de Samba Estudantes de São José, o Bloco Pierrot de São José, Bloco de Samba a Turma do Saberé, entre outros. Na tarde do dia 17 de julho de 1991, a euforia do Recife se fez menor. Badia morre, aos 76 anos, justamente um dia após as festividades em homenagem a Nossa Senhora do Carmo, sua santa de devoção. Em sua homenagem, como uma das prévias carnavalescas, foi criado o Baile Perfumado, que desde 1997 acontece no o Pátio do Terço.

próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.<sup>11</sup>

É na busca dessas astúcias anônimas, que Certeau mostra que “o homem ordinário” inventa o cotidiano com mil maneiras de “caça não autorizada”, escapando silenciosamente a essa conformação. Essa invenção do dia-a-dia se dá graças àquilo que o autor chama de “artes de fazer”, “astúcias sutis”, “táticas de resistência”, que vão alterando os objetos e códigos e estabelecendo uma (re) apropriação do espaço e do uso, ao jeito de cada um. Ele acredita nas possibilidades da multidão anônima abrir o próprio caminho no uso dos produtos impostos pelas políticas culturais, numa liberdade em que cada um procura viver do melhor modo possível, criando alternativas a uma ordenação social e buscando a superação da violência das coisas.<sup>12</sup>

Essas novas perspectivas de estudo e influências possibilitam a reorientação do enfoque do objeto, com o desmoronamento das continuidades e o questionamento da universalidade do discurso histórico. Assim, consciente da importância de que absorver outros olhares é tarefa imprescindível ao mergulhar no mundo do outro, num outro tempo, atribuir à interdependência entre a teoria e a metodologia diretrizes fundamentais do processo de construção deste trabalho. Nessa perspectiva, concordamos com o pensamento de Jörn Rusen, quando diz que:

[...] as teorias são apenas construtos das narrativas e não sejam elas mesmas narrativas. Elas fornecem a estrutura da argumentação, o esqueleto da constituição narrativa de sentido, mas não apresentam o próprio sentido construído narrativamente, como se não importasse o preenchimento da estrutura, a “musculatura” empírica. Por outro lado, a metodologia consiste num conjunto de diretrizes que conduzem o pensamento histórico à pesquisa empírica, à reflexão sobre os pontos de partida e à teorização, conferindo-lhe a dinâmica

---

<sup>11</sup> DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**;1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.p 39.

<sup>12</sup> Trecho extraído da contra-capa do livro DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**;1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.



do progresso cognitivo, da ampliação das perspectivas e do reforço de identidade<sup>13</sup>.

Paul Feyerabend, ao escrever sobre métodos de pesquisa histórica, também nos auxilia no entendimento dos campos teórico e prático e numa maior compreensão dos fatos:

[...] um método que contenha princípios firmes, imutáveis e absolutamente obrigatórios para conduzir os negócios da ciência depara com considerável dificuldade quando confrontado com os resultados da pesquisa histórica. Descobrimos então que não há uma única regra. Assim, para o que examina o rico material fornecido pela história e não tem a intenção de empobrecê-lo a fim de agradar a seus baixos instintos, a seu anseio por segurança intelectual na forma de clareza, precisão, “objetividade” e “verdade”, ficará claro que há apenas um princípio que pode ser defendido em todas as circunstâncias e em todos os estágios do desenvolvimento humano. É o princípio de que tudo vale<sup>14</sup>.

Dessa forma, antes de relacionar as diferentes documentações encontradas, direcionamos o nosso olhar para alguns teóricos considerados basilares para o entendimento de determinados conceitos empregados ao longo da narrativa, assim como o diálogo junto às fontes.

Nesse sentido, ao trabalhar com a ideia de cultura popular dissolvida nas experiências dos diferentes grupos na cidade, procuramos ficar atentos à amplitude do termo “cultura”. Em geral, esta discussão tem sido objeto de muitas polêmicas entre os estudiosos que trabalham com a ideia de cultura, que abrange praticamente tudo que é construído socialmente, desde a produção material (artefatos, roupas, casas e assim por diante) até práticas imateriais de saberes cotidianos como o ato de falar, caminhar, dançar, cantar, rezar, fazer tapioca, acarajé, entre outras artes do fazer.<sup>15</sup>

Nesse trabalho, o termo cultura será abordado segundo a perspectiva de Michel de Certeau, que, embora considere que toda a atividade humana pode ser cultura, ela não é necessariamente, ou não é forçosamente reconhecida

---

<sup>13</sup>RUSEN, Jorn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007, p.90-101.

<sup>14</sup>FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. São Paulo: UNESP, 2007, p.37- 43.

<sup>15</sup> Sobre a abrangência do conceito de cultura, consultar BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

como tal, pois, “para que haja cultura, não basta ser autor das práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que a realiza.”<sup>16</sup> É esse sentido que procuramos compreender nas investigações sobre a cultura carnavalesca no Recife, como o que representa para os carnavalescos passar vários meses trabalhando para uma festa que dura três dias. É satisfatório ter a sua história de vida relacionada ao carnaval? Essas e outras questões nos impulsionaram na busca de indícios que acalmassem as nossas inquietações.

A solução para parte dessas inquietações veio com a realização de entrevistas com personagens que vivenciaram, direta ou indiretamente, o período em questão. Destaque para os carnavalescos Severina dos Ramos Caminha<sup>17</sup> e Manoel do Nascimento Costa.<sup>18</sup> O registro de seus depoimentos, mesmo censurados pela teatralidade da emoção da fala, do brilho dos olhos, do sorriso, da pausa para lágrima que discretamente escorre no rosto, possibilita transitar e conhecer como se configuram os espaços da folia durante as décadas de 1930 e 1940. As suas falas revelam os desenhos das ruas e dos becos do centro da cidade. Lugares pulsantes, habitados e praticados por diferentes sujeitos que obedecem e desobedecem às demarcações feitas pelos poderes públicos constituídos.

Diante dessa perspectiva, percebemos a necessidade de estabelecer a comunicação entre as narrativas orais e as leituras dos autores que se debruçam nas discussões sobre as experiências culturais dos populares nos últimos tempos. O livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o*

---

<sup>16</sup> CERTEAU, Michel. Op. Cit.p 142.

<sup>17</sup> Severina dos Ramos Caminha, popularmente conhecida como Dona Sevi Caminha é natural de Buíque - PE, chegando ao Recife com oito meses de vida. Nasceu em 3 de outubro de 1935 e desde criança reside no Bairro de São José. “Eu não sei de onde eu sou. Eu só sei que sou do Bairro de São José”, diz Dona Sevi, orgulhosa de fazer parte da história do bairro e do carnaval da cidade. Costureira de profissão trabalhou para diversas agremiações carnavalescas, entre as quais, destacamos: os Blocos Batutas de São José, Madeira do Rosarinho, Banhistas do Pina; o clube Lenhadores e a Escola de Samba Estudantes de São José. Em 1978, fundou o bloco Pierrot de São José, que até hoje desfila no carnaval de Rua do Recife e tem como sede a sua casa, na Rua dos Ramos, 60, no Bairro de São José.

<sup>18</sup> Manoel do Nascimento Costa, mais conhecido como Manoel Papai, nasceu no Recife, em 25 de dezembro de 1941. Filho de José Romão da Costa e Dijanira Alves da Silva – foliões ativos do carnaval de rua do Recife – aprendeu ainda criança o gosto pela festa e os fundamentos da religião que professa (o candomblé) deixada pelos seus antepassados. Em sua trajetória, Seu Manoel carrega o orgulho de ter sido porta-estandarte da Troça Batutas de Água Fria e presidente, durante vários anos, do Clube das Pás. Seu Manoel é autor de diversos artigos que versam sobre a relação entre religiosidade afro-brasileira e carnaval.

*contexto de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin, marca o início das leituras sobre a temática. Com esse autor, observamos a forte presença do riso nas práticas culturais. O riso como escárnio, zombaria, jocosidade, configurando-se como uma oposição a toda forma de hierarquização social.<sup>19</sup> A diminuição das zonas de fronteiras entre o “erudito” e o “popular”, e o cruzamento desses encontros e desencontros, essa movimentação cultural, também foi observada na obra de Bakhtin.<sup>20</sup>

Outro pensador que contribui para compreender a desconstrução do estigma de cultura popular associar-se “ao conjunto de práticas, atitudes e códigos de comportamentos próprios das classes subalternas”, é o historiador italiano Carlo Ginzburg que encara como tardias tais ideias e menciona o termo “circularidade”, para caracterizar a comunicabilidade que há entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas na Europa pré-industrial. Essa comunicação acontece de forma dialógica, com “influências recíprocas, que se movem de baixo para cima, bem como de cima para baixo”.<sup>21</sup>

Essa dicotomia entre erudito e popular conduz a uma outra problemática que tem implicações metodológicas na produção historiográfica: a oposição entre criação e consumo; quem produz e quem recebe; entre o que é produzido e de que forma é recebido? São questionamentos debatidos amplamente pelo pensador Roger Chartier, em seu trabalho *A História Cultural: entre práticas e representações*. Segundo esse autor,

(...) o consumo cultural também é concebido como uma produção, pois apesar de não fabricar nenhum outro objeto, constitui representações que nunca são idênticas às que o produtor, o autor ou o artista, impingiu na sua obra.<sup>22</sup>

Outros autores também discorrem sobre a temática da cultura popular, com abordagens que associam os domínios amplos entre cultura e sociedade;

---

<sup>19</sup> BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1987.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>21</sup> GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 12.

<sup>22</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. São Paulo: Difel, 1988, p.59.

costumes, religião; masculino e feminino; rural e urbano. Citamos como exemplo Edward P. Thompson e Peter Burke, entre outros.<sup>23</sup>

Para pensar o estudo das folias nas ruas do Recife no limiar do século XX, a sua relação com o cotidiano, as trocas simbólicas, as negociações na busca por espaço e aceitação, inicialmente nos deparamos com algumas dificuldades em encontrar trabalhos sobre carnaval escritos por historiadores. As produções sobre o tema, em geral se detêm a descrições de préstitos e músicas ligados á temática do Carnaval. O Frevo e a divisão clássica (frevo de rua, frevo canção e frevo de bloco) e as duas vertentes de maracatus, o baque virado e o baque solto,<sup>24</sup> destacam-se na lista dos temas mais abordados. A espetacularização do Caboclo de Lança (personagem do maracatu de baque solto), a massificação da cultura de tambores, com destaque na proliferação de grupos de percussão frequentemente associados aos maracatus de baque virado são outros assuntos bastante abordados, nos últimos tempos, por etnomusicólogos, folcloristas, sociólogos, jornalistas, entre outros.

Entretanto, algumas obras são consideradas de referência, muitas até já identificadas como clássicas, entre os historiadores e outros estudiosos do Carnaval. Dessa forma, com a preocupação em elaborar uma discussão crítica do assunto, recorreremos inicialmente a estudos que estabelecem a relação

---

<sup>23</sup> Sobre essa temática conferir os trabalhos de THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>24</sup> Chamamos de Maracatu de Baque Virado ou Nação, a manifestação cultural organizada no período colonial e caracterizada pelos rituais de coroação de reis e rainhas negros em dias de festa de Nossa Senhora do Rosário. Com o advento da abolição, a cerimônia passa, então, a integrar o calendário das festividades carnavalescas, período onde diversos grupos enchem as ruas de muita pompa e realeza. Apresentam-se com uma corte, ricamente trajada ao modelo europeu, acompanhada por um batuque dolente de tambores, também conhecidos como alfaias acompanhadas por tarol, caixa de guerra e gonguê. Entre os grupos existentes no período estudado e ainda em atuação, destacamos o Maracatu Elefante (15/11/1800), o Leão Coroado (08/12/1863), o Estrela Brilhante de Igarassu (1824), o Estrela Brilhante do Recife (16/07/1910) e o Porto Rico (01/09/1916). O Maracatu de Baque Solto, também conhecido como Maracatu de Orquestra ou de Trombone, tem suas origens na Zona da Mata Norte de Pernambuco, entre os fins do século XIX e início do XX, com fortes tradições da cultura afro-indígena. Não apresenta entre os seus instrumentos o tambor, e sim instrumentos de sopro, fato que atribui um som característico ao brinquedo. Entre os seus personagens de maior destaque, citamos o caboclo de lança. No Recife, entre os grupos existentes desde o período estudado, destaca-se o Maracatu Cruzeiro do Forte (07/09/1929). Sobre essas temáticas, recomendamos as leituras dos trabalhos de GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Ricordi Brasileira Editores, 1955. SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2002. ASSIS, Maria Elizabete Arruda de. **Cruzeiro do Forte**: a brincadeira e o jogo de identidade em um maracatu rural. Dissertação de Mestrado (Antropologia).

entre a festa e o social. Em *História Social do Frevo*, de Ruy Duarte, e *Frevo, capoeira e passo*, de Valdemar de Oliveira, encontramos abordagens que se aproximam do procurado, algo que identifica a estreiteza entre carnaval, cidade, pessoas, lutas, dança, música.<sup>25</sup>

Igualmente importante é o livro da antropóloga norte-americana, Katarina Real, intitulado *O Folclore no Carnaval do Recife*. Uma produção dividida em dezessete capítulos, que possibilita, como trabalho descritivo, o entendimento da forma como os diferentes grupos que desfilam no Carnaval de rua do Recife se organizam; suas fantasias; seus estilos musicais variados; seus personagens; seus locais de desfile na cidade, com referências a horários, quantidade de componentes, faixa etária, condição social, entre outros aspectos antropológicos da festa.<sup>26</sup>

Sem qualquer pretensão de esgotar o manancial de contribuições relevantes das leituras realizadas, algumas interpretações acadêmicas sobre o Carnaval são balizadas pela ideia de “ritual de inversão”, ou seja, considerando “a noção de que tal festa possibilita, supostamente, um baralhamento momentâneo das hierarquias constitutivas de determinado ordenamento social.”<sup>27</sup> Nessa linha de pensamento, podemos citar a conhecida pesquisa do antropólogo Roberto da Matta, *Carnavais, Malandros e Heróis*, na qual o autor tenta entender a festa como um “rito”, fundado no princípio social da inversão.<sup>28</sup> Pensando desta forma, Da Matta não considera as especificidades que cada celebração tem, em locais próprios, com sujeitos diferentes, e nega o caráter histórico presente no processo de formação da festa. Essa preocupação com as análises generalizantes que tiram da festa o seu conteúdo histórico e que em muito se distanciam da realidade das ruas é inteligentemente abordada pela socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, em seu trabalho *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. A autora critica nesse livro os estudos que “deixam de lado os significados profundos que a festa pode tomar através do tempo e

---

<sup>25</sup> DUARTE, Ruy. **História Social do Frevo**. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1968. OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, capoeira e passo**. 2. Ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

<sup>26</sup> REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

<sup>27</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX**. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004. p.20.

<sup>28</sup> DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.39.

do espaço, uma vez que não é igual por toda a parte e não permanece imóvel, pois, como fato social, está em constante transformação.”<sup>29</sup>

Dentro dessa perspectiva que busca evidenciar a condição sócio-histórica, política e cultural do Carnaval, a pesquisadora Rita de Cássia Barbosa de Araújo convida o leitor a uma reflexão sobre os conflitos e tensões sociais existentes no interior da festa, bem como os diferentes momentos políticos da história do Recife, sobretudo, a intolerância do poder público com relação às práticas culturais populares vivenciadas durante o Carnaval. Com as reflexões da autora, percebemos as possibilidades de ampliar as discussões sobre o Carnaval, estudando-o como uma celebração relacionada ao cotidiano da cidade, fortemente vinculada às diferentes sobrevivências culturais disseminadas nas classes populares. Uma festa “criada no exercício diário da convivência e no partilhar de experiências comuns na família, na vizinhança, no trabalho, no lazer, na vida religiosa, social e política.”<sup>30</sup>

O texto de Rita de Cássia, porém, fornece subsídios para outra reflexão, mais intrigante, que diz respeito à desconstrução do sentido unívoco e totalizante que muitos estudiosos atribuem ao Carnaval. Assim, “buscar compreender o processo histórico da construção do conceito e da própria festa enquanto manifestação cultural específica e particularizada” constitui um dos principais interesses da autora com o seu trabalho.<sup>31</sup> Com essa análise, a autora reforça a possibilidade de construção de diferentes sentidos culturais e políticos para os sujeitos da festa e desmonta a teoria de que o Carnaval teria o mesmo significado para todos os foliões. Outra contribuição de *Festas: máscaras do tempo* para este trabalho, diz respeito ao estudo do processo de popularização do Carnaval do Recife. A sua leitura sobre os clubes carnavalescos; a relação com o processo de formação das classes trabalhadoras; a popularidade do frevo; os seus seguidores; os seus símbolos e suas funcionalidades; de onde vem; o que fazem; entre outros aspectos da vida cotidiana e do cenário cultural da cidade nas primeiras décadas do século

---

<sup>29</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.196.

<sup>30</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo**: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996. p 360.

<sup>31</sup> Idem. p.21.

XX, contribuíram para a construção de um vasto e promissor debate realizado, principalmente, no segundo e terceiro capítulos.

Desse pensamento que enxerga as festas relacionadas ao espaço vivido e seus protagonistas, comungam os historiadores Norberto Luiz Guarinello e Marta Abreu. Para o primeiro, “elas são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, segundo regras peculiares a cada uma” e por atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana, “da qual são necessariamente o produto e a expressão ativa”<sup>32</sup>. Já para a pesquisadora, estudá-las é uma possibilidade de “perceber as particularidades e os significados que essas festas tiveram para os homens e mulheres que as tornaram possíveis”<sup>33</sup>. Essas ideias de funcionalidades da festa envolvem toda uma coletividade num processo de produção e consumo de bens materiais e imateriais, e esses produtores ocupam lugares específicos no seio do grupo que a realiza.

Nesse mesmo caminho de investigação e reflexão histórica, interessada na participação dos grupos sociais no Carnaval, em especial os segmentos populares, está o trabalho da historiadora Rachel Soihet, *A Subvenção pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas*. A contribuição desse estudo encontra-se principalmente na maneira como a autora aborda a participação dos populares no espaço público da festa, destacando as formas alternativas de organização, a criatividade e as reações desse segmento às diversas formas de opressão. A autora destaca que os populares “não foram passivos e impotentes, nem ficaram à mercê de forças históricas externas e dominantes.” Pelo contrário, “desempenharam um papel ativo e essencial na criação de sua própria história e na definição de sua identidade cultural”<sup>34</sup>.

É importante destacar, diante das pesquisas realizadas sobre o tema, a existência de uma produção científica que pensa muitas vezes o Carnaval de

---

<sup>32</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, trabalho e cotidiano**. In: JANCSÓ, István e Kantor, Íris (orgs). **Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa**. Volume II. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo:FAPESP:Imprensa Oficial, 2001, p.969 - 970.

<sup>33</sup>ABREU, Marta. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p.38.

<sup>34</sup>SOIHET, Rachel. **A Subvenção pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas**. 2. Ed. Uberlândia: EDUFU, 2008. p.17.

forma articulada com uma periodização. Essa divisão dentro de um quadro histórico, em três períodos cronológicos: entrudo, carnaval de estilo europeu e carnaval popular, é elaborada por alguns estudiosos, a exemplo do próprio trabalho de Maria Laura Viveiros. A crítica a esse modo de ler o carnaval vem por parte do professor de Teoria Literária da Unicamp, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, que considera esse pensamento generalizante,

(...) um vício sedutor, que pensa o carnaval como um evento dotado de uma essência única. Apesar de levar em conta a existência de diferenças de tempo e do espaço, analisa o carnaval de cada momento e local específico na sua totalidade, como se houvesse em cada uma dessas situações um substrato comum a todos os seus participantes. Partindo desses tipo de representação, só lhe restava tentar apreender os rumos e os sentidos de uma transformação que se operava sempre do “velho” para o “novo”, do “antigo” para o “moderno” – reforçando aquelas construções que fazem da história um desenrolar contínuo de etapas sucessivas.<sup>35</sup>

Esse tipo de abordagem, que traça uma linha evolutiva de continuidade da festa, conectando o desfile das agremiações carnavalescas às saturnálias e bacanais dos tempos pagãos, insiste na existência de uma essência unívoca do Carnaval e reafirma a ideia de homogeneidade da festa, sendo da mesma maneira e com os mesmos significados em todos os tempos.

*Trombones, tambores, repiques e ganzás* também se posiciona no quadro das produções acadêmicas que estudam o processo de transformação política, social e cultural vivenciadas no Recife durante o Estado Novo. Um período da História marcado por um conjunto de medidas normatizantes, que interferem no cotidiano da cidade e estruturam condutas individuais e coletivas.

De fato, alguns olhares contribuíram para fotografar a cidade e o seu cotidiano, com suas festas, insatisfações, manifestações políticas, religiosidade, entre outros acontecimentos que marcam o relacionamento humano durante o período pesquisado.

Com *A Construção da Verdade Autoritária*, a professora Maria das Graças Andrade Ataíde de Almeida nos ensina a pensar sobre as diferentes relações de poder que circulam em Pernambuco, mais especificamente no

---

<sup>35</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Op. Cit. p. 28.



Recife, entre 1937 e 1945. A sua análise em torno da Interventoria de Agamenon Magalhães nos aproxima das medidas normatizantes que transformam o cotidiano da cidade, a fisionomia das ruas e avenidas, inserindo na capital pernambucana novos hábitos, novas formas de pensar e se relacionar, social e culturalmente.

Por meio de uma abordagem histórica, o seu trabalho contribui para iluminar algumas reflexões sobre os espaços e os momentos de sociabilidades dos recifenses nesse período, ao apresentar para o leitor acontecimentos relevantes vivenciados nos principais pontos de circulação de ideias da cidade: os restaurantes, os cafés, os hotéis, as confeitarias, as ruas. Destacamos ainda, entre as contribuições dessa leitura, as referências às notas de rodapé e as considerações da autora, principalmente, nos capítulos três e quatro, as quais nos proporcionaram maior aproximação das tentativas de reorganização do Carnaval do Recife: da dicotomia entre a festa na rua e nos clubes, do papel da FECAPE e das atitudes preconceituosas e racistas com relação às práticas culturais afro-brasileiras, em especial, as experiências religiosas e as manifestações artísticas.

O estudo detalhado da *Folha da Manhã*, no qual a historiadora, por meio da análise do discurso, analisa “metáforas, frases estereotipadas, adjetivos e a persistência de palavras-chave”<sup>36</sup> nas matérias veiculadas diariamente, concede ao leitor ferramentas para olhar suas fontes com maior cautela, abandonando o hábito de tomá-las como meras descrições de formas que se sucedem e se tornam repetitivas.

Sem perder o rigor acadêmico das pesquisas sobre o Recife, o trabalho do professor Raimundo Arrais, *A Capital da Saudade*, nos conduz, por meio de uma linguagem clara e objetiva, a percorrer a cidade no período de 1920 a 1950, identificando a relação entre a história e os sentimentos. Desta forma, fazendo uso de diferentes fontes: crônicas, narrativas históricas, ficção, poesia, relato de viajantes e memórias, o autor apresenta para este trabalho algumas contribuições consideradas relevantes para a reconstrução do cotidiano do

---

<sup>36</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001, p. 28.

Recife no período em análise. As suas reflexões sobre a movimentação do cenário urbano (greves, trabalhadores ambulantes, construção de prédios e avenidas, bondes elétricos, entre outros aspectos que alteraram o ritmo da cidade) e as produções dos intelectuais locais (guias turísticos, poesias, crônicas) tocadas pelo forte sentimento de saudade por um Recife que não volta mais, alimentaram a escrita desta dissertação, com passagens que remetem o leitor a lugares de convivência familiar numa época marcada pelo regime político estabelecido no país a partir de 1930.

Ainda sobre a história política de Pernambuco, porém de grande relevância para identificar o retrato das relações sócio-econômicas e culturais, chamamos atenção para *Veneza Americana x Mucambópolis*<sup>37</sup>, da historiadora Zélia de Oliveira Gominho, que com enfoque diferente do trabalho da Dulce Pandolfi – *Pernambuco de Agamenon Magalhães* - considerado referência para os estudos sobre o Estado Novo em Pernambuco, apresenta um novo olhar sobre as experiências deste momento político no estado.<sup>38</sup> Com o seu trabalho, a autora possibilita que o leitor identifique a sólida relação construída entre o Estado e os seguimentos populares. Zélia Gominho se debruça numa documentação vasta, que aguça o desejo do pesquisador em buscá-la novamente, visualizá-la, empregar novos sentidos. Foi assim com algumas reportagens da *Folha da Manhã*, que nos interessaram na intenção de perceber como o Recife convivia com as ideias de progresso e de modernização. O que era ser moderno na capital pernambucana naqueles anos? Como se dava a intervenção do Estado no cotidiano popular? O que eram os Centros Educativos Operários, quais eram as atrações culturais, os espaços de sociabilidades nesse novo momento em Pernambuco?

Com *Veneza Americana x Mucambópolis* chegamos às memórias de Andrade Lima Filho, *China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época*<sup>39</sup>, e à pesquisa organizada por Nilo Pereira, *Agamenon Magalhães: idéias e lutas*<sup>40</sup>, trabalhos, cuja leitura atenta, fizeram-nos identificar diversas impressões sobre

---

<sup>37</sup> GOMINHO, Zélia. **Veneza Americana x Mucambópolis**: o Estado Novo na Cidade do Recife (Décadas de 30 e 40). Recife: CEPE, 1998.

<sup>38</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. Recife: Ed. Massangana, 1984.

<sup>39</sup> LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo**: Agamenon Magalhães e sua época. Recife: Editora Universitária, 1976.

<sup>40</sup> MAGALHÃES, Agamenon. **Idéias e Lutas**. Recife, Raiz, 1985.

o interventor e a conjuntura política, ideias que nos fazem perceber os diferentes posicionamentos da intelectualidade, quais os espaços de discussão na capital pernambucana, quais as ideias que movimentam os encontros, quem participava e de onde vinham.

Ainda não publicado, mas brevemente à disposição do público na biblioteca da Universidade Federal Rural de Pernambuco e na página virtual do Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura / UFRPE, o estudo de Carlos André Silva de Moura, *Fé, Saber e Poder: os intelectuais entre a política e a religião no Recife. (1930-1937)*<sup>41</sup>, aproxima-nos de diferentes discursos do período de 1930, outros olhares, que redesenham o formato desta dissertação.

Entre as contribuições teóricas para o estudo e o diálogo junto às fontes, destaque para a pesquisa do professor Sidney Chalhoub e as formas como o mesmo concebe e utiliza os processos criminais como testemunho histórico. Com a leitura de *Trabalho, Lar e Botequim* aprendemos o quanto é válida a possibilidade de utilizar processos penais para estudar temas outros que não a própria criminalidade ou as representações jurídicas sobre determinados assuntos.<sup>42</sup> Essa determinação contribuiu para formular alguns questionamentos estruturadores desta narrativa, tornando-se úteis para recuperar o cotidiano dos foliões, seus valores e formas de conduta. Assim, saber identificar nas fontes o que é dito? como se diz? por quem é dito? de que lugar é dito? em que circunstâncias se diz? que tipo de relação existe entre o dito e o contexto histórico? por que alguns personagens negam os discursos com a prática? facilitaram o direcionamento do olhar sobre as experiências dos populares no carnaval de rua do Recife.

Diante dessa realidade, partimos em busca dos acontecimentos-documentos nas instituições de pesquisa da cidade. No Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), encontramos uma série de periódicos, dentre os quais, jornais e boletins informativos; documentos produzidos pelas

---

<sup>41</sup> MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder: os intelectuais entre a política e a religião no Recife. (1930-1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.(Mímeo)

<sup>42</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2ª Ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

agregações carnavalescas, tais como atas, estatutos, cartas da Federação Carnavalesca Pernambucana (FECAPE), bilhetes manuscritos, panfletos, entre outros documentos apreendidos pela Delegacia de Ordem Pública e Social (D.O.P.S.) e organizados em prontuários e livros de petição da Secretaria de Segurança Pública (S.S.P.). Neste espaço, identificamos, apesar do caráter normativo e da funcionalidade da documentação oficial, interessada no estabelecimento da ordem social, aspectos da vida cotidiana dos grupos que fazem o Carnaval na cidade no período em análise, como endereços das sedes; relação dos associados contendo nome completo, endereço residencial, profissão e locais de trabalho; períodos e locais de ensaios; solicitações para montagem de barracas de diversão e comercialização de artigos carnavalescos, entre outros dados. Informações que possibilitaram remontar o calendário do carnaval da cidade, o percurso dos desfiles de alguns grupos, a distribuição das residências dos foliões pelos bairros; além de identificar a relação do Estado com a sociedade, na recuperação de hábitos e personagens, como ponte para reconstruir vivências muitas vezes ocultas.

No APEJE, o contato com os jornais *Diário da Manhã*, *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Comércio*, *Jornal Pequeno* e *Folha da Manhã* favorece a construção da representação de um Recife num determinado momento, por determinadas pessoas, para atender a finalidades diversas.<sup>43</sup> Com os quatro primeiros percebemos a estreita relação entre o Carnaval, a cidade e os seus moradores. As comissões de organização da festa nas ruas; os nomes das pessoas e as funções de cada uma; o valor arrecadado; as premiações; as negociações entre Estado, instituições privadas e sociedade civil; quais agremiações desfilam; onde, quando e que horas se apresentam; as personalidades presentes nos acontecimentos públicos; as posturas municipais relacionadas à folia; entre outros assuntos que ilustraram as páginas desses periódicos entre os meses de janeiro de 1920 a outubro de 1945.<sup>44</sup>

A pesquisa com a *Folha da Manhã*, jornal de propriedade do interventor Agamenon Magalhães, resume-se entre fevereiro de 1937 a novembro de

---

<sup>43</sup> Sobre a relação entre as fontes pesquisadas e a construção de um novo olhar, apropriadas e ressignificadas, conferir os estudos de CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Op. Cit.

<sup>44</sup> Não necessariamente todos os meses foram consultados. Verificar o período pesquisado nas referências bibliográficas.

1944. Nesta documentação priorizamos as perseguições do Estado com relação aos divertimentos populares, em especial ao maracatu e ao frevo. As práticas religiosas afro-brasileiras, o Carnaval e os segmentos menos favorecidos financeiramente eram frequentemente veiculadas com as notícias de prisões e homicídios. Fato que contribui para a construção e disseminação ideológica da imagem de um Carnaval de rua violento e perigoso. Na tentativa de mudar essa perspectiva de enxergar a festa, ampliamos nosso olhar na tentativa de identificar o conjunto de medidas patrocinado pelo Estado com o propósito de reeducar as massas e mudar hábitos classificados como atrasados. O oferecimento de palestras e cursos profissionalizantes gratuitos para os grupos de trabalhadores pobres dos subúrbios do Recife, muitos deles realizados nas sedes das agremiações carnavalescas, entre outras posturas de normatização são encontradas nesse periódico e incorporadas nas análises desse estudo.

As visitas ao Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval – instituição de pesquisa ligada à Prefeitura Municipal, proporcionaram-nos o diálogo com fotografias, entrevistas e transcrições feitas com carnavalescos centenários, entre os quais se destacam Seu Luiz de França. Documentos que se revelam como verdadeiros textos, possíveis de identificar discursos diversos, às vezes complementares, outros divergentes; relações de poder, traduzidas nos silêncios, nos conflitos, nas negociações, na forma de falar do depoente. Verdadeiros “eventos discursivos”, segundo Norman Fairclough, que considera as transcrições como um texto escrito, simultaneamente um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social<sup>45</sup>.

Na Fundação Joaquim Nabuco, a descoberta do *Anuário do Carnaval de Pernambuco*, publicado pela FECAPE em 1938, e alguns números de revistas locais sobre o assunto, como *A Pilhéria*, por exemplo, proporcionaram um novo rumo à trajetória desta narrativa. Na leitura dessa documentação, percebemos a importância para a época desses periódicos como veículos de comunicação, capazes de projetar nos indivíduos, necessidades de consumo e desenvolver posturas ideológicas. No manuseio de suas páginas, alguns microfilmados,

---

<sup>45</sup> FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2001. p. 22-23.

adentramos no universo cotidiano dos recifenses da primeira metade do século XX e conhecemos como e onde viviam; onde, como e quando se divertiam; quais os valores que enfatizavam; os defeitos que repudiavam e quais os temores que nutriam. Informações sobre moda, culinária, medicamentos, entretenimento (charadas, adivinhas, romances-folhetins), propaganda política e religiosa, atos oficiais do governo, casas comerciais oferecendo artigos diversos (carnavalescos, charutos, perfumes), companhias de teatro, de circo; anúncios de hotéis, de cabarés, de cervejarias, de padarias, de ensaios de blocos, de *bal masqué*, entre outras notícias, possibilitaram conhecer e apresentar aos leitores outro momento histórico na trajetória da cidade.

Outras instituições de pesquisa locais, como o Museu da Cidade do Recife, a FUNDARPE e a Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, também constituem como importantes lugares guardiões da memória da cidade, ao preservar documentos que contribuem para a recomposição de práticas, a recuperação de dados, personagens e cenários. Cuidadosamente, esses espaços também contribuem para a descoberta do inesperado, não no sentido de apontar o excepcional, mas o que até então se encontra submerso.

No conjunto das fontes utilizadas, abrimos um parêntese para citar as biografias, as memórias e as crônicas, as quais nos revelaram entre as paisagens percorridas, os focos mais carnavalizados da cidade. Mais do que o testemunho da sociedade, elas nos chamam atenção pelo encantamento com que os autores descrevem os aspectos cotidianos do Recife. É sedutora a leitura, a forma como abordam a cidade, seus moradores, seus hábitos, sua cultura. Entre os autores estudados destacamos Mário Sette, Paulo Cavalcanti, Souza Barros, Gilberto Freyre, Mário Souto Maior, Evandro Rabello, Rostand Paraíso, entre outros intelectuais que fazem dos seus textos fontes de identificação de aspectos históricos da cidade.

Apresentada a trajetória de construção do trabalho, necessitamos destacar ainda uma outra característica comum, que talvez ajude a desenhar mais claramente o perfil desta produção. Procuramos intercalar alguns parágrafos, assim como alguns títulos que abrem cada etapa, com versos de frevos popularmente conhecidos na cidade, com o intuito de atribuir uma leveza

especial ao texto, sem fugir, contudo, do rigor e compromisso com a interpretação histórica.

Dessa forma, é do interior desse panorama complexo, que procura focar através das lentes do presente, o detalhe e a especificidade dos carnavais passados, que acreditamos poder dialogar, nas páginas que seguem, sobre a construção de novas cadeias de conhecimento, revelando outros cotidianos e discursos capazes de se fazerem ouvir nessa outra história do Carnaval de rua do Recife.

Assim, diante das abordagens apresentadas, nossa proposta de estudo encontra-se dividida em três etapas: a primeira intitulada “Acorda Recife, Acorda! Levanta, o Carnaval Começou!”, dedica-se a percorrer os diferentes trajetos que compõem o circuito da folia, mais especificamente as ruas dos Bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista, revelando o cotidiano da cidade; os bastidores de preparação da festa; as experiências compartilhadas entre os diferentes contextos e atores sociais.

No segundo capítulo, trouxemos para o centro das reflexões as variadas formas de brincar adotadas pelos foliões do Recife, que fazem da rua o território oficial da festa. Com o título “Até parece que tem feitiço! Entra na cabeça, toma conta do corpo e acaba no pé” – referência a versos de frevos que estão na memória musical dos pernambucanos – a nossa intenção é trabalhar, entre outros aspectos, como o carnaval se afirma como uma festa popular em meio a uma cidade que se moderniza. Uma festa caracterizada por uma criação que a cidade tem de mais específico e original, fruto da sua paisagem urbana – o frevo – síntese das várias tradições étnico-culturais. Aqui, nos preocupamos em diferenciar cada uma das manifestações que saem às ruas ao som dos trombones, clarinetes, pistões, saxofones, tubas, taróis, violões e bombardinos; identificar as várias festas dentro de uma grande comemoração; dissociar um folião do outro dentro de uma mesma celebração. Outro aspecto dessa amplitude de acontecimentos é a forte presença da religiosidade afro-brasileira nas agremiações carnavalescas ligadas ao frevo, isto é, os clubes, as troças e os blocos de pau e corda.

Embora a influência das religiões afro-brasileiras seja mais explícita nos grupos de maracatu, caboclinho e samba, uma vez que utilizam em seu

repertório ritmos e letras típicos dos terreiros de Xangô e Jurema, e seus integrantes se apresentem com roupas no estilo religioso (torços, pano-da-costa, fios de conta, sementes, penachos), veremos neste capítulo, que através do frevo, muitos adeptos daquelas religiões constroem canais de participação na festa e preservam seus valores religiosos, seus rituais e preceitos sagrados diariamente combatidos pela Igreja Católica, pelo Estado e pela imprensa, na batalha da construção do corpo submisso.

Para o terceiro capítulo, tomamos emprestado do imortal compositor Capiba, o refrão de um dos hinos mais populares do Carnaval de Pernambuco para abrir as discussões: “Nós Somos Madeira, de Lei, que Cupim não Rói”. Neste momento mostramos, sobretudo, como o frevo e outras manifestações tradicionalmente populares, considerados até o início do século XX como sinônimos de atraso, de vagabundagem e de violência, ignorados por uma elite obcecada por valores europeus, transformam-se em elementos genuinamente pernambucanos, de lei, exemplos de orgulho de uma identidade mestiça, merecedora de ser propagada e preservada pelo Estado em praticamente todos os acontecimentos sociais, principalmente, no Carnaval. O frevo passa a ser enaltecido como nosso e Pernambuco consagra-se como o território-berço dessa invenção popular, nascida do interior das fábricas da Capital, do desejo da classe trabalhadora, do povo. A nossa “madeira de lei”, com reservas espalhadas por praticamente toda a cidade.

*Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás* reúne ainda um conjunto de fotografias, que possibilita outro caminho de leitura, permitindo visualizar passos, fantasias, gestos, cenários múltiplos, que aguçam o desejo do leitor de participar da festa e cair na folia, ao mesmo tempo em que o presenteia com novas abordagens, proporcionando um exercício saudável da memória e o reencontro com suas experiências existenciais e afetivas.



*Capítulo 1*

*“Acorda Recife, Acorda! Levanta, o Carnaval Começou!”*



“É preciso despertar as histórias que dormem nas ruas.”

Michel de Certeau

Iniciamos este capítulo com os pés no chão. Pés que se juntam e se distanciam. Passos, que ritmados *ao som dos clarins de Momo*, procuram “despertar as histórias que dormem nas ruas”<sup>46</sup>, restaurando tramas de vidas que se encontram encobertas e revelando a vida dos bairros através da folia. Uma missão não muito fácil, haja vista que “a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas [...]”<sup>47</sup>

Desafiando os limites da escrita da História, tal como o passista com a sombrinha na mão, num jogo de braços e pernas, torce e retorce o corpo e não cai, assumimos o desafio de criar uma narrativa diferente e que nos possibilite escrever uma história da cultura carnavalesca vivenciada nas ruas do Recife, entre as décadas de 1930 e 1940.

Dessa forma, optamos por pensar a cidade como um território que permite múltiplas formas de leituras. Uma leitura que nos leva a decifrar o seu cotidiano e tornar familiar o meio social em que convivem os seus moradores-construtores-foliões-leitores. Nesse deslocamento de passos nem sempre frenéticos, mas às vezes lentos, como que, seguindo o *som de uma marcha regresso*, o leitor que caminha pelas ruas, praças, esquinas, pátios, becos e pontes da cidade, através de um olhar específico, decifra cada gesto da paisagem urbana, como se estivesse desvendando um texto ou uma escrita.

Diante dessa perspectiva, que nos possibilita pensar e sentir a cidade como um texto, as ruas parecem constituir objetos de histórias, cenários múltiplos, cuja paisagem “fala da sua produção material, dos pontos simbólicos da vida dos que nelas habitam; seus caminhos e seus trânsitos falam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem”.<sup>48</sup> É nesse complexo jogo de criações e recriações, no qual os moradores estabelecem relações entre si e com a paisagem na qual vivem, que nos interessam as invenções do

---

<sup>46</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. 7.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p.201.

<sup>47</sup> CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p 14-15.

<sup>48</sup> BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 40-41.

carnaval de rua. Uma ação manifesta que incorpora, na sua constituição, um conjunto de diferentes linguagens artísticas e espaços de sociabilidades, entre os quais se destacam: a dança, a música, o teatro e as procissões desdobradas nos desfiles das agremiações carnavalescas<sup>49</sup>; as fantasias, a decoração das ruas, as sedes e os clubes do centro da cidade; os diferentes cheiros que invadem os ares, entre outras dimensões simbólicas e sociais que dominam os espaços urbanos no período da festa de Momo.

Dentro desse universo de criações que compõe a festa do Carnaval, percebemos as agremiações como espaços de sociabilidade, onde as invenções humanas são pensadas no sentido de encontrar caminhos que decifrem a vida e os seus desdobramentos. O folião, tomado pela subjetividade e pela cultura de seu tempo, inventa, a fim de tentar compreender, por meio das suas criações, a festa e a sua sociedade, afirmando-se como um sujeito em processo e que se coloca em lugares sociais frequentemente redefinidos.

Como atores da vida urbana, os moradores-foliões modelam o seu território cotidianamente, revelam histórias e grupos anônimos que se movem no seu interior, e detectam, de perto, a riqueza das suas partes assim como as fissuras da sua estrutura. Essas ações possibilitam compreender o espaço urbano como um tecido muito variado nas suas formas e nas suas cores, motivo que nos leva a concordar com Raimundo Arrais, quando afirma que “um

---

<sup>49</sup> As agremiações carnavalescas são organizações civis inventadas na segunda metade do século XIX, no Bairro do Recife. Seu núcleo inicial é decorrente de reuniões entre grupos de trabalhadores (geralmente da mesma profissão), que ganham a denominação primeira de *clubes pedestres*. A designação faz alusão à forma como se apresentam em público: em cortejo processional, no qual os sócios dos cordões percorrem, a pé, as ruas e os becos das freguesias do Recife. O termo expressa ainda, uma distinção social, diferenciando-os dos aristocráticos *clubes de alegorias e crítica*, que se exibem com fantasias de luxo, trazendo em seu cortejo pomposos carros alegóricos. Entre os primeiros clubes pedestres do Recife, destacam-se: *Caiadores, Cana Verde, Vassourinhas, Pás, Lenhadores, Vasculhadores, Espanadores, Ciscadores, Empalhadores do Feitosa, Suineiros da Matinha, Ferreiros, Engomadeiras*, entre outros, cujos nomes indicam o universo social do qual provêm, além de revelar a condição de trabalhador manual da maioria dos integrantes. Nesse estudo, entre as seis modalidades identificadas de agremiações carnavalescas que circulam pelas ruas da cidade, entre as décadas de 1930 e 1940, iremos nos deter, mais detalhadamente aos clubes de frevo, as troças e os blocos de pau e corda; condição esta, que não impede que façamos referência às outras modalidades existentes no período como os maracatus de baque virado, os caboclinhos e as escolas de samba. Sobre esse universo peculiar das agremiações carnavalescas do Recife, consultar REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. *Op. Cit.*; ARAÚJO, Rita de Cássia. **Festas**: máscaras do tempo. *Op. Cit.* O APEJE também dispõe de uma vasta documentação sobre o tema, principalmente os periódicos que circulavam no período carnavalesco produzido pelas próprias agremiações. Neles podemos encontrar além dos históricos dos grupos, *charges*, letras de músicas que animavam a folia, entre outros hábitos e costumes comuns aos recifenses de outros tempos.

espaço que não tem uma natureza cristalizada. Seus significados derivam dos investimentos simbólicos feitos sobre ele, por meio de rituais promovidos pelo Estado ou certos grupos sociais”.<sup>50</sup>

Com base nesse pensamento, que reforça a inexistência de espaços sem as práticas que lhe conferem sentido, neste estudo, apresentamos o Carnaval de rua do Recife integrado às práticas cotidianas dos indivíduos, com sinais claros que definem a cidade e sua gente, e não como uma realidade oposta a este universo.<sup>51</sup>

Estabelecido o lugar de onde enxergamos o Carnaval, torna-se mais fácil perceber a teia de relações sociais que cerca o fenômeno estudado, possibilitando não elaborar um trabalho meramente pelo ângulo descritivo, uma vez que estamos diante de um conjunto de ações e atividades que reverberam para além das fronteiras da espetacularização. Uma prática que interage, direciona e transforma o cotidiano de milhares de pessoas, na sua maioria, comerciantes, músicos, barbeiros, lavadeiras, engomadeiras, eletricitas, donas de casa, outros desempregados, muitos negros e brancos pobres, uns seguidores do catolicismo popular, outros adeptos das religiões afro-brasileiras, principalmente do Xangô e da Jurema Sagrada.<sup>52</sup>

---

<sup>50</sup> ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2004. p. 15.

<sup>51</sup> O conceito de práticas cotidianas (culturais) está relacionado, segundo Michel de Certeau, a uma combinação mais ou menos coerente, de elementos cotidianos concretos ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passado por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia-a-dia através dos comportamentos que traduzem, em uma visibilidade social, fragmentos desse dispositivo cultural. Tais ações são decisivas para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: morar, cozinhar. Op. cit., pp.39-40.

<sup>52</sup> O Xangô e a Jurema Sagrada são algumas, entre as diversas expressões da cultura religiosa de origem afro-brasileira. A primeira é conhecida como a religião dos orixás (ancestrais míticos divinizados), recebendo diferentes nomes conforme o lugar. Na Bahia é conhecida como Candomblé; Pernambuco, Paraíba e Alagoas, Xangô (nome que significa orixá, espaço de culto, denominação para a religião e momento festivo); no Rio Grande Sul, é popularmente conhecido como Batuque. A Jurema, por sua vez, é outra prática religiosa caracterizada por mesclar em seu culto, elementos das culturas indígenas, africanas e católicas, na qual se cultuam os encantados (mestres, mestras, caboclos, entre outros). É popularmente conhecida como Catimbó e sua prática é bastante difundida em Pernambuco e cidades da Paraíba, como Alhandra. Sobre a temática, sugerimos como leituras, os estudos de MOTTA, Roberto. **Os Afro-brasileiros**. Recife: Massangana, 1985. PINTO, Clélia. **Saravá Jurema Sagrada**: as várias faces de um culto mediúnico. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995. CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O Combate ao Catimbó**: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. COSTA, Valéria Gomes. **Nos Arrabaldes da Cidade**: práticas de apropriação e estruturação dos espaços no subúrbio do Recife pelo Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá (1950-1992). Dissertação

Essa nova perspectiva de reorientação do enfoque do objeto encontra reforço no pensamento do historiador Norberto Luiz Guarinello, que percebe a festa como:

[...] uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. [...] É laboriosamente e materialmente preparada, custeada, planejada, montada, segundo regras peculiares a cada uma e por atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana, da qual é necessariamente o produto e a expressão ativa<sup>53</sup>

Essa maneira de enxergar a festa como ação coletiva, ultrapassa o sentido de válvula de escape atribuído por alguns estudiosos; de simplesmente estudá-la como o momento oportuno de descarregar energias e tensões reprimidas, caracterizado pelo riso intenso, pela alegria, pelo grotesco, pelo mundo da fantasia. Neste trabalho, os momentos de festividades carnavalescas serão compreendidos como uma ação-manifesta que implica produção e consumo de bens materiais e imateriais, ocupando lugares específicos no seio dos grupos que as realiza.

Nesse sentido, os moradores-foliões ao se deslocarem pela paisagem, revelam-se mais do que construtores da *urbes*. Eles a habitam; inserem os seus dinamismos, as suas rotinas, as suas crenças e os seus valores; desenvolvem tensões e conflitos. Enquanto uns têm a pretensão de dirigir; outros manifestam resistências às formas de dominação. Uns carregam o desejo pela inovação, outros, por sua vez, necessitam de assegurar a sua memória e a sua identidade, alheios à construção que aqueles pretendem realizar.

---

(Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. LIMA, Ivaldo Marciano de França & GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Cultura Afro-descendente no Recife**: maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2007.

<sup>53</sup>GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. In: JANCSÓ, István e Kantor, Íris (orgs). **Festa**: Cultura e sociabilidade na América portuguesa. Volume II. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo|FAPESP|Imprensa Oficial, 2001. p. 972. A respeito de uma percepção mais ampla das funcionalidades que compõem o estudo das festas, ver DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

Essa realidade carregada pelo subjetivismo dos diferentes espaços leva a perceber que no interior da relação que se estabelece entre os foliões no Carnaval de rua é importante identificar, não apenas os diversos atores que nela atuam, mas, sobretudo, de que forma eles se expressam; por que desempenham determinados comportamentos e quais dinamismos desenvolvem com relação à sua apropriação e vivência. Uma tarefa não muito fácil de ser resolvida, haja vista que esta dificuldade não resulta apenas da sua multiplicidade, mas do fato de configurarem modos de vida que não podem ser reduzidos a esquemas simplificados, como são os que derivam de um relativo olhar passivo pouco questionante.

A historiadora Marta Abreu, ao fazer uma análise dos acontecimentos socioculturais do Rio de Janeiro no século XIX, salienta a importância de “percebemos, nas festas, as particularidades e os significados que aquelas tiveram para os homens e mulheres que as tornaram possíveis”.<sup>54</sup>

Dentro dessa dimensão simbólica que está contida na arte do fazer a festa, insere-se o rico e complexo universo do Carnaval de rua do Recife, cujo desfile das agremiações carnavalescas ocupa lugar de destaque na vida dos habitantes/produtores da cidade. Um verdadeiro ritual. Expressão maior de um processo vital em fluxo constante, que anualmente se renova, invade as ruas, enchendo-as de cores, brilhos e ritmos.

---

<sup>54</sup>ABREU, Marta. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999. p. 38.

## 1.1. Circuitos da Folia: territorialidade, história e cultura carnavalesca nas ruas centrais do Recife

Ruas de minha infância  
Quantas lembranças deixaram em mim...  
“Augusta”... “Hortas”... “Alecrim”...  
de travessas e becos desmoronados...  
daqueles carnavais  
em que eu, menino,  
corria com medo  
dos alegres mascarados...  
(Nelson Ferreira)

Que toquem os clarins! *Ao som de um frevo bem quente*, iniciamos nossa trajetória nos circuitos da folia. Rua das Hortas, do Alecrim, do Fogo... Rua Imperial, das Calçadas, Direita.... Rua Nova, Imperatriz, Aurora... Ruas do Recife centro... de São José, de Santo Antônio e da Boa Vista.<sup>55</sup> Moradas do real e do imaginário, do concreto e do abstrato. Nomes que cavam reservas de significações escondidas e familiares, que “fazem sentido, impulsionam movimentos, à maneira de vocações e chamados que dirigem ou alteram o itinerário dando-lhe sentidos (ou direções) até então imprevisíveis.”<sup>56</sup> Palavras que ficam nas bocas e nas gerações. Têm cor, têm cheiros distintos e são carregadas de segredos, de malícias, de histórias.

Mário Sette (1886-1950), escritor pernambucano, pioneiro nos estudos do regionalismo nordestino, diz que o nome “rua” revela uma finalidade ampla, saborosa, mundana. Rua tem sabor de coisa proibida e de má fama. Moleque

---

<sup>55</sup> Os três bairros, aos quais nos referimos neste parágrafo, dizem respeito ao foco das festividades carnavalescas no período estudado. O carnaval desses espaços aparece na imprensa, na documentação, com mais frequência. Não que nos bairros afastados do centro da cidade não existissem brincadeiras de Carnaval. Pensar desta forma é reduzir a complexidade dessa celebração que envolve não só foliões, mas, sobretudo a comunidade de origem de uma determinada agremiação. Mas as artérias centrais da cidade nesse período constituem os espaços mais procurados para a realização dos acontecimentos, em virtude de concentrar a movimentação da vida social da cidade, o comércio elegante, os bancos, as casas de negócios, a Faculdade de Direito, a Escola de Engenharia, as redações dos jornais, os teatros, os cinemas, os principais bordéis e pensões, entre outros espaços de sociabilidades. Vale ressaltar também que, nesse período, o Carnaval se consolida como uma manifestação pública, onde a rua é o seu principal cenário. Atualmente, o circuito da folia no centro da cidade estende-se até o Bairro do Recife. Área da cidade conhecida como Recife Antigo. Nos anos 1930, essa parte da cidade caracterizava-se pela grande concentração de armazéns e atividades portuárias. Embora algumas sedes de agremiações se localizassem nessa localidade, os desfiles aconteciam mesmo do outro lado das pontes Maurício de Nassau e Ponte Giratória – tentáculos que ligam o bairro portuário às freguesias de Santo Antônio e São José.

<sup>56</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes do Fazer. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p 148.

de rua... povo da rua... mulher de rua... bolo de rua... namoro de porta de rua...<sup>57</sup>

São nesses espaços de sociabilidade, que encontramos o cenário do objeto de nossas reflexões: as ruas centrais do Recife, nas quais tentaremos buscar os diferentes estilos de vida e performances cidadinas de comportamento numa época endoidecida pela folia e caracterizada pela atuação de um Estado forte, “intervencionista, árbitro dos conflitos de classes e coordenador das atividades econômicas, políticas e sociais do país.”<sup>58</sup>

Nesse ambiente de limitação dos poderes e controle das liberdades individuais, as ruas do Recife se revelam como territórios de consumo e de formação de singularidades, identidades e cultura histórica. Consumo de uma festa programada, com locais, horários, fantasias e músicas específicas.<sup>59</sup> Tudo em defesa da ordem, da segurança e do bem-estar social.

Quando Nelson Ferreira (1902-1976) canta as lembranças das Ruas Augusta... Hortas... Alecrim...<sup>60</sup> quantas imagens não vêm na tela da mente? Lembranças de uma época marcada pelos cheiros dos lança-perfumes *Rodôs*, *Colombina*, *Pierrot*, autorizados a circular e adquiridos na *Casa América* da rua

---

<sup>57</sup> SETTE, Mário. **Arruar**: história pitoresca do Recife Antigo. Coleção Brasil. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1978. p. 8. Sobre a vida e a trajetória intelectual do escritor Mário Sette, consultar o trabalho da historiadora ALMEIDA, Magdalena Maria de. **Mário Sette**: o retratista da palavra. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**. 2004. Op. Cit.

<sup>58</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. Consolidação e crise de uma política. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1984. p 33. O fato de adotarmos as ruas centrais do Recife como limites geográficos para o estudo do carnaval no período (1930-1940), não nos impede de percorrer outras freguesias contagiadas pelo “micróbio do frevo” e das batucadas, como Pina, Encruzilhada, Bomba do Hemetério, Casa Amarela, Campo Grande, Afogados, entre outras localidades.

<sup>59</sup> Nesse estudo, o conceito de consumo será utilizado segundo o pensamento do historiador Iranilson Buriti de Oliveira. Para o pesquisador, o conceito de consumo não é territorializado apenas pela sua estrita definição econômica, mas como consumo de imagens, de sons, de ritmos e de valores que emergem nesse contexto histórico. OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Temp(l)os de consumo**: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). SAECULUM – Revista de História [16]; João Pessoa, jan./jun.2007. p 59.

<sup>60</sup> Essas ruas se localizavam na área central do Recife, mas precisamente no bairro de São José, e concentravam algumas residências de foliões integrantes das agremiações carnavalescas. Verdadeiros redutos da folia. Porém, em virtude do processo de transformação urbanística realizado nessa parte da cidade (anos 1930-1970), dezenas de casas foram demolidas, dando lugar à atual Avenida Dantas Barreto, que liga a Praça da República (Bairro de Santo Antônio) ao Forte das Cinco Pontas (Bairro de São José). Sobre esse período de reformas na paisagem urbana da cidade, consultar os trabalhos de PONTUAL, Virgínia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos**: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed UFPE, 2001. BARBOSA, Lúcia Falcão. **O Castelo de Alecrim**: intelectuais no Recife, em 21 de abril de 1960. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.



Duque de Caxias, no Bairro de Santo Antônio<sup>61</sup>; pelos confetes coloridos e pisados, agarrados ao chão da calçada do cinema *Ideal*, no Pátio do Terço (Bairro de São José), e que a vassoura dos varredores das ruas, em sinal de lembrança aos sonhadores, na madrugada fria das cinzas, não arrastou...

“Verdadeiros pontos de ancoragem da memória”, como bem aponta a historiadora Sandra Pesavento, às ruas constituem:

[...] lugares onde nos reconhecemos, vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais; territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. Estes espaços dotados de significados fazem de cada cidade, um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se dá o nome de imaginário. Mais do que espaços, ou seja, extensão de superfície, eles são territórios, porque apropriados pelo social.<sup>62</sup>

Assim, andar pelas ruas é estar exposto ao imprevisto, ao acaso; é aparecer para os amigos, os desconhecidos, os devedores. Devagar ou às pressas; sozinho, em dupla ou em grupo. Parar numa esquina ou calçada para cumprimentar amigos ou simplesmente ser surpreendido pela mão estendida de João, Pedro, Severino, Maria ou Ana em busca de moedas para um pão com café – tradução da realidade socioeconômica da vida nas ruas velhas do Recife.

No reinado de Momo - majestade da desordem, da embriaguez, dos gritos, das caretas, dos assobios... - o Recife assume outras faces, ou melhor, maquia-se. Incorpora nova morfologia, novas funções, que associadas às práticas desenvolvidas no cotidiano, caracterizam a complexidade do fenômeno em sua estruturação e dinâmica.

Assim, nas ruas do centro da cidade, os espaços reservados à folia são tomados por “gente cantando, gente de gravata e de pés no chão. [...] os cafés

---

<sup>61</sup> *Rodôs, Colombina, Pierrots* são algumas das marcas de lança-perfume mais populares nos Carnavais dos anos 1930. Uma espécie de bisnaga de vidro ou metal, contendo éter perfumado para ser esguichado nos foliões. Segundo a pesquisadora Rita de Cássia Araújo, “em 1899, as bisnagas de lança-perfume prometiam ser o grande sucesso da época”. Sobre esse assunto, consultar ARAÚJO, Rita de Cássia B. **Festa e Máscaras do Tempo**. Op. Cit. p. 219. Ver também o periódico **Olha a Curva**. Recife, 1937. Nº 1; Ano 1, a respeito das casas comerciais de artigos carnavalescos.

<sup>62</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nº7, 2007. <http://nuevomundo.revues.org/document3212.html>.

cheios de bêbados engraçados, de sujeitos querendo brigar com todo mundo. [...] O povo ficava outro, inteiramente outro.”<sup>63</sup> Um cenário caracterizado por representações do vivido, “lugares da ação e da identidade ou identificação, espaço dos encontros e desencontros.”<sup>64</sup> Lugares pessoalizados, onde os moradores se mostram e se exibem de diferentes formas, revelando em cada ação um produto da atividade coletiva, com sua lógica e suas estratégias próprias.

Como exemplo dessas situações que atribuem à paisagem das ruas uma nova configuração em pouco tempo, destacamos uma particularidade do Bairro de São José apresentada numa das passagens da obra *Seu Candinho da Farmácia*, de Mário Sette, na qual o escritor presenteia o leitor com a descrição de uma “onda” de foliões que seguindo os acordes da orquestra do clube Vassourinhas, invade as artérias do bairro:

O frevo! Um imperativo de loucura, um contágio de desatinos, uma coceira de alegria. [...] todas as imediações do bairro atravessado pelo buliçoso cordão carnavalesco vibravam ao zumbido fortíssimo do contentamento. Nas ruas mais afastadas o povo parava, ouvia os acordes ásperos da orquestra, orientava-se e disparava de novo, entreavisando-se: - vem pelo Pátio do Terço, minha gente! – vamos esperar ele na esquina da igreja. – eu vou atalhar no Livramento. [...] num momento, a Rua Direita, vesga e acanhada, enchera-se de ponta a ponta. Uma revista de caras humanas pelas estreitas calçadas, sobrando ainda pelas janelas, varandas e telhados. E toca ainda a esguichar gente das travessas e becos; o do Serigado golfava curiosos e foliões como uma máquina de fabricar pipocas. A coisa já fervia pelos lados do Terço de onde vinha o Vassourinhas com o peso do entusiasmo de admiradores e adesistas.<sup>65</sup>

A referência à obra de Sette objetiva mostrar como se dá o deslocamento dos moradores e transeuntes do centro pelo espaço animado por Vassourinhas, numa disputada “luta” de passos, *ao som de um frevo bem quente*. Pessoas de todas as procedências se espremem para chegar cada vez

---

<sup>63</sup> REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. 20ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. p 100.

<sup>64</sup> FERNADES, Teixeira Antônio. **Dinâmicas Urbanas e Poder Político**. Sociologia. Faculdades de Letras. 13. Porto. 2003. Paraíba – UFPB. p 7-17. Ver também GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>65</sup> SETTE, Mário. Romances Urbanos. **Seu Candinho da Farmácia**. (coleção os velhos mestres do romance pernambucano). Organização: Lucilo Varejão Filho. Recife: Editora do Organizador, 2005. p 20.

mais perto do som, até confundirem-se com a onda humana, tomada pelo desejo de vivenciar cada momento dessa catarse.

[...] homens limpando as bocas na manga do paletó, interrompendo o jantar; uma crioulinha dando beliscões de frade numa menina para espertá-la no andar; uma mulher gorda com o filho pequeno no braço, guardando ainda o peito que o amamentava; raparigas de vida alegre, de caras muito pintadas, flor nos cabelos, gingados de ancas; cozinheiras esfregando as mãos engorduradas nas saias de chita; rapazes em mangas de camisa; senhorinhas em alvoroço; meninos em algazarra, rodando reco-reco; mulheres tirando chinelas para mais desembaraço dos movimentos; balofas negras sacudindo os flácidos seios; amas escanchando nos quartos os filhos alheios; sexagenários resmungando contra a pressa dos moços; boleiras carregando os tabuleiros; geladeiras abandonando as barracas, quitandas trancando as portas, lavadeiras de trouxas nas cabeças, cães domésticos e vadios ajuntando ao tumulto humano seu ladrido espantado ou festivo... Quem não soubesse do ensaio do *Vassourinhas*, imaginaria um pânico, um êxodo, uma nova revolução.<sup>66</sup>

De acordo com essa última frase do escritor identificamos como o agito toma conta das ruas no momento do ensaio de uma agremiação. O horário parece proposital. Coincide com a chegada dos trabalhadores em casa e o fechamento dos estabelecimentos comerciais, atraindo para o cortejo toda a massa humana. De boleiras, engomadeiras, engraxates, quitandeiros e lojistas passam, no instante frenético das orquestras, à categoria de exímios passistas.

Esse, talvez, seja o “lugar de configuração instantânea de posições”, apontado por Michel de Certeau, onde os moradores e trabalhadores do centro urbano assumem, dentro de minutos, a condição de artistas anônimos com total liberdade de criação e improviso. São os “lugares praticados”, que Certeau nos fala, formados, aqui, por cada rua onde *Vassourinhas* passa, transformando-se num espaço de cruzamento de móveis; de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram, isto é, as operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam.<sup>67</sup>

Esse deslocamento intenso de moradores, de transeuntes e de foliões também se aproxima da realidade do bairro, conforme identificamos na

---

<sup>66</sup> SETTE, Mário. Romances Urbanos. **Seu Candinho da Farmácia**. Op. Cit., p. 58.

<sup>67</sup> CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Op. Cit., p. 201-202.

documentação do *Bloco Batutas de São José* e no depoimento da carnavalesca e moradora da localidade, Sevi Caminha. Nesses discursos, percebemos a existência de pontos que se aproximam, e nos possibilita visualizar a dinamicidade do bairro, identificando os locais de residência de alguns dos sócios do bloco, assim como as casas de alguns moradores que direta ou indiretamente trabalham para o carnaval, interferindo no cotidiano da cidade e circulando diariamente pelo itinerário desses e de outros foliões.<sup>68</sup>

Morávamos na Rua das Águas Verdes, onde tem a Igreja de Nossa Senhora do Terço. Nessa época era conhecida como Rua Lamas Valentim. [...] Perto da nossa casa tinha uma senhora que costurava para Vassourinhas do Recife (Clube), Dona Arlinda Cruz, e mais adiante, já no final da rua das águas Verdes, tinha um alfaiate, Augusto Bandeira, que é justamente Seu Bandeira do Batutas de São José (Bloco). [...] São José tinha três alfaiates famosos, que eram carnavalescos doentes: Augusto Bandeira, Joazinho de Vassourinhas e seu Olavo, que costurava para as diretorias de diversas agremiações. Ele não tinha agremiação. Ele só costurava pras diretorias, porque as diretorias caprichavam muito nos ternos. Era uma roupa diferente, não era uma fantasia. Era um terno bem caprichado.<sup>69</sup>

O depoimento da carnavalesca Sevi Caminha nos possibilita vislumbrar o agitado dia-a-dia no Bairro de São José com os preparativos para o Carnaval. O entra e sai dos integrantes das agremiações nas casas das costureiras e bordadeiras para provar as fantasias e fazer os últimos ajustes. Os mutirões da vizinhança nas longas jornadas de trabalho, na colagem dos adornos, os ensaios entrando pela madrugada; as negociações, o troca-troca de materiais, a escolha de tecidos, aviamentos, entre outros artigos.

Naquela época existia amor ao carnaval, dedicação. A gente costurava no meio da rua até tarde. [...] Na Rua Direita tinha a Loja Nova Aurora, onde eu ia menina com seu Bandeira

---

<sup>68</sup> **Bloco Carnavalesco Misto Batutas de São José.** Nº Prontuário: 0508. Acervo Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. No período em análise, todo e qualquer acontecimento festivo, reunião ou outra atividade considerada suspeita de transgredir a ordem pública, deveria solicitar previamente licença à Delegacia de Ordem Pública, na Seção de Teatros e Divertimentos Públicos. Essa documentação será trabalhada com mais detalhe nos tópicos 1.2, 1.3 e no capítulo 3 desta dissertação.

<sup>69</sup> Depoimento de Severina dos Ramos Caminha - Dona Sevi Caminha. *Op. Cit.*

escolher uns tecidos pra fazer o figurino do cordão. [...] então escolhemos as chitas, porque nessa época só tinha chitão. [...] veludo, era para as agremiações de maior porte; pras moças da alta sociedade que faziam as suas fantasias pra ir pros bailes chiques da cidade. E os pobres vestiam cetim, cintineta e tecidos de algodão.<sup>70</sup>



Planta do Bairro de São José indicando os locais de residência de alguns dos sócios do Bloco Carnavalesco Misto Batutas de São José.<sup>71</sup>

- Rua Vidal de Negreiros 199
- Rua Direita 106, 109 e 59
- Patio de São Pedro 44 e 47
- Rua São João 615
- Rua Santa Cecília 55
- Rua Santa Rita 47
- Rua da Praia 137 e 147
- Largo do Rosário 273
- Praça do Carmo 10

Nessa cidade, na qual se configura um cenário de percursos carnavalescos, a partir dos anos 1930, caracteriza-se pela forte atuação do Estado, o qual aparece como um importante promotor da festa, utilizando diversos mecanismos de censura para assegurar a ordem e o bem estar da sociedade. Assim, entre as primeiras medidas preventivas, destacamos a

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> Planta da Cidade do Recife na década de 1930. Estabel<sup>o</sup> Graphico Recife. Simoner e Cia. (A.P.E.J.E)

atuação da Secretaria de Segurança Pública, no tocante às ações de controle do uso do espaço do carnaval, com horários estabelecidos, itinerários, entre outras atribuições que visam enquadrar o Recife, “em pleno regime da folia.”<sup>72</sup> Entre as medidas de ordem divulgadas aproximadamente quinze dias antes do período oficial das comemorações de Momo, destacamos a preocupação do Estado em preservar a imagem de uma cidade “moderna”, contrária a bandos de bêbados caídos pelas ruas, a grupos de desordeiros que abalem a moral e os bons costumes, entre outras restrições.

I – Fica proibido:

- a) A exibição de quaisquer conjuntos carnavalescos não licenciados pela Polícia;
- b) O emprego de líquidos ou pós;
- c) O uso do símbolo da Cruz Vermelha ou de qualquer instituição pública e da bandeira nacional;
- d) A venda de bebidas alcoólicas (brancas);
- e) A execução do hino nacional ou de qualquer país;
- f) Os ultrajes a qualquer crença religiosa e aos seus símbolos;
- g) As canções ofensivas ou mesmo alusivas às corporações militares e religiosas;
- h) O encontro de quaisquer conjuntos carnavalescos;
- i) O uso de fantasias que, pelo seu feitio, se assemelhe ao fardamento dos oficiais, sub-oficiais e inferiores das corporações militares;

II – É permitido o uso de máscaras na via pública, até às 16 horas, e de meias máscaras nos clubes.

III – Fica estabelecido para facilidade do trânsito, mão e contra mão, nos passeios laterais da Ponte da Boa Vista.

IV – Cumpre às autoridades encarregadas do policiamento:

- a) Revisitar a saída das sedes, os componentes dos conjuntos carnavalescos, apreendendo as armas que forem encontradas e detendo os seus portadores;
- b) Cassar *incontinenti*, a licença de qualquer conjunto carnavalesco que tente perturbar a ordem pública, detendo os responsáveis;
- c) Deter e apresentar ao delegado de plantão nesta Secretaria, as pessoas que transgredirem as presentes instruções bem como as que provocarem tumultos desrespeitarem as famílias, estiverem indecentemente vestidas, alcoolizadas ou aspirando éter.<sup>73</sup>

Essas medidas fazem parte do serviço de policiamento organizado pelo Estado, que visa reprimir os excessos, “mantendo a ordem energeticamente e

<sup>72</sup> FOLHA da Manhã. Recife, 3 fev. 1940. p 6

<sup>73</sup> JORNAL do Commercio. Recife, 3 Fev. 1939. p 7

permitindo que o povo brincasse a valer, respeitando-se a moral pública.”<sup>74</sup>

Para o Interventor,

o carnaval já é um predisposição para a ordem. Um bom humor predomina em todos os espíritos. Quem sai de casa é para se divertir ou ver os outros se divertirem. O divertimento também é uma forma de disciplina. O carnaval tem a sua ordem, a sua música, o seu ritmo. Um povo que se diverte é um povo que tem energias, reservas de tolerância e saúde moral.<sup>75</sup>

Assim, com o propósito de manter o espírito festivo da folia de forma que prevalecesse a disciplina e a saúde moral, nas rádios, no cinema, nas conversas nos bondes, nas mesas de restaurantes e bares, lá estavam os pensamentos do interventor. Uma atuação cotidiana, sistemática, que desperta a sensação de que

[...] o interventor era onipresente [...] o recifense lia Agamenon na Folha da Manhã e em diversos outros jornais, ouvia Agamenon duas vezes por dia no rádio, e se ia ao cinema, lá estavam Agamenon e o seu governo estampados na tela grande.<sup>76</sup>

Homem de poucas palavras, com um estilo forte, comunicativo, de frases curtas, perfurantes, incisivas e de fácil percepção pelo leitor comum, Agamenon encontra na imprensa, o ponto de encontro da informação e do doutrinamento. Segundo Andrade Lima Filho, o “jornalista do short. Os seus artigos servidos em pílula, eram, por isso, simultaneamente, notícia e substância, registro e ideia.”<sup>77</sup> Ele joga os fatos no jornal, expõe a sua opinião a respeito do assunto, a solução certa, e coloca o leitor, no final, diante duma alternativa.

Para Nilo Pereira, Diretor de Educação durante o governo do interventor, o fato das ideias de Agamenon ter alcançado grande penetração, “não se deve a pressão oficial. Havia uma natural curiosidade em torno da orientação do

---

<sup>74</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 8 Fev. 1940.

<sup>75</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “Carnaval”. (07.03.43) in *Idéias e Lutas*. p 426.

<sup>76</sup> NETO, José Maria. **O importante não é falar, mas ser ouvido**: meios e entremeios da propaganda de Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945). In *Saeculum* (UFPB), João Pessoa, v.10. p 49, 2004.

<sup>77</sup> LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo**. Agamenon Magalhães e sua época. Recife: Editora Universitária, 1976. p 30.

interventor, que expunha claramente – e às vezes, até duramente – os seus pontos de vista e as metas de sua administração.”<sup>78</sup>

Nesse sentido, Agamenon Magalhães cria, em 21 de novembro de 1937, a *Folha da Manhã*, que surge com o propósito de fazer o diferencial na imprensa pernambucana, e aumentando a possibilidade de adestramento da sociedade à nova ordem política.

O Recife tinha grandes matutinos como não há em outras capitais do Brasil, caros, a 300 rs., inacessíveis a população de baixos salários, como a do nosso Estado. Matutinos sem circulação e lidos por três ou quatro mil leitores numa capital de 500 mil habitantes. Não há exagero em dizer, que os matutinos são lidos, apenas aos domingos.<sup>79</sup>

Com a força de uma visão enigmática, Agamenon cria um jornal para os vários segmentos sociais, informativo, barato e leve; para fazer circular em todos os recantos da cidade, principalmente nos subúrbios, a propaganda do Estado Novo, com notícias focadas no Brasil. Um jornal que “pudesse todos os dias conversar com a minha gente, escrever para todas as classes, trocar ideias sobre os problemas do governo, dizer o que pensava e o que devia fazer, explicar e ouvir tudo.”<sup>80</sup>

Persuasivo, obcecado pelo poder de síntese de sua doutrinação diária, o interventor lança, em 24 de fevereiro de 1938, a “Folhinha”, uma edição vespertina da *Folha da Manhã*. A “folhinha” ou o “loré” (tipo de bonde de 2ª classe, onde viajava pessoas pobres), como ficou conhecida, estava direcionada mais para o público operário, bem ilustrada, era “uma praga de gafanhotos voando pela cidade todas as tardes.” Seu objetivo não é comercial.

Ela é informativa por excelência, um pregão de doutrina. Doutrina do Estado Novo, que é uma atitude diante do conflito das culturas. O operário, o soldado, o homem de negócio, o estudante, as moças e as senhoras da alta e da média sociedade, as massas, em fim, as elites, precisam nessa hora de curiosidade e inquietação, de alguém que lhes diga onde está a verdade.<sup>81</sup>

---

<sup>78</sup> PEREIRA, Nilo. Texto introdutório. In MAGALHÃES, Agamenon. **Idéias e Lutas**.

<sup>79</sup> MAGALHÃES, Agamenon. **Idéias e Lutas**. p 250.

<sup>80</sup> Idem

<sup>81</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 25 Fev. 1939.



Dessa forma, durante oito anos (1937-1945), Agamenon Magalhães consegue articular uma política social, que incute na sociedade o pensamento de que o Recife é um dos melhores lugares do mundo para se viver, com uma estética organizacional urbana, com pessoas educadas, alegres, praticantes de atividades sadias, e com muita prosperidade.

Ninguém mais do que ele fez do jornal uma tribuna e da imprensa uma escola. Em linguagem da mesma forma acessível a eruditos e incultos, aristocratas e plebeus, plasmou uma mentalidade nova, uma mentalidade renovadora, que se espelha na própria fisionomia da cidade. Sobrevoando a capital perscruta-se um cenário encantador. Onde ainda na véspera só havia a triste escuridão da lama fétida desdobram-se lençóis alvacentos dos aterros, cujas áreas tendem a confluir umas para as outras. Em lugar dos mocambos tortuosos, as casas simetricamente alinhadas como favos de colméias. Há purificação, polidez e estética por toda parte. E acompanhando-as a metamorfose maravilhosa das almas, que a modificação afetou. A alegria substitui a tristeza; o desânimo dá lugar ao entusiasmo; da vacuidade surge uma motivação de vida, a par com a saúde, o trabalho, a procriação, a educação.<sup>82</sup>

Esse ideário defendido pelo intelectual Jacob Tumajan ultrapassava as fronteiras do estado e ligava-se a um projeto nacional mais amplo, atrelado à nova ordem política vinda do Rio de Janeiro, metrópole do Brasil da época e capital nacional. Esse cenário regenerador, de limpeza, de nascimento de uma nova cidade, esteticamente delineado fazia parte do modelo político do Estado Novo, que por sua vez encontrava respaldo nos planos de reforma urbana de cidades como Paris ou Alemanha, nas quais grandes monumentos foram erguidos na intenção de deixar para a eternidade os marcos do período.

Discursos com esse modelo fazem parte do cotidiano na cidade, entre as décadas de 1930-1940. As propagandas do Estado Novo, as negociações, as novidades, as normas, as proibições e as concessões ultrapassam o período de carnaval, e como uma rede de serpentinas justapostas, costura-se sobre a territorialidade do Recife durante todo o ano, resultando na produção de um espaço não apenas material, mas também simbólico.

---

<sup>82</sup> Prof<sup>o</sup> Jacob Tumajan, no túmulo de Agamenon Magalhães, no 30<sup>o</sup> dia de falecimento. GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. In **Memórias Agamenon Magalhães**. Recife: Secretaria de Interior e de Justiça: Imprensa Oficial, 1952, p. 81.

## 1.2 Os preparativos da festa: consumo, lazer e sedução.

No período que antecede os dias oficiais da folia, a imprensa assume uma posição determinante no quesito convocação-divulgação da folia e revela uma variedade de costumes de uma época. Por meio de manchetes de um dos principais jornais de circulação do estado, identificamos expressões publicadas com o intuito de provocar nos leitores sensações de excitação, anunciando a proximidade do período de pândegas carnavalescas.



Fonte: **DIARIO de Pernambuco**. Recife, 02 fev. 1938. p 1



Fonte: **DIARIO de Pernambuco**. Recife, 04 fev. 1938. p 1

Enunciados como esses, publicados com frequência pela imprensa, mostram, além da ideia de contagem regressiva para o Carnaval - festa maior que provoca e envolve a cidade numa barulhenta onda de folia - que o momento é propício, principalmente, para a “rapasiada da canela suja”, provocada pela elite a “aguentar” os dias da “onda estrepitosa da folia”. Expressões desse tipo evidenciam que o carnaval de rua é freqüentado por uma plateia pouco seleta, composta de pessoas sem nenhum prestígio social,

ou seja, num conceito distinto ao de um lugar que famílias podem frequentar. Chamar os grupos de foliões que vão para as ruas de “macacada” e “sujos”, é negar o seu lugar de atuação na sociedade; é chamá-los, em outras palavras, de desordeiros, bagunceiros, imundos, mal cheirosos, capazes de ameaçar com sua podridão, as fantasias caras, limpas e cheirosas das elites do Recife que queiram assistir a alguma coisa nas ruas. Essas pessoas “macaqueadas” também podem fazer alguma sujeira, no sentido de desrespeitar regras e praticar alguma brincadeira agressiva. Segundo a política de Agamenon Magalhães, a ideia é limpar a cidade desse tipo de gente, reforçando a segregação dos espaços, explicitada através da veiculação da origem social, entre os foliões.

A repetição das chamadas para o Carnaval busca também incutir na opinião pública que a época é para os foliões se prepararem para a festa. Que todos devem comprar ricas fazendas de tecido na *Casa América*, na rua Duque de Caxias, 229, ou na sua concorrente, *A Carioca*, na Rua da Penha, 71. Os socialmente mais abastados podem alugar carros para o curso no oitão da *Confeitaria Glória*<sup>83</sup>, comprar seus ingressos para os bailes na diretoria do *Clube Internacional*, adquirir pó de arroz *Mimosa* – perfumado e aderente<sup>84</sup>, lança-perfumes, confetes, *jetones*<sup>85</sup>, serpentinas e máscaras na maior recebedora de artigos carnavalescos da cidade – a *Leite Bastos e Cia*, localizada na Rua do Livramento, no Bairro de São José.<sup>86</sup> Na Rua Nova, “a mais galante, mais nobre, a preferida das moças de família”<sup>87</sup>, lojas luxuosas exibem manequins envoltos em trajes de odalisca, de cigana ou de pajem, e atraem os olhares dos curiosos ávidos pelas novidades da Capital Nacional.<sup>88</sup>

---

<sup>83</sup> **A Aranha**. Recife, 1934. Nº XXV; Ano XXV.

<sup>84</sup> **Olha a Curva**. Recife, 1937. Nº 1; Ano 1.

<sup>85</sup> Jetones ou Jeton, espécie de caramelos em formato de bolas, enrolados em papel prateado, com uma cauda de tiras de papel de seda coloridos. Eram arremessados como se fossem petecas entre os foliões. Ver Lima, Cláudia. **História do Carnaval**. Op. Cit., p.28.

<sup>86</sup> **A Aranha**. Recife, 1933. Nº XXIV; Ano XXIV.

<sup>87</sup> SETTE, Mário. **Arruar**. Op. Cit. p. 13

<sup>88</sup> As novidades do Rio de Janeiro constituem atrações aos olhos das recifenses interessadas pelas últimas tendências da moda. Na Rua Nova, cenário do *footing*, *flirt* e sons de toda parte, meninas de lábios pintados e cabecinhas prontas, juntamente com mulheres e outros almofadinhas circulam pelo espaço lançando seus olhares para as vitrines das lojas de grifes famosas, das joalherias e das perfumarias. Sobre alguns estabelecimentos comerciais e a variedade de artigos comercializáveis nessa localidade, ver os jornais **A Folia**. Ano 1. Nº 1. Recife, 26 de fevereiro de 1933; **O Passo**. Ano 1, nº 1. Recife, 15 abril de 1933. Acervo: Arquivo Público Jordão Emerenciano.

Um período marcado pela ascensão dos meios de comunicação de massa. A propaganda, logo, encarrega-se de atingir todas as classes sociais. De maneira direta, rapidamente a mensagem chega às casas, às fábricas, às lojas, aos mercados, pelo rádio ou pelos jornais, que também circulam nas ruas, misturando-se aos alto-falantes, presos nos altos dos edifícios, e ao cinema, alcançando assim todos que cruzem o seu caminho.

Reconhecida pelas lideranças políticas, a eficácia da imprensa não tarda em se enquadrar na estrutura do novo regime, que regulariza o seu exercício por meio de lei especial de acordo com os dispositivos constitucionais. “Um órgão do Estado”, diz Agamenon Magalhães, que a considera como “uma grande força social, [não podendo] ficar à margem de um regime que integra e coordena todas as energias nacionais.”<sup>89</sup> Para o interventor,

A imprensa e o rádio são hoje os poderosos motores da opinião. Em um segundo a opinião pode ser esclarecida, modificando o seu julgamento sobre um determinado fato, como em igual tempo, pode ser exaltada, assumindo atitudes de revolta e condenação injusta. O bem e o mal estão destarte polarizados entre a rotativa e o rádio. Uma palavra se imprime e irradia hoje com a velocidade da luz. Por isto, a propaganda deve ser função do Estado porque, sem ela, não há visibilidade, nem orientação.<sup>90</sup>

Esse caráter doutrinador do Estado que penetra diariamente na sociedade, perpassa uma rede variada de assuntos, entre os quais destacamos: as cerimônias e as festas cívicas, as obras realizadas, o combate ao mocambo, ao comunismo, as secas, a Segunda Guerra Mundial, os desafios da modernidade, as novas tendências culturais, a preservação da família, a importância da Igreja Católica, do trabalho, da disciplina, entre outros temas presentes na realidade brasileira do Estado Novo.

No Carnaval, por exemplo, na pauta da imprensa falada, não podia faltar as medidas de normatização da festa. Os alto-falantes, nas ruas de grande movimentação, encarregavam-se de transmitir e popularizar a programação da folia, os horários e locais de desfile, as músicas autorizadas, impedindo que tocassem todo e qualquer tipo de canção ofensiva ou mesmo alusiva às

---

<sup>89</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 25 Fev 1938.p.3

<sup>90</sup> MAGALHÃES, Agamenon. In “A Imprensa no Estado Novo”. **Idéias e Lutas**. p 247.

corporações militares e religiosas. Em casa, no íntimo dos lares, os rádios se encarregavam da tarefa de disciplinar a opinião pública para as músicas que podiam ser ouvidas e cantadas.

Em 1939, “a fim de que não se dê um choque de sons de músicas de rythmos diversos, propagadas por meio de discos a sabor de terceiros”, os representantes do Automóvel Clube apresentam uma proposta à Delegacia de Trânsito do Estado, para que os alto-falantes funcionem apenas como propagadores de músicas irradiadas pela Rádio Clube de Pernambuco. Tal proposta não é bem aceita pela população, que critica a forma de limitar as audições dos alto-falantes a um programa único, transmitido através do microfone da R.P.A.8.<sup>91</sup>

Esse privilégio deve-se ao pioneirismo e a popularidade da emissora, inaugurada, provavelmente, em 08 de novembro de 1924, com sede na Rua da Aurora, no Recife.

A Rádio Clube tem uma programação regular diária, traz música de gramofone, números de canto, declamação de poesias, notícias de esporte e de atividades culturais. Mantém, inclusive, linhas especiais para o Palácio do Governo, Cine-Teatro Moderno, Teatro de Santa Isabel e o *Diario de Pernambuco*, de onde transmite recitais, concertos e outros eventos.<sup>92</sup>

Influenciado pela eficácia do modelo de doutrina adotado por Getúlio Vargas em Rede Nacional, Agamenon Magalhães logo percebe o potencial de alcance da emissora e da amplitude que o discurso do poder ganha através das ondas do rádio, e autoriza, em 1938, o investimento de uma verba de subvenção pública no valor de 100:00\$000 anual para suprir as suas despesas.<sup>93</sup> Neste mesmo ano, solicita à diretoria da radiodifusora que inserisse na sua programação diária o Hino Nacional Brasileiro, em

---

<sup>91</sup> **JORNAL do Commercio**. Recife, 3 fev. 1939.

<sup>92</sup> REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Tese (Doutorado em História) São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992. p 70. Sobre a história da radiofonia em Pernambuco consultar também os trabalhos de SILVA, Leonardo Antônio Dantas. **Carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000; e as pesquisas coordenadas por Renato Phaelante na Fundação Joaquim Nabuco.

<sup>93</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 28 Jul. 1938.p.3. Sobre a biografia de Agamenon Magalhães, consultar o trabalho de PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. *Op. Cit.*

atendimento a observação feita pelo promotor de justiça do Estado, Dr. Eduardo Gondim Monteiro, o qual alegava:

Maioria [dos] brasileiros infelizmente ainda não decoraram o hino da nossa querida Pátria, principalmente nossos irmãos sertanejos. Peço vênua lembrar vossência para conseguir da nítida potente emissora pernambucana seja cantado diariamente início irradiação referido hino par que todos aprendam oração sagrada nossa raça, que se unifica, ressurgue com o Estado Novo precisando corporificar na música o símbolo do nosso pavilhão.<sup>94</sup>

Essa forma de se aproximar e “conquistar mais facilmente os corações e as mentes dos pernambucanos”<sup>95</sup>, leva Agamenon Magalhães a selecionar artigos que melhor representassem o Estado Novo para serem apresentados. Assim, faz uso de todos os recursos técnicos que a locução radiofônica lhe oferece, para informar e distrair. Através do seu programa “Conversa com o Ouvinte”, debate no ar temas relacionados ao próprio programa político, aproximando suas ações dos sonhos e do cotidiano de diferentes públicos: lavadeiras, operários urbanos, médicos, professores, policiais, funcionários públicos, entre outros.<sup>96</sup>

Em algumas datas comemorativas, como as cerimônias cívicas e festas populares, a exemplo do carnaval, a Rádio Club passa a irradiar, ao vivo, algumas celebrações, como por exemplo, o festival de músicas carnavalescas, com homenagens ao frevo pernambucano, organizado em 1934, em parceria com a *R.C.A Victor* – gravadora nacional de discos com sede no Sudeste do país e filial na Rua da Imperatriz. A ideia do evento consiste em realizar as apresentações no período que antecede o carnaval, no meio da rua, com a participação dos foliões, familiares, integrantes de agremiações carnavalescas e público em geral, tendo o resultado gravado pela R.C.A e inserido na programação radiofônica nacional principalmente durante o carnaval.<sup>97</sup>

Dois anos mais tarde, tendo em vista o sucesso do festival ao som dos ritmos regionais, a Radio Club em parceria com a Federação Carnavalesca

---

<sup>94</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “Cânticos dos Cânticos”. In **Idéias e Lutas**. p. 151.

<sup>95</sup> NETO, José Maria. Op. Cit. p 51

<sup>96</sup> Sobre o potencial da indústria radiofônica em Pernambuco, consultar o trabalho do pesquisador CÂMARA, Renato Phaelante. **Fragmentos da história do Rádio Clube em Pernambuco**. Recife: CEPE, 1998.

<sup>97</sup> **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 21 jan. 1934.

Pernambucana, amplia e diversifica a sua programação colocando no ar o programa “Hora de Pernambuco”, transmitido todas às sextas-feiras com duração de 60 minutos. Uma espécie de filtro auditivo, irradiando exclusivamente músicas carnavalescas de Pernambuco, especialmente o frevo e o maracatu.<sup>98</sup>

Esse tipo de iniciativa é acolhido com louvores por parte de alguns intelectuais, compositores e outros artistas locais preocupados com a preservação do frevo e com a valorização do carnaval de rua no estado. Sobre isso, satisfeito com o resultado do carnaval de 1937, o jornalista Mário Melo escreve em sua coluna no *Jornal do Commercio*:

Este ano nossas marchas predominaram. Nenhuma canção de fora, nenhuma imitação. Em tudo e por tudo somente coisas nossas. O carnaval conquista assim a sua tradição. Dentre as marchas preferidas, figuram Um sonho que durou três dias – de Capiba.<sup>99</sup>

A popularização das transmissões dos ritmos locais proporciona sua divulgação para além das fronteiras regionais, alcançado bons resultados:

Muita gente ficou sabendo, lá fora, que aqui existe a marcha-frevo e o passo, ligados um ao outro em todos os ensaios de clubes e até nos salões elegantes; e o maracatu que embebe a alma dos pretos africanizados do subúrbio; como, também, deu motivo a que despertasse muita inspiração na cidade, originando, até, o fenômeno da super-produção. Este comentário vem a propósito, precisamente, desses novos industriais, da nossa boa música popular. Não se diga que em Pernambuco não temos compositores de escol e com inegáveis sérvios prestados a campanha louvável iniciada em favor da nossa música de carnaval, como, também, não será possível esquecer, no caso, os nomes de Carnera, Capiba, Irmãos Valença, Nelson, Plácido de Souza, Sebastião Lopes e outros.<sup>100</sup>

<sup>98</sup> Sobre a relação do carnaval e o rádio em Pernambuco, ver os estudos de TELES, José. **O frevo**. Rumo à modernidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

<sup>99</sup> Apud. TELES, José. O Frevo. Rumo à modernidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008, p. 21. É importante destacar que ao realizar o levantamento dos jornais locais e outros periódicos relacionados ao carnaval no Recife, identificamos que a autoria da letra “Um sonho que durou três dias”, indicada na citação como de Capiba, pertence aos Irmãos Valença, segundo o jornal *Evolução* de 1937. Segue a letra do frevo-canção: *Tive um sonho que durou três dias / Foi um sonho lindo / Sonho encantador / Eu dançando tu me conduzas / Ao castelo azul onde mora o amor / Tu cantavas assim / Bem pertinho de mim / Esta linda canção / Comigo a dançar / Em rico salão! / Este sonho real / Foi o meu carnaval / A mais grata ilusão / Que já se passou / Em meu coração!*

<sup>100</sup> **JORNAL do Commercio**. Recife, 2 fev. 1939. No final desta dissertação, apresentaremos, em anexo, composições carnavalescas elaboradas por alguns dos artistas citados acima.

Por outro lado, nessa mesma reportagem, o Jornal do Commercio destaca que os efeitos da propaganda da música pernambucana fora das fronteiras regionais são benéficos, mas que internamente, nas programações e no rádio, os “maracatus, frevos, marchas-canções e caboclinhos andam por aí, entulhadas nas prateleiras e vitrinas”, perdendo espaço para ritmos estrangeiros, como o jazz, que ganha cada vez mais o gosto popular nos salões dos clubes recifenses. E faz um apelo à população:

Vamos acabar de vez com esse abuso, adoptando o critério de seleção rigorosa, escolhendo valores reais e úteis. Melhoremos intensificando a difusão da música e do carnaval característico que possuímos. Mas saibamos também ao lado de um trabalho bem orientado de propaganda, evitar que os de casa sejam envenenados por certas drogas.<sup>101</sup>

### 1.3 Os dias oficiais da folia

Passados os dias de preparação para a folia, no período oficial do Carnaval, o Recife acorda *ao som dos clarins de Momo*. Nas ruas, o povo *aclama com todo ardor, entre confetes e serpentinas, a alegria da embriaguez do frevo*, das batucadas, do mela-mela, dos mascarados, dos caboclinhos, das troças, dos clubes, dos blocos, do corso.

Viva o Zé Pereira! Estampam os jornais. Nas próximas setenta e duas horas, o centro da cidade parece ganhar uma nova feição: orquestras de frevo, requebrados e manobras vigorosas dos assistas equilibristas, foliões saudosos dos antigos carnavais... E o que dizer das fantasias? Dos modelitos que circulam nos corpos sozinhos ou em grupos, com estampas claras ou coloridas, com muito ou pouco pano? Que dizer dos homens vestidos de mulher, de crianças? Dos diabos, almas, morcegos, dominós.... Temas que falam de hoje e de outros tempos. Dos *Tempos ideais*, no qual se comia saborosos pastéis, saladas de frutas, sorvetes e até mesmo algumas taças de

---

<sup>101</sup> Idem. A discussão sobre a influência do jazz no carnaval do Recife apresentaremos ao longo dos capítulos 1 e 2.



chopp num dos pontos mais chic's da cidade: A *PHENIX*, na rua Duque de Caxias, 244, no Bairro de Santo Antônio.<sup>102</sup>

Nesses espaços que contém um tempo, os lugares são dotados de carga simbólica que os diferencia e os identifica. Logo nas primeiras horas do dia já se ouvem os acordes das orquestras de frevo. São as troças que fazem seus últimos ajustes antes da saída oficial. Na rua estreita do Rosário, o movimento é intenso. A Troça *Verdureiras de Santo Antônio* prepara-se para transformar as artérias do centro em corredores animados e irreverentes, juntamente com a *Troça Carnavalesca Mixta Linguarudos de Santo Antônio*. A Praça da Independência é o principal ponto de encontro das brincadeiras. De Campo Grande, vem o *Pão da Manhã*; de Santo Amaro, *Traquinos de João de Barros*; de Casa Amarela, *Príncipe dos Ursos*; da Encruzilhada, *Todos Brincam da Rozeira*; do Arruda, *O Bagaço é meu*. *Coqueirinhos em Folia* vem da Estrada do Bongí, em Afogados. Multidões que se aglomeram e colorem as ruas, em meio a empurrões, gritos, brigas... mete o cotovelo e abre o caminho...<sup>103</sup>

Nesse período, a trilogia éter, música e álcool parecem combinar. O calor escaldante e os corpos suados pedem *Pilsen 000 - a cerveja que domina o carnaval*.<sup>104</sup> *Gazozas, guaranás Fratelli Vita*<sup>105</sup>, doce gelado, raspa-raspa, batidas de limão, de coco, de maracujá; licores de jenipapo também embriagam *pierrots*, piratas, ciganas, palhaços e diabos de um Recife tropical, quente, carnavalizado.

E o barulho aumenta... Lá vêm os mascarados. Caretas grotescas, com cores fortes, rostos cortados e olhos vazios. Nas ruas essas cabeças decepadas ganham vida e voz. *Não me conheces?* É a frase mais repetida entre eles. Os sons de buzinas e guizos os acompanham por onde passam. “Em casa que tem criança, o pavor se instala; longos momentos de espanto.

---

<sup>102</sup> **O Passo**. Recife, 15 abr. 1933. Ano 1. Nº 1.

<sup>103</sup> As agremiações citadas resultam de pesquisas realizadas nos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal Pequeno* (décadas de 1920, 1930 e 1940) e alguns periódicos publicados pelos grupos carnavalescos e distribuídos gratuitamente nos dias de carnaval, entre as décadas de 1930-1940. Entre esses últimos documentos podemos citar: *Jornal O Linguarudo da Troça Carnavalesca Mixta os Linguarudos de Santo Antônio*; *O Vasculhador*; *A Aranha*; *Olha a Curva*; *O Corta-Jaca*; *O Passo*; *A Folia*; entre outros.

<sup>104</sup> **O Corta-Jaca**. Recife, 1934.

<sup>105</sup> **O Passo**. Recife, 15 abr. 1933. Ano 1. Nº 1.

Os rostos trágicos de papel com corpos e braços parecem que vão persegui-los.<sup>106</sup>”

Quando a noite cai, sob a luz das gambiarras, novas caras vêm ao encontro da massa de foliões que lotam as ruas desde as primeiras horas do dia. Agora, quem ocupa o centro da festa com seus desfiles são os grupos de caboclinhos, maracatus, blocos e clubes de frevo, expressando-se por diferentes linguagens que associam os domínios amplos das culturas populares. A vida noturna do centro parece se transformar: muitos operários, estivadores, vendedores, jornalistas trocam o descanso das noites depois de uma longa jornada de trabalho para cair na folia ao som das orquestras de metais, de pau e corda, dos bombos, das preacas e dos caracaxás<sup>107</sup>.



Fonte: **JORNAL do Commercio**. Recife, 14 fev. 1939. p 8

Nas comemorações de 1939, por exemplo, as noites de carnaval nas Ruas Nova, Imperatriz e 1º de março foram agraciada com muita música, frevo no pé e figuras representativas da sociedade. Neste trecho da cidade situado entre o Bairro de Santo Antônio (Rua Nova) e o Bairro da Boa Vista (Rua da Imperatriz), comerciantes, moradores e foliões se reúnem e organizam uma programação para os três dias de festa.

Aquellas artérias tiveram um de seus dias de maior movimentação, sendo preciso desviar o tráfego de bondes para a ponte Santa Isabel, a fim de que os automóveis pudessem ajustar-se ao curso que desde logo se formara. Vários altofalantes installados nos altos de estabelecimentos commerciaes, transmittiram, ininterruptamente, marchas, frêvos e maracatus e fez-se, mesmo, o “passo”, em certos trechos. No Palanque da Federação, o rei Momo foi recebido, às 21 horas,

<sup>106</sup> **A Folia**. Ano 1, nº 1. Recife: 26 fev. 1933.

<sup>107</sup> Instrumentos musicais característicos das performances dos Caboclinhos. O primeiro lembra um chocalho de metal com duas estrelas nas extremidades; o segundo é uma espécie de arco e flecha presos com um cordão que serve como instrumento de marcação dos passos dos grupos.

com todas as honras do estilo, por figuras de representação no seio da folia recifense, sendo entregue-lhes, então, as chaves simbólicas da cidade. As ruas Nova, Imperatriz e 1º de Março apresentaram-se profusamente iluminadas, o que sobremodo concorreu para que a noitada tivesse grande brilho.<sup>108</sup>

Na Rua do Imperador, onde ficam os jornais mais importantes da Capital: *Jornal do Recife*, *Jornal Pequeno*, *Jornal do Commercio* e o *Diario da Manhã*, as agremiações se revezam na exibição de suas fantasias e repertórios.<sup>109</sup> Uma espécie de aquecimento para o concurso de Carnaval, que o *Diario de Pernambuco* em parceria com firmas comerciais da praça (Cia Rodhia Brasileira, Nestlé e Metalurgia Pernambucana, entre outras), promove na Praça da Independência (a Pracinha do *Diario*). O evento oferta brindes e prêmios aos melhores clubes, blocos e troças que melhor se apresentem diante de sua comissão julgadora, a exemplo do *Clube Vasculhadores*, ganhador da Taça Metalúrgica Pernambucana, no concurso de 1933.<sup>110</sup>



Fonte: **DIARIO de Pernambuco**. Recife, 1 fev. 1934.

<sup>108</sup> **JORNAL do Commercio**. Recife, 14 fev. 1939. p 8

<sup>109</sup> Sobre a atuação desses jornais na cidade, ver BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco**: uma interpretação. Rio de Janeiro, 1972. p 211.

<sup>110</sup> Para maiores detalhes do Concurso de Carnaval promovido pelo *Diario de Pernambuco*, consultar a matéria do dia 1 fev. 1934, do referido jornal.

Nesta praça, a Federação Carnavalesca Pernambucana ergue o palanque oficial da folia, por onde passam todas as agremiações filiadas.<sup>111</sup> O pavilhão montado e decorado recebe a visita de autoridades entre as quais, o interventor Agamenon Magalhães e família, além de outros convidados ilustres da alta sociedade do Recife. Durante os três dias de Carnaval, membros dessa entidade organizam um concurso que julga, premia e distribui menções honrosas para clubes, blocos e troças que melhor se exibirem:

#### OS GREMIOS PREMIADOS PELA FEDERAÇÃO CARNAVALESCA

Por uma comissão designada pela Federação Pernambucana Carnavalesca, foram julgados, hontem, para effeito de distribuição de menções honrosas, os clubes, blocos e troças que se exibiram durante os festejos de 19, 20 e 21. As diversas agremiações, usando, na sua maioria, custosos e sugestivos figurinos, desfilarão em frente ao palanque mandado armar pela entidade carnavalesca à praça da Independencia, onde se aguardava a comissão julgadora. Reunido, hontem, o jury, para delibear sobre a colocação de cada clube, troça e bloco, de acordo com as bases estabelecidas para o julgamento foi divulgado o seguinte resultado: Clubes: Pás e Vassourinhas; Troças: Pão da Tarde e Cachorro do Homem do Miúdo; Blocos: Madeira do Rosarinho, Batutas de São José, Innocentes do Rosarinho e Camponeses em Folia; Clubes de Allegoria: Quatro Diabos e Anjos Rebeldes, ainda conquistou a taça dos festejos carnavalescos na Encruzilhada. A Federação Carnavalesca ainda distribuiu 93:000\$000, entre os clubes pedestres e 16:000\$000 com os allegoricos.<sup>112</sup>

Da Rua Imperial, no Bairro de São José, muitas agremiações também se organizam em direção ao centro da cidade. Parece que uma extensa passarela do frevo se constitui entre as casas, os becos e as ruas. Diversas sonoridades e cores, foliões de várias procedências, numerosas orquestras, entre outros aspectos alteram a dinâmica desse trecho da cidade.

Dali da ponte de Afogados pra cá tinha diversas agremiações. Tinha as Troças Missangueira, as Ciganas Revoltosas, as Verdureiras e as Quitadeiras de São José. [...] Clube, tinha muitos: Vassourinhas foi na Rua Imperial, depois foi pra Boa

---

<sup>111</sup> Sobre a Federação Carnavalesca Pernambucana, trataremos com mais detalhes no capítulo 3 desta dissertação.

<sup>112</sup> **JORNAL do Commercio**. Recife, 23 fev. 1939. p 11

Vista, mas foi só uma temporada. Era lá pros lados dos Coelhos, aquela área mais pobre. Tinha também o Lenhadores da Boa Vista [...]. Tinha os Blocos Rebeldes Imperial, Batutas de São José. A Rua Imperial era um verdadeiro celeiro de carnavalescos. Tinha Pão da Tarde, Pão Duro (troça). [...] Eram agremiações formadas por gente da plebe, que não podia viver nos clubes, na alta sociedade, então faziam essas brincadeiras do povo.<sup>113</sup>

Às Ciganas Revoltosas, Missangueiras, Verdureiras, Quitandeiras, Lenhadores, Vassourinhas, Rebeldes Imperial, Pão da Tarde e Batutas de São José somam-se outros grupos, como os clubes *Empalhadores do Feitoza, as Pás e os Anjos Rebeldes*, saídos de Campo Grande, de Casa Amarela e Beberibe; os maracatus *Sol Nascente, Leão Coroado, Águia de Ouro, Cambinda Nova e Elefante*; os blocos de pau e corda *Madeira do Rosarinho, Batutas do Arraial, Inocentes do Arraial*; os Caboclinhos *Canindés, Tupinambás*, entre outros, que no cortejo de múltiplos sons, embora não filiados à Federação Carnavalesca seguem pedindo passagem ao encontro de outros dobrados, baques virados e lirismos espalhados pela cidade.

Nas residências mais afastadas do foco da agitação, em geral no Bairro da Boa Vista, moças e rapazes das “sociedades elegantes do Recife”, e não simpatizantes com a festa na rua preparam suas fantasias para os bailes que acontecem no Jockey Clube, Olinda Cassino, Clube Internacional, Português, Grande Hotel, Clube Sport, Náutico, “Iate, Cabanga, Marisco, Sargento Wolf, Aeronáutica, Militar, das Gaivotas, o Lusotrópico, o Lions e o Rotary.”<sup>114</sup> Segundo uma matéria do *Diário de Pernambuco*, associados e familiares dançam ao som de orquestras e lotam os clubes, ricamente decorados e servidos por fartos *buffets*:

Nos salões, homens com casacas apumadas e mulheres com espelhantes vestidos de crepe e franjas de ouro, bebem champagne e caem a fazer o passo. Quando pára a orquestra, os cavalheiros e damas recompõem o semblante e o guarda-roupa, e tornam a aparecer dentro da linha da fidalguia que a visão diabólica quis quebrar.<sup>115</sup>

---

<sup>113</sup> Depoimento de Dona Sevi Caminha. Op. Cit.

<sup>114</sup> FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. 4ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1968. p. 15

<sup>115</sup> **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 1 fev. 1934. É comum nos jornais da época, descrições densas a respeito das festividades da alta sociedade que aconteciam no interior dos clubes, teatros, cassinos, hotéis e sobrados antigos da cidade.

As atrações da noite ficam por conta das orquestras que apresentam entre o seu repertório outros ritmos dançantes para além do frevo e do maracatu. O jazz é a sensação do momento. Na mentalidade das elites, saber dançar e cantar músicas no estilo norte-americano é sentir-se e perceber-se como pessoas modernas, as quais condenam hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional. Na busca pela negação de todo e qualquer elemento que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante, muitos grupos se formam na capital de Pernambuco, principalmente entre os integrantes da classe média, em geral estudantes de cursos universitários antenados com as novidades culturais do eixo sul e sudeste do país e as notícias norte-americanas. Como exemplo desse surto jazzístico na cidade, podemos citar a Jazz Band Acadêmica, o Bando Acadêmico, o Conjunto Acadêmico, a Jazz Huracab, entre outras bandas.<sup>116</sup>

Entre os grupos que se destacam no Recife e ganham projeção nacional, destacamos a Jazz-Band Acadêmica, que estreia sob as batutas do compositor e maestro José Lourenço Barbosa, o popular Capiba, em 11 de novembro de 1931. Formada por estudantes da Faculdade de Direito, na sua maioria, a Jazz-Band tinha a seguinte formação:

Evaldo Altino (banjo); Vicente de Andrade Lima (pistão ou violino); Teófilo de Barros Filho (violino); Lauro Casado (piano); Walter de Oliveira (bateria); Ivan Tavares (violino); Homero Freire (sax-alto); Manoel Cavalcanti (tuba). Capiba maestrava, fazia os arranjos e tocava tudo o que aparecesse, especialmente o sax-tenor.<sup>117</sup>

Rapidamente a fama da orquestra estoura no Norte do país, divulgada por centenas de jovens nortistas que estudavam no Recife. Os frevos, os maracatus, as valsas não tardam em seguir turnê por João Pessoa, Natal, Fortaleza, São Luiz do Maranhão, Pará, Manaus.

A aceitação dessas orquestras pela elite (a Jazz-Band ensaiava e fazia apresentações na APA – Associação Pernambucana de Atletismo, clube nobre

---

<sup>116</sup> Sobre este processo de mudança da mentalidade da sociedade brasileira com a chegada dos tempos modernos, conferir o trabalho de SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, entre outros.

<sup>117</sup> CÂMARA, Renato Phaelante da. **Capiba: é frevo meu bem**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1986. p. 60.

da cidade) dá-se, em geral, pelo repertório “recheado de músicas americanas, onde a canção Sonny boy era destaque”. Embora se apresente fazendo o passo e tocando alguns ritmos pernambucanos e até mesmo outros brasileiros, Capiba admite a forte influência norte-americana na orquestra, mas ressalta, que “não se refletia apenas na Jazz-Band, mas sobre os músicos de todo o mundo, principalmente após a I Guerra Mundial”.<sup>118</sup>

Na busca de novos comportamentos que proporcionem momentos de lazer para as elites da capital e com o propósito de combater “velhos hábitos” considerados desviantes diante do novo parâmetro de diversão nas ruas durante o período carnavalesco, o curso surge como uma opção de desejo dos mais favorecidos socialmente de transformar o espaço público da festa. Brincadeira de estilo europeu, o curso consiste num desfile de carros ornamentados, geralmente de capotas arriadas, que se desloca pelas principais vias do centro transportando pessoas ricamente fantasiadas, que travam batalhas de confetes e serpentinas.

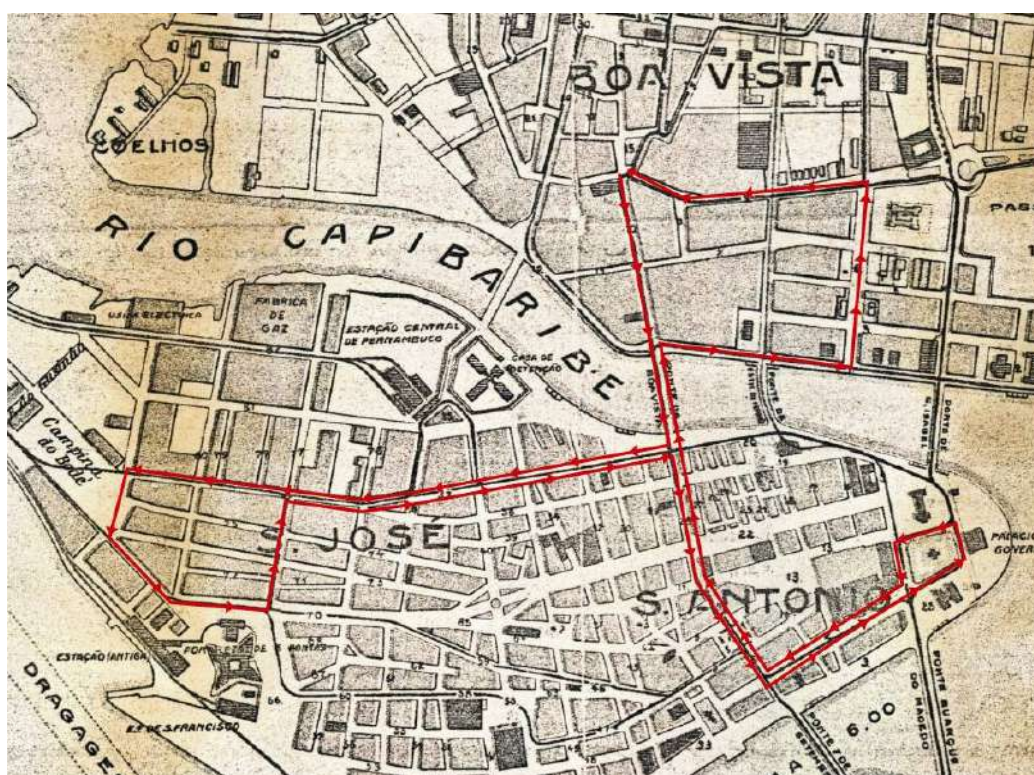
No Recife dos anos 1930, esse tipo de prática já se encontra consolidada no calendário oficial da folia. Os motoristas e a população apreçam-se em saber como se definirá a nova geografia do centro, uma vez que acontecerão mudanças na rotina da cidade. Bondes, carros, ruas interditadas, passageiros, transeuntes, terão seus itinerários alterados. Para o Carnaval de 1934, o inspetor geral de veículos, o Capitão Sidrack de Oliveira Corrêa, torna público em jornal local, o seguinte percurso da festa sobre rodas:

A concentração se dá na Boa Vista, mais precisamente no cruzamento das ruas Riachuelo e Hospício, onde os carros vão chegando e organizando-se em fileira. E seguem o trajeto pela Rua da Imperatriz, ponte da Boa Vista, Praça Joaquim Nabuco, rua da concórdia, Praça Siqueira Campos, avenida Cleto Campelo (contornando o lado contramão junto ao jardim daquela praça), rua Vidal de Negreiros, São João, Concórdia (lado ímpar), praça Joaquim Nabuco, ruas João Pessoa e

---

<sup>118</sup> CÂMARA, Renato Phaelante da. Op. Cit. p. 65. É importante frisar que a cultura do jazz nos Estados Unidos está relacionada às práticas de lazer e entretenimento das crescentes massas urbanas das classes média e baixa, desde o final do século XIX. A difusão da música negra norte-americana está relacionada à tecnologia do rádio, que em poucos anos espalhou grupos em turnês pela Europa, América do Sul e outras localidades do globo, sobretudo, nas áreas urbanas da sociedade industrial do ocidente. Não demorou, e rapidamente foi absorvido pelos intelectuais, aristocratas e artistas letrados não apenas como música exótica e não-burguesa, mas principalmente como símbolo da modernidade. Sobre o assunto ver: HOBBSAWM, Eric. **Pessoas Extraordinárias**: resistência, rebelião e jazz. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Sigismundo Gonçalves, praça da Independência, ruas Joaquim Távora e Imperador, contornando a praça da República e voltando pela rua do Imperador, Joaquim Távora, Praça da Independência, ruas Sigismundo Gonçalves, João Pessoa, ponte da Boa Vista, rua das Aurora e do Riachuelo, atingindo aí o ponto de partida. Caso o itinerário estabelecido não comporte o número de carros incorporados, o cortejo é prolongado ao Bairro do Recife pela ponte Maurício de Nassau, Avenida Marques de Olinda, praça Barão de Rio Branco, voltando pelo mesmo percurso até alcançar a rua do Imperador, seguindo daí por diante o itinerário já citado. [...] Alguns pontos na cidade servem de entrada no curso como os cruzamentos da Rua do Hospício com Riachuelo, Hospício e Conde da Boa Vista, e praças Siqueira Campos e da República <sup>119</sup>



Percurso do curso pelas principais vias públicas do centro do Recife.

Assim, numa época marcada pela propaganda de uma cidade cosmopolita, observamos neste trajeto estabelecido pelas autoridades, o desejo de priorizar um itinerário que associasse o moderno e elitista estilo de carnaval (em formato de curso) ao progresso da cidade, ao momento da velocidade. O diferencial já se percebe nos pontos escolhidos para concentração e dispersão do evento, o Bairro da Boa Vista, local de

<sup>119</sup> **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 8 fev. 1934.



residências mais requintadas do Recife. E segue o trajeto por avenidas largas, asfaltadas e iluminadas, recém inauguradas, como a Av. Marquês de Olinda (no Bairro do Recife); passando por prédios arrojados e estabelecimentos comerciais renomados, como a Joalheria Louvre, na Rua Sigismundo Gonçalves; a Livraria Mozart, na Praça da Independência, ponto de encontro da intelectualidade recifense, juntamente com o Café Lafayette, na Rua do Imperador; o Restaurante O Leite, na praça Joaquim Nabuco; além dos palácios, teatros, praças e amplos jardins que também se encontravam no itinerário do curso na capital pernambucana.<sup>120</sup> Um caminho repleto de grandezas, de ostentação, de cerimonial que buscam traduzir “as manifestações do poder que não se dão bem com a simplicidade”<sup>121</sup>, negada pelo Estado Novo.

Essa determinação do itinerário do curso reflete, entre outros fatores, na delimitação da geografia da festa e no deslocamento do tráfego dos transportes públicos, que transfere os pontos de paradas dos bondes para as áreas afastadas da folia. Uma forma de desviar o percurso das massas do trajeto do curso, que, por hora, ocupa as ruas do centro – território de circulação dos foliões, dos clubes pedestres, dos operários vindo das fábricas, dos mercados. Essa postura parece limitar onde é que o povo pode circular e onde o povo não pode. Uma espécie de disciplina do espaço. Segundo Georges Balandier, cada sociedade, à sua maneira, define as verdades que tolera, “os limites que impõe aquilo que não é a estrita conformidade. [...] Não pára nunca de restabelecer as limitações, de reproduzir códigos e convenções.”<sup>122</sup> Neste contraponto, podemos reparar o ordenamento dos trajetos durante a folia:

- a) os bondes de Olinda, Espinheiro (ida) e Campo Grande, voltarão do Jardim 13 de Maio, esquina da Escola Normal.
- b) os de Beberibe e Água Fria, da rua João Perdigão, esquina da Escola do Aplicação.

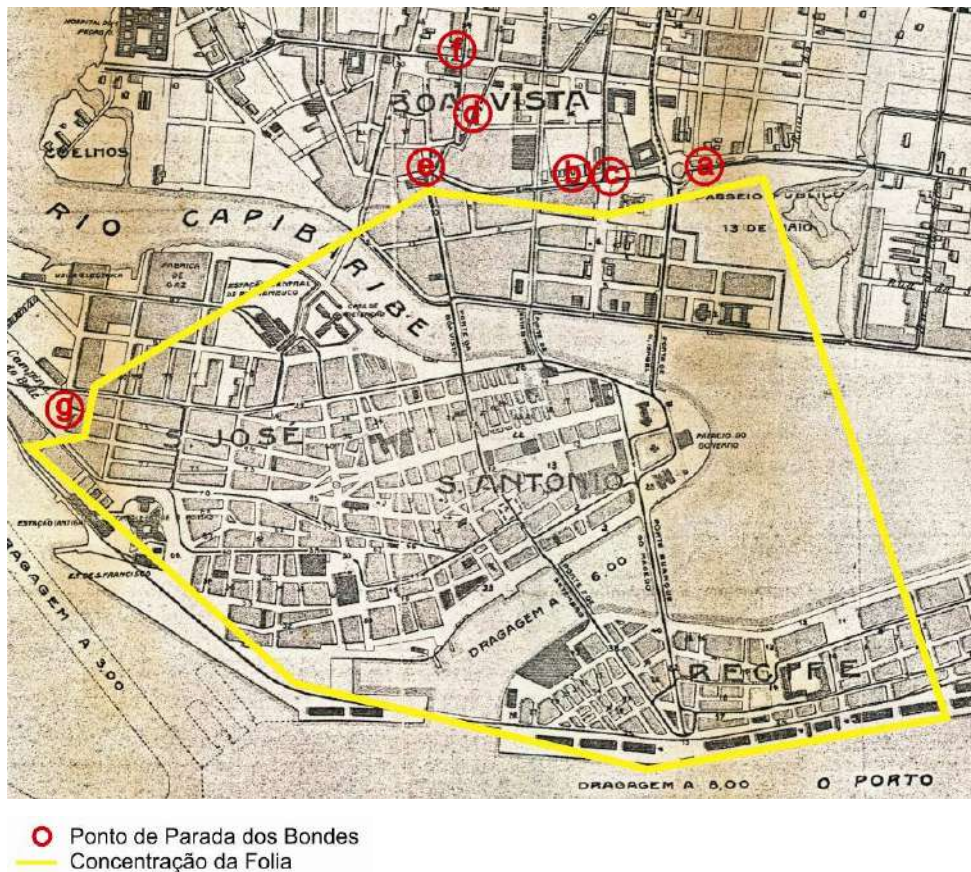
---

<sup>120</sup> Esses espaços localizam-se no Bairro de Santo Antônio. Com exceção da Rua Sigismundo Gonçalves (localizada próxima à Pracinha do Diário), todas as vias ainda existem no centro da cidade. Sobre os pontos de sociabilidade da elite do Recife e algumas ruas da cidade que desapareceram com a reforma da paisagem urbana na primeira metade do século XX, consultar o trabalho de ARLÉGO, Edvaldo. **Recife de Ontem e de Hoje**. 30ª ed.

<sup>121</sup> BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Tradução Ana Maria Lima. Coimbra: Minerva, 1999. p 25

<sup>122</sup> Balandier, Georges. Op. Cit. p 64

- c) os de Torre e Derbi da rua do Riachuelo junto ao cruzamento do Hospício
- d) os de Casa Amarela, Dois Irmãos, Monteiro, Espinheiro (volta) da rua da Conceição;
- e) os de Várzea, Prado, Madalena e Derbi, da Avenida Manoel Borba, proximidades da praça Maciel Pinheiro;
- f) os do Hospital Pedro II do oitão do Hotel Central;
- g) os de Tegipió, Areias, Boa Viagem e Pina, da Avenida Cleto Campelo, esquina da Eurecxa.<sup>123</sup>



Essa preocupação em organizar a festa motorizada do carnaval do Recife vincula-se ao projeto de modernização das capitais brasileiras e à popularidade do automóvel na paisagem urbana das cidades, principalmente entre as classes financeiramente privilegiadas. Os jornais diários e as revistas se encarregam em difundir o desejo do consumo. Ser moderno não pode ficar restrito apenas a trafegar em ruas largas, calçadas e iluminadas, andar com chapéus, cintos e sapatos de acordo com a moda, ir ao cinema e se reunir nos cafés e confeitarias. Possuir um belo automóvel, de preferência o último

<sup>123</sup> **JORNAL do Commercio.** Recife, 2 Fev. 1939.

modelo, também assegura “à elite o sentimento de pertencer àquele estágio civilizatório tão ardentemente ansiado.”<sup>124</sup> Com isso, cada vez mais o curso ganha novos adeptos, principalmente a partir da década de 1920, quando o número de veículos aumenta na cidade, em função da venda de carros usados, a preços mais baratos e em perfeito estado de conservação.

Essa realidade leva algumas famílias, não necessariamente nobres, a possuírem em suas garagens um automóvel. Nos carnavais, as agências de carros, “sob os patrocínios da Ford e da Good Yaer”, valendo-se do sucesso das vendas, anunciam prêmios para os automóveis que melhor se apresentarem ornamentados.<sup>125</sup> O comércio também estimula a prática da marcha do curso, apoiando e incentivando com premiações a realização de concursos para escolher o veículo que mais se destaca no cortejo. Na Rua Nova, por exemplo, a *Casa Espelho*, *Casa Kosmo* e a *Tinturaria Zé Ferreira* organizam uma comissão julgadora para dar seu parecer, cujo resultado é esperado com ansiedade na quarta-feira de cinzas.<sup>126</sup>



Fonte: Revista A Pilhéria. Recife. 1925. Nº178

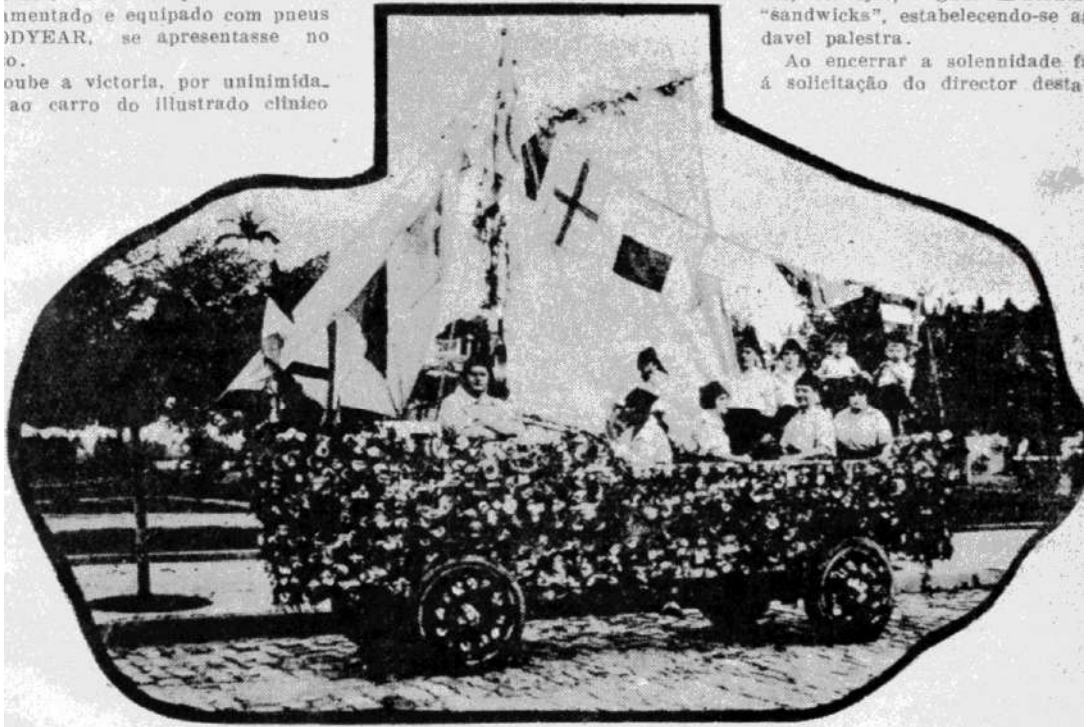
<sup>124</sup> TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As Cidades Enquanto Palco da Modernidade**: o Recife de princípio do século. (Mestrado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1991. p 58

<sup>125</sup> REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. **(Des)encantos Modernos**. Op. Cit. p 61

<sup>126</sup> **DIARIO de Pernambuco**, Recife, 07 Fev. 1929.

edio, ao carro que mais bem  
imentado e equipado com pneus  
DYEAR, se apresentasse no  
o.  
oube a victoria, por unanimida.  
ao carro do Illustrado clinico

res, cervejas, aguas mineraes  
"sandwicks", estabelecendo-se a  
davel palestra.  
Ao encerrar a solennidade f  
á solicitação do director desta



Gustavo Pinto—Embarcação a  
a — trabalho de fino gosto ar-  
co.

Discursou então Porto da Silvei-  
ra. Referiu-se ao fino gosto artis-  
tico do dr. Gustavo Pinto e de sua

vista o sr. Alexandre Salles, s  
dando em nome d'"A PILHERIA"  
a familia do dr. Gustavo Pin

Fonte: Revista A Pihéria. Recife. 1925. Nº179



Fonte: Revista A Pihéria. Recife. 1926. Nº231



Fonte: Revista A Pihéria. Recife. 1926. Nº231

A popularidade desse tipo de prática entre as elites recifenses leva o Estado a definir um conjunto de medidas de ordenamento que controla a participação da população no curso. Nem todas as pessoas que possuem um automóvel, mesmo alugado, têm a liberdade de participar do cortejo. Assim, estabelece um conjunto de estratégias de disciplinamento do espaço, controlando comportamentos, repreendendo, entre outras ações que procuram limitar os ímpetos da população civil na festa:

- a) O veículo que pretender ingressar no curso só poderá fazê-lo nos pontos de controle adeante mencionados;
- b) A saída do veículo da fila em que estiver incorporado só poderá ser feita pelo lado da mão, sendo passível de multa prevista na alínea "e", f 5º do art. 235, os infractores deste dispositivo;
- c) Nenhum automóvel incorporado a linha do curso pode passar a frente de outro veículo, sob pena de sofrer o motorista a multa referida no item anterior;
- d) É expressamente proibido viajar nos pára-lamas e para-choques deanteiros dos veículos, ficando os infractores sujeitos a serem retirados do curso;
- e) O conductor do veículo encontrado sem documento que porvem a sua qualidade de motorista terá o seu veículo

- apreendido até a prova de sua habilitação, e em caso contrario, pagará a multa prevista no regulamento vigente;
- f) No perímetro destinado ao curso não pode estacionar nenhum veículo sob pena de multa regulamentar, salvo se o motorista tirá-lo à primeira ordem do fiscal;
  - g) O desrespeito às ordens do encarregado da fiscalização dos veículos ou à agressão de qualquer autoridade policial, por parte dos condutores de veículos será punido com a multa regulamentar, sem prejuízo da ação criminal que no caso couber;
  - h) Será conduzido a delegacia de permanência o condutor de veículo encontrado em estado de embriaguez na direção de seu automóvel, ficando sujeito ainda às penalidades regulamentares;
  - i) A lotação dos automóveis incorporados ao curso não pode ser excessiva de modo que ofereça perigo aos próprios passageiros e ao público em geral;
  - j) A tabela de preços para o curso carnavalesco, por hora, será de 30\$000,00 para os automóveis de 5 passageiros e de 40\$000,00 para os de 7;
  - k) Terão trânsito livre, durante o curso, os seguintes automóveis, do interventor federal no Estado, Commandante da 7ª Região Militar e Brigada Militar do Estado, secretário da Segurança Pública, prefeito da Capital, automóveis da Polícia Civil, carros "torre" e caminhões de socorro da Pernambuco Tramways que usarem a placa "L", "T", carro de socorro do Automovel Clube;
  - l) Fica a critério desta Delegacia prolongar ou diminuir o itinerário do curso adiante estabelecido de acordo com o desenvolvimento do tráfego.<sup>127</sup>

O exercício do controle por parte das autoridades sobre a cartografia do centro da cidade nos dias de folia, sobretudo, possibilita perceber como os espaços são usados. Como os lugares, em momentos distintos, têm conotações diferentes. A Rua Nova, presente no itinerário do curso, é um significativo exemplo para essa análise. No seu cotidiano, em outras épocas do ano sem ser no Carnaval, as suas calçadas são cenários para as moças bem vestidas e dos rapazes elegantes circularem, apreciarem vitrines, jogarem conversa fora. A rua, larga e em mão dupla, parece reservar-se aos bondes, aos automóveis e carregadores de frete, as pessoas suadas, sem terno, gravata e paletó. Por outro lado, no período oficial de Momo, nos dias do curso, dá-se o oposto: a rua passa a ser o espaço da ordem, reservado às elites fantasiadas em seus autos de capota arriada, e a calçada, o local da

---

<sup>127</sup> **JORNAL do Commercio.** Recife, 2 Fev. 1939.

desordem, dos empurrões, da massa. É nesse processo de interdependência entre a ordem e a desordem, que concordamos com Balandier quando o mesmo afirma que “a ordem e a desordem na sociedade são como a cara e a coroa de uma moeda, indissociáveis.”<sup>128</sup>

Esse interesse do Estado em demarcar o território central da cidade para o curso leva alguns intelectuais, preocupados com a tradição do carnaval de rua, a se manifestarem contrários a realização daquele tipo de celebração nas artérias centrais do Recife, ocasionando momentos de delicados embates políticos.

O jornalista Mário Melo, numa reportagem intitulada “Mais uma tradição que morre”, manifesta publicamente a sua contrariedade com o modelo de carnaval que predomina na cidade: “mataram o carnaval do Recife, sufocaram o frevo, destruíram uma de nossas tradições – destruição consciente, premeditada, calculada.”<sup>129</sup> Ele atribui às autoridades a responsabilidade pelo desaparecimento dos clubes pedestres das ruas em alguns trechos tradicionais do centro do Recife em dias de folia. Critica a falta de liberdade que os clubes tinham de passar nas ruas, movimentando-se livremente, arrastando multidões. Ressalta a insatisfação de ver práticas tradicionais de brincar o carnaval na cidade desaparecerem em detrimento da cópia mal feita de brincadeiras de outras capitais, entre as quais o Rio de Janeiro – sede do poder político do País e centro de inspiração para as “macaqueações” do cotidiano. Para o intelectual,

Quem conheceu o carnaval do Recife, típico, único no seu gênero e viu o que se está desenrolando, poderá dizer que houve um curso de automóveis, [...], mas conscientemente não dirá que houve carnaval. O carnaval do Recife era coisa bem diferente disso que lhe estão impondo. Os clubes, alguns que já contam mais de meio século, saíam à rua com o seu estandarte, os seus figurantes, grandes orquestras, marchas de estilo nosso, absolutamente nosso, escolhidas em concurso e, por onde passavam, iam arrastando multidão nas ruas. Contava-se por dezenas de milhares o número de pessoas que acompanhavam um desses clubes – gente de todas as classes, de todas as cores, numa promiscuidade tal que, poderia dizer-se, a democracia no Brasil só era praticada no Recife, nos três dias de carnaval. [...] Como, porém, no Rio de Janeiro o carnaval se restringe ao curso de automóveis na Avenida e como vivemos de macaqueação [...] entenderam que

---

<sup>128</sup> Balandier, Georges. Op. Cit. p 67

<sup>129</sup> **DIÁRIO de Pernambuco**, Recife, 12 Fev. 1929.

o carnaval do Recife deveria ser descaracterizado e imposto, como carnaval, o curso de automóveis. Entenderam e assim praticaram fechando ouvidos a quantos avisos se fez com antecedência, a quantos pedidos da imprensa. E o resultado foi esse que se viu. Uma vez que atulharam de automóveis, em duas filas, as nossas ruas estreitas, o carnaval emigrou para sempre do Recife e o povo fugiu das ruas!<sup>130</sup>

O conflito se estabelece. O cotidiano da cidade se movimenta nesse conjunto de tensões, que divide a população entre os clubes pedestres e o curso. Leis proibindo os clubes de ultrapassarem o itinerário do curso, de não passar sob pretexto algum na frente do veículo que esteja na marcha, a fim de evitar qualquer confronto no tráfego público.<sup>131</sup> Insatisfações, silêncios, desencantos, saudades. Eis o espaço praticado do carnaval de rua do Recife.

#### **1.4 Experiências Compartilhadas: cotidiano, trabalho e família na cidade da alegria.**

Depois de algumas reflexões envolvendo a parte construída da cidade, passemos à busca de identificar quem são os sujeitos construtores da dinâmica temporal e processual que constitui a trama do Carnaval do Recife? De que forma interferem no cotidiano da cidade? Será que participam da organização da festa, atuando na sua estrutura e operacionalização? Ou simplesmente deixam suas casas com destino ao Carnaval<sup>132</sup> apenas para se divertir no cortejo de uma agremiação, assistir aos desfiles, vender máscaras e lança-perfumes ou simplesmente parar em uma das calçadas da Rua da Concórdia para ver o curso passar?

---

<sup>130</sup> MELO, Mário. Mais uma tradição que morre. **DIÁRIO DE PERNAMBUCO**, Recife, 12 Fev. 1929, p. 01. Apud. ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **DIP DOPS no frevo**. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco: 1930-1945. p. 91. In: GUINLLEN, Isabel Cristina Martins. *Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

<sup>131</sup> Sobre as posturas do poder municipal referentes à regulamentação do tráfego público, ver nota publicada no **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 08 Fev. 1929.

<sup>132</sup> A palavra Carnaval assume, aqui, características polissêmicas. A depender do contexto utilizado, ela pode significar a celebração na sua amplitude, com dias oficiais para sua comemoração, como também o território próprio, demarcado, para a sua realização. Nos anos 1930, por exemplo, dizer que vai para o Carnaval implicava dizer que estava se deslocando em direção ao centro da cidade, local especialmente preparado para aqueles dias, com decoração, iluminação espacial, onde aconteciam os desfiles, os jogos de lança-perfumes, entre outras práticas diferentes da tranqüilidade das ruas da Madalena, Ponte D'Uchôa, Poço da Panela, Dois Irmãos e demais localidades afastadas do centro.



Os atores construtores do espaço simbólico do Carnaval são muitos, de origens socioeconômicas diversas, que intervêm na paisagem urbana por meio de diferentes práticas culturais, o que é peculiar à heterogeneidade do mundo em que vivem. Dessa forma, em grupo ou individualmente, fantasiados ou não, essas pessoas carregam em suas trajetórias diferentes histórias de vida. A composição social identificada no estudo das profissões dos associados da *Troça Abanadores do Arruda* e dos Blocos *Batutas de São José e É Feio Mas é Bom*, ilustra bem a realidade dos sujeitos que compõem o universo dessas agremiações.

*Lista geral dos associados da Troça Carnavalesca Mista Abanadores do Arruda*

Pedro de Carvalho Pat de andado	Presidente	Carregador 13	Rua de areia 156 Pescinhos
João Victorino dos Santos	2º Presidente	encanador	Arruda Mangabeira 94 Casa Amarela
João Pereira da Silva	1º secretario	carregador 23	Rua Visconde de Albuquerque 32 Jacaré
Aluizio de Almeida grumão	2º secretario	Funcioner Estado	Rua alegre 67 Arruda
Manoel Moreira da Silva	Procurador	Ferreiro	Rua São Sebastião 860 Agua Fria
Eduardo Moreira da Silva	2º Procurador	Fundador	Rua São Sebastião 860 " " " "
Manoel Sezo grumão	Orador	Função Fidei	Rua Alegre 67 Arruda
Deberino Romão da Silva	Director	Operario	Cerro do Outeiro 67 Agua Fria
Manoel Francisco da Silva	Fiscal	Operario	Alto do Diadema 28 " " " "
João Carlos de Albuquerque	Procurador	Operario	Alto do Piscal 14 " " " "
Orlando Bispo dos Santos	Epitio	engardeador	Rua de Moreira 27 " " " "
João Antonio Lopes	Epitio	Operario	Dono Hemeterio 385 lado Agua Fria
Matheus macielino da Silva	Epitio	Operario	Cerro de macaco 144. Casa Amarela
Manoel Miguel Silva	" " "	" " "	" " "
<b>Parte Feminina</b>			
Estefania Francisca Cabral	Presidente	Domocia	Rua São Sebastião 857. Agua Fria
Maria Amélia de Santana	1ª Vice	" "	Rua de Mangabeira 94 Casa Amarela
Tranquilina Lúcia de Alexandria	Orador	" "	Cerro do Outeiro 26 Agua Fria
Relatim Maria de Fátima	1ª Secretária	" " "	Rua São Sebastião 2145 Agua Fria
Amara Quedosa da Silva	Procuradora	" " "	Dono Hemeterio 67. Agua Fria
Maria José dos Santos	2ª Vice	" " "	Alto do Piscal 128. Agua Fria
Luiza Maria de Monteir	Procuradora	" " "	Alto do Piscal 14. Agua Fria
Alia Francisca Romão	2ª Vice	" " "	" " "

Fonte: CD-Rom APEJE – Pasta 822

**RELAÇÃO NOMINAL DA DIRETORIA E ASSOCIADOS DO "BLOCO BATUTAS DE S. JOSÉ"**

CARGOS	NOMES	RESIDÊNCIAS	LOGAR ONDE TRABALHA
Presidente ....	Joaquim Antonio de Sá .....	Rua Vital de Negreiros nº 109, Itandê	Pastaria Portuguesa
Vice-dito .....	Jose Basilio Almeida .....	Rua da Aurora nº 31 2º andar .....	Fazenda D. Ubaco na rua da Aurora
1º Secretário .....	Airton Carneiro da Cunha .....	Estrada do Nascimento nº 179 .....	Sapataria Esperança (Recife)
2º Secretário .....	Manoel Lisio Carneiro .....	Rua Direita nº 106 2º andar .....	Mercado de S. José (Recife)
Tesoureiro .....	Augusto Bandeira de Melo .....	Pateo de S. Pedro nº 47 .....	Na Residência
Vice-dito .....	João das Neves Ferreira .....	Rua de Hortas nº 242 1º andar .....	Fabrica Caxias (Recife)
Ordador .....	Severino Ramos da Fonseca .....	Rua Larga do Rosario nº 273 1º and.	Na Residência
Vice-dito .....	Jose da Costa Braga .....	Rua das Trincadeiras nº 96	Officina Metalurgica (Recife)
Fiscal .....	Luiz Antonio dos Anjos .....	Rua da Praia nº 147 2º andar .....	Na Residência
Vice-dito .....	Rui Mariños Queiróz .....	Travessa do Costa nº Sto Amaro	Na Preferida (Loga)
Diretor .....	Urbano Marques dos Santos .....	Rua das Laranjeiras nº 59 1º andar	Jornal Pequeno (Redação)
<b>COMIS. SINDICANC.</b>			
Relator .....	Valdevino de Brito Alves .....	Pateo de S. Pedro nº 44 .....	Na Residência
Adjunto .....	Pedro Ferreira da Silva .....	Rua de Hortas nº 125 .....	Rua Tobias Barreto (Alfaiataria)
" .....	Sebastião Parizo Pessoa .....	Rua de S. João nº 615 .....	Escritorio (Recife)
<b>COMIS. DE CONTAS</b>			
Relator .....	Alvaro Fernandes de Carvalho .....	Av. Cruz Cabugá nº 128 .....	Garagem Sto. Amaro (Recife)
Adjunto .....	Joaquim Onocencio Filho .....	Rua do Progresso nº 120 .....	Pracista
" .....	Alberto Queiróz Silva .....	Rua de Sta. Cecilia nº 55 .....	
<b>COMIS. ARTISTA</b>			
Relator .....	João Batista Mariz .....	Rua Nicolau Pereira nº 419 .....	A Decoradora (Loga)
Adjunto .....	Felipe Valcoar dos Santos .....	Rua Augusta nº 699	
" .....	João Carneiro da Silva .....	Vila do Uchôa nº 53 (Barros) .....	Avulso
<b>DIRETORIA FRENTEIRA DO "BLOCO BATUTAS DE SÃO JOSÉ"</b>			
Presidenta .....	Neuza Martins de Barros .....	Praça de Santa Cruz nº 4, 1º andar	Camisaria Especial (Recife)
Vice-dita .....	Gliemaria Gadelha da Silva .....	Rua 6 Vila S. Miguel (Afogados) ..	Em Parte Nenhuma
1ª Secretária .....	Edite Gomes da Silva .....	Travessa do Vale nº 58 (Recife) ..	" " "
2ª Secretária .....	Clarice Felix Gonçalves .....	Rua de Hortas nº 479 (Recife) .....	" " "
Tesoureira .....	Celina Alves do Nascimento .....	Portão do Gelo nº 8 (Beberibe) .....	Na Fabrica Souza Cruz (Afogados)
Vice-dita .....	Berenice Campelo da Silva .....	Rua 21 de Abril nº 150 (Afogados) ..	" " "
Ordadora .....	Razinha Campelo da Silva .....	" " " " " " " " " " " " " " " "	Em parte nenhuma
Vice-dita .....	Eunice Miranda de Santana .....	Rua Principal nº 216 (Recife)	Na Fabrica de Bolsas (Recife)
Diretora .....	Virginia Carneiro da Silva .....	Na Vila Uchôa (Barros) nº 59 .....	Em parte nenhuma
Vice-dita .....	Maria José Vieira .....	Rua dos Coelho nº 32 (Recife) .....	" " "
<b>COMS. FISCAL:</b>			
Fiscal .....	Maria da Gloria Cavalcanti .....	Portão do Gelo nº 8 (Beberibe) .....	" " "
Vice-dita .....	Elza Gomes da Silva .....	Travessa do Vale nº 58 (Recife) .....	" " "
<b>A S S O C I A D O S</b>			
Alvaro de Albuquerque Lima .....	Rua de Sta. Rita nº 47 (Recife) ..	Reada Priori (Fabrica)	
Severino Marques de Paula .....	Praça do Camo nº 10 1º andar .....	Na Praça	
Arnaldo Fraga dos Santos .....	Rua Costa Gomes nº 118 (Torre) .....	Rua do Apolo (Barbearia)	
João Araújo Lopes .....	Rua Direita nº 109 1º andar (Recife)	Pateo de S. Pedro (Alfaiataria)	
Antonio Barbosa Ferreira .....	Rua do Aragão nº 125 (Recife)	Bazar Boa Vista (Recife)	
Jose Vaz Maroso .....	Caixa D'agua Beberibe .....	Caixa d'agua (Beberibe)	
Aurelio Ferreira da Silva .....	Rua José Mariano nº (Pina) .....	Alfaiataria Militar .....	
Romulo de Albuquerque Prazeres .....	Av. Dias Cardoso nº 30 (Recife &)	Diario da Manhã (Redação)	
Benedito Prata Nogueira .....	Av. Beberibe nº 1926 (Agua Fria)	Bel. em Direito	
Antonio José da Costa Maia .....	Rua Cristovam Colombo nº 59 (Recife)	Operario	
Severino Ferreira da Silva .....	Passo da Patria nº 383 (Recife) .....	Funcionario Público	
Antonio Vicente de Mello .....	Rua da Praia nº 137 3º andar (Recife)	No Comercio	
	Rua Direita nº 59 (Recife) .....	No Comercio	
<b>A S S O C I A D A S</b>			
Severina Moreira Prazeres .....	Rua Principal da Gamelsira nº 216	Em Parte Nenhuma	
Neir Silva Oliveira .....	" " " " " " " " " " " " " " " "	" " "	
Maria Ernestina da Silva .....	Rua Larga dos Coelho nº 442 .....	" " "	
Maria de Lourdes Ferreira .....	Estrada do Arraial nº 442 .....	" " "	
Clotilde Ferreira Pinto .....	" " " " " " " " " " " " " " " "	" " "	
Maria José do Nascimento .....	Travessa da Bela nº 30 (Recife) .....	" " "	
Faustina da Silva Ferreira .....	Rua 5, nº 41 Ciquê (Recife) .....	" " "	
Amara Pontes do Nascimento .....	Ilha do Leite nº .....	" " "	
Tereza de Lina Matos .....	Rua da Saúde nº 320 .....	" " "	
Maria José de Medeiros .....	" " " " " " " " " " " " " " " "	" " "	
Clotilde Lopes Gomes .....	Rua do Corriboque nº 88 .....	" " "	
Escolastica de Souza Neto .....	Rua Napoleão nº 4 .....	" " "	
Laura Ferreira da Silva .....	" " " " " " " " " " " " " " " "	" " "	
Renite Dolores Alves .....	Rua Lopes Carvalho nº 382 .....	" " "	
Creuza Soares da Silva .....	Rua dos Coelho nº 11 (Recife) .....	" " "	
Tereza de Lina Mota .....	Rua da Saúde nº 20 .....	" " "	
Heleza Santiago do Nascimento .....	Rua do Rio nº 125 (Campo Grande) ..	" " "	
Izabel Gonçalves da Silva .....	Pateo do Floriano nº 157 (Recife) ..	" " "	

RELAÇÃO FORNECIDA DE ACORDO COM O LIVRO DE REGISTRO DE SOCIOS DO BLOCO "BATUTAS DE SÃO JOSÉ"

Fonte: PRONTUÁRIO do B.C.M Batutas de São José. Recife, 1942. APEJE

LISTA DOS DIRECTORES E SOCIOS DO BLOCO CARNAVALESCO MIXTO "É FEIO MAS É BOM"

Rua 1ª de Janeiro nº ~~47~~<sup>55</sup> - Casa Amarella.

<u>NOMES DOS DIRECTORES</u>	<u>CARGOS</u>	<u>ENDEREÇOS</u>	<u>PROFISSÃO</u>
EDUARDO DE BARROS GUSMÃO	Presidente	Rua Santa Izabel nº 101	Motorista
ANTONIO SANTA ROSA	Sec. Geral	Travlº de Janeiro nº 251	Aux. de Escripta
ALVARO ALMEIDA	Sec.doExp.	R. Cons. Rosa e Silva651	-"- do Commercio
JOSÉ VICENTE FERREIRA	Crador	R. Nova 359 - 3º And.	Militar
SEVERINO RAMOS LYRA	Thesoureiro	R. 1º de Janeiro nº 47	Aux. do Commercio
LUIZ CARLOS DE SOUZA	Fiscal	R. Cons. Rosa e Silva651	-"- " -"
DJALMA SOUZA SANTOS	Procurador	R. 1º de Janeiro nº 234	Marcineiro
<u>NOMES DOS SOCIOS</u>			
José Texeira de Souza		Av. Zeppelin nº C.A.	Sapateiro
Moacyr Santa Rosa		R. 1º de Janeiro nº 248	Ajud. Mechanico
Antonio Vieira		R. Casa Amarella nº 1	Alfaiate
Oséas Machado		R. Cons. Rosa e Silva651	Aux. do Commercio
Avelino Antonio da Silva		R. Campo do Universo nº 82	-"- de Padaria
Luiz Ignacio da Silva		R. Morro do Arrayal s/n	Suineiro
Munir char		R. do Cotovello 37 C.A.	Aux. do Commercio
José Bezerra Negromonte		R. 15 de Julho nº 6	-"- Cortador deSapatos
Joaquim Maciel Pinto		R. da Pimenteira 38	-"- Motorista
Luiz Gomes de Lima		R. Estrada do Arrayal	Aux. do Commercio
José Gomes de Lima		" " " " 3835	" " "
Manoel Alvarez		" " de Apipucos317	" " "
Thomaz Gusmão		" Gervasio Pires 316	" " "
Arthur Machado Albuquerque		Av. Caxangá 312	" " "
Elias Cavalcantê		R. do Imperador 475-4º And.	" " "
Clodomiro de Souza		Quartel da Soledade	Militar
Adaucto Araujo		" " "	" " "
Erminio de Barros e Silva		" " "	" " "
Reinaldo Bezerra de Souza		R. das Aguas Verde nº	Motorista

Fonte: **PRONTUÁRIO** do Bloco Carnavalesco Mixto É Feio Mas É Bom. Recife, 1941. APEJE.

Em geral, segundo os padrões estéticos da modernidade, os integrantes das agremiações carnavalescas classificam-se como pessoas pobres residentes em locais considerados insalubres, geralmente em mocambos ou cortiços (como alguns moradores do centro da cidade, Coelhos e Casa Amarela) ou em áreas conhecidas como zonas operárias, a exemplo de Afogados e Campo Grande. Segundo estatísticas do interventor Agamenon Magalhães, em campanha contra a erradicação dos mocambos, esses sujeitos

se vivem nos mocambos é porque o salário é baixo e não há outra habitação. Basta considerar que 8 mil operários da nossa indústria, 5 mil empregados em transportes, 4 mil que se ocupam no comércio, soldados, serventes e contínuos das repartições públicas moram nos mocambos. É evidente que essa gente não vive dos caranguejos. É também claro que as 7 mil domésticas, que lavam, engomam e cozinham nas casas particulares, não vivem igualmente do siri.<sup>133</sup>

<sup>133</sup> MAGALHÃES, Agamenon. "O Ciclo do Caranguejo". In: **Idéias e Lutas**. p 199

Em meio ao “calor do sol no teto de folhas-de-flandres” e das “tosses dos meninos a morrer de caganeira”<sup>134</sup> num enovelado de casas que seguem o mangue afora, conseguimos perceber um complexo cultural singular que mescla o sentimento de poder fazer parte de uma agremiação carnavalesca com a resistência desses moradores-foliões dos mocambos, que no dia-a-dia movimentam e se espalham pela paisagem urbana vendendo a sua força de trabalho no porto, nas instituições públicas, nos mercados, nas pontes e nas feiras. Uma resistência que se transforma em atitude no momento em que retornam ao centro da cidade demarcando territórios, aparecendo para um grande público, mesmo que anonimamente.

Nesse sentido, ao reunir pessoas da mesma classe social, as agremiações carnavalescas afirmam por meio dos cantos, danças e fantasias, as próprias práticas culturais de seus integrantes, convertendo os momentos de lazer nas ruas, em espaços de defesa dos interesses de cada grupo ou pessoa, e na busca por melhores condições de vida e de trabalho. Criam maneiras próprias de dialogar com as estruturas sociais vigentes, a partir de interesses nascidos no interior do grupo e disseminados para a sociedade através das brincadeiras.

Essa abordagem sobre o processo de ocupação do espaço público da festa pelas práticas culturais da população pobre da cidade aproxima-se do trabalho da socióloga Olga Von Sinson – *Carnaval em Branco e Negro: carnaval popular paulistano (1914-1988)*, no qual a autora analisa o surgimento dos primeiros cordões carnavalescos paulistanos nos redutos espaciais negros da cidade de São Paulo, como Barra Funda, Bela Vista ou Bexiga e a Baixada do Glicério. Esses territórios são caracterizados por serem recintos das camadas populares em suas atividades de trabalho em geral (artesanais, domésticas, braçais), assim como áreas de residência e vivência festiva da população paulistana em tempos de lazer. Realidade essa que se assemelha também a dos bairros centrais do Recife, que transformam “ruas que cheiram a comida, a café se torrando e a incenso que vem de dentro das igrejas”<sup>135</sup>, em

---

<sup>134</sup> REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. Op. Cit. p 111

<sup>135</sup> FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968. p. 155.

pontos de concentração e intensificação da folia, criando situações diversificadas de encontro e de lazer em comum para seus membros.<sup>136</sup>

Como exemplo dessa rede de sociabilidades estabelecida entre o público e o privado, podemos citar as comissões de carnaval organizadas pelos moradores das ruas do Recife. Essas comissões, compostas na sua maioria por pessoas da mesma família ou grupo de moradores da mesma rua, nascem do desejo dos habitantes de se reunir, de congregar os amigos, os familiares e os vizinhos, de atrair agremiações dos subúrbios para o centro da cidade, de colocar em cena as aptidões de cada pessoa, de promover a interação entre os grupos e de devolver à rua e ao bairro onde moram e trabalham os momentos de lirismo e alegria das agremiações carnavalescas. Nesse sentido, o papel dessas comissões que, atuam entre o espaço da casa e o da rua, desperta na sociedade múltiplas formas de participação. Partindo dessa perspectiva, concordamos com Roberto DaMatta, quando afirma que “a casa e a rua são categorias sociológicas”<sup>137</sup>. Para o autor,

[...]Estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.<sup>138</sup>

Numa proporção que vai de dentro para fora e de fora para dentro, isto é, de casa para a rua e vice-versa, percebemos nessa transitoriedade que existe entre os dois pólos, a periodicidade de uma dinâmica própria, com leis e papéis definidos, que rompem com a ideia da festa sem regras. Aqui, cada morador assume uma responsabilidade pelo sucesso do evento: iluminar as fachadas dos prédios, arrecadar dinheiro para as premiações, providenciar a decoração, as gambiarras, contactar com os clubes, os blocos e as troças, que

---

<sup>136</sup> Sobre a ocupação do espaço público do centro da cidade pela festa durante o carnaval e a consequente mudança de fisionomia do seu território, verificar SANTOS, Mário Ribeiro. **O Carnaval Preto do Recife: a conquista do espaço público da festa pelos afro-descendentes.** Monografia (Especialização em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife, 2008.

<sup>137</sup> DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua.** Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991. p 17.

<sup>138</sup> Idem.

durante os três dias da festa desfilarão pelas suas artérias, entre outros compromissos.<sup>139</sup>

Assim, na Rua das Hortas, a comissão dos festejos carnavalescos presidida pelo casal Antônio Lemos e Maria Lins Vanderlei, convida:

[...]a todos os blocos, clubes e troças, a percorrerem o trecho da Rua de Hortas, compreendido entre a Rua do Passo da Pátria e a Travessa de São Pedro, nos dias consagrados a Momo, principalmente nos dias 1º e 2º dias, a fim de que, com imparcialidade, possa julgar a quem dever ser conferido os quatro brindes, como prêmios dos moradores daquele trecho às sociedades carnavalescas que melhor se exibirem no carnaval deste ano.<sup>140</sup>

Na Rua Dias Cardoso, um importante acontecimento registra-se,

Domingo passado foi dado o grito de alegria naquela artéria pelo folião-mór Arlindo Bandeira, tendo sido vivamente ovacionado por compacta multidão de moradores ali residentes. Foi imediatamente eleita uma diretoria, a fim de organizar as festividades consagradas ao Rei Momo, assim constituída: presidente- Arlindo Bandeira; secretário – Elpídio S. Falcão; teshoureiro – Lúcio Trindade; orador – Clóvis Oliveira. Já foram tomadas diversas providencias entre as quais: ofertas de ricos e valiosos brindes ao clube, troça e bloco que melhor se exhibir nos três dias de Carnaval. No sábado Gordo, baile à phantasia na casa de um folião da artéria a ser previamente designado. Serão oferecidos pasteis, bate-bate delicioso e um brinde [a senhorinha que melhor phantasia apresentar. Além da feérica iluminação, será a referida artéria embadeirada, sendo montado dois alto-falantes<sup>141</sup>.

Na Rua Nova, a comissão encarregada delibera que “só serão iluminadas as fachadas dos edifícios, cujos comerciantes contribuirão previamente. Caso contrário, terão as frentes de suas casas no escuro, ficando assim, os ursos distinguidos dos demais.<sup>142</sup> Já na Rua Augusta, o grupo coordenado pelo secretário Armando Oliveira, utiliza uma estratégia para seduzir os moradores, os desfilantes das agremiações e os simpatizantes,

---

<sup>139</sup> Sobre as funções das comissões de carnaval organizadas pelos moradores dos bairros do Recife, ver **JORNAL Pequeno**. Recife, 19 Fev. 1930, p. 02.

<sup>140</sup> **DIARIO de Pernambuco**. Recife, 10 Fev. 1934. p1.

<sup>141</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 28 Jan. 1940. p. 11.

<sup>142</sup> **DIARIO de Pernambuco**. Recife, 10 Fev. 1934. p1.

convidando todos “para visitarem a Camisaria “A Exposição”, na Rua João Pessoa, onde terão a ocasião de verem as taças que vão ser oferecidas pelo Carnaval”<sup>143</sup>.

Desse modo, fica estabelecido que a proposta é fazer do espaço público da folia, o mais frequentado e animado possível. Para isso, a adesão das famílias nesse processo de mobilização e produção da festa, atuando no interior das agremiações, nos corais, nas orquestras, nas comissões festivas ou simplesmente assistindo aos desfiles, “é um fator determinante na construção do Carnaval como símbolo nacional”, afirma Rosa Maria Barboza de Araújo<sup>144</sup>. Segundo a autora, “indivíduos e outros grupos de convívio, que não a família, por si sós, não teriam força suficiente para transformar o Carnaval numa expressão da identidade coletiva”<sup>145</sup>. É o que percebemos no depoimento de Seu Manoel Papai, no qual ressalta a preocupação e o interesse dos diretores das agremiações em batizar e registrar seus filhos, logo que nascem como membros oficiais de uma determinada associação. Uma forma de dar continuidade e de manter perpetuado o trabalho e os interesses daquele grupo. “Alguns filhos de sócios de agremiações carnavalescas, já eram registrados na área assim que nascia. Ele era registrado como membro daquela família do Pão Duro, das Pás, e por aí a fora”<sup>146</sup>.

A construção desse sentimento de pertencimento entre os associados de um grupo também é percebido na análise da documentação dos Blocos *Batutas de São José* e do *É Feio Mas É Bom*, de Casa Amarela, os quais possuem entre os seus membros a presença de pessoas ligadas pelo vínculo de parentesco, a exemplo do casal Seu João e Dona Virgínia Carneiro da Silva, das irmãs Berenice e Nazinha Campelo da Silva, e Elza e Edite Gomes da Silva, todos associados e diretores do *Batutas*<sup>147</sup>. Já no grupo de Casa

---

<sup>143</sup> Ibid. Recife, 1 Fev. 1934. p1.

<sup>144</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A Vocação do Prazer**. A cidade a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, p. 369.

<sup>145</sup> Idem

<sup>146</sup> Depoimento de Seu Manoel Papai. Entrevista realizada em 25 Set. 2009. Sobre a questão da formação da identidade cultural entre agremiações, consultar o trabalho de SILVA, Fabiana de Fátima Bruce da. **Uma vela para os vivos**. Irmandades e chão histórico em Olinda – Pernambuco. Percepção da mudança numa cidade Patrimônio Cultural. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1998.

<sup>147</sup> **PRONTUÁRIO do Bloco Carnavalesco Batutas de São José**. Recife, 24 Set. 1942. APEJE.

Amarela, os irmãos Antonio e Moacyr Santa Rosa, e José e Luiz Gomes de Lima<sup>148</sup>, reforçam a tese da pesquisadora Rosa Maria Barboza que defende a importância da participação da família no processo de consolidação do Carnaval como uma marca das nossas expressões culturais.

Essa relação entre família e momentos de lazer vincula-se ao ideário de modernidade nascido com a República, no qual um conjunto de medidas normatizantes estabelece um nível de sistemas de valores que interfere no cotidiano da cidade, estruturando as condutas dos indivíduos e dos grupos. Segundo Agamenon Magalhães:

A família constituída pelo casamento indissolúvel está sob a proteção especial do Estado. É a norma salutar e imperativa do art. 124. Salutar sim, porque o Brasil não é o divórcio, nem as mulheres de pernas cruzadas, fumando nos cassinos. O Brasil é a família, o amor paterno, os filhos crescendo nos braços das mães, embalados nos cânticos da religião e da pátria<sup>149</sup>.

Essa forma salutar enfatizada pelo Estado consiste na preservação do papel da família (junto à religião católica e à pátria) e a sua função como agente mobilizador da ideia de ordenação republicana, que visa, sobretudo, assegurar os “laços afetivos, os sentimentos mais profundos e mais sagrados do respeito filial, o amor materno, a devoção pelos pais, todo o mundo espiritual da família, tão cheio de sacrifícios e de beleza”<sup>150</sup>.

Embora exista essa preocupação do Estado em aproximar a questão da ordem social à família, a ruptura do isolamento entre o ambiente domiciliar e o “mundo da rua”<sup>151</sup> permite a abertura da festa para simpatizantes de diferentes localidades, que compartilham dos momentos de animação e lazer organizados pelas comissões de carnaval de cada ponto de animação do centro da cidade. É o que identificamos na reportagem do *Jornal Pequeno*, de 15 de fevereiro de 1930:

---

<sup>148</sup> **PRONTUÁRIO do Bloco Carnavalesco Mixto É Feio Mas É Bom.** Recife, 26 Ago. 1941. APEJE.

<sup>149</sup> **FOLHA da Manhã.** Recife, 12 Mar. 1938.p.3

<sup>150</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “Contra o divórcio”. In: Ideias e Lutas. p 177

<sup>151</sup> Expressão utilizada pelo antropólogo Roberto DaMatta in:**Carnavais, Malandros e Heróis.** Op. Cit. p 93. Sobre a relação que se estabelece historicamente entre os espaços da rua e dos domicílios, ver os estudos de MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura:** história, cidade e trabalho. São Paulo: EDUSC, 2002, p 37- 40.



[..]O Recife que se diverte vai ter uma tarde cheia amanhã em Campo Grande. Vassourinhas, o querido clube de seu Lesbão, vai realizar um formidável ensaio no campo do ateniense, onde haverá outros divertimentos. Após o ensaio, o popularíssimo clube virá à cidade em estrondosa passeata arrastando milhares de morenas catitas d'aquelas redondezas, morenas que são doidinhas da silva pelo 'frevo'. As meninas de lá juntar-se-ão com as meninas de cá. Quem é que ao som de uma vibrante marcha do Vassourinhas não se remexe todo e não cai na fuzarca? A fuzarca é grande. E que gandaia!<sup>152</sup>.

Nesse documento, o uso do termo “popularíssimo” ressalta que o Clube Vassourinhas é formado pelo povo, para além da esfera familiar, consumido por milhares de pessoas de baixo poder aquisitivo, que sai às ruas fazendo barulho. Outras expressões como: “arrastando”, “morenas”, “doidinhas da silva” e “frevo”, implicam a visão estereotipada que a imprensa e conseqüentemente o público leitor fazem do Carnaval de rua do Recife. Um espaço tumultuado, onde as pessoas não caminham ou assistem aos desfiles tranquilamente nas calçadas. Elas são “arrastadas” pela multidão, predominantemente negra, suavizada na reportagem pelo termo “moreno”, mas que descontrolada, “doida”, cai na “fuzarca”, na “gandaia”.

Essa relação que se estabelece entre os negros, o frevo e a gandaia, entendida como vadiagem, ociosidade, compara-se com o documento da *Folha da Manhã*, de 03 de março de 1938, analisado pela historiadora Maria das Graças Ataíde. Segundo a autora, “a forma elitizada de brincar o carnaval nos clubes contrastava com a ‘gentalha’ endoidecida a brincar nas ruas’, que gritava ao som dos frevos de maior sucesso e faziam o passo<sup>153</sup>”.

Esta “gentalha endoidecida” a qual a pesquisadora faz referência engloba “as morenas doidinhas da Silva” de Campo Grande, os operários das fábricas, as donas de pensões, “o vendedor de caranguejos, o dono do balaio de frutas, o carregador de piano” e toda a massa de pessoas que fazem da rua o seu local de morada ou de trabalho<sup>154</sup>.

De acordo com a nova ordem do Estado, a ideia de progresso ultrapassa as questões urbanísticas de organização do espaço e atinge o estilo de vida da população, modificando hábitos de lazer coletivo, entre eles, o Carnaval. Para

---

<sup>152</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 15 Fev. 1930. p 2. Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>153</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. Op. Cit. p 150-151.

<sup>154</sup> Idem, p 148.

Agamenon, “os problemas de cultura assumem grande ascendência, confundindo-se com os problemas do Estado”<sup>155</sup>. Nesse sentido, preocupados em preservar os princípios morais contidos nos festejos públicos e evitar o desregramento das “boas maneiras”, as autoridades intensificam o controle das manifestações vivenciadas na rua e tornam público, medidas que devem prevalecer durante a festa, incutindo na população novas formas de diversão oficialmente aceitas, a exemplo do concurso de agremiações organizado pela Comissão de Moradores das Ruas do centro e do concurso da Federação Carnavalesca Pernambucana<sup>156</sup>. Entre as medidas preventivas tomadas para o Carnaval de 1939, o *Jornal do Commercio* publica:

O policiamento para os dias de carnaval já foi organizado, ficando responsável pelo mesmo o Dr. Fábio Corrêa, delegado de Vigilância e Costumes. Quase nenhum facto de gravidade tem ocorrido nesses últimos annos. Apennas desde o Carnaval de 1937. Salvo engano, nada mais houve que dois homicídios na Rua Imperial. Dois operários, chefes de numerosas famílias, foram mortos em um conflicto verificado à passagem de um clube. [...] No anno passado, tudo correu normalmente, effectuando apenas prisões por embriaguez. Com a distribuição que foi feita para os dias do carnaval, está a polícia apta para fazer um serviço perfeito de policiamento. O Secretário de Segurança Pública, dr. Etelvino Lins, já organizou a relação de pessoal que irá auxiliar o serviço de manutenção da ordem e, além dos investigadores e guardas-civis, a Brigada Militar do Estado fornecerá as praças necessárias. Patrulhas commandadas por inferiores – sargentos e cabos – ficarão a disposição da Secretaria de Segurança Pública, durante os três dias. Haverá uma fiscalização severa no sentido de evitar a venda de bebidas brancas, não somente na cidade, como nos subúrbios. À saída dos clubes, investigadores incuber-se-ão de revistar os foliões, prendendo todos aquelles que conduzirem armas. A polícia evitará os excessos, mas dará plena liberdade ao povo para se divertir. Assim, é que será permitido o uso de máscaras, o que, havia annos, estava abolido. Os commissarios de policia serão incubidos de fiscalizar o serviço de policiamento, tomando as medidas que julgar necessárias, no momento, para fiel execução das ordens emanadas de seus superiores. Nos subúrbios, o policiamento ficará a cargo dos respectivos commissarios. Pelas providencias que serão

---

<sup>155</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “Cultura”. In: *Idéias e Lutas*. p 94

<sup>156</sup> Sobre esse processo de censura do desregramento das boas maneiras, podemos citar como exemplo o documento da Secretaria de Segurança Pública utilizado na página 40 desta dissertação, assim como outras medidas de investigação policial dos divertimentos públicos e das atividades artístico-culturais, a exemplo das agremiações carnavalescas, que serão utilizados no capítulo 2 do referido trabalho.

postos em prática, é de se prever que tudo correrá em perfeita paz, nos três dias de *allegria collectva*<sup>157</sup>.

A ideia consiste em atuar com pragmatismo, com atitudes objetivas, diretas, que atuem como instrumentos de ação e que produzam efeitos práticos. Para isso, o Estado espalha, como uma rede invisível pela cidade, do centro aos subúrbios, uma equipe de policiamento treinada para fiscalizar, investigar e prender aqueles que cometam excessos, impedindo a realização de uma festa alegre e pacífica. Esse tipo de postura enquadra-se nos métodos de um governo autoritário, fundamentado em ações que visam, sobretudo, a manutenção da ordem do sistema. Sobre isso, o próprio interventor comunica à população de forma bastante clara e enfática:

O governo não é um homem. É uma orientação. É um sistema que coordena as vontades, as inteligências, o desejo de servir à comunhão social. Todas as forças particularistas, que tentem perturbar esse sistema, provocarão reações do Estado. Passou o tempo em que o governo era expressão de um partido ou de uma classe. Passou o tempo em que o Estado era a presa cobiçada dos mais fortes. O que caracteriza o Estado moderno é precisamente a conquista de uma autoridade incontrastável. Autoridade que assenta na boa razão, ou que tem por conteúdo o bem comum. Autoridade, que não é arbítrio, nem arrogância, nem violência, nem opressão. É uma pragmática do Estado. É, sobretudo, força moral, que se fortalece nas boas ações, e que exige, por isso, dos indivíduos, uma conduta social, que tenha por base a verdade, o honesto, o justo<sup>158</sup>.

É importante destacar que as medidas de normatização da festa não ficam restritas apenas aos divertimentos populares. O carnaval das elites, mesmo em espaços fechados, também passa por um sistema de controle, com dias e horários estabelecidos e programação previamente divulgada:

Promete assinalar, acontecimento de accentuado realce em nossos círculos sociais, a festa carnavalesca que o Sport Clube do Recife, vai promover na segunda-feira de Carnaval, nos salões de sua sede. Três orquestras já contratadas, far-se-ão ouvir, no baile, excutando todas ellas, escolhidos números: a jazz-Band Academica, a jazz da PRA-8 e a Franklin-jazz. As dansas terão inicio às 22 horas, sendo exigido aos sócios, a

---

<sup>157</sup> **JORNAL do Commercio.** Recife, 12 Fev. 1939.

<sup>158</sup> **FOLHA da Manhã.** Recife, 31 Mar 1940.p.3

taxa de Carnaval, com a apresentação da respectiva senha. O traje será o de passeio<sup>159</sup>.

Outras opções de divertimento para a sociedade “chic” da cidade, previamente autorizadas pelo Estado, é o elegante cassino do Bairro de Santo Antônio, Recife-Clube, situado nos altos da Lafaiete, na Rua do Imperador, com “ótima orquestra, nos quatro grande bailes, além das três matinês”<sup>160</sup>. Para aqueles foliões dispostos a caminhar até o outro lado da ponte Maurício de Nassau, mais precisamente até a Rua do Bom Jesus, o Tupinambá Casino comemora com toda a solenidade: música, confete, serpentina e lança-perfume as festividades em homenagem ao El-Rei Dom Carnaval<sup>161</sup>.

A concorrência entre as casas de diversão pelo salão mais lotado leva os proprietários dos estabelecimentos noturnos a investirem em decorações assinadas por artistas plásticos de renome na cidade, *bufftes* requintados, muitas luzes e ampla divulgação do evento junto aos meios de comunicação.<sup>162</sup> Essa preocupação em tornar público o estilo da festa, o nível socioeconômico das pessoas, o tipo do traje e o aspecto do ambiente no qual se realizará a solenidade, é uma forma de deixar claro para a sociedade que, na programação da folia, não há espaço para a mistura de classes.

Quando o Grande Hotel anuncia que:

[...] oferecerá à Sociedade recifense uma festa carnavalesca que se desenvolverá num ambiente de ordem, de comedidas expansões, que o traje é a rigor ou fantasia para o dia 2, fantasia ou passeio para os dias 3 e 5, e que a consumação mínima por dia é de 100 Cruzeiros por pessoa<sup>163</sup>.

---

<sup>159</sup> **JORNAL do Comercio**. 14 Fev. 1939.

<sup>160</sup> **A Bessa**. Recife, Mar. 1946. Ano 28. N<sup>o</sup> 28, p 27.

<sup>161</sup> **A Bessa**. Op. Cit., p 26. A Rua do Imperador constitui um dos pontos de maior concentração de intelectuais do Recife nos anos 1930. Lá funcionava o Café Lafayette, reduto de Universitários da Faculdade de Direito, jornalistas, professores (as redações dos principais jornais que circulavam na cidade: Folha da Manhã, Jornal do Comercio, entre outros também existiam ali). Alguns cabarés também animavam as noites da rua, que se somavam ao sobe e desce dos bondes que tinham no cruzamento desta rua com a 1<sup>o</sup> de março, um ponto de parada. O nome Lafayette é atribuído à fábrica de cigarros que funcionava no 1<sup>o</sup> andar do café. Na década de 1950, o prédio sofre um incêndio e até hoje não mais recuperou a fama dos áureos tempos. Sobre esse ponto de sociabilidade do Recife, ver PARÁISO, Rostand. **A Esquina do Lafayette e Outros Tempos do Recife**. Recife: Rostand Paraíso, 2001.

<sup>162</sup> Sobre a relação de nomes ilustres que participaram do baile no Cassino de Boa Viagem e os temas de suas respectivas fantasias, consultar: **JORNAL Pequeno**. Recife, 29 Jan. 1920 p.2.

<sup>163</sup> **A Bessa**. Op. Cit., p 28.

Ele reafirma a condição socioeconômica dos seus clientes e referenda para toda a sociedade recifense que o seu espaço é um “ambiente de ordem”, e que não pode ser comparado à “fuzarca” vivenciada nas ruas quando da passagem de uma troça, bloco ou clube. Informar que o traje é a rigor, fantasia ou passeio é impedir que qualquer tipo de pessoa entre, participe e sintam-se à vontade no evento, até porque o preço do ingresso é proibitivo para boa parcela da população que nem tem salário fixo.

Ratificamos assim, que a ilusória interação social ocorrida nas ruas durante o Carnaval não é sinal de integração de classes. As diferenças sociais e econômicas nela se repetem, tendo em vista que a festa não é um movimento de unificação coletiva. Esse pensamento é compartilhado com a autora de *Vocação do Prazer*, Rosa Maria Barboza de Araújo, a qual defende a ideia de que:

[...]os quatro dias de festa não anulam a rígida estratificação que vigora no convívio social no resto do ano; a mistura de classes [também] não predomina nos programas de folia. A maior parte dos bailes ou dos desfiles de rua é organizada diferencialmente pelos ricos e pelos pobres, podendo neste último caso comportar a adesão dos primeiros, mas dificilmente os pobres costumam entrar nas festas dos ricos, a não ser para trabalhar<sup>164</sup>.

### **1.5 Afinidades Irrestritas: sociabilidades, normatização e formação cultural nos bastidores da festa**

O *Diário de Pernambuco* de 11 de fevereiro de 1934 inicia a sua coluna carnavalesca comunicando aos leitores que o “Recife vivencia o reinado de Momo na plenitude de sua magnificência.”<sup>165</sup> Essa matéria nos leva a pensar na animação de mais um dia de folia, quando o sol se encarrega de clarear “a cidade com seus raios de cristal”. No interior das sedes das agremiações, o movimento é intenso. Artistas anônimos trabalhando nos últimos retoques dos carros alegóricos; as orquestras repassando os repertórios ao mesmo tempo em que afinam os últimos acordes dos trombones, bombardinos e clarinetes; nas casas das costureiras: linhas, dedais, botões, zíperes, colchetes e fitas

---

<sup>164</sup> ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. Op. Cit., p. 368.

<sup>165</sup> DIÁRIO de Pernambuco. Recife, 11 de fev. de 1934.

sinalizam o ambiente agitado da finalização das últimas fantasias. Um verdadeiro sistema em processo, que anualmente se renova e invade a cidade.

Nesse complexo universo de uma festa, que faz o recifense “perder os sapatos”<sup>166</sup>, o desfile das agremiações carnavalescas ocupa um lugar de destaque. Seu planejamento começa quando mal termina o Carnaval. Aqui, o tempo se move numa temporalidade própria regido pela data das comemorações de Momo. De modo que para isso ficam guardados, em sigilo, os preparativos de um processo que tem início num ano, se põe em marcha e só se realiza no ano seguinte. Uma espécie de ciclo, que nasce, morre e renasce constantemente. Um ciclo que muitas vezes penetra no outro de tal forma que nenhum tempo é deixado vazio e o ano rotineiro é sempre o ano do Carnaval. Como exemplo dessas iniciativas, podemos citar algumas atividades rotineiras realizadas pelas associações. Em geral, as reuniões internas entre os sócios para eleição do novo corpo social da agremiação e os bailes festivos, também chamados de recreios, organizados com a intenção de arrecadar dinheiro para a agremiação (pagamento de água, luz e impostos do prédio onde funciona a sede, compra de tecidos e outros materiais para a confecção de fantasias) são as atividades que aparecem com mais frequência na documentação policial dos arquivos.

<b>AGREMIÇÃO</b>	<b>ANO</b>	<b>DIA / MES</b>	<b>AÇÃO</b>
C.C.M Bola de Ouro	1941	06/03	Eleição da nova diretoria para o período de 1941 a 1942
C.C Pão da Tarde	1941	26/08	Comunicado sobre a transferência de sua sede para a Rua Imperial, 508, 1º andar, realizando as suas sessões nas segundas-feiras e os seus recreios aos domingos, tendo nas quartas-feiras um ensino de danças
B.C.M É Feio Mais é Bom	1941	28/08	Carta solicitando a presença de um auxiliar da delegacia de Ordem Política e Social para acompanhar o desenrolar da reunião que acontecerá

<sup>166</sup> “É de perder o sapato”, frevo de rua do maestro José Nunes.

			na sede do grupo.
C.C.M Linguarudos do Recife	1941	01/09	Comunicado de reunião mensal.
Maracatu Leão Coroado	1941	01/10	Comunicado do presidente Claudionor Medeiros de França ao chefe do Serviço Social Carnavalesco, o Sr. Francisco Lima , a relação do novo corpo social do maracatu.
Maracatu Estrela Brilhante de Campo Alegre	1941	17/11	Comunicado da junta governativa do maracatu sobre a nova diretoria de 1942
B.C.M Batutas de Santo Amaro	1935	27/12	Carta de solicitação ao Inspetor da Ordem Política e Social para realizar assembléia geral em continuidade a assembléia passada <sup>167</sup> .

Nessa construção ininterrupta de suas festas, as agremiações, a cada ano, estabelecem redes de reciprocidade que atravessam diferentes espaços e grupos sociais. O Carnaval começa sendo discutido por alguns, em geral pelos membros da diretoria, e se espalha em círculos concêntricos, agregando em torno de si um número cada vez maior de pessoas (inicialmente o corpo de associados, a vizinhança, profissionais contratados) até o momento em que o novo enredo aparece nas ruas para a cidade em forma de fantasias, músicas e alegorias. Cada elo desse processo põe em cena não só formas distintas de expressão artística, mas também coloca em evidência atores diferenciados, que protagonizam mecanismos de articulação das mais diversas ordens. Sobre esse processo de organização e articulação das partes, coloca Michel Foucault: “é preciso ligar a distribuição dos corpos, a arrumação espacial do aparelho de produção e as diversas formas de atividade na distribuição dos postos”<sup>168</sup>. Ao pensamento do filósofo, associamos o depoimento de Dona Sevi, que ilustra bem esse processo de produção da agremiação, onde cada integrante assume o seu posto, embora estejam todos articulados:

<sup>167</sup> A documentação citada encontra-se no APEJE, nas pastas que obedecem a seguinte sequência: 684, 660, 687, 853, 838, 839, 625.

<sup>168</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 124

[...] Em São José tinha uma bordadeira famosa, que era Dona Sophia Bichara, que tinha um ateliê só de bordados. Ela não costurava. Ela só fazia bordados. Mas ela bordava à máquina. Naquela época existia uma máquina que fazia um bordado que se chamava cairel. Então a máquina bordava o cairel e as costureiras e os ajudantes pregavam as nacaradas, que naquela época não era lantejoulas, era nacaradas.<sup>169</sup>

Outra forma de evidenciar a complexidade do trabalho apresentado pelos grupos no carnaval é a análise dos préstitos organizados pelos Clubes de Alegorias e Clubes Pedestres. Percebe-se o alto investimento financeiro dos grupos, em especial os de alegorias, na fabricação de numerosos carros pomposos, com estruturas gigantescas, farta iluminação, fantasias com tecidos custosos, grande quantidade de desfilantes, entre outras características esbanjadoras do esplendor da alta sociedade recifense, embora se encontre num vertiginoso processo de decadência. É o que se percebe no cortejo dos *Dragões de Momo*, um Clube de Alegorias fundado no Bairro de São José, na década de 1920, por um grupo de amigos, entre eles jornalistas, intelectuais, políticos e outros.

1º Banda de Clarins, com componentes fantasiados à Centurião<sup>170</sup>. Este conjunto executará marchas inéditas e trechos da Aida e do Guarani, devidamente ensaiados;

2º Comissão de Frente: composta por nove sócios do Clube, vestida a rigor com calçote de cetim preto, colete da mesma fazenda branca, colarinho duro, gravata preta, cartola e luvas brancas;

3º Esquadrão Egípcio: trinta figuras cobertas de prata, o que dará um efeito deslumbrante à noite<sup>171</sup>. O esquadrão será organizado em três colunas e virá cavalgando vistosos animais adquiridos por especial favor dos admiradores do Clube;

4º Mascote da Sociedade: criança vestida de princesa, ornada com as jóias mais artísticas emprestadas pelas destacadas joalherias da capital pernambucana;

5º Cortejo oriental: carro com 14 metros de comprimento, com três grandes elefantes que carregam em palanquins preciosos três odaliscas e ao fundo em seu dourado trono, uma rainha indiana conduz o estandarte do Clube e assiste ao cortejo de

---

<sup>169</sup> Depoimento de Sevi Caminha. Recife, 27 mar. 2009. Acervo pessoal Mário Ribeiro.

<sup>170</sup> Centurião, personagem de alta patente (comandante) das milícias romanas. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004, p 225.

<sup>171</sup> O Clube *Dragões de Momo* iniciava seu desfile pelas ruas de Afogados (local de sua sede) em direção ao centro da cidade, a partir das 18h30 minutos.



odaliscas e mouras organizado em sua homenagem. Nesse mesmo carro, dois pajens se posicionam ao lado da rainha com leques de garça, executando gestos estudados para não prejudicar o ritmo dos movimentos;

6º O Pagode Chinês: representa o carro que conduz os músicos. Sob dez grandes sombrinhas multicores, vê-se a fanfarra do Clube, pertencente à Banda do 29 B.C;

7º Carro da Diretoria;

8º O carro do Fado: uma homenagem à colônia portuguesa sediada no Recife. Nesse carro vai um grupo de guitarristas portugueses e um brasileiro, que em determinados pontos do desfile tocam e cantam canções do tipo: “no Recife, o nosso fado / produzirá emoções / quando for por nós cantado / no cortejo do Dragões”. Divide o espaço do carro a representação de uma casinha do campo com moinho, de onde uma senhorita fará parte das canções;

9º O carro dos Lírios Misteriosos: são quatro lírios que se abrem e quatro deusas que aparecem em todo o esplendor de mocidade e beleza;

10º Uma crítica à empresa de bondes Pernambuco Tramways. São dois bondes, um representando o carro motor e o outro o carro reboque. Cada carro comporta cerca de 20 a 30 pessoas;<sup>172</sup>

11º Carro das Bonecas. Este carro fecha o préstito. Tem 14 metros e pelo belo acabamento deixará magnífica impressão ao público. Nele estarão 4 mulheres vestidas a rigor a Maria Antonieta. Este carro apresenta uma espécie de crítica ao destacado papel que a mulher vem conquistando.<sup>173</sup> Assim, o objetivo dos Dragões é preparar o espírito de seus associados para prevenir contra o mal que vem estragando todo o mecanismo social<sup>174</sup>.

---

<sup>172</sup> A empresa norte-americana Pernambuco Tramways, instalada no Recife desde 1914, era responsável pela prestação de diversos serviços essenciais a vida urbana, entre eles a distribuição de energia elétrica, o serviço de transporte dos bondes elétricos, a iluminação pública, o gás e o sistema telefônico. A má execução de alguns serviços, principalmente os que refletiam no cotidiano da cidade, como os bondes por exemplo, levava a população a fazer críticas constantes à empresa, fato que motiva os organizadores dos Dragões de Momo a trazer um carro abordando essa questão. Sobre a atuação da Tramways e a sua relação com o carnaval do Recife, ver ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. **DIP DOPS no frevo**. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco. (1930-1945) In: GUINLLEN, Isabel Cristina Martins. **Tradições e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

<sup>173</sup> É importante destacar o papel que a mulher vem conquistando na sociedade nas primeiras décadas do século XX. A sua atuação se estende desde o trabalho nas fábricas à organização das festividades públicas, entre elas o Carnaval. Nomes como Maria Júlia do Nascimento (Dona Santa do Maracatu Elefante), Maria de Lourdes da Silva (Badia), Mãe Sinhá, entre outras mulheres que tiveram destacada atuação no cenário sociocultural do Recife serão apresentadas com mais detalhes no capítulo 2 deste estudo. Sobre a conquista do espaço feminino na sociedade ver TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As Cidades Enquanto Palco da Modernidade: o Recife de princípios do século**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco – Recife, 1994. ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>174</sup> **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 11 Fev. 1934. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (doravante APEJE).

No entanto, a análise dos préstitos de algumas agremiações publicados nos jornais diários da cidade, possibilita-nos ainda identificar que por trás da pompa das alegorias e fantasias, há uma estreita relação de dominação e dependência estabelecida entre os clubes filiados e algumas instituições patrocinadoras, entre elas a Federação Carnavalesca e o Estado; embora possamos ler também na FECAPE a atuação do Estado. A leitura que fazemos é a exaltação do projeto político do Estado Novo (ênfase do programa de erradicação dos mocambos), ressaltando valores patrióticos, morais, a figura do interventor Agamenon Magalhães, os seus discípulos (o prefeito do Recife Novais Filho), o bem estar social, o desenvolvimento econômico de Pernambuco e a conseqüente melhoria de vida dos cidadãos, transfigurados naquele momento em foliões. Como exemplo, citamos o numeroso préstito do *Clube Vassourinhas do Recife*:

1º - um lindo chromo em “abre-alas”, no qual se lerá “Os Vassourinhas pedem passagem”;

2º Um palanquim com “Sinhá Dona” conduzido por dois escravos em traje original;

3º A directoria masculina representando os doze condes históricos, envergando rica phantasia bordada.

4º Homenagens ao Governo do Estado: uma linda figura representando a Agricultura. Empunhará um feixe de trigo symbolizando o futuro econômico de Pernambuco no Estado Novo.

5º Homenagem ao Commercio de nosso Estado: uma figura symbolica ricamente vestida personificando a prosperidade do esforço commercial de Pernambuco.

6º Homenagem à Imprensa de Pernambuco: uma figura phantasiada representando a portentosa classe dos intellectuaes do jornal.

7º Homenagens aos compositores musicaes pernambucanos: uma figura phantasyada empunhando uma Lyra symbolica.

8º Homenagem à Federação Carnavalesca: uma figura representando o trabalho.

9º Homenagem ao povo: uma figura da dansa.

Em seguida, 1º a directoria do clube constituída de 8 figuras que representarão as oito Damas da corte de Momo, as quais envergarão artisticas phantazyas; cordão feminino composto de 24 figuras em guarda ao estandarte; banda de música composta de 25 figuras em phantazia de estylo. Por último o cordão masculino que representa uma escolta em numero de dezoito figuras e dois balizas todos envergando a mais suggestiva phnatazia. A orchestra dos Vassourinhas é constituída de 25 profissionaes rigorosamente ensaiados pelo professor, José Felipe, estando em condições de executar marchas de autoria de compositores como Nelson Ferreira, que

offereceu aos Vassourinhas a marcha denominada “Marcha Phantasia”<sup>175</sup>.

Nessa mesma linha de pensamento, destacamos as homenagens do Clube de Alegorias *Anjos Rebeldes* ao Estado, mais precisamente o quarto carro, intitulado “Hontem, Hoje e Amanhã”, que faz referência à pessoa de Agamenon Magalhães e a sua obra de política social de Combate aos Mocambos:

Esse carro exhibirá, numa fotografia animada para a história das administrações pernambucanas, uma fase de trabalho que está impressionando o Brasil inteiro, destacando-se, nesse conjunto de realizações, a atuação da Liga Social Contra o Mocambo. O título do carro encerra um preito ao historiador pernambucano, Dr. Mário Melo, título de sua crônica diária no popular vespertino “Jornal Pequeno”. Eis as significações das três fases de um capítulo de história que em Pernambuco está sendo escrita. Hontem, surge na representação de uma choça indígena, reminiscência das habitações primitivas da “Tabajaras”, ao tempo da colonização por Duarte Coelho. Hoje, se exhibe na representação de um mocambo, dos muitos que ainda se erguem nos nossos terrenos alagados, em plena fase de recuperação pelos trabalhos de aterro, desde este ano auxiliado pelo sábio governo do presidente Getúlio Vargas. Amanhã, reflete o que será a capital pernambucana, sem o mocambo, povoada Cidade Maurícia de belas e higiênicas habitações, problema que tanto interessa a administração do Prefeito Novais Filho. Ao centro do carro, o retrato do atual interventor de Pernambuco, Sr. Professor Agamenon Magalhães, o governante que compreendeu e interpreta com entusiasmo a nossa terra e a nossa gente, dentro de sua tradição histórica e de seus grandes destinos no seio da civilização brasileira. Com esse carro se encerra o préstimo do Clube de Alegorias Anjos Rebeldes, que presta a sua contribuição artística e patriótica ao Carnaval pernambucano, no ano da graça de 1941<sup>176</sup>.

Essa organização dos grupos pautada em homenagens e dependências vincula-se a uma estrutura maior de controle no interior dos próprios clubes, na qual seus dirigentes criam normas de comportamento capazes de sugerir um universo de valores próprio, para um corpo de especialistas, com delimitações explícitas dentro das áreas de competência, com funções, nomeações e regras definidas em seus estatutos para tentar garantir a harmonia em suas atividades.

---

<sup>175</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife 03 Fev. 1940.

<sup>176</sup> Cd-Rom APEJE. Pastas 700-701

Essas associações, em geral, são organizadas da seguinte maneira: no topo da hierarquia está o presidente, seguido de seu vice, primeiro e segundo secretários, orador e vice-orador, tesoureiro e vice-tesoureiro, diretor e vice-diretor, fiscal, uma comissão de sindicâncias, uma comissão de contas com dois ou três membros cada, e uma comissão artística.

Segundo a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha, “seja qual for o tipo e a categoria do grupo, seus estatutos estabelecem hierarquias e regras que tomam como base a forma padronizada das sociedades mais antigas e prestigiadas”.<sup>177</sup> É o caso dos Clubes de Alegorias e Críticas – associações formadas por pessoas pertencentes às classes de maior poder aquisitivo, presentes no Carnaval do Recife desde a década de 80 do século XIX. Como exemplos dessas agremiações, podemos citar os Clubes: *Cavalheiros da Época*, *Philomomos*, *Club 33*, *Philocríticos*, *Filho da Candinha*, *Quatro Diabos*, *Cavalheiros de Satanás*, *Dragões de Momo*, entre outros grupos registrados pela imprensa pernambucana do período.<sup>178</sup>

A estrutura administrativa das agremiações se repete na maior parte dos estatutos analisados, com pequenas variações em alguns termos, valores de mensalidade dos associados, números de reuniões mensais, eventos etc.<sup>179</sup> Com um caráter normativo, as regras delimitam a existência de códigos compartilhados que devem orientar o comportamento dos associados em todo e qualquer momento de reunião do grupo, garantindo a paz coletiva, a disciplina e a divulgação de ideias sadias, isto é, contrárias a ideologias comunistas.

A forma como os dirigentes das agremiações estruturam os seus estatutos também está ligada a experiência cotidiana do trabalho, em geral operários sintonizados com os movimentos grevistas, a participação popular nas questões trabalhistas, etc. Eles trazem a rotina disciplinar do trabalho para dentro das agremiações: a divisão das tarefas de acordo com a habilidade, o

---

<sup>177</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p 158.

<sup>178</sup> Sobre a relação dos grupos que desfilaram pelas ruas do Recife no Carnaval de 1891, consultar o trabalho do pesquisador RABELLO, Evandro. **Memórias da Folia**: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa: (1822-1925). Recife: Funcultura, 2004, p.199-200.

<sup>179</sup> Essa estrutura administrativa que se repete na maioria dos documentos analisados poderá ser visualizada no conjunto de documentos que compõe o anexo 2 deste trabalho. A tabela foi organizada com base no levantamento da coleção da *Secção de Teatros e Diversões Públicas*. APEJE.

acompanhamento dos sucessivos estágios de fabricação dos adereços e alegorias, calendário de ensaios com dias e horários marcados para início e término, ata de frequência. Uma produção que se divide e um processo de trabalho que se articula. Essa realidade é associada ao que Michel Foucault chama de “domesticação dos corpos e mentes”, em *Vigiar e Punir*. Uma disciplina do saber que está nos discursos. Nesse caso, os membros diretores têm um lugar de fala diferenciado dos associados, construindo, portanto, um discurso verdadeiro, homogeneizador. O que se fala se torna lei. Uma lei simbólica, que visa o controle do comportamento e do pensamento.

É o que mostra o capítulo 2º do Estatuto do *Bloco Carnavalesco Misto Batutas da Boa Vista*, de 20 de agosto de 1931, só admitindo no seu corpo de sócios, unicamente os membros que atendam aos seguintes requisitos: “maior de 14 anos; portador de boa conduta; exercício de profissão honesta; isenção de qualquer sanção da lei penal<sup>180</sup>”. Dos quatro itens exigidos, três estão associados ao bom comportamento social dos integrantes e de todos aqueles que estiverem presentes no recinto nos dias de ensaio ou festas, quando é permitida a entrada de não sócios, mediante a compra de ingressos. A manutenção da “ordem” do grupo, em dias de “desordem” previamente organizados, como nas manhãs de sol, nos saraus<sup>181</sup>, nos piqueniques e nos ensaios, fica a cargo do Fiscal, do Diretor e da Comissão de Sindicâncias, que segundo o artigo 22 do capítulo V do mesmo estatuto, faz

[...] secretamente as necessárias sindicâncias sobre a conduta civil e moral de quem for proposto para sócio efetivo, bem como das senhorinhas que se proponham a figurar no cordão carnavalesco ou tomar parte nas diversões que o bloco realizar<sup>182</sup>.

Uma espécie de poder múltiplo, onde todos vigiam, podendo estar presentes em vários locais ao mesmo tempo. Michel Foucault coloca que é

---

<sup>180</sup> ESTATUTO do Bloco Carnavalesco Misto Batutas da Boa Vista. Recife, 20 Ago. 1931. p.1. Coleção da *Secção de Teatros e Diversões Públicas* APEJE.

<sup>181</sup> Expressão utilizada para designar os bailes dançantes realizados à noite nas sedes das agremiações.

<sup>182</sup> Estatuto do Bloco Carnavalesco Misto Batutas da Boa Vista. Op. Cit., p 7.

uma “vigilância hierarquizada, contínua e funcional, [que] faz parte do jogo do poder disciplinar”<sup>183</sup>.

Essa preocupação de restringir a participação de elementos tidos como desordeiros sociais corrobora com o pensamento da manutenção da ordem republicana nos espaços públicos, principalmente em locais de atividades festivas, quando a possibilidade de se estabelecer “comunicações perigosas” é maior. A disciplina aí atua no sentido de interromper as negociações que prejudiquem o desenrolar do sistema, “vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar.”<sup>184</sup> Ela transforma “as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas.”<sup>185</sup>

A localização geográfica dessas instituições em áreas residenciais e pobres da cidade, como a Rua Imperial, os Bairros dos Coelhoos, do Pina e de Santo Amaro, por exemplo, também contribui para a construção de uma imagem negativa desses espaços, classificados como perigosos, insalubres e violentos. Visão distante do caráter lúdico e de sociabilidade que esses lugares assumem para os seus frequentadores. É o que encontramos no *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, de Gilberto Freyre, no qual o autor, referindo-se ao Bairro de São José, reduto de tradicionais agremiações carnavalescas, descreve como sendo outrora, ainda mantido, por herança

[...] o bairro dos valentões, dos capangas, dos desordeiros, das eleições com barulho e facada, das procissões com gente navalhada. [...] O Largo do Mercado várias vezes, aí para os fins do século XIX, transformou-se em campo de batalha. As rivalidades de ruas e bairros iam decidir-se lá.<sup>186</sup>

O pensamento do sociólogo se aproxima do depoimento de Seu Luiz de França, mestre do maracatu Nação Leão Coroado e morador do Bairro de São José:

[...] os valentão que era na Boa Vista não passava para Santontoin. Chegava no pé da Boa Vista, da banda de cá da Boa Vista ficava e o batalhão atravessava pa Santontoin, mais eles num atravessava pa Santontoin purquê era pra vê morte.

---

<sup>183</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Ed. Vozes, 1987. p 164.

<sup>184</sup> Op. Cit. p. 123

<sup>185</sup> Op. Cit. p. 127

<sup>186</sup> FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968. p 156.

Os qui pegava em Santontoin, levava inté a ponte do Recife, pra lá pra dento do Ricife. Eles num atravessava purquê era ôta quadriia de valentão qui tinha lá dento do Ricife e assim todo lugá era assim<sup>187</sup>.

Somada a essa relação que se estabelece entre o Recife pobre e os pontos de alta periculosidade da cidade, encontramos referências que atribuem a essa parte central da cidade, em determinados trechos, à noite, características de alegria e boemia. São os cafés-cantantes, as pensões, os botequins, os cabarés. Denominações várias para lugares de encontro, descontração e sociabilidade, vistos com “desconfiança pelas autoridades e pelas famílias, devido à freqüência considerada pouco seleta, responsável pela promoção de arruaças, bebedeiras e atentados aos bons costumes”<sup>188</sup>. É novamente Seu Luiz de França, ao aguçar de sua memória, que nos aproxima dessa realidade boêmia do Recife:

Toda noite eu tava no cabaré, tumano cerveja. De preto que tinha só era eu. Quando eu chegava, a dona do cabaré dizia logo: silva a estrela, tá bom? E eu, aí bote uma dúzia, bote aí, encha a mesa de cerveja. E eu, aquelas mulradas lá, e eu ali, espiava uma coisa, espiava assim<sup>189</sup>.

Toda essa realidade reforça a preocupação dos dirigentes das agremiações em tornar público para a sociedade a boa condição moral dos seus associados, como consta numa carta do *Clube Carnavalesco Misto Oleiros da Várzea*, endereçada ao Sr. Antônio Romano, e apresentada à Inspeção Geral de Polícia. Homem de prestígio social e econômico no Estado, Antônio Romano é proprietário de terras na região e em outras áreas, tendo

---

<sup>187</sup> Depoimento de Seu Luiz de França. Segundo o entrevistado, aos 18 anos associou-se ao Clube Lenhadores da Boa Vista; aos 20 e poucos anos, integrou o clube Toureiros de Santo Antonio, tornando-se anos mais tarde presidente do bloco Flor da Lira do Recife. Acervo do Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval. Prefeitura do Recife. Secretaria de Cultura. (Transcrições)

<sup>188</sup> COUCEIRO, Sylvia Costa. **A Sedução da Noite nos Cafés do Recife dos Anos 1920: entre prazeres e transgressões**. Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História. p 3. Neste artigo, a autora apresenta o Recife dos anos 1920, como a cidade dos cafés e dos bares. Palco do prazer, da diversão e da transgressão, dirigidos aos segmentos da elite e aos grupos populares. Sobre esse consumo do lazer no espaço público da cidade, a historiografia tem contribuído com interessantes pesquisas, a exemplo do trabalho de Rosa Maria Barboza de Araújo, intitulado **A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**.

<sup>189</sup> Depoimento de Seu Luiz de França. Acervo do Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval. Prefeitura do Recife. Secretaria de Cultura. (Transcrições)

recebido o título de Sócio da Diretoria de Honra, após decisão em Assembléia Geral. A escolha do mesmo, segundo o presidente da agremiação, decorre da certeza de que o novo sócio prestará

[...] inteira solidariedade moral e material para que Oleiros possa assim com o seu progresso honrar o nome da terra que serviu de berço e zelar bem alto as tradições de Pernambuco em suas festas e seus costumes<sup>190</sup>.

Tornar explícito o nível socioeconômico dos seus associados legitima o nome da agremiação, o espaço de sua sede como um lugar onde se preza pelo exercício dos bons costumes, assim como referenda a condição moral dos seus frequentadores. Em busca desses momentos de prestígio social, no dia 30 de setembro de 1945, o *Clube das Pás* torna público, por meio de mídia impressa, a sua homenagem aos sócios de honra, entre eles, o sociólogo Gilberto Freyre, o advogado Antiógenes Chaves, o estudante Odilon Ribeiro Coutinho e o industrial Correia Lima. Entre os presentes nessa solenidade, destacamos aqueles que também participaram das festividades de inauguração da nova sede da agremiação em 1935, entre eles Gilberto Freyre, Antiógenes Chaves, juntamente com outros intelectuais, industriais, políticos e pessoas da elite simpáticas ao clube<sup>191</sup>. Esse tipo de comportamento de aproximação das elites com as agremiações populares relaciona-se a uma estratégia dos grupos dominantes em conquistar a confiança dos dirigentes dos clubes pedestres, uma vez que era evidente a conquista do espaço público pelo carnaval popular e a elevação do frevo como símbolo da identidade pernambucana. Assim, acomodar-se o máximo ao estilo de vida e diversão das camadas populares, significava marcar presença nos jantares, festas, danças, palestras, aniversários, entre outros eventos promovidos pelas agremiações.

---

<sup>190</sup> Carta do Clube Carnavalesco Misto Oleiros da Várzea. *Secção de Teatros e Diversões Públicas*. Recife, 3 Jan. 1933. CD Rom – APEJE. Pasta 636. APEJE. Essa carta será apresentada no conjunto de documentos que virá nos anexos desta dissertação.

<sup>191</sup> Sobre a solenidade de inauguração da nova sede do clube das Pás, ver **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 6 jan. 1935.



**HOMENAGEM DO CLUB DAS PÁS**  
aos socios de honra, **Dr. Gilberto Freire, Antigenes Chaves, Odilon Ribeiro Coutinho e Correia Lima.**

**Domingo 30 Domingo**



**Nucleo artistico feminino**  
**Maria Celeste, Sonia Maria, Maria Parisio, Dorinha Peixoto, Jane Monteiro e as tres Marias.**

Sessão solene as 20 horas, grande SCHOW com os elementos do Nucleo Artistico que cantarão para o publico de Campo Grande e adjacencias.  
**BAILE A RIGOR AS 22 HORAS.**  
Uma banda de musica abrilhantará a recepção.  
**ENTRADA GRATIS**

Fonte: CD-Rom APEJE. Pasta 692

Nesse evento do *Clube das Pás*, realizado com muita pompa, o presidente efetivo da agremiação, José Severino dos Mártires, empossou os homenageados no cargo de sócio honorário<sup>192</sup>. Segundo consta no Estatuto do *Bloco Batutas da Boa Vista*, essa categoria de sócio, entre as cinco que existem (efetivos, componentes de corpo orquestral, beneméritos, distintos e honorários), contribui com uma cota anual “nunca inferior a 10\$000”, para fins das despesas com o Carnaval<sup>193</sup>.

Embora conste no estatuto uma série de recomendações aos associados para que os mesmos portem-se “com decência [...] [devendo] acatar as determinações da Diretoria; comparecer com assiduidade às sessões; e guardar absoluto sigilo sobre tudo quanto ocorrer nas sessões, sob

<sup>192</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 1 de Out. 1945.

<sup>193</sup> **ESTATUTO do Bloco Carnavalesco Misto Batutas da Boa Vista**. Op. Cit., p 2.

pena de suspensão ou eliminação<sup>194</sup>, o *Clube Vassourinhas* do Recife mantém entre os seus membros os comunistas Jasson de Barros e Waldemar Caetano da Silva, ambos com passagens registradas pela polícia.<sup>195</sup> Esse fato não é o único no interior dos grupos. O flagrante, ocorrido em função de uma denúncia, leva inspetores disfarçados a acompanharem as reuniões do clube e aprisionarem os elementos subversivos. Outro documento também é localizado dentro dessa mesma questão. A *Troça Carnavalesca Mista Traquinos de João de Barros* é registrada na Polícia como uma “agitada célula comunista, onde se reúnem constantemente perigosos elementos comunistas”, entre eles membros da diretoria da agremiação<sup>196</sup>.

Nos dois casos anteriores, a punição (da parte do clube: suspensão do associado do grupo, e da parte da polícia: prisão dos indivíduos) é tida como algo positivo. Ao expor aquelas pessoas em notas públicas, o Estado faz uso do seu poder e castiga no sentido de educar, de reintegrá-las a uma sociedade normatizada, que sabe o que é “certo” e o que é “errado”; já os dirigentes das agremiações, fazendo uso do seu lugar de fala, intimidam os demais associados exemplificando com a eliminação dos “desordeiros” do grupo.

Essa preocupação em perseguir e reprimir os núcleos e os seguidores de ideias subversivas se insere na política central do governo Vargas, que conserva as lembranças do movimento grevista de 1917 (embora o operariado urbano fosse ainda pouco expressivo) e acompanha de perto o avanço do pensamento comunista entre os intelectuais e a classe dos operários, culminando com a Intentona Comunista de 1935. No Recife, esse controle aumenta, sobretudo, a partir de 1937, com a indicação de Agamenon Magalhães para interventor do Estado de Pernambuco. Segundo o político:

O golpe comunista de novembro de 1935 foi uma advertência. A nossa cultura era a cultura liberal. Poderiam manifestar-se e atuar no cenário político do Brasil, todos os partidos e ideologias. O romantismo político era o narcótico que nos impedia de ver, de auscultar e de sentir o veneno das novas culturas que invadiam o nosso pensamento com a sua técnica,

<sup>194</sup> **ESTATUTO do Bloco Carnavalesco Misto Batutas da Boa Vista**. p 2-3 APEJE.

<sup>195</sup> Carta do policial Milton Villela ao Comissário Supervisor da Delegacia Auxial. Recife, 10 de Ago. 1956. Coleção da *Secção de Teatros e Diversões Públicas*. APEJE.

<sup>196</sup> Documentação policial da **Troça Carnavalesca Mista Traquinos de João de Barros**. Secção de Teatros e Diversões Públicas. Recife, 12 Ago. 1946. CD Rom APEJE. Pastas 790, 792 e 794.

procurando destruir as forças morais da nossa história e do nosso crescimento nacional. Estávamos dormindo, sonhando com liberdades, comícios eleitorais, voto secreto, quando despertamos sob o fogo e o sangue da tragédia comunista. Daí em diante é que ficamos em vigília até novembro de 1937, quando tomamos uma decisão heróica. O Estado assumiu, então, o comando das forças nacionais, integrando-as dentro dos novos conceitos da autoridade, da disciplina, do trabalho e da ordem<sup>197</sup>.

Dessa forma, toda movimentação da parte dos trabalhadores foi vista sempre com muita desconfiança pelos grupos dominantes, que não demoraram em associar toda e qualquer reunião em que estivessem envolvidos operários e demais trabalhadores, entre elas uma agremiação carnavalesca, a ser considerada um espaço suspeito e por isso uma questão de polícia. Sobre o assunto, escreve a historiadora Marcília Gama:

Se compararmos o tamanho em termos de estrutura e de funções da Secretaria de Segurança Pública e órgãos subordinados em 30 e 37, percebe-se que houve um aumento considerável desta secretaria, em consonância com as necessidades impostas pela conjuntura social do momento. À medida que as turbulências sociais aumentavam, era feito algum tipo de alteração ou reforma nos serviços desempenhados pelo órgão, demonstrando uma sincronia entre o aparelho de Estado e os canais de controle da sociedade. [...] Nessa perspectiva é que se dá a reorganização da Delegacia de Ordem Política e Social e a criação das Delegacias de Investigações e Capturas, Vigilância Geral e Costumes e Trânsito, num momento delicado na composição de forças do social, em substituição ao inadequado aparelho policial preexistente, constituíram definitivamente, o método idôneo de prevenção específica e de ação repressiva, em benefício da paz pública e da segurança das instituições, das pessoas e da propriedade. [...] Esses eram os elementos que deveriam ser protegidos do assédio comunista. Ou seja, a preservação dessas instâncias pelo Estado, era garantia da sobrevivência do próprio sistema. Daí a ação implacável principalmente após o Estado Novo<sup>198</sup>.

---

<sup>197</sup> FOLHA da Manhã. Recife, 27 Nov. 1941.p.3

<sup>198</sup> SILVA, Marcília Gama da. **O D.O.P.S e o Estado Novo**: os bastidores da repressão em Pernambuco. (1935-1945). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1996. p 77-78.

Baseado nesse elenco de fatores, que colocam em cena pessoas com diferentes histórias de vida e lugares de fala<sup>199</sup>, podemos considerar uma agremiação carnavalesca como um órgão em atuação constante na cidade, que, relacionada ao seu cotidiano, transforma suas sedes em territórios com múltiplas funcionalidades, onde se promovem ações de integração entre o grupo e a sociedade, contribuindo para o aumento das possibilidades de vida e de escolha das pessoas envolvidas, assim como da comunidade na qual estão inseridas. Essa realidade transforma as sedes “junto com outras associações de caráter propriamente carnavalesco ou esportivo, nos principais centros recreativos das parcelas pobres.”<sup>200</sup>

Nesse sentido, mais que um conjunto de obras físicas, esses lugares constituem núcleos de potencialização de energias criadoras. Aqui, o conjunto de ideias do carnavalesco transforma o ambiente colorido e agitado de uma sede em espaços de fabricação de sentidos, que se materializam de diferentes formas, compondo uma estrutura maior que necessita de um corpo de especialistas responsável pela gestão desses bens.

Como empreendedores, as agremiações criam mecanismos de formação, difusão e fruição cultural, cujos parceiros imediatos são os próprios sócios - agentes culturais da localidade reconhecidos pela arte do corte-costura, da marcenaria, do bordado, do saber trabalhar com eletricidade, entre outras formas de saber e fazer que percebem a cultura não somente como linguagem artística, mas também como mobilização social, como cidadania e economia.

O desfile das agremiações carnavalescas desempenha um papel importante nesse processo, no sentido em que ocupa o tempo dos jovens e adultos ociosos, envolvendo-os nas aulas de dança realizadas na própria sede, em palestras e outras ações que contribuam para a reintegração crítica, a recuperação da auto-estima e do sentimento de pertencimento comunitário

---

<sup>199</sup> Utilizamos essa expressão para designar os diferentes lugares de fala presentes no interior de uma agremiação, referindo-se aos espaços que cada membro tem para manifestar suas ideias, seja em reuniões abertas com os próprios membros dirigentes ou tecendo algum comentário em horário, local e companhia não adequados.

<sup>200</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. E o Rio Dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922), in CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). **Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002. p 420.

dessas pessoas, propiciando um reordenamento pessoal e social capaz de fazer frente às experiências desagregadoras da rua (vícios, ociosidade, “indivíduos sem profissão, nem vontade, vivendo nos postes dos bondes e pontos de aglomeração, pedindo um tostão para a passagem ou para comprar um pão”<sup>201</sup>) e principalmente às ideias extremistas, entre as quais se destaca o comunismo.

Percebendo o potencial social e econômico dessas instituições, o Estado implanta nas áreas de grande concentração populacional e carnavalesca (Afogados, Santo Amaro e Água Fria, por exemplo) um programa cultural que engloba desde a realização de aulas da dança, oficinas lúdicas, palestras e conferências de variadas temáticas sociais e culturais a cursos profissionalizantes destinados a homens e mulheres trabalhadores, que destinam seus momentos de lazer, muitas vezes aos ensaios e preparativos do carnaval. Para Agamenon,

entre os problemas do Estado, nenhum excede, em importância e transcendência para a vida nacional, ao da educação e cultura. Nessa matéria, o método e a técnica avançaram tanto que o ensino ficou indefinido e confuso. Diria melhor, ficou sem orientação. [...] Chegou-se a conceituar a cultura como um “fato mental” novo, apagando, na estrada dos séculos os rastros da humanidade, e isolando o homem dos altares e dos deuses, da família e da Pátria. A técnica fugia do espírito, matando a tradição. E, assim, secaram as fontes do patriotismo e da crença, transformando-se as escolas em fábricas de conhecimento, sem sentido, nem conformação moral<sup>202</sup>.

Partindo dessa visão que o Estado tem do ensino atrelado à disciplina e à cultura, identificamos no interior das agremiações carnavalescas, algumas iniciativas socioculturais de caráter formativo e informativo, a exemplo das aulas de dança oferecidas pelo clube *Pão da Tarde*, todas as quartas-feiras, na sua nova sede, na Rua Imperial<sup>203</sup>; e da conferência pública com temas diversos, realizada no Clube de Frevo *Bola de Ouro*, na Avenida Norte, em

---

<sup>201</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 03 Mai. 1938.p.3

<sup>202</sup> *Ibid.* Recife, 16 Mar. 1938.

<sup>203</sup> Carta escrita pelo senhor secretário geral do clube, José Maia, endereçada à Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco. Recife, 26 Ago. 1941. Fundo DOPS - APEJE Pasta 648.

Santo Amaro<sup>204</sup>. Essas atividades de caráter educativo-pedagógico, disciplinadoras, geradoras de emprego e renda, inserem-se também no programa de exigências da Federação Carnavalesca, aliada ao novo projeto de sociedade, cujo lema é “a valorização do corpo e do espírito”<sup>205</sup>. A FECAPE também exigia a participação das agremiações filiadas, sob pena de não receber a subvenção pública e não ter a sua licença para desfile autorizada pela polícia, nos eventos populares ocorridos na cidade, como a Exposição Nacional de Pernambuco, organizada pelo Estado em janeiro de 1940, e que contou com a presença de Agamenon Magalhães, do professor Barreto Campelo, do interventor da Paraíba Argemiro de Figueiredo, do prefeito do Recife Novais Filho, do padre Fouquier (que proferiu a palestra “O Comunismo e a Campanha dos Sem-Deus, no Pavilhão Anti-Comunista do evento), entre outras autoridades e alguns clubes, troças e blocos ligados à Federação<sup>206</sup>.

O novo paradigma pedagógico aponta para uma manipulação dos programas e currículos educacionais em nível nacional, seguindo a linha de um pensamento que se vinculava ao projeto político nacional. Em Pernambuco, o governo revitaliza o Seminário Pedagógico, que passou a exercer o controle e a fiscalização do ensino em todas as suas nuances, inclusive os de caráter profissionalizante. Segundo a historiadora Maria das Graças Ataíde:

Ao Seminário Pedagógico caberia veicular um discurso educacional – réplica do discurso político do Estado – no qual a relevância dada ao aparelho escolar, como instrumento na formação da hegemonia, substituiria qualquer possibilidade do uso da força para a legitimação do novo regime. Caberia ao Seminário Pedagógico transformar em senso comum a nova política, assegurando o consentimento, via persuasão.<sup>207</sup>

Nesse sentido, seguindo o plano de reeducação das massas, que associa educação, cultura, trabalho, Pátria e Igreja, destacamos a atuação dos Centros Educativos Operários, criados pelo governo e distribuídos pelos

---

<sup>204</sup> Convite da Conferência Pública realizada na sede do Clube Bola de Ouro. Recife, 23 Mar. 1941. Pasta 720. Acervo DOPS - APEJE.

<sup>205</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 16 Mar. 1938.p.3

<sup>206</sup> *Ibid.* Recife, 04 Jan. 1940

<sup>207</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. Op. Cit. p. 49. Esse ideário educacional preocupado em criar um pensamento comum, adestrado a nova ordem política, salvaguardando as mentes de “doutrinas dissolventes” como as comunistas, por exemplo, vincula-se aos interesses de uma política nacional, cujo modelo identifica-se nas escolas fascistas italianas e espanholas.

subúrbios do Recife, com o propósito de atender a classe trabalhista, principalmente a mão-de-obra masculina, no sentido de ocupar “muitas cabeças e muitos braços”<sup>208</sup>. Segundo Agamenon Magalhães:

Nos Centros Educativos, o operário encontra instrução primária e profissional, educação social trabalhista e educação cívica, assistência médica e assistência dentária. Procuram os Centros desenvolver o sentido de hierarquia nas massas, formando, em cursos de economia social, uma elite operária. Eles congregam atualmente 5.000 trabalhadores católicos.<sup>209</sup>

Ocupados, esses homens estudam um programa de ensino que prioriza a família, o trabalho, a pátria e a religião católica, e elimina todos “os elementos de cultura inidônea, fechando todas as portas à anarquia da inteligência, à amoralidade”<sup>210</sup>, domesticando seus corpos e suas mentes. Uma disciplina que visa, sobretudo, o aumento da produção, da força econômica e a diminuição da força política. Uma disciplina que fabrica “corpos dóceis”, parodiando Michel Foucault.

Para as mulheres são oferecidos cursos relacionados às atividades do cotidiano, culinária, corte e costura, bordados, artesanato, muitos dos quais multiplicados no interior das suas casas e nas sedes das agremiações carnavalescas para aquelas interessadas que não conseguiram uma vaga nas aulas. Sobre essas atividades de formação cultural e trabalhista, realizadas em salas e galpões arejados e simples, sem nenhum requinte arquitetônico, o interventor destaca:

tomei a iniciativa de instalar nos subúrbios do Recife, por intermédio da Prefeitura, pequenas oficinas de costura, onde as mulheres sem meio de subsistência, pudessem encontrar durante o dia e à noite, máquinas de costuras e um curso sobre corte, bordados e flores. Não só instrumentos de trabalho, como a instrumentação necessária para criar e desenvolver o trabalho em domicílio<sup>211</sup>.

A intensa procura por esses cursos leva o governo a priorizar em suas ações a construção de salas de aulas em bairros de grande concentração populacional, com formação de turmas numerosas, em mais de um turno, para atender e manter ocupadas o maior número de pessoas possível. Assim, o

---

<sup>208</sup> Ibid. Recife, 05 Abr. 1939.p.3

<sup>209</sup> Ibid. Recife, 03 Mai. 1938.p.3

<sup>210</sup> Ibid. Recife, 16 Mar. 1938.p.3

<sup>211</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 26 Mar. 1938.p.3

Interventor inaugura, em 24 de janeiro de 1938, no subúrbio de Afogados, a primeira sala de costuras. Segundo o político,

já se acham inscritas 35 costureiras, distribuídas por 6 turmas, trabalhando pela manhã e à tarde, em dias diferentes. Fazem ali o curso de corte, costura, bordados e flores 163 alunas, em turmas de 30, aulas duas vezes por semana<sup>212</sup>.

Com essa mesma estrutura, comprimindo em pequenas salas de aulas uma grande quantidade de alunas, o Estado inaugura outros espaços de aulas em outras localidades pobres da cidade, como Água Fria e Santo Amaro, por exemplo, onde “já se inscreveram 16 costureiras e 160 moças para o curso de corte e fabricação de meias e gravatas”<sup>213</sup>.

Esses locais, engajados no programa governamental de reeducação das massas, além de configurarem como espaços de formação cultural, profissional e educacional da população pobre, desempenham um importante papel social. Eles atuam como ponto de encontro dos moradores de uma mesma comunidade, circulação de valores, produções simbólicas e diálogos, acentuando o trânsito entre familiares e vizinhos; amigos e companheiros de trabalhos e de uma mesma agremiação ou não. Funcionam, sobretudo, como espaços de “cura, de purificação, onde uma profilaxia, uma política de prevenção, era realizada no sentido de não deixar que as crises se formassem, para depois reprimir o mal-estar coletivo”<sup>214</sup>.

Em meio a esse intercâmbio de ideias, as experiências são repassadas em outros espaços para além das salas de aulas. Os encontros semanais nas sedes das agremiações funcionam como momentos de multiplicação do aprendizado, produzindo não somente fantasias e alegorias, mas principalmente novas ideologias. Nesses espaços, onde as relações são estabelecidas e fortalecidas a cada reunião, os membros associados reafirmam o sentimento de pertencerem a um mesmo grupo. O diálogo e a convivência entre eles permitem criar o que conhecemos por vida em sociedade, com seus costumes, suas regras e culturas diversas. Lugar comum em que um grupo de

---

<sup>212</sup> Idem

<sup>213</sup> Idem

<sup>214</sup> GOMINHO, Zélia de Oliveira. **Veneza America x Mucambópolis**. O Estado Novo na Cidade do Recife (Décadas de 30 e 40). Recife: CEPE, 1998. p. 148



peças tão diferentes entre si, mas ao mesmo tempo tão parecidas, brinca e se diverte, forma opiniões, reconhece o seu lado místico, desenvolve aptidões, utiliza o mesmo vocabulário, conhece pessoas e reconhece outras, cria e recria identidades, que representam valores históricos, transmitidos através da oralidade, da intuição. Uma afinidade irrestrita, que *parece até que tem feitiço*<sup>215</sup>.

---

<sup>215</sup> Verso da música **Sabe Lá Que É Isso**, de autoria de João Santiago e hino do *Bloco Carnavalesco Misto Batutas de São José*. A letra foi escrita para o carnaval de 1952, mas só veio a ser gravada em 1973, pelo Quinteto Violado e Zélia Barbosa. A composição tornou-se um dos frevos mais conhecidos nacionalmente, com sucessivas regravações. Segue a letra: “*Eu quero entrar na folia, meu bem /Você sabe lá o que é isso/ Batutas de São José, isso é/ parece que tem feitiço/Batutas tem atrações que/ninguém pode resistir/Um frevo desses bem faz/demais a gente se distinguir/Deixe o frevo rolar/Eu só quero saber, se você vai brincar/Ah” Meu bem sem você não há carnaval/Vamos cair no passo e a vida gozar.*”

*Capítulo 2*

*“Até parece que tem feitiço!*

*Entra na cabeça, toma conta do corpo e acaba no pé”*



Voltei Recife  
Foi a saudade que me trouxe pelo braço  
Eu quero ver novamente Vassouras na rua abafando  
Tomar umas e outras e cair no passo  
Cadê Toureiros, cadê Bola de Ouro  
As Pás, os Lenhadores  
E o nosso Batutas de São José  
Quero sentir a embriaguez do frevo  
Que entra na cabeça  
Depois toma o corpo e acaba no pé  
(Luiz Bandeira)

Uma vez, o poeta pernambucano Manuel Bandeira escreveu que “a saudade extingue a voz” e “tudo que amamos são pedaços vivos do nosso próprio ser”.<sup>216</sup> Esses versos propõem uma profusão de sentidos, que não se curvam às definições de um dicionário limitado. A música de Luiz Bandeira também esbanja muitos sentidos. Ela não se revela completamente. “Parece que tem feitiço”. Uma força invisível que “entra na cabeça, depois toma o corpo e acaba no pé”.

Essa energia misteriosa, que atrelada à saudade, deixa sem voz não somente o poeta de “A Cinza das Horas”, mas também o folião que durante os três dias de Carnaval cantou, gritou, chorou, silenciou... Uma saudade que invade a intimidade e traz Bandeira (o compositor) de volta ao Recife para ver “Vassouras”, “Toureiros”, “Bola de Ouro”, “Pás”, “Lenhadores”, “Batutas de São José”; para rever amigos e parentes; para “cair no passo, tomando umas e outras”.

Mas o que é mesmo “Vassouras”, “Toureiros”, “Bola de Ouro”, “Pás”, “Lenhadores”, “Batutas de São José”? São “pedaços” da história do Recife guardados na memória de Luiz Bandeira. Nomes carregados de simbologias, que lembram a sua juventude, têm cores e cheiros próprios. São motivos para suas composições e despertam um sentimento de quem se percebe distante dos “sons das buzinas dos automóveis confundindo-se com as marchas, os frevos e os maracatus; das brincadeiras com *balas gazosas a base de limão*”<sup>217</sup>, dos olhares curiosos dos policiais que amarram seus instintos de folião com serpentinas presas aos pés.

Neste capítulo, falaremos de outros “pedaços” que não se encontram explicitamente nos versos dos frevos, mas presentes no mundo social e

---

<sup>216</sup> Manuel Bandeira, “A vida assim nos afeiçoa” (A Cinza das Horas), in Poesias, p. 33.

<sup>217</sup> **Olha a Curva**. Recife, Fev. 1937. Ano 1, nº 1. p1.

histórico de quem os cantam e dançam. Veremos que a cultura carnavalesca vivenciada nas ruas, não acontece de forma homogênea. Existem diferentes grupos culturais, com características diversas, compostos por diferentes classes sociais, ideologias, que se organizam, cantam e dançam cada um a sua maneira, embora compartilhem o mesmo intervalo de tempo.

A rigor, não é um tempo qualquer. O período compreendido situa-se entre a Festa de Reis (6 de Janeiro) e a Quarta-Feira de Cinzas.<sup>218</sup> Nesse intervalo, tramas sociais são construídas, as pessoas se relacionam: trocam informações, negociam espaços de circulação na área pública, discutem valores, conversam sobre economia, política, religião, oportunidades de trabalho, fatos reais e imaginários, assuntos do presente e do passado.

Partindo dessa perspectiva, fugimos do senso comum de algumas produções acadêmicas sobre o Carnaval, que ficam exclusivamente circunscritas às emoções que a comemoração desperta nos participantes, como se fossem as únicas vias para se chegar a uma explicação dos comportamentos sociais. Pelo contrário, o Carnaval é como uma malha que “resulta das relações sociais urdidas no cotidiano, criadas no exercício diário da convivência e no partilhar de experiências comuns na família, na vizinhança, no trabalho, no lazer, na vida religiosa, social e política”<sup>219</sup>. Acreditando nesse pensamento, partimos em busca dos “significados profundos que ele pode tomar através do tempo e do espaço, uma vez que não é igual por toda parte e não permanece imóvel, pois como fato social está em constante transformação”<sup>220</sup>.

Dessa forma, as evidências aqui analisadas não partirão somente do já dito, do rufar dos tambores, do chocalhar dos maracás, mas também do não

---

<sup>218</sup> Do ponto de vista da organização do calendário das festividades populares, as celebrações são divididas em ciclos, segundo o calendário da Igreja Católica, o qual compreende: o carnavalesco, o junino ou joanino e o natalino. Para fins deste estudo, apenas o carnavalesco nos interessa, uma vez que tem início no dia 6 de janeiro (dia em que se comemora as festividades dos Santos Reis, marcando o término do ciclo natalino e o início dos tempos carnavalescos) e vai até a quarta-feira de cinzas, período em que principia um novo ciclo, a Quaresma. Para uma leitura mais específica sobre a organização das práticas festivas, assim como o estudo desse fenômeno, consultar SERRA, Ordep. **A Festa de Largo e seus Horizontes**: uma breve reflexão. In: Eparrei, Bárbara: fé e festas de largo em São Salvador. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. p 11-18. BENJAMIN, Roberto. **Folgedos e Danças de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1989. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

<sup>219</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia. Op. Cit. p. 360.

<sup>220</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito**. São Paulo: Brasiliense, 1999. p 196.

dito, do silêncio dos clarins, dos nós que transparecem da fantasia de um folião deixada pelo avesso. A nossa intenção com esse capítulo é mostrar que o Carnaval de Rua do Recife vivenciado, divulgado e estudado na Era Vargas como espaço da desordem e da violência, não é um dado desde sempre. É uma invenção construída historicamente, que marginalizou as manifestações de rua, os foliões e os espaços da cidade frequentados por essa parcela da sociedade<sup>221</sup>.

A ideia consiste em estudar os vários discursos criadores de estereótipos que levaram a sociedade a relacionar o frevo, o maracatu, o caboclinho e outras manifestações da cultura popular a práticas inicialmente perigosas, desordeiras, vinculadas à pancadaria, à embriaguez, ao baixo espiritismo, à festa de Satanás<sup>222</sup>. Para alguns setores da sociedade, a maneira como se brincava o Carnaval na rua refletia o estágio de “barbárie” de grande parte da população, que não conhecia ou que ignorava as virtudes dos tempos modernos e do progresso. As festas públicas eram consideradas espaços de violência, frequentados por pessoas perigosas, com histórias de vida relacionadas a brigas, homicídios e prisões. Nossa preocupação, nesse texto, é justamente “não tomar os discursos como documentos de uma verdade, mas como monumentos de uma construção”, concordando com o que pensa Durval Muniz<sup>223</sup>. Em vez de buscar uma continuidade histórica para os discursos estereotipados, suspeitamos dessas continuidades, pondo em questão a estrutura da festa, os espaços onde aconteciam e o próprio público: o participante e o observador.

Nesse sentido, para além desses discursos, destacaremos outras ideias que circulam na cidade na tentativa de disciplinar esse carnaval violento. A presença do povo nas ruas, a popularização dos clubes, troças e blocos e a

---

<sup>221</sup> Para a construção dessa análise, faremos uso de alguns conceitos metodológicos referentes à Análise de Discurso, como por exemplo, a ideia de silêncio e do discurso como lugar de contato entre língua e ideologia. Veremos que “todo discurso já é uma fala que fala com outras palavras, através de outras pessoas” e que também “o silêncio atravessa as palavras, que existe entre elas, e que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz”. Sobre esta reflexão, indicamos as leituras de ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 2007. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 7ª Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Pontes, 2007.

<sup>222</sup> **JORNAL do Comercio**. Recife, 07 Fev. 1939, p 6.

<sup>223</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. Op. Cit. p 24.

conquista do espaço público da festa por esse segmento social durante as primeiras décadas do século XX, levaram o Estado e as elites a repensarem as formas de se relacionarem com esses grupos e seus dirigentes. A ideia agora nutrida entre as autoridades é de aproximação das massas. O Estado inclui no seu projeto político, verba própria que se destina à manutenção dos divertimentos públicos, sendo distribuída entre as agremiações como forma de subsídio e premiações. A imprensa passa a inserir na sua rotina, as visitas aos ensaios e a cobertura das apresentações dos grupos nas festas oficiais da cidade, principalmente a partir da criação da FECAPE.

A atuação da Federação Carnavalesca, a partir de 1935, também fortalece esse canal de comunicação, que por meio de discursos, palestras, disciplina, controle e vigilância, penetra no cotidiano desses grupos, transformando atitudes e modos comportamentais dos seus membros.

Por meio de uma “pedagogia da festa”, a mesma sociedade que antes recriminava a forma de brincar desses clubes, blocos e troças nas ruas, encontrará no frevo, o elemento de síntese cultural; uma manifestação urbana que reúne aspectos tão expressivos da nossa história, o ponto comum que nos identifica enquanto pernambucanos e faz do Carnaval, uma festa popular e brasileira.

## **2.1 Vozes, buzinas e picaretas: o frenesi de uma nova cidade.**

No início do século XX, as principais capitais brasileiras passam por transformações aceleradas nos planos da política, da economia e da cultura. O Recife - “metrópole regional do Nordeste”<sup>224</sup> – torna-se palco de uma ampla reforma urbanística, sintonizada com os anseios da burguesia, então obcecada pelas ideias de “progresso” e de “civilização”. Vivemos momentos agudos de mudanças históricas e redefinição dos lugares sociais da população, novos hábitos são determinantes para a construção de um novo modelo comportamental dos recifenses. Essas transformações não constituem o foco desse trabalho, mas são importantes para compreendermos como era pensada

---

<sup>224</sup> ARRAIS, Raimundo. **A Capital da Saudade**: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo. Recife: Ed. Bagaço, 2006. p 22.

a organização dos divertimentos públicos, principalmente aqueles que atribuem uma nova configuração à cidade, apropriando-se simbolicamente e resignificando seus espaços, a exemplo do Carnaval.

Nas primeiras décadas do século passado, o Recife parecia estar em ebulição. A população se avolumava, o barulho tomava conta das ruas, as avenidas eram verdadeiros territórios da loucura. Um cenário marcado por diferentes sonoridades, onde os sons das picaretas, que derrubavam imóveis e monumentos públicos para abertura de novas vias de circulação, confundiam-se com as buzinas dos automóveis, que se misturavam com as conversas nos pontos de parada dos bondes, com as negociações dentro das lojas, com os pregões dos vendedores ambulantes, com os alto-falantes nas fachadas dos prédios, com as sirenes das fábricas convocando os operários para mais uma jornada de trabalho. A cidade vivia um verdadeiro *frenesi*.

Essa ambientação é resultado de uma industrialização crescente e de um reajuste dos valores econômicos do país ocasionados com a crise do pós-guerra, que somados ao desenvolvimento das nossas rodovias, a eficácia do rádio, do transporte aéreo, do automóvel, a Revolução de 1930, o Golpe de Estado de 1937, dão ao Recife outra atmosfera. Essas transformações proporcionam mudanças nas relações sociais, principalmente com a formação de uma classe operária e a disciplina do trabalhador, que fazem surgir outros quadros e outros pensamentos.

A rua se torna então um importante espaço de sociabilidades entre os seus habitantes, onde “a vida em toda a sua diversidade, desenvolve-se entre os paralelepípedos cinzentos”<sup>225</sup>. Ficar em casa, repousando nos finais de semana é sinônimo de caduquice para o homem moderno. O lema agora é: “todos para a rua: é lá que a ação está. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito”<sup>226</sup>.

Assim, durante a semana, logo cedo, o falatório entre os transeuntes revela a existência de uma cidade em movimento:

---

<sup>225</sup>BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. p. 35.

<sup>226</sup>SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**. São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 33.

Operários passam para as fábricas, para as docas, para as construções, alguns levando as latinhas para com as suas refeições, outros os instrumentos do seu trabalho. Bandos de cigareiras, no colorido variado dos vestidos, numa algaravia feminina que a manhã bonita estimulava, grupos de costureiras querendo puxar a elegância num reclamo de maestria profissional, pares de criadinhos e cozinheiras, em palestras, em confidências contra as patroas, todos buscando os empregos ou caminhando para as compras nos mercados. Nas vendas, abriam-se as portas de madeira, punham amostras de feijão, de milho, de charques à vista dos transeuntes; penduravam papelões com *pressos* em agoniado português; uma carrocinha de leite distribuindo garrafas de boca em estado de sítio: bem arrolhadas; um gazeteiro apregoando os matutinos; *psius* de um sobrado fazendo os olhos se altearem e um vulto de mulher surgindo na varanda, protegendo a nudez do seio com o roupão vistoso contido pela mão, porém mostrando muito das pernas<sup>227</sup>.

Uma espécie de coral itinerante, que mistura vozes incoerentes, saudações, comentários, respostas, desdêns, pragas, pregões. Cenas que marcam a vida dos moradores da urbe, atribuindo à paisagem urbana um conjunto de vários sentidos. No centro do Recife, determinados trechos da cidade incorporam representações que são assimiladas pelos moradores da localidade. No Pátio de São Pedro, por exemplo, o sol e o calor intenso excitam os transeuntes em busca de uma sombra e de um frescor numa carrocinha de gelada, conforme a descrição de Mário Sette:

[...] Os carregadores de açúcar da praia de Santa Rita, muito suados, de braços nus e musculosos, de manés-joões melados, [saboreiam] frescor de abacaxis; a preta dos bolos, habitual da esquina da Rua do Fogo, [expõe] o tabuleiro envidraçado cheio de mães-bentas, cocorotes, pastéis de nata, mata-fomes, [...] à espera da freguesia acostumada. Soldados da polícia [grelam] raparigas de pixains alvoroçados. Um cavalo, à porta de uma vendola, já livre dos sacos de carvão que trouxera, [bate] constantemente com as patas no calçamento, num afugentar das moscas que [teimam] em pousar-lhe num flanco ensangüentado<sup>228</sup>.

---

<sup>227</sup> SETTE, Mário. **Romances Urbanos**. Seu Candinho da Farmácia. Recife: Ed. Do Organizador, 2005. p 186-7.

<sup>228</sup> Idem. p 45.



Na Rua Nova, “local onde se [concentra] o comércio mais fino da cidade”<sup>229</sup>, encontramos pelas calçadas e rua, entre o público da Leiteria Vitória<sup>230</sup>, dos consultórios médicos e das lojas elegantes,

o soldado de polícia levando o preso pelo cós; os tocadores de tachos, oferecendo-se para remendar panelas e caldeirões; um cego que [pede] esmolas, soprando num realejo; engraxates no pé das escadas que [dão] acesso aos consultórios; e até um verdadeiro mercado de vendas de pequenos animais, acomodados em caixas de sapatos: cachorros, tartarugas e pintinhos que, para atrair a atenção da freguesia, meninos em geral, [são], às vezes, extravagantemente pintados de róseo e até de azul<sup>231</sup>.

A alguns passos dessa afamada rua, outros tantos trabalhadores ganham a vida sonorizando os pátios e os becos da cidade com a criatividade de seus pregões, num misto singular de emboladas e poesias:

Pintomba, tomba não tomba  
chora menino por um vintém  
pede a papai que mamãe não tem

È doce, é doce o abacaxi  
É doce, é doce e é barato.

Ostra chegada agora, chegada agora, chegada agora  
Banana prata, maça madurinha, sapoti, sapotá  
Manga espada, manga rosa, sapati, Itamaracá

Ê a bolinha de cambará, dois pacotes é um tostão.  
Ê munguzá, tá quentinho, munguzá,  
está bom, espiciá<sup>232</sup>.

---

<sup>229</sup> PARAÍSO, Rostand. **A Velha Rua Nova e Outras Histórias**. Recife: Ed. Bagaço, 2002. p 137.

<sup>230</sup> A Leiteria Vitória foi uma casa bastante frequentada no centro do Recife nas primeiras décadas do século XX. Localizada entre a Rua Nova e a Matias de Albuquerque, era uma casa que oferecia um variado cardápio aos seus frequentadores: sanduíches, abacate com leite, macarronada, papa de aveia, cartola, ovo frito, maltado. Segundo o pesquisador Rostand Paraíso, um local de preferência do público masculino, que, enquanto esperavam a sessão do Cine Royal, lanchavam e paqueravam as moças que admiravam as vitrines.

<sup>231</sup> PARAÍSO, Rostand. **A Velha Rua Nova e Outras Histórias**. Op. Cit. p 136-163.

<sup>232</sup> Pregões dos vendedores ambulantes do Bairro de São José em poesias de Solano Trindade. Ver documentário **Solano Trindade: 100 anos**, de Alessandro Guedes e Helder Vieira. Recife, 2008.



Vendedor de caldo de cana pelas ruas do centro do Recife.  
Fonte: **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 1 jan. 1938. p 8.

Nesse cenário de múltiplas cores e sons, componentes de um imaginário da sociedade são projetados sobre o espaço, as ruas, as calçadas, os adros, as praças e as pontes, que revestidos de simbolismos, atribuem uma dinâmica própria ao cotidiano da cidade. Essa movimentação da urbe intensifica-se com a multiplicação de espaços de convivência de estranhos nas primeiras décadas do XX. O Recife torna-se o terceiro município mais populoso do país, perdendo apenas para Rio de Janeiro e São Paulo, e possui uma população com aproximadamente 342.740 habitantes, entre os quais 157.487 são homens e 185.253 são mulheres<sup>233</sup>. Essa atração exercida pela área urbana explica-se não somente pela natureza da dinâmica econômica porque passa o país nessa época, mas também, pelo fato do Recife ser a capital do estado, e por isso, sede do poder de decisão, o que difere de outras cidades, produzindo uma atmosfera urbana singular<sup>234</sup>.

Num ritmo diferenciado, a cidade vai sendo ocupada por uma legião de pobres e desabrigados, sobretudo, pela massa de proletariados (ferroviários, trabalhadores dos transportes e serviços urbanos, trabalhadores do porto, operários das fábricas, gráficos, entre outros), que se forma no Recife, decorrente de migrações originadas de outras áreas do estado, depois das crises dos engenhos de açúcar da zona da mata pernambucana e das estiagens que reduzem às populações do sertão à extrema miséria. O ingresso na capital não alteraria muito esse quadro. As necessidades de trabalho, moradia e assistência social continuam as mesmas, embora muitos alimentassem a esperança de que a vida na capital possibilitaria melhores condições de vida e de escolhas. Segundo Raimundo Arrais,

as possibilidades de absorver a massa de imigrantes que chegavam à capital eram mínimas. [...] Muitos indivíduos sobreviviam atolados nos mangues, pegando caranguejos, vendendo roletes de cana, submetendo-se à exploração, por vezes brutal, dos serviços domésticos e alojando-se, antes das reformas da segunda década do século, em casebres,

---

<sup>233</sup> [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/comentarios.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf)> Acesso em 28/09/2008.

<sup>234</sup> Sobre o processo de ocupação urbana de cidades que sediam os núcleos de poder e decisão política de cada estado, ver o trabalho da historiadora ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. **A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

mocambos ou cortiços no velho Bairro do Recife, quando não em becos escuros ou sob o teto das pontes<sup>235</sup>.

Essa realidade proporciona o crescimento desordenado da cidade identificado pela pesquisadora Virgínia Pontual durante os estudos de proliferação da cultura dos mocambos no Recife. Segundo a autora, pelo censo de 1913, “um total de 16.347” mocambos existia na cidade; no de 1939, “45.581 imóveis”<sup>236</sup>. A imagem de moradias desse tipo apoiadas em escoras, “feitos de todas as peças, desde a lata de querosene, da caixa de sabão até o barro preto dos paúes”<sup>237</sup>, atribui à figuração da cidade uma plástica insalubre, fétida, obscura e perigosa. “A grande avenida que liga o Recife a Olinda, só tem água e mangue, viveiros e alagadiços. [...] da ponte de Limoeiro até a Encruzilhada, observa-se um aglomerado sombrio de mocambos”<sup>238</sup>. Uma paisagem que contrasta com a estética de um Recife moderno, com arranha-céu, o novo estilo arquitetônico. “Estilo que tem sentido social. O sentido da concentração industrial. Foi esse sentido que influenciou na arte das construções, que elevam em pequenas áreas blocos formidáveis, desafiando o espaço e o tempo”<sup>239</sup>.

Caminhar pelas ruas da capital, calçadas, pontes, pátios e praças, é dividir os espaços e os olhares com diferentes públicos, que embora não desfrutem todos dos mesmos perfumes das casas afrancesadas da Rua Nova, transitam e ouvem os mesmos pregões dos vendedores; escutam as mesmas músicas e notícias dos alto-falantes, sentem os mesmos cheiros. Referimo-nos aos caminhantes da cidade: os bacharéis em Direito, os engenheiros, os jornalistas, os militares, os médicos e até mesmo as caravanas de mendigos, que em pleno progresso e embelezamento da cidade, percorrem os espaços no seu ingrato *mister* de implorar a caridade pública.

---

<sup>235</sup> ARRAIS, Raimundo. **A Capital da Saudade**. Op Cit., p 30.

<sup>236</sup> PONTUAL, Virginia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos**: narrativas do Recife das décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed. Da UFPE, 2001. p 33.

<sup>237</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “A Luta contra co mocambos”, in *Idéias e Lutas*. p 195.

<sup>238</sup> Idem

<sup>239</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 13 Fev. 1942. Sobre o processo de embelezamento das cidades, a monumentalidade das obras e sua perenidade como símbolo de poder e progresso, ver o filme *Arquitetura da Destruição*, de Peter Cohen, 2006, e ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde. Op. Cit. especialmente o capítulo 3.

A intolerância com a condição de vida do homem pobre morador do centro da cidade comunga com a ideia de “progresso” da modernidade, que visa instaurar outra ordem social em meio a uma nova ordem espacial. Agamenon Magalhães, empenhado na política de combate à inércia e à vagabundagem, põe em prática uma campanha que visa prestar um relevante serviço à estética e à moral da cidade. Para o político:

A mendicância não é uma virtude. É um vício. Vício que o Estado deve combater, como estamos fazendo com a malandragem, por meio de estabelecimentos de reeducação pelo trabalho. Quem não acreditar nos milagres da regeneração pelo trabalho, faça uma visita à Colônia do Ibura, a 25 minutos da capital, e veja o número de correccionais readaptados, empregados na Fábrica de Farinha Panificável, ganhando justo salário, contentes por terem encontrado o seu verdadeiro destino. [...] Os mendigos, em geral, não são totalmente inválidos. A sua capacidade de trabalho pode ser reduzida de 10 até 80 por cento. Mas o que eles podem produzir, deve ser aproveitado. As velhinhas farão renda. Os velhos plantarão couve. Os que não tiverem pernas, trabalharão com os braços. Os cegos terão a sua indústria. Essa, a meu ver, é que será a verdadeira caridade. A verdadeira justiça. Dar ao homem são ou doente, válido ou inválido, meios de trabalho. A consciência de ser útil. A consciência de um dever<sup>240</sup>.

Essa campanha de combate à mendicância é uma realidade que atinge as principais capitais do país, que passam a contestar não somente a expulsão dos mendigos e trabalhadores pobres da área central para desfrute de uma classe cosmopolita, profundamente identificada com o estilo de vida da capital da República, mas também “a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional e a negação de todo e qualquer elemento da cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante”<sup>241</sup>.

Essa negação das criações do popular que infama a imagem de um Recife moderno encontra-se manifestada, sobretudo, na campanha que o

---

<sup>240</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 09 Mai. 1940.p.3

<sup>241</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na primeira república. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p 43. Sobre essa nova imagem que as elites se esforçavam para construir nas capitais brasileiras, consultar o trabalho de TEIXEIRA, Flávio Westein. **As Cidades Enquanto Palco da Modernidade**: o Recife de princípios do século. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. (Mestrado em História), 1994.

Estado faz contra o mocambo e no incentivo à construção de casas populares, no sentido de solucionar um problema social que afeta todos os segmentos da sociedade. Sobre o assunto, a historiadora Zélia Gominho acrescenta:

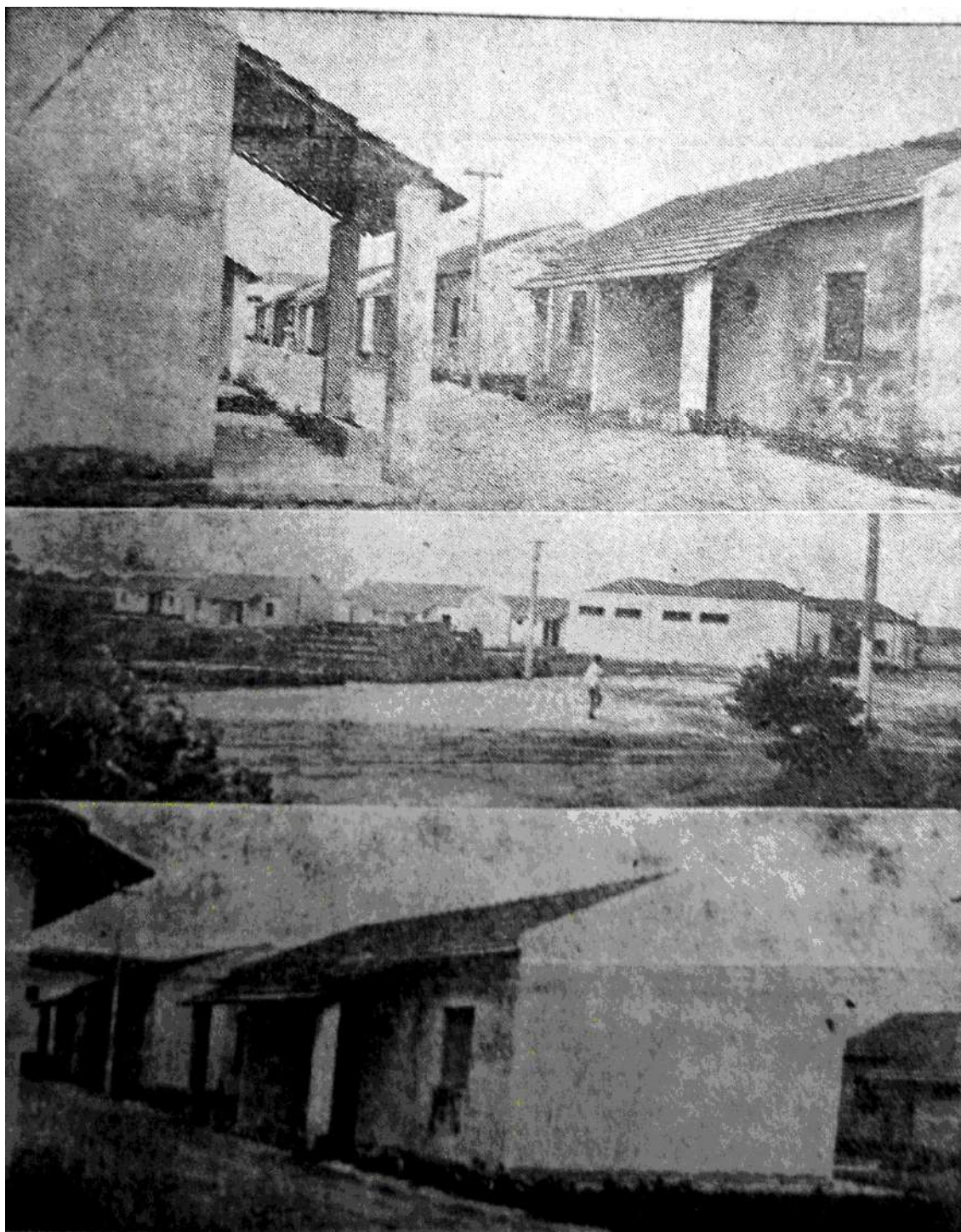
A busca da solução da questão social em Pernambuco se fazia representar pela Cruzada contra o Mocambo. Fundada em 12 de julho de 1939, no Palácio do Governo, com a presença de representantes da camada da fortuna do Recife, a Liga Social contra o Mocambo congregava prefeitura, governo do Estado, engenheiros, empresários do comércio, da indústria e da agricultura, proletários, universitários, imprensa e classe artística, cada grupo em sua função, compondo diversas comissões<sup>242</sup>.

A partir desse momento inicia-se oficialmente uma mobilização para extinguir, de uma vez por todas, a imagem do mocambo da paisagem urbana do Recife. A imprensa assume um papel de sensibilizar a opinião pública, destacando as benesses do projeto. Manchetes do tipo: “Velhos Arraiais de palha, zinco e lama”, “Habitação”, “Paisagem Social e Humana”, “O Sentido de uma atitude”, “Mudança”, “A nova jornada”, “As fábricas e os mocambos”, “O fim dos mocambo”, “A derrubada dos mocambos”, “A beleza das grandes causas”, “Como vamos acabar com os mocambos”, “Contra os mocambos”, “O pudor dos mocambos”, “A luta contra os mocambos”, “Um ano de Cruzada”, entre outras, são cotidianamente veiculadas, com depoimentos de moradores beneficiados, do interventor, do prefeito, de intelectuais, de representantes de empresas que apóiam o projeto, da Igreja. As festas de inauguração das Vilas Operárias são também fartamente cobertas pela mídia<sup>243</sup>.

---

<sup>242</sup> GOMINHO, Zélia de Oliveira. Op. Cit. p. 94-95

<sup>243</sup> Sobre o conteúdo dessas reportagens, ver AGAMENON, Magalhães. **Idéias e Lutas**. Op. Cit. p. 195-233.



Vila Operária da Fábrica do Ibura, inaugurada no Dia do Trabalho.  
Fonte: **FOLHA da Manhã**. Recife, 29 Abr. 1941.

A comissão formada pelos médicos higienistas encarrega-se de levar a temática para os hospitais, as reuniões e os congressos de Medicina no Estado, nos quais o foco das discussões constitui a necessidade de uma política sanitária voltada para as habitações populares a fim de combater os focos de infecções instalados nos mocambos – “o viveiro da tuberculose e das

moléstias tifóidicas, a morada de todas as doenças que as habitações insalubres atraem, alimentam e propagam”<sup>244</sup>. Sobre o assunto, o interventor Agamenon Magalhães publica uma carta do médico Otávio de Freitas:

Os mocambos são edificadas em lugares úmidos, aterrados quase sempre com lixo e cercados de pântanos e alagadiços, invadindo as águas das grandes marés o interior de muitas delas. Seu material de construção é composto de latas velhas ou pedaços de caixões para as paredes, e capim, palha ou folhas de zinco para a coberta. O chão não tem revestimento algum e a divisão interna, quando existe, é a seguinte: - uma sala de frente, uma alcova sem ar e sem luz onde dormem amontoadas três e mais pessoas, uma sala de jantar e ao mesmo tempo cozinha, e num pequeno pátio posterior, uma fossa fixa, constituída por um barril enterrado no solo. Isto nos mocambos que a possuem, porque em muitos, os dejetos são feitos na maré que passa perto ou encostada na habitação.<sup>245</sup>

Esse tipo de habitação também passa a ser motivo de peça de teatro na cidade. A campanha passa a ser aderida por outro tipo de público, o das artes cênicas no Recife. Com o título, “O Mocambo”, o ator, autor e diretor do Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira, escreve essa peça, que percorre vários teatros dos subúrbios, os Centros Educativos, representando nos palcos aspectos da miséria da vida nos mocambos, transmitindo a mensagem para alunos, moradores e trabalhadores de várias comunidades. Em nota na Folha da Manhã, Agamenon Magalhães afirma que,

o teatro concorreu para acabar no Recife, com o conformismo do mocambo, com a indiferença pela sorte dos humildes, para o êxito da maior e da benemérita cruzada que já se fez no Estado em defesa do homem e do seu direito de viver<sup>246</sup>.

Até no Carnaval de 1940, o mocambo vira o motivo da festa. Músicas, fantasias, aplausos e críticas. Os blocos e os clubes trazem representações da morada nos adereços e alegorias. O tradicional Clube *Os Linguarudos*, divide suas personagens em duas alas:

uma, a das damas vestidas de seda, sapatos de cetim e cobertas de jóias, trazendo na cabeça, em forma de diadema, a casinha popular da Liga Social Contra o Mocambo, e a outra, a

---

<sup>244</sup> FOLHA da Manhã. Recife, 07 Fev. 1940.

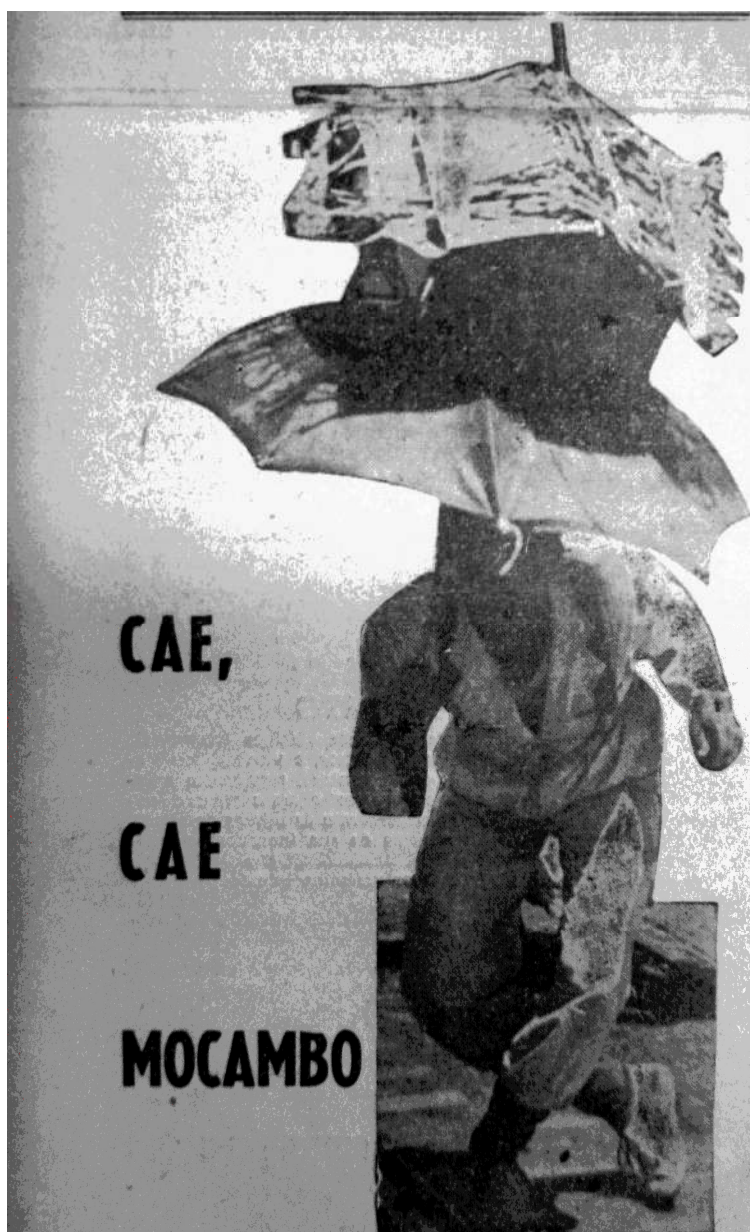
<sup>245</sup> Idem

<sup>246</sup> FOLHA da Manhã. Recife, 22 Nov. 1944.p.3



das damas vestidas de chita e pés descalços, trazendo na cabeça o mocambo escuro<sup>247</sup>.

Entre as marchas cantadas e aplaudidas nas ruas e nos clubes, “Derruba Mocambo” é o grito que se ouve, misturando-se a outras de carnavais passados, como “Cai, Cai Mocambo”, de 1938. Com a mesma temática, a *Folha da Manhã* registra um passista fantasiado, frevando e trazendo na mão um guarda-chuva com um mocambo.



Passista com guarda-chuva enfeitado com mocambo  
Fonte: **FOLHA da Manhã**. Recife, 6 Fev. 1940

<sup>247</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 09 Fev. 1940.

Somado a esse projeto do Estado de limpar a capital da “triste manchete da miséria dos mocambos”, outras moradias consideradas problemáticas e fora dos padrões de uma cidade produtora de civilização também entram na onda devastadora do “bota-abaixo”. Nessa expansão do urbano, os Bairros de Santo Antônio e São José, reduto de carnavalescos e trabalhadores pobres residentes nos numerosos cortiços de ruas estreitas e escuras, em becos sujos e sem asfalto, tornam-se um dos principais alvos dessa intervenção no centro do Recife<sup>248</sup>.

Segundo o relatório do prefeito da cidade, Novais Filho, o que se pretende para essa área do centro do Recife, dentro da nova realidade de trabalho e circulação diária de pedestres e veículos, é que a mesma cresça,

sem atropêlos nem entraves, com suas comunicações descongestionadas, suas largas avenidas necessárias ao escoamento rápido e eficaz dum tráfego naturalmente dificultado pelo rio e pelas pontes; corrige-se a desarticulação dos três principais bairros, a qual resulta da confluência do Capibaribe e do Beberibe na bacia de Santo Amaro; faz-se realçar, enfim, a beleza arquitetônica e o valor tradicional de templos como as matrizes do Santo Antonio e de São Pedro e a Basílica de N.S do Carmo<sup>249</sup>.

O novo local que o prefeito se refere é a Avenida Dantas Barreto, que compreende o trecho que vai da Praça da República (Bairro de Santo Antônio) até a Praça Sérgio Loreto, nas proximidades do Forte das Cinco Pontas (Bairro de São José). Nessa localidade, inicia-se o processo de desapropriação das famílias, cujos “casebres eram içados de uma hora para outra pelos homens do Serviço Social Contra o Mocambo, limpando a paisagem urbana de suas

---

<sup>248</sup> É importante destacar, que o Bairro de Santo Antônio, apesar de ser considerado o “Bairro do comércio elegante”, segundo Gilberto Freyre em seu Guia para os turistas, a concentração das lojas e os espaços de maior circulação das elites restringiam-se à Rua Nova, à Matriz do Santíssimo Sacramento – Santo Antônio - à Rua do Imperador, pelos jornais e cafés; à Praça da República, pelo teatro de Santa Isabel, o Palácio do Governo e o da Justiça. Por outro lado, a classe trabalhadora e pobre da cidade: operários, lavadeiras, engomadeiras, barbeiros, artesãos, costureiras, alfaiates, prostitutas (as polacas, principalmente), sertanejos migrantes, habitavam as áreas que compreende a Camboa do Carmo (próximo à Igreja de Nossa Senhora do Carmo), onde havia inúmeros cortiços e bordéis, a rua Estreita do Rosário (na lateral da Igreja de N.S. Rosário dos Homens Pretos), entre outras ruas que ficavam, onde hoje tem lugar a Avenida N.S do Carmo.

<sup>249</sup> Trecho do relatório do prefeito Novais Filho ao interventor Agamenon Magalhães. Seis anos de administração municipal. Apud GOMINHO, Zélia de Oliveira. Op. Cit. p. 92.

imundas moradias”<sup>250</sup>. Outras áreas da cidade, de acordo com a execução do plano, como Campo Grande, Santo Amaro, Encruzilhada, Cabanga, Ilha do Bode (Pina), entre outras, também têm seus terrenos desocupados para aterros e construções de ruas, avenidas e casas populares.

Nesse ambiente onde ganha vazão a preferência pelo pensamento moderno, grupos de intelectuais orquestram discursos que enfatizam a confecção de um novo ambiente, criando na sociedade o desejo de consumir outros estilos de vida. Assim, ser moderno no Recife das primeiras décadas do século XX é participar de acontecimentos sociais de grande repercussão, como a Exposição Nacional de Pernambuco, realizada no Parque 13 de Maio, nos anos 1940 (demonstrando a vitalidade econômica do Estado e visitada por desembargadores, juizes, advogados, engenheiros, membros da Academia Brasileira de Letras, entre outras autoridades); as comemorações cívicas em exaltação à pátria; a Festa da Mocidade (celebração organizada pelos estudantes das escolas superiores do Recife em favor da Casa do Estudante de Pernambuco); visitar os salões de exposição de pinturas; levar as crianças aos museus; frequentar os cinemas e discutir sobre os atores e tramas norte-americanos; ir ao teatro e se maravilhar com o talento dos artistas profissionais e amadores; assistir às apresentações de concertos da Orquestra Sinfônica dirigida pelo maestro Vicente Fittipaldi, entre outras iniciativas que “bem traduz o valor das nossas vocações para a arte e para a cultura, nas suas formas mais altas” <sup>251</sup>.

---

<sup>250</sup>CAVALCANTI, Paulo. **O Caso Eu Conto Como o Caso Foi**. Da coluna Prestes à queda de Arraes. São Paulo: Alfa Omega, 1978. p 178-180. Sobre a política de controle urbano do centro da cidade nesse período da historiografia pernambucana, consultar o trabalho da historiadora BARBOSA, Lúcia Falcão. **O Castelo de Alecrim**: intelectuais no Recife, em 21 de abril de 1960. *Op. Cit.*

<sup>251</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 08 Dez. 1943.p.3



Cartaz da II Festa da Mocidade  
Fonte: **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 01 Jan. 1938

Nesse contexto, a cultura brasileira é entendida como uma necessidade vital e “a maior força de união, contra os riscos comuns que pesam sobre o continente americano”, segundo Agamenon Magalhães, que acredita também “ser a melhor forma de resistência contra a volta da humanidade à barbárie”.<sup>252</sup>

Para o interventor:

cada vez mais me convenço de que os governos são problemas de cultura. O fim primeiro do Estado é hoje elevar os padrões humanos, elevar pela educação, que desenvolve as faculdades criadoras, em suas manifestações mais intensas e mais belas. O espírito tem necessidades das letras e das artes, como o estômago do pão. Só poderemos, pois, defender e aumentar as reservas de espiritualidade do nosso povo, pela cultura, pelo pensamento, pela educação<sup>253</sup>.

No interior dessa nova ordem que prioriza a relação entre cultura e sociedade para doutrinação das massas, o Interventor estende seus domínios aos momentos de lazer e elabora “um plano político de organização das horas livres dos trabalhadores, evitando que eles frequentem as tabernas e usem bebidas alcoólicas, procurando atraí-los para diversões sadias e festas de

<sup>252</sup> Idem. Recife, 02 Set. 1944.

<sup>253</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 08 Dez. 1943.p.3

educação cívica”<sup>254</sup>. Em geral, promove e apoia atividades que formem o caráter e o espírito da mocidade e da classe trabalhadora. O caráter forma-se prioritariamente nos cursos das escolas profissionalizantes e nas celebrações públicas, e o espiritual é uma missão que cabe à Igreja.

Entre as manifestações promotoras de emoções sadias para a massa, destacamos o papel do teatro como uma grande escola, que “transmite às multidões impressões que perduram, que ficam no subconsciente, e que vão influir na conduta social ou política de milhares de espectadores”<sup>255</sup>. Dentro dessa perspectiva, o Grupo Gente Nossa torna-se reconhecido por meio dos espetáculos realizados no Santa Isabel e nos teatros dos subúrbios com finalidades recreativas e educacionais. Entre as temáticas apresentadas, citamos: a economia do lar, o combate às doutrinas dissolventes, a dignidade do trabalho, a estabilidade da família, o amor a pátria, o combate decisivo às forças anárquicas desintegradoras da Nação como o divórcio, o comunismo, o laicismo, entre outros.

Será que a prática dessas ações pedagógicas contribui para a mudança de hábitos e do pensamento da sociedade? Dentro desse universo de atividades sadias, brincar Carnaval na rua, seguindo aos pulos as troças e os clubes de frevo e mais adiante desviar o caminho para incorporar o cortejo dos maracatus, será visto com bons olhos por todos os segmentos sociais?

De acordo com o novo modelo de Carnaval pensado pelas elites e pelo Estado, com destaque para a Federação Carnavalesca, esse tipo de celebração deve ser visto como um momento de confraternização entre os grupos e a população em geral, sem rivalidades e violências, com respeito mútuo, sem bebida alcoólica, preservando a moral e a ordem social. Brincar com as agremiações carnavalescas ao som das orquestras de frevo constitui sim, momento sadio de reforço e valorização das nossas identidades de folião, de recifense e de pernambucano, desde que obedecendo aos limites impostos pelas autoridades.

---

<sup>254</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. *Op. Cit.* p 50.

<sup>255</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “Teatro”, 04/06/1939, in *Idéias e Lutas*. p. 89

## 2.2 Um Entusiasmo que contagia: dos caboclos mascarados com vassouras aos maracatus de batutas e dragões com pás endiabrados

Quem pensa que a modernidade e a crise de 1929 enterrariam os desfiles das agremiações de rua ao som de uma marcha fúnebre tocada por algum Zé Pereira, engana-se completamente. No Recife, nem a praça fica vazia, nem o palhaço perde a graça. O dia 7 de fevereiro de 1930 amanhece no *pique do frevo*. O *Jornal Pequeno* estampa uma manchete que parece *cair como um raio* na multidão de foliões ansiosos para fazerem poeira e atijar o calor. A reportagem vem tranquilizar a população anunciando que o momento agudo da crise já passou e que a vida econômica do Estado tende a normalizar-se. Mesmo não havendo tanto dinheiro, o que existe aliado ao entusiasmo e o esforço de todos, é suficiente para não desanimar e todos caírem no frevo<sup>256</sup>.

A crise, de fato, não impede que as agremiações se organizem para os três dias de Carnaval, porém os altos preços cobrados pelas orquestras para acompanhar os grupos (realidade já existente entre os divertimentos públicos na década de 1920), e os custos com a produção de fantasias, adereços e alegorias, além das despesas com os preparativos para os bailes de carnaval (decoreação, alimentos, bebidas, atrações, etc) levam alguns dirigentes a se organizarem e buscarem nas autoridades políticas do município e do Estado, auxílios para mais um carnaval. Dessa forma, reunindo num único documento encaminhado ao Governador de Pernambuco, o Sr. Estácio de Albuquerque Coimbra, uma comissão de carnavalescos da cidade expõe a situação dos clubes, blocos e troças que pretendem se exibir no Carnaval de 1930.

Os Clubes Lenhadores, Vassourinhas e Pás têm o contrato de orchestra de seis contos de réis (6:000\$000), cada um, sendo estes os clubes de maior destaque. As troças “Bola de Ouro”, “Prato Mysterioso” e “Pão Duro” têm contrato de orchestra de cinco contos de réis (5:000\$000), cada um, sendo estas troças as de maior evidência. O bloco “Bôbos em Folia”, conjunto de grande realce, tem orchestra de quatro contos de réis (4:000\$000), contractada. Afora os conjuntos acima mencionados que têm as maiores despesas, tem mais os seguintes: “Olheiros da Várzea”, “Mocidade da Imbiribeira”, “Secretas do Arruda”, “Innocentes do Rosarinho”, “Operários

---

<sup>256</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 7 Fev. 1930. p 1.

em Folia”, “Corações Futuristas”, “Immigrantes Japonezes”, “Madeiras do Rosarinho”, “Lyra Palmeirinha”, “Quitandeiras de São José”, “Ciganas Revoltosas” “Cachorro do Homem do Miúdo” e “Missangueiras”, sendo em resumo seis clubes, nove troças e seis blocos. Referem-se que as despesas são exclusivamente de orquestra. Seus representantes não conseguem em absoluto o restante com o comércio e particulares, para figurino, ornamentação de sede, baile etc. A Comissão convida V.S<sup>a</sup> para ser patrono dos conjuntos carnavalescos, que se exibirem neste carnaval<sup>257</sup>.

O que se observa na documentação é a quantidade de agremiações mencionadas na carta. Vinte e um grupos, entre clubes pedestres, blocos e troças não condizem com a realidade do carnaval de rua do Recife na década de 1930. Muitos grupos ficam de fora da solicitação. Um documento restrito, elaborado certamente por uma equipe de carnavalescos com relações constantes, e que detêm conhecimento no cenário político local. O segundo ponto que se observa é a solicitação de subsídio desigual para os grupos. Os clubes pedestres mais antigos, por terem maior destaque no carnaval da cidade, como Vassourinhas, Pás e Lenhadores, possuem o maior número de desfilantes e terem entre seus associados, pessoas de prestígio social, como políticos, jornalistas, intelectuais, solicitam uma quantia maior para contratação da orquestra, (6:000\$000). As troças, também de maior realce na festa da cidade, solicitam um valor (5:000\$000), menor que os clubes, porém maior que o pleito dos blocos (4:000\$000) e demais grupos, que não tem valor estipulado.

A petição tem seu despacho uma semana depois, quando o governador do Estado autoriza a liberação do orçamento, conforme verba nº 155, reservada para “despesas eventuaes, imprevistas e inadiáveis”. Segundo o documento, somente os clubes:

Vassourinhas, Pás, Lenhadores, as troças Bola de Ouro, Prato Misterioso e Pão Duro e o bloco Bobos em Folia, que são pela sua natureza os que mais concorrem para o realce das festas populares carnavalescas e os que têm despesas maiores para sua exibição receberão o valor de subvenção<sup>258</sup>.

Os demais grupos não são contemplados com a verba pública. O consentimento do Estado em liberar o subsídio apenas para as agremiações

---

<sup>257</sup> Recife, 7 Fev. 1930. Fundo D.O.P.S.

<sup>258</sup> Recife, 14 Fev. 1930. Fundo D.O.P.S.

carnavalescas mais tradicionais, cujo valor das despesas fora nomeado em carta, contribui para reforçar a distinção entre os grupos, além de alimentar algumas situações de rivalidades entre eles, naturalmente causadas pela negação do pleito a algumas agremiações em detrimento de outras. Certamente, funcionários do governo ligados diretamente ao setor de recebimento e despacho desse documento, têm influência na escolha dos grupos beneficiados, muitas vezes por possuírem alguma afinidade ou aproximação com os mesmos.

Quatro anos mais tarde, em nota oficial no *Diario de Pernambuco*, a Prefeitura do Recife torna público a liberação da importância de 16:000\$000 para ser distribuída entre os clubes, troças e blocos carnavalescos, seguindo o critério que lhe parece mais viável:

Dragões de Momo – 6:000\$000; Quatro Diabos – 2:000\$000; Lenhadores, Vassourinhas, Toureiros de Santo Antônio, Batutas da Boa Vista, Batutas de São José, Aviadores do Peros, Bobos em Folia, Camponeses do Arruda, Pás – 400\$000, cada um. Madeira do Rosarinho, Flor da Lira, Magnólia, Pão Duro, Prato Misterioso, Camelo de Ouro, 270\$000, cada um. Troça Mixta Cobrança do Carnaval, Bola de Ouro, Dirigível do Torreão, Roçadores da Várzea, Traquinos de João de Barros, Flor do Amor de Campo Grande, Chama Nenen de Santo Amaro, Maracatu Camelo de Ouro, T.C.M Fumaça, Missangueiras da Boa Vista, Touro Novo, Mocidades do Arruda, Maças que Não se Vende, Pra Você de Casa Amarela, Familiar um Dia de Carnaval, Crocodilos na Serra, O Bagaço é Meu, Oleiros da Várzea, Mocidade da Floresta, Pão da Tarde, Batutas da Serra, Inocentes do Rosarinho, Guará do Torreão, Maracatu Estrela Brilhante, Velhas Barrigudas, Professores Dá com Força, Maracatu Leão Coroado, Desenhistas do Feitoza, Mocidade do Pacheco, Maracatu Elefante, Ursos de São José, Angolões do Peres, Familiar Tara Boi, Sol Nascente, Banhistas do Pina, Cachorro do Homem do Miúdo, Não Somos Trouxa do Pombal – 75\$000, cada um. Somente terão direito ao auxílio, os clubes, troças e blocos que provarem a sua exibição pelo Carnaval, mediante certificação da polícia<sup>259</sup>.

Uma análise mais detida da documentação leva-nos a perceber que um número maior de agremiações tem o seu pleito atendido pelo município. No entanto, o valor antes destinado pelo Estado aos clubes pedestres, passa a fazer parte exclusivamente de um Clube de Alegorias e Críticas, os Dragões de

---

<sup>259</sup> **DIARIO de Pernambuco**. Recife, 11 Fev. 1934.



Momo – instituição em bastante evidência na cidade na época, que reúne muitos intelectuais e políticos. O valor de (2:000\$000), menor que o primeiro, porém significativo, coube ao outro Clube de Alegorias, o Quatro Diabos; cabendo aos clubes pedestres, outrora contemplados com a maior parcela da subvenção, a quantia equivalente a 400\$000. Para alguns blocos e troças tradicionais da cidade coube o valor de 270\$000 e para aqueles iniciantes ou que trazem em seu cortejo um menor número de desfilantes, a quantia de 75\$000. Nota-se um certo prestígio das autoridades municipais com os clubes de alegorias em detrimento dos clubes pedestres, e desses, principalmente os mais antigos, com aqueles cuja existência e fama são ainda incipientes.

A partir de 1935, com a criação da Federação Carnavalesca Pernambucana, o repasse do orçamento público destinado ao carnaval passa a ser organizado pela referida instituição, que juntamente com representantes do governo do Estado, governo do município, intelectuais, jornalistas, empresários, delegados da Secretaria de Segurança Pública e outras autoridades representativas passam a centralizar todas as decisões relacionadas aos festejos de Momo na capital.

Nesse sentido, somente os grupos filiados à FECAPE passam a ter direito à subvenção concedida pelo poder executivo ao carnaval popular, “como forma a beneficiar o mais possível as agremiações que lhe são filiadas e cujo soerguimento e defesa constituem fins principais de seu objetivo.”<sup>260</sup>. No Carnaval de 1938, a Federação divulga que possui 165 clubes filiados, entre os quais se destacam as agremiações ligadas ao frevo, que tiveram o seu momento máximo entre as décadas de 1930 e 1940, período no qual o frevo torna-se símbolo da identidade do carnaval de Pernambuco, tendo a FECAPE uma atuação considerada nesse processo de divulgação e afirmação dessa expressão cultural, “que é tipicamente nossa, e [...], portanto, original, [...] cuja conservação se impõe para manutenção de costumes regionais, reconhecidos em todos os congressos panamericanistas como o mais forte elemento nacionalista”<sup>261</sup>.

---

<sup>260</sup> **ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938.** Recife: Publicação da Federação Carnavalesca Pernambucana, 1938, s.p.

<sup>261</sup> Idem

Essa busca pela consolidação do frevo como a expressão original do carnaval do Estado amplia os raios de atuação da Federação, que passa a atuar na vida cotidiana dos grupos para além do período carnavalesco, propagando novas ideologias e novos modelos de confraternização e divertimentos coerentes com o pensamento do Estado Novo. Como exemplo, citamos a presença dos clubes nas festividades cívicas da capital, que aparecem

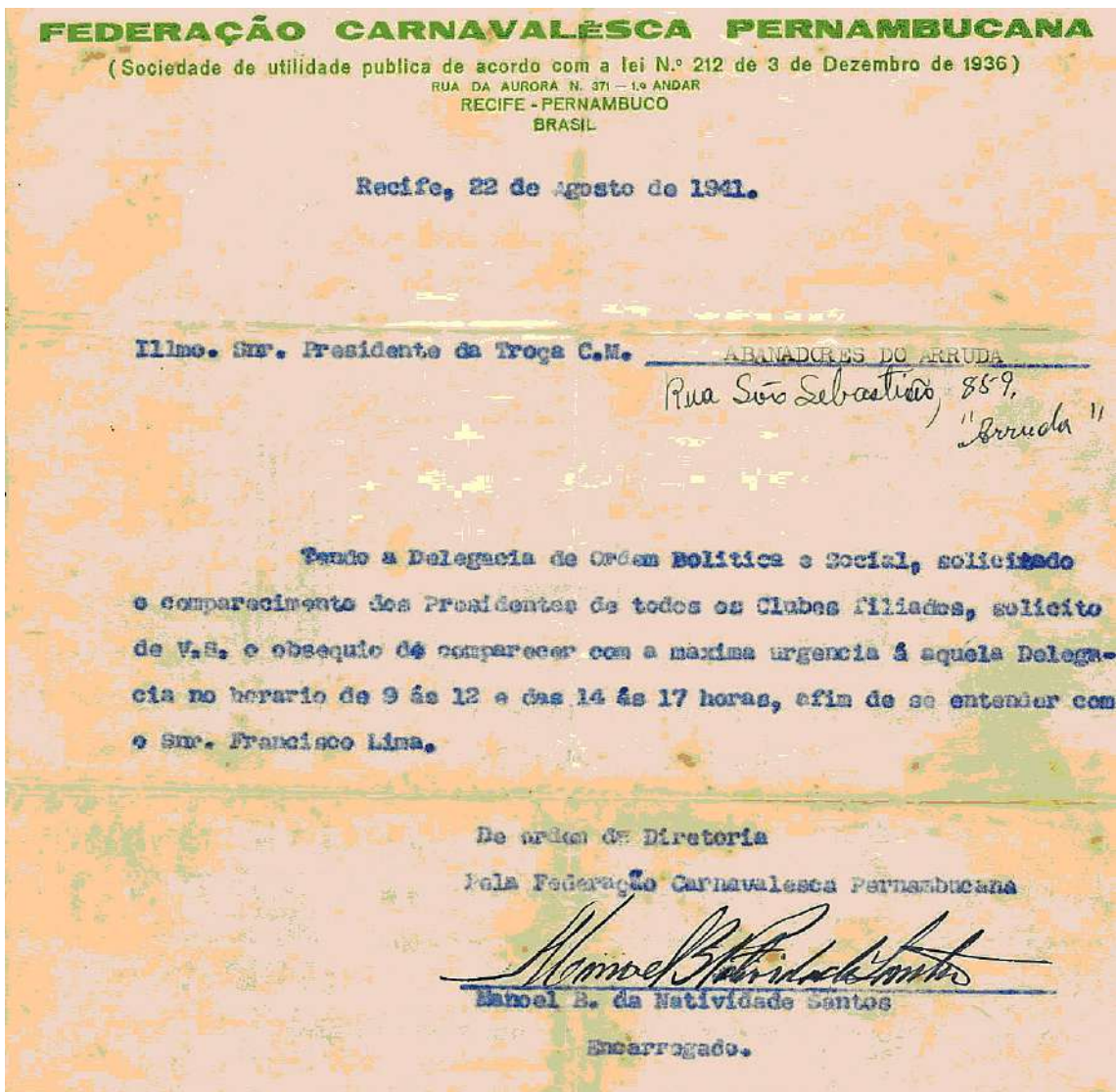
[...] tomando parte nas concentrações e desfiles patrióticos. Realizando em suas sedes reuniões comemorativas das grandes datas nacionais, oferecendo aos associados não somente as diversões comuns, mas muitas vezes conferencias e palestras históricas<sup>262</sup>.

Essa relação da Federação com o Estado e as diversas autoridades locais promotoras de concursos, premiações, festas, eventos educativos, garante poderes e estabelece uma relação de dependência e subordinação entre os grupos filiados e a instituição, que os mantém sob controle e conscientes da noção de responsabilidade em garantir a harmonia e a preservação da moral e dos bons costumes da sociedade, segundo o novo regime. O não cumprimento dos deveres, ou seja, aquele grupo que “quebrasse a harmonia não contaria com auxílio, seria expulso da Federação e os diretores apontados à polícia para punição”<sup>263</sup>. Essa compreensão de responsabilidade é reforçada pela Federação por meio da presença da Delegacia de Ordens e Costumes no cotidiano dos grupos, que passam a receber em seus endereços cartas convocatórias para comparecimento em data e horário estabelecidos nas delegacias, com a finalidade de obter a licença para participar dos desfiles de carnaval, realizar seus ensaios e bailes festivos, reuniões de caráter burocrático, entre outras atividades de interesse das agremiações.

---

<sup>262</sup> ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938. Op. Cit.

<sup>263</sup> Idem



Carta da Federação Carnavalesca Pernambucana  
Fonte: CD-Rom APEJE. Pasta 823

Diante dessas posturas, surgem alguns questionamentos: Até que ponto as autoridades interferem na arrumação da festa e nos grupos que dela fazem parte? O que leva uma agremiação a receber uma importância maior do que a outra? Essas agremiações desfilam no mesmo espaço público ou devido aos diferentes valores recebidos apresentam-se em locais e horários diferentes? Como são as suas fantasias, os adereços, as alegorias e as orquestras? O número de componentes é o mesmo em todos os grupos? E seus nomes, a que remetem? De onde vem a inspiração? Será que a interferência da polícia na folia tem a ver com o tipo de agremiação que se apresenta na rua, o seu local de origem e as pessoas que dela participa?

Em decorrência dessas preocupações é que pensamos esse tópico sobre a polifonia e a polissemia carnavalescas trazidas para as ruas do Recife no período de Momo. O que assistimos são a imagens de um grande espetáculo cênico, que se apresenta espalhado, mas ao mesmo tempo compõe o calendário de uma única festa: o Carnaval. Assim, no trajeto entre a Praça Maciel Pinheiro, no Bairro da Boa Vista, e a Praça da Independência, no Bairro de Santo Antônio, dezenas de grupos diferentes dançam e cantam ao mesmo tempo, rufam tambores, tocam clarins, exibem fantasias e alegorias, fazem críticas, perseguem e são perseguidos, gritam, comem, bebem, brigam, harmonizam-se. De longe, na multidão enlouquecida pelo frevo, parece que todos fazem o mesmo passo num sobe e desce sincronizado. Porém, ao nos aproximarmos, percebemos que cada folião dança individualmente, faz um passo diferente, expressando-se dentro da coletividade de forma singular.

Assim, notamos no elenco das agremiações carnavalescas, uma multiplicidade de formas de expressões culturais, que se cruzam e se dividem em modalidades diversas, tais como: clubes de alegorias e críticas, clubes de frevo, troças, blocos de pau e corda, maracatus nação, caboclinhos e ursos.

Evidentemente que as agremiações descritas nas listagens oficiais do município e do Estado não constituem a realidade do Carnaval de rua do Recife, nas primeiras décadas do século XX. O fato de outras agremiações, de modalidades diferentes, não estarem na lista de subvenção da Prefeitura nem no documento do Governo, não significa que outros grupos não participam das festividades na cidade. Os caboclinhos, o pastoril e o bumba-meu-boi, por exemplo, não são citados nas documentações, embora apareçam em outros registros da época. É o caso do grupo de foliões trabalhadores da Fábrica de Óleo de Areias, que resolve se apresentar pelo Carnaval com um Bumba-meu-boi, assim constituído:

Cantora – Manuel Ferreira Leite; Director Artístico – José Moreira; Cavalo-Marinho – Humberto Camara; Mateus – Wilson Macedo; Bastião – João Rodriguez; Valentão – Sabino Ferreira; Babau – Hermes Taurino; Burra – Lourenço Bezerra; Boi – João Santos; Vaqueiro – José Camara; Dr. do Boi – Romeu Loureiro; Secretário do Valentão – Junior Lima; Carlos Piava e José Lyra, tocadores do bombo.<sup>264</sup>

---

<sup>264</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 3 Fev. 1940 . p 10.

O *Jornal Pequeno* também publica uma nota sobre a presença do Bumba-meu-boi no Carnaval do Recife. Dois fatos curiosos chamam atenção na reportagem: o primeiro, diz respeito à variedade de personagens do brinquedo dentro da mesma região de origem. O *Bumba da Cia Souza Cruz*, por exemplo, que em 1940, desfila pela primeira vez nas festividades de Momo da cidade, apresenta-se com 25 personagens, entre humanos, animais e seres fantásticos. São eles:

Matheu (Márcio Esteves); Sebastião (João Bezerra); Arlequim (Oscar Heack); Valentão (Antônio Correia); Queixoso (Hugo Santos); Cavalo Marinho (Clovis Carbalho); Calu (Clidinor); Burra (Serafim Rodrigues); Babau (Lupércio Lima); Mané Bestalhão (Davey Carlito); Fiscal (Saken); Dona Joana (Manoel da Hora); Boi (João Mancinho); Doutor Engenheiro (José Afonso); Chorão (Amaro Silva); Pastorinha (Evelton Barreto); Caboclo (Mozart); Matuto da Goma (José Macedo); Sapo (Edson Morais); Cobra (Clovis); Perna de Pau (Eudorico Mello); Orquestra: Cantadeira (João Correia); Bombo (Lourival da Silva); Viola (Arlindo Santos); Ganzá (Amaro Marques e Edmir Lacerda)<sup>265</sup>.

O segundo relaciona-se à presença exclusiva de homens na brincadeira, uma vez que, tradicionalmente, as mulheres não representam. Certamente todos trabalhadores da fábrica, envolvidos com alguma agremiação carnavalesca nas localidades onde residem. É a experiência de casa levada para o trabalho e vice-versa. Nessa brincadeira, os papéis femininos são desempenhados por homens transvestidos de mulher à boa maneira dos espetáculos elisabetanos e japoneses. Essa façanha também é identificada no pastoril do *Monte de Ouro*, cuja composição é exclusivamente masculina, desde as personagens à orquestra que integra o cortejo.

Será apresentado hoje o grande pastoril do Monte de Ouro, o que muito vai agradar pela sua bella organização: Mestra (Georgino Reis); Contramestra (Antonio Alves); segunda do encarnado (Francisco Selva); segunda do azul (José Francisco); Dianna (Antonio Vasconcelos); Borboleta (Olavo Pereira); Anjo (Carlos Vaz); Orchestra: Trombone (Arnaldo Silva); Piston (João Lauro ); Taró (Antônio Borges); Clarinete

---

<sup>265</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 2 Fev. 1940. p 2. A respeito dos aspectos historiográficos desta manifestação, conferir os trabalhos de BORBA FILHO, Hermilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Imprensa Universitária, 1967; **Espectáculos Populares do Nordeste**. São Paulo, 1996. (Coleção Buriti, nº 10). CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit; Benjamin, Roberto. Op. cit.

(Julio Moura) e o Velho do pastoril, o gozadíssimo e estimado pelos foliões do Recife: (a) Jayme Dias (vulgo Avestruz)<sup>266</sup>.

Pela descrição das figuras do folguedo, essa manifestação diz respeito ao pastoril profano – uma sátira ao pastoril religioso criada no século XIX, como uma crítica de costumes, que altera a forma hierática da vertente religiosa do folguedo. Também chamado de Pastoril de Ponta de Rua, foge do enredo e da temática tradicional, por conta da irreverência, do improviso, da malícia e da comicidade de suas cenas<sup>267</sup>. Esse tipo de manifestação, juntamente com o Bumba-meu-boi, o mamulengo e outras expressões populares foram extremamente perseguidas pelas autoridades recifenses na década de 1910.<sup>268</sup>

Outra modalidade carnavalesca que não aparece nas listas de divisão da verba pública para a festa é o caboclinho – manifestação popular, cujos ritmos constituem “projeções modernas ligadas a danças e cantos ameríndios do Nordeste brasileiro”<sup>269</sup>. Com uma indumentária que remete à cultura indígena, seus integrantes apresentam-se com fantasias confeccionadas com penas de aves, fios de sementes, dentes de animal e cabaças presas na cintura. Descalços, dançam em círculos, em fileiras, abaixam-se, levantam-se e rodopiam nas pontas dos pés e nos calcanhares. Dentro dessa modalidade, o *Clube Carnavalesco Caboclo Canindé* merece destaque pelo seu tempo de atuação nas festividades de Momo. Desde o ano de sua fundação, em 1897, “Canindé conta com milhares de admiradores na cidade”<sup>270</sup>, transformando a paisagem por onde passa por meio da arte, do seu colorido e do vigor de suas danças.

Nas encruzilhadas dessa colorida e volumosa colcha de retalhos, aqui comparada com o carnaval de rua do Recife, encontram-se diferentes grupos

---

<sup>266</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 3 Fev. 1940. p 2.

<sup>267</sup> Sobre esse assunto ver SETTE, Mário. **Arruar**: história pitoresca do Recife Antigo. Rio de Janeiro, 1952; SAMBADA COMUNICAÇÃO E CULTURA. **Antologia Pastoril Profano** (CD). Recife, junho 2007.

<sup>268</sup> Sobre o assunto ver SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Natais de histórias, natais de memórias**. Cartilha Ciclo Natalino 2008. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

<sup>269</sup> SOUTO MAIOR, Mário. **Nordeste**: a inventiva popular. Rio de Janeiro: Cátedra, 1978. p. 32.

<sup>270</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 2 Fev. 1940. p 2. Sobre as particularidades dessa manifestação no Carnaval de rua do Recife, ver: SANTOS, Mário. **A Festa dos Encantados no Carnaval do Recife**. Artigo publicado no Ciclo de Debates História e Culturas Indígenas – caminhos e dilemas contemporâneos. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2008. Sobre a historiografia do Caboclinho Canindé do Recife ver **Canindé**: 110 anos de resistência. Recife, abr, 2007 (Folder publicado pelo Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval).

com histórias diversas, cujos segredos são revelados em cada passo ou manobra de um desfilante; em cada repertório; em cada gesto.

Ao som de um piston, tuba, pandeiro ou tambor, essas pessoas chegam à cidade prontas, não para o trabalho rotineiro nas ruas, fábricas, lojas e porto, carregadas não de marmitas, balaios ou caixas com graxa e escovas. Em pleno território do asfalto, das buzinas, das propagandas, dos automóveis, os operários transfiguram-se em foliões, que chegam em cortejo ao centro da cidade percebendo que suas linhas e curvas, amplamente planejadas pelos urbanistas, agora tem seus limites oficialmente determinados pelas autoridades, sabendo-se quem vai pelas calçadas e pelas rua. Até onde começa uma e termina outra.

Embora muitas semelhanças sejam detectadas entre os grupos, especialmente a origem social de seus componentes, originários de categorias de trabalhadores urbanos, há diferenças que marcam as histórias dessas agremiações. A quantidade dos seus integrantes e a classe social, a pompa dos préstitos e das fantasias, o ritmo de sua percussão, os campeonatos conquistados, entre outros fatores que contribuem, inclusive, para a divisão desigual da subvenção pública e conseqüentemente, o aumento das relações antagônicas entre os grupos, por exemplo. Nessa perspectiva, destacamos também as rivalidades existentes no interior dos grupos entre os próprios associados, principalmente entre os membros da diretoria. Distinções sociais internas relacionadas com o desejo de ostentação dos membros, que disputam entre si maiores influências política e econômica, criando situações de privilégios a alguns e exclusão de outros.

Essa pluralidade de relações sociais que reúne num mesmo espaço sentimentos diversos como inveja, confiança, desconfiança, fidelidade, aumenta consideravelmente após a abolição da escravatura, a proclamação da República e a consolidação do trabalho livre, período no qual, um grande número de clubes pedestres (“Vassourinhas, Pás, Lenhadores, Vasculhadores, Espanadores, Ciscadores, Empalhadores do Feitosa, Suineiros da Matinha,

Cigarreiras Revoltosas, Ferreiros, Engomadeiras”) <sup>271</sup>, passam a fazer parte do calendário oficial dos festejos de Momo na cidade.

Esse novo quadro da folia nas ruas relaciona-se com a popularidade do frevo entre as camadas trabalhadoras, com as mudanças de valores e de comportamentos do povo comum e com os novos usos e significados que a sociedade passa a conferir aos espaços públicos. Os melhoramentos urbanos, as novas vias ferroviárias e rodoviárias que facilitam o tráfego e o acesso mais rápido ao centro da cidade, a tecnologia, entre outras facilidades do mundo moderno, contribuem para atrair a população dos subúrbios, do interior e até mesmo de outros estados para o foco da folia no centro do Recife.

Essa nova realidade desperta também o interesse da imprensa, que logo percebe a importância dessa relação entre festa e sociedade e adere ao novo modelo popular de carnaval. Dessa forma, passa a incorporar na sua rotina, subvenções para algumas agremiações, o acompanhamento e divulgação dos ensaios, dos desfiles e dos concursos promovidos pelo Estado e pelos moradores das comunidades, as propagandas de artigos carnavalescos, além da publicação de crônicas e de artigos assinados por intelectuais da cidade em colunas específicas destinadas ao Carnaval, como por exemplo, a coluna “Ontem, hoje e amanhã” de autoria do jornalista Mário Melo, inicialmente publicada no Jornal Pequeno, passando depois para a Folha da Manhã.

Dentro desse processo de diálogo com o Estado, a imprensa tem uma atuação que repercute nacionalmente, divulgando “o carnaval de Pernambuco nas cidades do interior e nos Estados vizinhos, bem como por intermédio do rádio e da cinematografia”<sup>272</sup>. Esse novo contexto vem de encontro com outro princípio da Federação – desenvolver o turismo por meio das nossas expressões culturais mais típicas. Segundo o Anuário do Carnaval, Pernambuco é um

Estado pobre, sem aspectos geográficos empolgantes, com uma capital que não oferece ainda qualquer outra coisa de notável à admiração do turista, como obras d’arte e

---

<sup>271</sup>ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas Públicas e Carnavais: o negro e a cultura popular em Pernambuco**. In: O Negro e a Construção do Carnaval no Nordeste. Maceió: EDUFAL, 2003. p 41-42.

<sup>272</sup> **ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938**. Op. Cit.



monumentos históricos de interesse mundial. Pernambuco só tem de verdadeiramente característico o seu carnaval. O carnaval de rua, o frevo que é o único no seu passo original e na sua música irresistível<sup>273</sup>.

Entre as práticas culturais populares noticiadas com mais frequência no período pelos periódicos locais, destacam-se os cordões - denominação corriqueira para designar os clubes de frevo, as troças<sup>274</sup> e os blocos de pau e corda<sup>275</sup>. Conforme percebe-se no documento abaixo, das 48 agremiações citadas na programação do carnaval da cidade, 36 relacionam-se diretamente com o frevo

Exibiram-se, entre outros, os seguintes cordões carnavalescos, devendo alguns deles sair também hoje: Operários em Folia; Até Meio Dia; Verdureiros, Amante das Flores; Fanfarras do Monteiro; Galo Misterioso; Missangueiras; Troça Pão da Tarde; Abanadores; Bolachão de Beberibe; Quitandeiras; Pão Ouro; Cachorro do Homem do Miúdo; Coqueirinhos em Folia; Somos do Maio; Transporte em Folia; Caboclinhos Taperaguazes; Camponeses em Folia; Caboclinhos Carijós; Maracatu Estrela Brilhante; Príncipe dos Ursos; Maracatu Leão Coroado; Toureiros de Santo Antônio; Vassourinhas; Flor da Lyra; Caboclinhos Canindés; Linguarudos; Pás; Maracatu Elefante; Inocentes do Rosarinho; Empalhadores; Bebês; Batutas de São José; Bola de Ouro; Maracatu Cruzeiro do Forte; Prato Misterioso; Lenhadores; Lyra de Ouro; Banhistas do Pina; Oleiros; Secretas do Arruda; Maracatu Almirante do Forte e Sol Nascente; Lyra da Noite; Thesourinhas de Mira Mar; Domadores; Maracatu Cambinda Velha de Paulista<sup>276</sup>.

Esses números refletem a importância atribuída aos clubes pedestres como elementos de maior realce do carnaval pernambucano, por reunir “a união dos três elementos étnicos” formadores do tipo brasileiro, e “que tomaram caráter puramente pernambucano”, uma vez que os clubes alegóricos, os clubes de caboclinhos, os maracatus e os blocos representam, respectivamente, elementos de outras culturas, tais como:

---

<sup>273</sup> **ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938. Op. Cit.**

<sup>274</sup> A palavra “troça” significa zombaria, farra, pândega.

<sup>275</sup> Também chamados de Blocos de Pau e Corda por trazerem uma orquestra formada por instrumentos de corda: violões, bandolins, cavaquinhos e sopro (flauta, por exemplo) típicos das apresentações musicais dos cafés-concerto, essas agremiações surgem no Recife, mais precisamente no Bairro de São José, nos primeiros anos da década de 1920. A parte percussiva desses grupos difere dos clubes pedestres, que eram acompanhados por instrumentos de sopro das Bandas Militares.

<sup>276</sup> **JORNAL do Commercio.** Recife, 21 Fev. 1939. p 4.

[...] os bailes elegantes comuns no carnaval europeu; [...] os costumes e traços dos aborígenes [...] antes da conquista dos civilizadores; os costumes de uma corte africana em visita pomposa a outra, com sua música fortemente característica, tangida por instrumentos bárbaros [...] e os agrupamentos mixtos que evocam o carnaval brasileiro da Capital Federal<sup>277</sup>.

Nesse sentido, embora muitas semelhanças sejam identificadas entre as agremiações ligadas ao frevo, algumas diferenças podem ser esboçadas. As troças, por exemplo, apresentam-se durante o dia até o final da tarde, diferentemente dos clubes que desfilam, exclusivamente, à noite. Ambos abrem o cortejo com o estandarte<sup>278</sup>, que pede passagem para a Diretoria, as Balizas, as Damas e a Orquestra. Embalados pelo frenesi dos metais, os desfilantes e foliões criam e recriam, de diferentes maneiras, uma variedade de passos nascidos das experiências rotineiras do trabalho e do lazer. Sobre isso, Valdemar de Oliveira acrescenta:

Passo com todas as suas variações coreográficas: o “parafuso”, a “tesoura”, a “dobradiça”, o “saca-rolha”, o “chá de barriguiha”... toda uma terminologia inventada pela massa negra comprimida e desatinada. De ano a ano, essa coreografia estranha se enriquece de novos motivos, se desdobra em novas formas, ganha um novo calor dentro da cadência sensual da música nervosa. Eles nascem da massa escura que espinoteia nas velas tortas, empurrando-se numa doida confusão de corpos atizados pela fanfarra que caminha no grosso do povo, enchendo de sons o ar carregado de ruídos<sup>279</sup>.

Na multidão ensandecida, poucos são os que não mexem e remexem os quadris, a cabeça, os braços, os pés. A cada orquestra que passa, descobrem

---

<sup>277</sup> **ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938. Op. Cit.**

<sup>278</sup> Espécie de bandeira retangular presa a um varão de metal, que forma uma cruz ao ser sustentado por uma haste do mesmo material. Tem a dimensão que varia, por vezes, de 250 por 135 centímetros, e atinge a altura superior a quatro metros quando fixado ao talabarte do seu condutor (o porta-estandarte). Apresenta-se à frente dos clubes de frevo, das troças, dos maracatus e dos caboclinhos, abrindo seus desfiles. Remontam ao período das corporações medievais e irmandades. Em geral, são confeccionadas com veludo acolchoado, apresentam desenhos, símbolos, pinturas ou elementos em alto relevo. São bordados com lantejoulas, miçangas, pedrarias e galões, além de possuírem aplicações de lamê (tecido brilhoso) em estilo Barroco. No acabamento traz franjas e galões dourados. Sobre o assunto conferir SILVA, Leonardo Dantas. **Carnaval do Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000. p. 243-247.

<sup>279</sup> **ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938. Op. Cit.**

e desenvolvem situações de dificuldade, superam obstáculos; produzem algo inovador, surpreendente.

A intimidade com a dança garante e permite a espontaneidade de cada folião, que arrisca e desafia os limites do próprio corpo. Cria e recria outras relações e interações entre o corpo dançante, o espaço e o tempo do carnaval que o envolve e o prestigia. Para Valdemar de Oliveira, essa invenção pertence à genialidade do “moleque” pernambucano, que criou,

sobre o calçamento esburacado dos becos de São José e da Boa Vista, ao som dos frevos eletrizantes, a sua dança carnavalesca. Não é polca, não é samba, não é côco, nem batuque e é tudo reunido e expresso, simplesmente, nesta pequena palavra – “passo”<sup>280</sup>.

Dessa forma, os movimentos de evolução de uma agremiação variam conforme o grupo. Nos blocos de pau e corda, por exemplo, as coreografias são caracterizadas pela leveza, giros em torno do corpo e pelo abanar dos braços no ar. Passos lentos e suaves, que caracterizam a própria formação histórica dessas organizações, formadas inicialmente por grupos de “rapazes de responsabilidade e posição na sociedade” e “gentis e distintas damas” que se fantasiavam com trajes bem mais leves que as luxuosas fantasias típicas das antigas sociedades e clubes de alegoria então decadentes. Agremiações “de família”, “nota de distinção e jovialidade” do carnaval da elite recifense nos anos vinte, cujos desfiles podem envolver “caminhões lindamente ornamentados” ou um “garrido caminhão enfeitado”, fatos que nos sugerem a participação desses grupos também nos desfiles dos cursos<sup>281</sup>.

Não demora, e a população pobre do Recife se apropria desse modelo de agremiação. Resignifica sua estrutura de apresentação, porém preserva

---

<sup>280</sup> ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938. Op. Cit.

<sup>281</sup> Observamos que esses grupos nascem sob o signo da ordem e do apoio de intelectuais e da polícia, sendo aplaudidos como um contraponto ao carnaval dito “perigoso” dos clubes pedestres e dos maracatus formados por grupos de trabalhadores, em sua maioria, negros e pobres. Sobre a história dessa modalidade do Carnaval recifense, verificar os estudos de BEZERRA, Amílcar Almeida; SILVA, Lucas Victor. **Evoluções**: histórias de bloco e de saudade. Recife: Bagaço, 2006. VILA NOVA, Júlio César Fernandes. **Panorama de Folião**: cultura e persuasão no discurso do frevo-de-bloco. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco – Recife, 2006.

alguns elementos que identificam a modalidade, como o uso do flabelo<sup>282</sup>, o lirismo de suas marchas e a leveza de suas evoluções. É o caso dos *Blocos Batutas de São José e Banhistas do Pina, Camponeses em Folia; Amante das Flores; Flor da Lyra; Lyra de Ouro; Lyra da Noite*; entre outros nomes que carregam de lirismo os carnavais do Recife nas primeiras décadas do século XX, e que hoje encontram-se imortalizados nos versos de muitos compositores.

Ao som da canção maviosa  
Que nós entoamos com toda expressão  
Dizendo que são os Batutas  
De São José e campeão  
Alerta morenas faceiras  
Que vem radiando a folia ideal  
Pra dizer bem, mesmo com fé  
Que somos o herói do Carnaval

Vem, folia  
Dizendo que o Batutas de São José  
É o Bloco de encantar

No meio da onda pesada  
Desfilamos Batutas, fremente a cantar  
As suas canções saudosas  
Que às vezes faz recordar  
Vem pra nos alegrar  
Aquelas folias de outrora  
Da qual só existe hoje as recordações  
Fazendo crer, que afinal,  
A vida é completas ilusões<sup>283</sup>

O que se percebe é um grande mosaico de símbolos, que se mistura a uma simultaneidade de melodias e nomes. Simbologias que remetem a universos variados de tradições, experiências, valores e atitudes que se cruzam no Carnaval, para além das evidentes diferenças formais. Uma análise mais apurada das denominações gravadas em galões dourados e estampadas nos estandartes dos clubes e troças, permite-nos visualizar uma peculiaridade na “historiografia, que em geral associa apenas à violência ou às raízes tribais

---

<sup>282</sup> Estrutura confeccionada com papelão ou madeira, contendo o nome, a data de fundação e o ano em que a agremiação está desfilando, além de alguns elementos que ornamentam e fazem alusão ao nome do grupo. Os flabelos são tipicamente usados nos blocos de pau e corda.

<sup>283</sup> MORAES, Edgard. “O engano está na vista”. In: O **Rabecão**, Recife, 1934.

totêmicas”<sup>284</sup>. Nomes que surgem carregados de referências. Um elenco de sentidos variados, que muitas vezes remetem à rotina do trabalho ou à categoria profissional. É o caso de *Operários em Folia; Verdureiros; Quitandeiras; Vassourinhas; Pás; Empalhadores; Lenhadores; Oleiros*. Em padrões que se aproximam de lugares, sejam relacionados ao local de trabalho, de moradia ou de origem do grupo, os nomes apresentam-se carregados de sentidos. E assim surgem: *Bolachão de Beberibe; Fanfarras do Monteiro; Toureiros de Santo Antônio; Inocentes do Rosarinho; Batutas de São José; Maracatu Cruzeiro do Forte; Banhistas do Pina; Secretas do Arruda; Maracatu Almirante do Forte; Maracatu Cambinda Velha de Paulista*. Por outro lado, há grupos que trazem em suas denominações títulos que ostentam valentia, força física, resistência, com alusões a animais guerreiros. Como exemplo desses casos, podemos citar o clube *Os Domadores e o Maracatu Leão Coroado*.

Essa presença numerosa de agremiações nas ruas permite identificar elementos importantes para desvendar alguns significados relacionados à distribuição espacial da festa. O que antes era reprimido, com pouca expressividade e marcado pelo improvisado, agora ganha nova conotação. Os grupos aumentam em número e melhoram a qualidade de seus trabalhos, mobilizando várias parcelas da sociedade e transformando-se nos protagonistas da festa. A multidão que reúne os seus cortejos chama a atenção para o que acontece nas ruas. Algo grandioso vem chegando e pede passagem. Muitas vezes nem tão grandioso assim, apenas um estandarte, poucas pessoas fantasiadas e uma orquestra, mas o colorido, o barulho e a vibração dos seguidores direcionam o olhar das pessoas; formam-se platéias, abre-se espaço; faz curioso estacionar e subir à calçada para contemplar ou cair no passo. Nas notas de apresentação dos ensaios e dos desfiles das agremiações do *Jornal Pequeno*, os redatores deixam transparecer o deslumbramento com o número de figurantes e foliões que os grupos conseguem reunir em suas exibições.

---

<sup>284</sup>CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. *Op. Cit.* p. 169.

### Bloco Batutas de São José

Como vem acontecendo nos annos anteriores, este sympathizado bloco da cidade fará suas exhibições nos 1º e 3º dias. O seu conjunto será composto de 102 figuras e uma commissao de frente com 5 senhorinhas, representando altas damas da nobreza antiga. O corpo coral e musical terá bela e rica phantasia, caprichosamente confeccionada por competentes artistas na arte da costura. O préstito do Batutas apresentará ao publico originaes e lindas alegorias do genial pintor Faisca. A sua orchestra é composta de conhecidos professores, salientando-se entre elles o conhecido e excelentes saxofonistas J. Albuquerque e Neseweudes e o clarinetista Britinho. Uma banda de clarins phantasiada puxará o grande cortejo do Batutas que percorrerá as ruas da cidade cumprimentado os seus inúmeros associados e admiradores<sup>285</sup>.

Essa popularidade dos clubes, troças e blocos com seus “inúmeros associados e admiradores” consolida-se e ocupa o espaço público da festa, cuja presença em massa passa a ser enxergada como uma invasão das ruas pelo povo comum. Algo assustador, que deve manter-se sob o controle das elites. Segundo a pesquisadora Rita de Cássia, esse momento do Carnaval recifense é visto

com apreensão pelos membros das camadas dominantes. Intimidava-os, amedrontava-os e levava-os a abandonarem os espaços públicos ou a refugiarem-se no interior dos carros e automóveis, divertindo-se no curso, entre as famílias. [...] a imagem que vislumbrava ao ver passar aquela multidão ensandecida, recém saída dos mocambos e da lama, dos fornos das padarias, das mesas das tipografias, dos galpões insalubres das fábricas e detrás dos balcões das lojas e boticas, era a de um verdadeiro monstro popular. Um monstro que despertava de um sono secular e ameaçava invadir e apropriar-se da cidade<sup>286</sup>.

Esse pensamento também se aproxima dos estudos da historiadora Maria Clementina Pereira da Cunha, que ao analisar a conquista do Carnaval popular nas ruas cariocas, afirma que,

se a aglomeração anárquica e desrespeitosa era um forte incômodo nas décadas anteriores, a multidão organizada sob a forma dos cordões, legalizada e chancelada pela autoridade policial, poderia parecer ainda mais assustadora<sup>287</sup>.

---

<sup>285</sup> **JORNAL Pequeno**. Recife, 4 Fev. 1940. p 2.

<sup>286</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas**: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. *Op. Cit.* p 302.

<sup>287</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia**: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. *Op. Cit.* p. 175. Sobre essa realidade comumente vivenciada nas principais

A ameaça desse “monstro popular” que incomoda os momentos de lazer das elites tem a ver, entre outros fatores, com o surgimento e a organização dos grupos populares, sobretudo da classe operária. Esse medo não é só do carnaval. Tem uma amplitude bem maior. É por isso que o Estado, por meio da Delegacia de Ordem Política e Social e da FECAPE, vai privilegiar o acompanhamento da conduta dos associados, isto é, a disciplina da classe trabalhadora no interior dos grupos durante o seu cotidiano, designando investigadores para acompanhar todo e qualquer tipo de reunião realizada nas sedes ou espaços alugados para algum tipo de atividade aglutinadora durante todo o ano. Como exemplo, podemos citar dois documentos: o primeiro faz referência a uma solicitação da Diretoria do *Bloco Carnavalesco Mixto é Feio Mais É Bom* ao Delegado da D.O.P.S para encaminhar um dos seus auxiliares e acompanhar o desenrolar de uma reunião do grupo, e o segundo, remete ao bilhete assinado pelo investigador 73 e encaminhado à Delegacia sobre o acontecido na tarde do 14 de março de 1937 na sede do *Bloco Flôr da Lyra*:

**Da Secretaria do Bloco É Feio Mais É Bom.**

Ilmo. Sr. Comissario da Delegacia de Ordem e Política Social. O Bloco É Feio Mais É Bom, com sede à rua 1º de Janeiro nº 55, em Casa Amarela, tendo de realizar uma sessão de Assembléia Geral ordinária, no próximo dia 28, às 20 horas e 30 minutos, vem muito respeitosamente pedir a V.S. a finese de mandar um dos seus auxiliares dessa Delegacia, no dia acima referido, acompanhar o desenrolar da referida sessão. Nestes termos, pede deferimento o Presidente Eduardo Barros Gusmão. Recife, 26 de agosto de 1941<sup>288</sup>.

**Bloco Carnavalesco Mixto Flôr da Lyra**

Ilmo. Sr. Comissario da Delegacia de Ordem e Política Social. Designado pelo permanente das 12 as 18 horas, para assistir à Assembléia Geral do Bloco Carnavalesco Mixto Flôr da Lyra, levo ao vosso conhecimento que a reunião começou as 5,10, sendo o Presidente o Sr. Lourival Santa Clara, o Thesoureiro Nelson Fernandes Costas, Secretário Interino Antônio Ramiro, 1º Procurador Ulisses Gomes, com a presença de 38 sócios, foi lido o expediente o balancete do thesoureiro, sendo aprovado. Foi começada a eleição as 5,20 e terminada as 5,50, sendo escriturador o Sr. Oscar Collares foi o seguinte resultado da eleição. Presidente Arthur Pinto com 25 votos, vice dito Ulisses

---

capitais brasileiras da época, podemos citar os trabalhos de SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**. Estudos sobre o Carnaval Carioca. Da Belle Époque ao Tempo de Vargas. Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Funarte; UFRJ, 1994.

<sup>288</sup> Cd-Rom APEJE – Pasta 660

Gomes com 32 votos, Secretario Geral Antonio Ramiro com 34 votos, 1º Secretário Sigismundo Rodrigues com unanimidade, 2º Secretario Agenor Castellar com unanimidade de votos, Thesoureiro Nelson Costa com unanimidade de votos, vice Lourival Santa Clara com 35 votos, Diretor José Amaro com unanimidade de votos, Oradores Eduardo Lacerda e Odilon Soares. Também foi eleita a Diretoria Feminina, que é a seguinte, Prezidenta Amara Pereira com unanimidade, Vice Cecilia Moura com unanimidade, 1ª Secretária Irinéia Ramos com unanimidade, 2ª Secretária Júlia Viana com unanimidade, Thesoureira Nair Nunes com unanimidade, Vice Adalgiza Almeida com unanimidade, Oradora Maria Viana com unanimidade, Vice Oradora Doralice Nascimento, Diretora Tertuliana Viana unanimidade, Vice Maria do Carmo unanimidade, sendo empossada toda a nova Diretoria. Recife, 14/3/937. Investigador 73<sup>289</sup>.

O medo das ideias comunistas, do pensamento integralista ou de qualquer outra “cultura exótica”, que colocasse em risco a moral e a integridade do Novo Regime é que leva o Estado a vigiar o comportamento do cotidiano da população pobre, em especial da classe trabalhadora, muitas vezes seguidora de pensamentos contrários aos vigentes. São as questões macro que vão ter reflexo no Carnaval e nas outras práticas de lazer coletivo, pois esse cotidiano não se auto-reproduz, existe alguma coisa por traz dele que faz com que ele emirja. É nesse contexto histórico, que essa manutenção da conduta vai estar mais aguçada.

O centro da cidade passa a ser visto como reduto das camadas populares não só durante a rotina de suas atividades de trabalho, mas também como território de suas práticas lúdicas. Embora o período carnavalesco represente um ponto de concentração e intensificação das atividades desses grupos, eles criam e recriam situações diversificadas de encontro e diversão para seus membros durante todo o ano; desde as festividades pré-carnavalescas, como ensaios, bailes, por exemplo, passando pelos dias oficiais de Momo até os encontros festivos organizados ao longo do ano, como piqueniques, churrascos, aniversários.

Ilmo. Sr. Delegado da Ordem e Política Social. A Sociedade Carnavalesca Mixta Pavão Dourado, tem a honra de convidar V.S. para assistir a um churrasco a realizar-se no próximo dia

---

<sup>289</sup> Cd-Rom APEJE. Pastas 650-652



15 do mês andante, as 10 horas em sua sede social Avenida Caxangá nº 1422. Penhoradamente agradece a Diretoria<sup>290</sup>.

Essa estratégia de conquistar os espaços da sociedade, utilizando a cultura como instrumento de oposição a qualquer forma de dominação dos divertimentos pelo modelo europeu, é analisada pela socióloga Olga von Sinson, que a denomina de “resistência inteligente”.<sup>291</sup> Nesse momento da história do Carnaval de rua do Recife, a criatividade dos grupos populares influencia a formação de um novo desenho de festa; desenvolve novos formatos de apresentação, nos quais a música e a dança têm papéis fundamentais. Formas de resistência, que segundo a autora,

são exercidas dentro do sistema, no seu cotidiano, valendo-se de criações culturais próprias à nova vida urbana, e que demonstram a capacidade de obter e construir espaços sociais novos para os seus grupos, numa sociedade escravocrata e discriminatória<sup>292</sup>.

Certamente, esse é o ponto central desta discussão, trabalhar o olhar do leitor, na intenção de desconstruir a enganadora homogeneidade que o termo “popular” sugere. Fortemente comprometido com a ideia de totalidade, não podemos cair na armadilha de um pensamento uniformizador para a expressão, pois estaríamos “desconsiderando os planos de integração mais ou menos antagônicos, porém complementares, que um sistema cultural supõe”<sup>293</sup>. Quando falamos em agremiação popular, em clube de frevo, troça, referimo-nos ao desejo de seus atores de estabelecer comunicações, de transpassar fronteiras, de ocupar pedaços da cidade, de construir histórias, de consolidar nomes e símbolos, de subverter o caráter genérico e tipificador atribuído ao termo, de se sentirem e se perceberem pernambucanos.

Assim, vimos que no interior de um cordão, troça, bloco ou clube carnavalesco, há fatos vivos em profusão; seus integrantes criam, todos os

---

<sup>290</sup> Cd-Rom APEJE. Pasta 848

<sup>291</sup> Cf. GUSMÃO, Neusa M. Mendes e VON SINSON, Olga R. de Moraes. **A Criação Cultural na Diáspora e o Exercício da Resistência Inteligente**, ANPOCS, Ciências Sociais Hoje, São Paulo, Vértice, 1989, p.212-243.

<sup>292</sup> VON SIMSON, Olga R. de Moraes. **Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano 1914-1988**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 234-235.

<sup>293</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Culturas Populares: múltiplas leituras**. In: Anais do Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. Brasília, 2005. p 28-33.

dias, novas formas de vida, trocam experiências entre si o tempo todo, circulam entre diferentes territórios, migram, influenciam-se, modificam-se, às vezes até para realçar diferenças recíprocas. Músicos dominam repertórios amplos e foliões brincam diferentes brincadeiras.

Sob o rótulo de uma festa popular, o Carnaval do Recife não se associa apenas a pluralidade dos grupos culturais que lotam suas ruas, mas, sobretudo, relaciona-se aos seus protagonistas que se concebem de modos cada vez mais plurais, principalmente a partir das primeiras décadas do século XX, com o crescimento numérico do trabalho assalariado, das profissões liberais e serviços nos grandes centros urbanos. São muitos os interlocutores e agentes que fazem cultura popular, que falam e atuam sobre a cultura popular. Foliões, músicos, compositores, artesãos, comerciantes, costureiras, bordadeiras, eletricitas, professores, pesquisadores, jornalistas, secretarias, instituições públicas, entre outros atores centrais, que dão vida a essa festa de múltiplas leituras.

### **2.3 Festeiros e Devotos: perseguição e repressão na batalha da construção do corpo submisso**

É vasta a documentação encontrada no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) sobre a perseguição às práticas culturais afro-brasileiras durante a Era Vargas no Recife. O combate às formas de sociabilidades da população pobre da capital pernambucana, no período em questão, equipara-se com as investidas católicas na busca de soluções pela recuperação de sua inferência na sociedade, uma vez que, inconformada com a horizontalização da religião com as outras práticas religiosas, aposta na “tentativa de retomar o poder político perdido com a laicização crescente na política brasileira, após a instauração da República em 1889.”<sup>294</sup> Esse aumento do controle dos divertimentos populares liga-se não somente ao receio das elites em perder o domínio do poder, enfraquecido com o advento da República e abolição da

---

<sup>294</sup> ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A Construção da Verdade Autoritária**. *Op. Cit.* p. 70.

escravatura, mas também pela formação de um mercado de trabalho livre e assalariado; com a organização e disciplina do trabalhador nacional, o medo das ideias comunistas e integralistas, entre outros fatores que levam às elites criarem uma série de mecanismos para impedir que essas práticas culturais ganhem cada vez mais espaço.

As fontes de pesquisa policiais recifenses, incluindo os dados relativos à Secretaria de Segurança Pública (S.S.P) e à Delegacia de Ordem e Política Social (D.O.P.S), deixam transparecer o medo das elites e da Igreja Católica diante do avanço do que se chamava “seitas africanas” e das outras práticas de relacionamento cotidiano, que aconteciam na cidade aglutinando multidões, a exemplo do Carnaval.<sup>295</sup>

No segundo e terceiro capítulos de “A Construção da Verdade Autoritária”, a pesquisadora Maria das Graças Ataíde chama atenção para dois fatos importantes na compreensão desse tópico: as relações de poder entre a Igreja Católica e a Interventoria de Agamenon Magalhães, num processo conhecido como “recristianização da sociedade”, e os marginais sociais eleitos pelo Estado, entre os quais se destacam “a população pobre, os trabalhadores de economia informal, os umbandistas e os loucos”. Dentro desse quadro de marginalizados, garantem espaço centenas de foliões e carnavalescos que integram os cortejos das agremiações no Recife.

Essa coligação entre Religião Católica e Estado no Governo Vargas estabelece e assegura a reprodução de um pensamento que mantém a mentalidade da maioria das massas submissa e fiel à obediência das autoridades eclesiásticas. Como instituição forte do Estado Novo, a Igreja

---

<sup>295</sup> A expressão “seitas africanas” é carregada de sentidos históricos. Segundo os historiadores Isabel Martins Guillen e Ivaldo Marciano Lima, “o simples fato de nomear as religiões afro-descendentes de seitas indica que boa parte dos seus praticantes absorveu uma nomenclatura hierarquizadora, que persiste em meio a adeptos e intelectuais. ‘Seita’, no dicionário de Antônio Houaiss, possui os sentidos de dissidência (grupo de dissidentes de uma religião ou de uma comunhão principal) e de crenças minoritários e apartados do que acredita a maioria (doutrina ou sistema que afasta da crença ou opinião geral / sociedade cujos membros se agregam voluntariamente e que se mantêm à parte do mundo). Enquanto para a seita recai o sentido de dissidência, de afastamento de um caminho tomado pela maioria, para religião são atribuídas ideias de filiação a um conjunto de doutrinas, de reverência às coisas sacras. O marginal é, portanto, agrupado em uma seita, aspecto bastante presente nos discursos dos intelectuais no Recife, na década de 1930, ao se referirem às práticas religiosas afro-descendentes.” LIMA, Ivaldo Marciano de França; GUINLLEN, Isabel Cristina Martins. “Jurema Sagrada: uma religião que cura, consola e diverte”. In: **Traduções e Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. *Op. Cit.* p.201.

propaga a ideia do controle dos comportamentos coletivos, de um corpo travado, obsequioso. Limita a cultura do prazer e foca o interesse na culpa e no pecado, na moral, no evangelho e na família. Essa constituição do físico contido caracteriza a cultura do Cristianismo, que investe numa batalha de construção do corpo submisso; com limites rigorosos e sistemáticos da movimentação, do roçar dos corpos no empurra-empurra do frevo, da guerra contra os requebrados nas batucadas, da censura constante às pulsões vitais, ao apetite sexual, à embriaguês, à gargalhada. Diante disso, não causa surpresa que essa aliança tenha contribuído para exercer o seu poder em erradicar toda e qualquer heresia cultural contrária à ordem vigente, nesse caso, as religiões afro-brasileiras e as festividades carnavalescas aparecem como importantes inimigas.

No ano de 1939, dois acontecimentos marcam o calendário católico nacional e contribuem para o acirramento das campanhas contrárias às comemorações de Momo: o falecimento recente do Papa Pio XI e o 3º Congresso Eucarístico Nacional, que neste ano teve como sede Pernambuco<sup>296</sup>.

Depois da Bahia, berço da nacionalidade, terra onde foi plantada a Primeira Cruz e celebrada a Primeira Missa; depois da Capital dos Mineiros, a encantadora Belo Horizonte que, por ser nova, não desdiz de fé ávida do grande montanhês, antes nos acena com uma enorme reserva de energias, para resguardo do nosso futuro de Nação Cristã e Católica; sem dúvida, era chegada a vez de o Recife ser convertido em templo do Brasil católico e nele erigido um altar onde Jesus Cristo, Deus e Senhor nosso, escondido por nosso amor sob as espécies sacramentais, recebesse as supremas homenagens de adoração, ação de graças, súplica e reparação, de todos os brasileiros que crêem ser Ele o Cristo Filho de Deus vivo. E o Recife sempre foi e é considerado a cidade do S.S.Sacramento. O caráter nacionalista do Congresso Eucarístico tem alta significação na hora, em o que o Estado Novo faz apelo às forças históricas e conservadoras da nossa formação, para a luta sem tréguas contra os extremismos exóticos<sup>297</sup>.

Católico de formação, Agamenon Magalhães, embora tenha abandonado o sacerdócio na infância, mantém-se fiel aos ensinamentos da

---

<sup>296</sup> O Papa Pio XI faleceu de ataque cardíaco fulminante na noite de 09 para 10 de fevereiro de 1939.

<sup>297</sup> MAGALHÃES, Agamenon. "Congresso Eucarístico Nacional". In: *Idéias e Lutas*, p 351.

Igreja com a qual associa a ideia de pátria, exaltando o trabalho, a disciplina, a fé e a união contra as ideologias que dividem a sociedade.<sup>298</sup>

Neste ano de 1939, em virtude do Congresso, a Igreja com o respaldo do Estado, intensifica a campanha de transformar o Recife na capital da cristandade e focaliza seu interesse em controlar todos os momentos da vida social dos recifenses, do trabalho às práticas de lazer. Nesse sentido, intensifica a campanha de mobilização da sociedade para realizar diversos momentos de oração e reflexão nas igrejas, nas residências e noutros espaços religiosos espalhados pelo centro e subúrbios do Recife, desvinculando a massa da descontração coletiva, do riso exacerbado e dos prazeres carnavais excitados com a proximidade do carnaval.

Na edição de sete de fevereiro do mesmo ano, no *Jornal do Commercio*, o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Miguel, torna público o primeiro pedido aos “parochos e associações religiosas que promovam seus retiros no Carnaval como preparação para o 3º Congresso Eucarístico Nacional, previsto para setembro do ano vigente. Os que não puderem fazer o retiro fechado, façam-no aberto”<sup>299</sup>. Diariamente, a imprensa passa a divulgar a organização de retiros espirituais preparados por instituições religiosas consagradas no Estado, com uma programação específica, com orações, estudos religiosos e a presença de autoridades no assunto que atraíam a população católica para esses espaços, impedindo-a de participar das “perigosas bacanais carnavalescas”.

---

<sup>298</sup> A relação de Agamenon Magalhães com a Igreja Católica manifesta-se, entre outras ações, na formação de um “secretariado de noviços”, segundo Andrade Lima Filho. Uma espécie de “jardim da infância”, no qual trouxe para as bancadas estaduais, com exceção do advogado Artur Moura e de Gercino de Pontes, secretário de Aviação, todos os seus amigos oriundos da então poderosa Congregação Mariana. Assim era formada a cúpula totalitária do governo de Agamenon: na Segurança, Etelvino Lins; na Fazenda, Manuel Lubambo; na Justiça com a saída de Moura, Arnóbio Tenório; na Agricultura Apolônio Sales; e Nilo Pereira, na Educação. Ver: LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo**: Agamenon Magalhães e sua época. Recife: Ed. Universitária, 1976. p. 43

<sup>299</sup> **JORNAL do Commercio**. Recife, 7 fev. 1939. p 06.



Nota da Igreja para o retiro espiritual durante o Carnaval

Fonte: **JORNAL do Commercio**. Recife, 07 fev. 1939. p 06.

Ainda nesta edição, a Igreja, preocupada com os dias de loucura em que a carne domina o espírito, convida a população jovem católica, que em nome dos brasões nobres de suas famílias, da Pátria Brasileira e da glória da Santa Igreja, recolha-se aos templos e retiros fechados para ouvir a palavra de Cristo. Um espaço de preparação espiritual para o Congresso e de clausura para a juventude católica diante do “Carnaval de Satanás”, evitando que se misture aos grupos de foliões enfraquecidos pela propagação de tais práticas.

#### **CARNAVAL – CONGRESSO**

A mocidade pernambucana que presa os seus brasões de família esmaltados a fogo no cadinho da fé, que sente borbulhar nas suas veias o sangue puro e forte com que os antepassados argamassaram as energias das façanhas heróicas, não pode, este anno, permitir, que as duas palavras

apresentadas acima, sejam aproximadas e unidas, sem um protesto digno dos brios cathólicos. Rapazes de caracter forte, de alma robusta, donzellas e jovens, cuja virtude é o encanto dos anjos, o enlevo das famílias e a glória da Santa Igreja, homens e mulheres, o esteio firme da Pátria brasileira nos caminhos que levam à grandeza e à prosperidade, ouvi o grande convite que avança de quebrada em quebrada na exuberante terra de Pernambuco. É a palavra que o anno passado, foi ouvida por mais de dez mil moços em São Paulo, a palavra que, em Pernambuco, vai separar, de vez, o Carnaval, de Satanás, do Congresso de Christo. Será official e publicamente, o repudio do primeiro e a preparação do segundo, será a tomada de armas contra as asquerosas investidas da lubrica serpente, o juramento sacrosanto da bandeira nas hostes conquistadoras de Christo. Assim, as suas palavras serão triumphalmente separadas. Carnaval – Retiro – Congresso<sup>300</sup>.

Essa aproximação entre festas profanas e comemorações sagradas é uma realidade presente no cotidiano das sociedades brasileiras e, no Recife, assume a sua expressão maior no Carnaval, quando centenas de agremiações carnavalescas ocupam o centro da festa com seus desfiles, expressando-se por diferentes linguagens que associam os domínios amplos da cultura e das religiões que professam. Em geral, as práticas religiosas afro-brasileiras se destacam nesse contexto, posto terem entre os seus adeptos um grande número de carnavalescos ligados aos terreiros de Candomblé (também conhecidos, em Pernambuco, como Xangô), Jurema e Umbanda.

Eu nasci e me criei dentro do candomblé. [...] minha vida foi dentro da casa da minha avó, que era de uma Nação Xambá. Eu nasci dentro de duas nações: a minha mãe (Djanira Alves da Silva) era da Nação Xambá e meu pai (João Romão da Costa) era da Nação Nagô. Ele era filho de Pai Adão, ambos foliões. A minha contava que desfilava em Flor da Lyra e Bola de Ouro, lá pros lados de Santo Amaro e meu pai era um fanático de Madeira do Rosarinho, clube das Pás e maracatu Elefante, de Dona Santa. [...] Meu pai era conselheiro de Madeira do Rosarinho. O meu tio, Malaquias Felipe Costa, também, aliás, a minha família por parte de pai toda vivia dentro de Madeira. O meu primo, Paulo Braz, chegou a ser presidente de lá, como eu fui do clube das Pás.<sup>301</sup>

---

<sup>300</sup> **JORNAL do Commercio**. Recife, 07 fev. 1939. p. 06.

<sup>301</sup> Depoimento de Seu Manoel do Nascimento Costa, popularmente conhecido como Manoel Papai. Entrevista realizada por Mário Ribeiro. Recife, 25 set. 2009.

Embora a influência das religiões afro-brasileiras seja mais explícita nos grupos de Maracatu de Baque Virado, uma vez que utilizam nos seus repertórios ritmos e letras característicos dos terreiros de Xangô (com frases e expressões em idioma iorubá), e seus integrantes se apresentam com roupas no estilo africano ou religioso (torços, braceletes, pano-da-costa, fios de conta, etc), percebe-se na fala de Seu Manoel Papai uma aproximação entre as Nações de Candomblé cultuadas na cidade e os clubes pedestres tradicionais de Frevo. Uma ligação estabelecida pelos próprios filhos-de-santo, que ora se classificam como membros de uma casa religiosa, ora transformam-se em membros diretores e foliões de uma agremiação carnavalesca.

Nesse trânsito entre o sagrado e o profano, o carnaval do Recife configura-se em torno de um misticismo que particulariza de modo especial a geografia da festa. Os espaços públicos parecem constituir verdadeiros prolongamentos das casas sagradas, permitindo que símbolos da cultura religiosa afro-descendente invadam o território da folia através das manifestações artísticas, que as incorporam e disponibilizam para grupos sociais mais amplos, isto é, os foliões, independentemente do seu sentido religioso. Dessa forma, ao transitar entre os dois universos, seus participantes expressam esse intercâmbio por meio de linguagens que em geral expressam-se pelo uso musical, coreográfico e estético de inspiração comum. Essa inter-relação entre o Carnaval e as religiões afro-brasileiras é identificada em grande parte das agremiações carnavalescas fundadas nos subúrbios da cidade pela classe pobre trabalhadora.

70% das agremiações carnavalescas dependeram e dependem ainda do Candomblé e da sua magia. Ainda hoje muitas delas não têm coragem de sair às ruas sem antes preparar seus participantes com limpeza de pintos e defumadores. [...] Em número bastante razoáveis, quase todas as agremiações foram fundadas ou são dirigidas por Pai, Mãe ou Filhos de Santo. [...] a troça Secreta era uma troça que foi fundada por membros de duas famílias africanas: Pai Adão e Antônio Nepomuceno (Apari) [...] o Maracatu Leão Coroado é dirigido por um velho Babalorixá, Luiz de França. Filho de Xangô e de uma tradicional família de Candomblé em Pernambuco. [...] O Clube das Pás, tem como presidente perpétua, Maria do Carmo Ferraz, juremeira e Mãe de Santo residente em Campo Grande. [...] o Clube Vassourinhas, fundado pelo povo de Candomblé, ainda hoje traz em seus cordões 90% de filhos-de-santo. [...] o Maracatu Elefante era comandado por Maria Júlia



do Nascimento (Dona Santa), velha juremeira, neta de africanos. [...] o bloco Madeira do Rosarinho é uma agremiação esperada com grande ansiedade entre o povo de Candomblé, era o bloco, do qual João Romão era conselheiro, juntamente com os irmãos e alguns amigos de infância. O bloco cantava suas marchas tradicionais quando entrava no Sítio da Estrada Velha<sup>302</sup>.

O depoimento de Seu Manoel Papai deixa transparecer como as crenças religiosas dos adeptos do Candomblé e da Jurema, vivenciadas no seu cotidiano, são transportadas para o momento da brincadeira na rua. Os rituais de limpeza e proteção espiritual dos grupos ressaltam essa estreita relação, que direta ou indiretamente, interfere na própria ocupação do espaço urbano da cidade, assim como na estrutura organizacional, funcional e simbólica do Carnaval. Subtende-se, que até a chegada no Sítio de Pai Adão, na Estrada Velha de Água Fria, as orquestras dos clubes, blocos e troças, juntamente com o batuque solene dos maracatus, arrastam uma multidão de foliões, adeptos ou não dos cultos afro-brasileiros.

Segundo uma lista divulgada pela Delegacia de Diversões Públicas, mais de quinhentos terreiros funcionam no Recife e Região Metropolitana, no final da década de 1930, sendo: 155 em Afogados, 184 em Boa Viagem, 151 em Beberibe e 69 em Tejipió.<sup>303</sup> Esses quantitativos reforçam a nossa hipótese de que, no trajeto até o Sítio sagrado, o Bloco Madeira do Rosarinho, o Clube Vassourinhas, o Clube das Pás, o Maracatu Elefante e o Leão Coroado, com seguidores espalhados por diversos subúrbios do Recife, misturam entre um frevo e outro, uma melodia, uma coreografia ou um objeto característico das religiões que professam.

---

<sup>302</sup> COSTA, Manuel Nascimento. **Candomblé e Carnaval**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, 1980. (Folclore, 96). As transcrições das entrevistas com carnavalescos realizadas pelo Centro de Formação, Pesquisa e Formação Cultural – Casa do Carnaval da Secretaria de Cultura do Recife (localizado no Pátio de São Pedro), também constituem fontes de pesquisa de grande importância histórica, uma vez que encontramos referências, possíveis de serem confrontadas, de vários personagens do Carnaval do Recife ligados à cultura religiosa afro-brasileira.

<sup>303</sup> **DIÁRIO de Pernambuco**. Recife, 13 fev. 1938. É importante destacar que nessa lista não estão registrados todos os terreiros em funcionamento na cidade nesse período. Muitas casas não tinham a autorização para funcionar e abriam na clandestinidade. Os números são referentes apenas aos espaços que deram entrada, de uma forma ou de outra, na Delegacia de Diversões Públicas.

Dentro dessa realidade, podemos destacar também os grupos que nasceram no interior dos próprios terreiros, do desejo dos foliões comprometidos com a religião, no meio de circunstâncias as mais diversas. Como exemplo, citamos a *Troça Carnavalesca O Bagaço é Meu*, criada pelos filhos-de-santo do Sítio de Pai Adão, no final da década de 1920:

No sábado de carnaval, os filhos-de-santo da casa, os ogãs, ficavam ali projetando os instrumentos e projetando a noite. Pra onde é que a gente vai? Eu vou pro Apois Fun, outro dizia, eu vou pro Madeiras. E aí tinha um jogo de búzios que tinha dia de sábado pra saber quem não ia brincar o carnaval. O jogo de búzios que meu avô fazia. Tinha um toque das quatro às dez da noite pros santos do carnaval, e ele tocava para os mortos, os eguns. Ele chamava toque para lansã. Aí todo mundo arrumava as roupas e o jogo não deixava sair. Ninguém tinha coragem de desrespeitar. Então só saía no terceiro dia de carnaval. Tava todo mundo livre. E aí eles viam os pedaços das roupas. As roupas em cima das pessoas já caindo os pedaços. Aí havia os comentários: todo mundo vê as roupas bonita e a gente só vê os bagaços. O Bagaço é meu, e aí criou-se essa troça<sup>304</sup>.

No entanto, o que se observa na documentação dos arquivos é que essa relação entre Candomblé e Carnaval no Recife não se dá de maneira alegre e espontânea, tal como as manobras de um passista diante de uma orquestra. As práticas culturais vivenciadas no cotidiano da população pobre dos subúrbios como as citadas anteriormente, fortemente identificadas com as heranças indígenas e africanas nas festas de Rua do Recife, são comumente associadas “à bruxaria, à superstição, ao paganismo e às origens obscuras das raças”<sup>305</sup>.

Nas pesquisas sobre os altos índices de criminalidade na cidade, os seguidores do Xangô e da Jurema aparecem como protagonistas no levantamento oficial e enquadram-se com frequência na secção policial das reportagens sobre violência. Esse fato leva duas frentes principais, a Igreja e o Estado, aliados à Imprensa - importante instrumento ideológico – a tentarem

---

<sup>304</sup> Depoimento de Seu Manoel do Nascimento Costa, popularmente conhecido como Manoel Papai. Entrevista realizada por Mário Ribeiro. Recife, 25 set. 2009.

<sup>305</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 23 fev. 1939.

impedir que as massas cultivem aquela aproximação, investindo no combate de tais práticas com discursos que reforçam o preconceito social e religioso.

#### AGAMENON MAGALHÃES PARA A FOLHA DA MANHÃ E RADIO CLUBE DE PERNAMBUCO

Uma das preocupações do meu governo foi dar a policia uma organização technica, que correspondesse às exigencias da ordem social. Substitui-se o velho aparelho repressivo, inadequado, sem eficiencia, nem mais finalidade, por uma orientação inteiramente nova. Adaptamos como base da reforma, os meios preventivos, executando-se uma serie de medidas cujos resultados foram imediatos. Abolidos os sensacionalismos na imprensa, o baixo espiritismo, as seitas africanas e a pratica das chamadas sciencias hermeticas, e outras formas de exploração da credibilidade e da miseria social, desapareceram os factores da exacerbação e desespero. Completando essas providencias, a propaganda, pela imprensa e pelo radio dos principios de renovação e saude moral, consagrados pelo novo regime, operou rapidamente a mudança de ambiente, que se tornou propicio as boas maneiras e as boas acções. [...] Não só a ordem social se revigorou e definiu, como os delictos communs descreceram, baixando de maneira surpprehendente os indices de criminalidade. O secretario da Segurança, na exposição que fez no dia 10 de novembro, assignalou que 80% dos crimes ditos de sangue eram commettidos à arma branca. A "peixeira" e a "americana" eram as facas tradicionaes do Pernambucano. Tornava-se necessario prohibir o seu uso ou condicionar o seu commercio de armas de fogo. Tomadas essas medidas preventivas os crimes de homicidio baixaram a 65,7% e os de lesões corporaes a 63,5%, em confronto com as estatisticas do ultimo quinquennio. Assignalou tambem o Secretario da Segurança, naquelle documento, que desapareceu, no Estado, o espirito de facção, não se registrando, nos municipios do interior, um só incidente, resultande de rixas ou competições locaes. A policia deixou de ser assim um aparelho antipathico de compreensão, para transformar-se em um orgão de defesa e Ordem, estendendo-se as suas funções de caracter preventivo, em todos os sectores sem irritar nem contundir, inspirando confiança e colaboração num alto sentido social<sup>306</sup>.

Nessa tentativa de renovar os princípios e a saúde moral da sociedade, com base nas exigências da nova ordem social estabelecida, o Estado investe numa Polícia, que se torne conhecida como o órgão de defesa e da ordem; que desenvolva um trabalho eficiente, com orientações e campanhas preventivas

---

<sup>306</sup> FOLHA da Manhã. Recife, 11 dez. 1938.p.01 e 02

em todos os setores da vida pública, “inspirando confiança e colaboração num alto sentido social”. Para tal fim, sob a máscara de protetora dos cidadãos brasileiros e com o propósito de zelar pela ordem e segurança da população, a Secretaria de Segurança Pública inicia uma intensa campanha de perseguição aos cultos afro-brasileiros, legitimando suas ações por meio do Código Penal de 1890, sobretudo nos artigos 156, que trata de práticas ilegais da medicina; 157, dos crimes por prática da magia, da cartomancia, do uso de talismã e credulidade pública; e 158, da proibição da prática do curandeirismo. Com esse respaldo, a Polícia movimenta as buscas nos bairros pobres da cidade, fechando casas, apreendendo objetos e seus seguidores; taxando-os de criminosos, exploradores e trapaceiros<sup>307</sup>.

#### PRISÃO DE EXPLORADORES DO EXPIRITISMO.

O commissario de São Lourenço, Sargento Antonio Reis, prendeu ontem-hontem, o explorador de sessões espíritas Severino José de Lima e bem assim sua companheira Maria Joventina da Silva, remetendo-os para a delegacia de Investigações. Onde foram apresentados ao Commissario Ildelfonso Vasconcelos. Em palestra com a nossa reportagem o velho Severino declarou não ser explorador do Baixo Espiritismo, e nunca ter sido preso e mostrou-nos contrariado com a atitude do Sargento Antonio Reis, que teria humilhado a sua companheira, fazendo-a atravessar as vias da Cidade com uma bacia com roupa velha na cabeça<sup>308</sup>.

Atitudes desse tipo, de humilhação em exposição pública, muito comuns no período em análise fazem lembrar o que diz Georges Balandier sobre o “jogo de poder, levado ao extremo pelo arbitrário, utilizando a única arma do ridículo”<sup>309</sup>. O Estado, conhecedor dessa estratégia, faz do ridículo a sua arma para manter a população sob controle, uma vez que esta tem receio em ser ridicularizada publicamente no sarcástico “teatro” da Nova Ordem.

---

<sup>307</sup> Sobre a perseguição e a repressão aos adeptos das religiões afro-brasileiras no Recife ver os estudos de QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Religiões Afro-brasileiras no Recife:** intelectuais, policiais e repressão. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999. A coletânea de artigos de autoria de LIMA, Ivaldo Marciano de França. GUINLLEN, Isabel Cristina Martins. **Cultura Afro-descendente no Recife:** maracatus, valentes e catimbós. Recife: Bagaço, 2007. COSTA, Valéria Gomes. **É do Dendê!** História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992). São Paulo: Annablume, 2009. Sugiro como uma fonte áudio-visual, o documentário **Irôco:** a árvore sagrada, realizado pelo Núcleo da Cultura Afro-brasileira da Secretaria de Cultura do Recife em parceria com a Fundação Cultural Palmares. Recife, 2006.

<sup>308</sup> **FOLHA da Manhã.** Recife, 28 Ago. 1938.p.10

<sup>309</sup> **BALANDIER, Georges. Op. Cit.** p.44

Durante essas expedições, nomes de importantes lideranças religiosas do Recife, relacionadas também aos grupos carnavalescos, aparecem com frequência nos arquivos policiais da cidade. Como exemplo, podemos citar as cartas de divulgação das prisões de Luiz de França Nascimento, representante do Maracatu Leão Coroado, e Maria Júlia do Nascimento – a Dona Santa Rainha do Maracatu Elefante, os personagens citados no depoimento de Seu Manoel Papai.

#### *OS CATIMBOSEIROS NÀO TERÃO TREGUA*

A policia effectuou, hontem, em flagrante delicto, a prisão de Luiz de França do Nascimento, morador no Cortume de Santa Maria n.º 60 em Campo Grande, quando o mesmo effectuava uma sessão, assistida por alguns inesperientes. A diligencia foi effectuada pelos investigadores 58 e 192, sendo apprehendido o seguinte material: um turibulo, 1 quadro com uma cruz, 1 copo, 1 bandeira, 1 livro "hynno espirita" 1 vela preta, 1 livro de actos, 1 talão de cobranças, varias correspondencias e consultas commerciais e medicas. O dono da casa foi levado a presença do dr. João Roma, delegado de investigações<sup>310</sup>.

#### *A POLÍCIA POR DENTRO E PÔR FORA REPRESSÃO À "MACUMBA"*

Uma turma de investigadores da Secção de Policia de Costumes dissolveu, hontem, na Rua do Ypiranga, N.º 104, Ponto da Parada um nucleo de macumbagem africana. O referido centro de catimbó tinha a denominação de Maracatu Elephante. Obedecia à direção da mulher Maria Julia do Nascimento, conhecida pôr Mãe Santa. Foi apprehendido o seguinte mateiral utilizado no catimbó: - cachimbos, garrafas de azeite, aguardente, torrado, cabelos, grande quantidade de hervas, além de copiosa correspondencia. Mãe Santa foi conduzida até a Secretaria da Segurança Pública<sup>311</sup>.

A representação em torno da eficiente atuação policial é fortemente divulgada na *Folha da Manhã* que se encarrega de publicar manchetes com frases que proporcionam grandes efeitos de sentido na população. Uma estratégia encontrada pelo Estado para dar visibilidade às ações praticadas pela polícia na luta sem tréguas contra essas práticas distantes da “beleza da

---

<sup>310</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 9 jul. 1938.p.8

<sup>311</sup> **DIARIO da Manhã**. Recife, 22 nov. 1933. APEJE D.O.P.S. Fundo SSP nº 27545.

religião católica no seu realismo e na sua verdade”<sup>312</sup>. Uma forma de orientar a população sobre as mentiras e os enganos propagados por outras crenças.

Nesse sentido, como a Polícia prioriza em seus princípios defender a sociedade de todo e qualquer movimento causador da desordem, ela intensifica uma dupla campanha na cidade: de propagação do medo das práticas culturais afro-brasileiras e ao mesmo tempo, uma política que visa tranquilizar a população sobre tal perigo. A frequência com a qual as notícias são veiculadas e as expressões utilizadas nas manchetes com as extensas listas de objetos apreendidos contribuem para a formação de um pensamento, que ressalta a constante atuação do Estado e da Polícia no empenho dos trabalhos para manter tudo sob controle.

*A polícia não dá trégua aos catimbozeiros*<sup>313</sup>

*Guerra aos Catimbozeiros*<sup>314</sup>

*Catimbozeiros no Xadrez*<sup>315</sup>

*Campanha contra os Catimbozeiros*<sup>316</sup>

*Contra o Espiritismo e a falsa medicina*<sup>317</sup>

*Prisão de Catimbozeiro e apreensão de materiais*<sup>318</sup>

*A ação criminosa dos catimbozeiros: o operário faleceu depois dos "banhos de ervas"*<sup>319</sup>

*A Polícia devassa um centro de macumba em água Fria*<sup>320</sup>

*Macumbas e macumbeiros. A polícia de Costumes fareja vários antros de catimbó, apreendendo copioso material para funções.*<sup>321</sup>

*Uma diligência da polícia a dois antros de mistério e fetichismo*<sup>322</sup>

*Extinguido um núcleo de macumbagem africana*<sup>323</sup>

*Contra a Baixa Magia*<sup>324</sup>

*Combate à magia negra. Mais um "culto" devassado pela polícia*<sup>325</sup>

<sup>312</sup> **FOLHA da Manhã.** Recife, 24 mar. 1942.

<sup>313</sup> **FOLHA da Manhã.** Recife, 8 dez. 1938.p.12

<sup>314</sup> Ibid. Recife, 18 set. 1938.p.12

<sup>315</sup> Ibid. Recife, 27 out. 1938.p.12

<sup>316</sup> Ibid. Recife, 09 jul. 1938.p.12

<sup>317</sup> Ibid. Recife, 17 ago. 1938.p.12

<sup>318</sup> Ibid. Recife, 03 set. 1938.p.12

<sup>319</sup> Ibid. Recife, 01 jul. 1938.p.12

<sup>320</sup> **DIARIO da Tarde.** Recife, 13 nov. 1933. Fundo SSP nº 27545.

<sup>321</sup> **JORNAL do Recife.** Ibid.15 nov. 1933.

<sup>322</sup> **DIARIO de Pernambuco.** Ibid. 01 ago. 1933.

<sup>323</sup> **DIARIO da Tarde.** Ibid. 14 jun. 1933.

<sup>324</sup> **FOLHA da Manhã.** Recife, 3 jun. 1939.p.12

<sup>325</sup> Ibid. Recife, 14 mar. 1939.p.12

*Catimbozeira é cousa mais grave*<sup>326</sup>  
*Combate aos catimbozeiros*<sup>327</sup>  
*Cercada pela polícia uma sessão de Catimbó*<sup>328</sup>  
*Entre os objetos de Catimbó a polícia apreendeu um caixão de defunto*<sup>329</sup>

No entanto, a difusão assídua dessas investidas reverbera entre os seguidores das religiões afro-brasileiras, um verdadeiro jogo de resistência, que não se dá à parte dos acontecimentos históricos, sociais e políticos, mas, de maneira articulada e conjunta. Longe de estarem limitados a expedientes individuais ou coletivos de simples recusa, os adeptos traduzem essa resistência em esforços de negociação, que confrontam perseguidos e perseguidores, e articulam um amplo conjunto de estratégias.

A reportagem da edição matutina da *Folha da Manhã* ilustra um mecanismo muito utilizado pelos filhos-de-santo, na tentativa de ludibriar a perseguição policial do Estado Novo: a atuação silenciosa dos trabalhos sagrados durante a madrugada.

[...] A policia está activa, combatendo as práticas dessas bruxarias. Mas, mesmo assim, os "catimbozeiros" não dormem. E tanto não dormem que preferem, mesmo, as horas da noite para o sacrifício do bode e a "encomenda" dos trabalhos. E foi por isso que um leitor, assustado, escreveu para essa secção uma carta onde está o seguinte pedido: "numa rua que fica entre o becco do Eustachio e o da Facada, em Casa Amarella, à meia noite de hontem, quatro mulheres estavam assentadas, perto de umas mangueiras, a esfolarem um bode preto. Hoge pela manhã, passando pelo local, vi pedaços de carne e sangue no chão. "Só pode ser bruxaria" conclue o leitor"<sup>330</sup>.

Em Beberibe, Bairro da Zona Norte do Recife, mais uma casa de santo, a do Babalorixá Eudes Chagas, inventa outra forma de dar continuidade às suas práticas religiosas: a criação de uma agremiação carnavalesca, que não tivesse nenhuma vinculação com o Xangô (pelo menos aparentemente). Assim, nasce, em 5 de outubro de 1938, a *Troça Mista Rei dos Ciganos*.

---

<sup>326</sup> Ibid. Recife, 11 mar. 1939.p.12

<sup>327</sup> Ibid. Recife, 15 fev. 1939.p.12

<sup>328</sup> Ibid. Recife, 14 jan. 1939.p.12

<sup>329</sup> Ibid. Recife, 06 ago. 1938.p.12

<sup>330</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 30 jun. 1938.p.6

[...] os maracatus estavam “queimados”, aventou-se, então, a ideia da fundação de uma agremiação carnavalesca que não tivesse nenhuma vinculação com o “Xangô” e nem de longe deixasse transparecer que seus integrantes pertencessem à seita. Foliões de tradição comprovada, entre eles, [...] Dona Santa do Maracatu Elefante, Seu Eudes Chagas, Aluísio Gomes e João Cabral, tomaram a deliberação de fundar uma troça carnavalesca que no carnaval sairia durante o dia e nos demais meses do ano promoveria festas dançantes na sede em louvor às divindades negras; somente assim, disfarçadamente, o culto teria continuidade. [...] A primeira festa dos “santos” realizou-se em dezembro daquele ano, com um retumbante baile dedicado a Orixalá, comparecendo (de branco) todos os participantes. Foi também o teste à argúcia policial. Restava, apenas, que a verdadeira finalidade da troça fosse guardada no mais rigoroso sigilo, o que ocorreu até 1945. No interior da sede da agremiação, foi armado um tablado de regular altura, destinado às orquestras que animavam as danças internas. Na parte de baixo, separado dos olhos curiosos e leigos, estava um simulacro de Peji, onde discretamente foram colocadas as representações simbólicas dos orixás, seus axés, pratos, vasilhas e jarros protegidos por uma grossa cortina estampada <sup>331</sup>.

A criação de *Rei dos Ciganos* é uma boa saída para reunir, no mesmo espaço físico, pessoas que buscam interesses comuns, além de garantir a uma parcela da comunidade de Beberibe e outras localidades, a continuidade de suas crenças. Com mais uma função, não somente a religiosa, o terreiro funciona também como a sede da agremiação, transformando-se num movimentado ateliê de produção de fantasias e adereços, em local de ensaio dos repertórios e das coreografias. O entra e sai na casa, as conversas entre amigos, vizinhos e familiares possibilitam ainda a criação de redes de sociabilidades e negociações entre seus membros e demais instâncias da sociedade, assegurando, contudo, a conquista do espaço público da cidade ao integrar no calendário oficial das festividades carnavalescas o desfile de sua agremiação.

Noutro ponto da cidade, mais precisamente no Pátio do Terço (Bairro de São José), a Vila Eugênia – denominação atribuída à casa das Tias do Terço, também funciona como reduto de carnavalescos e templo de divindades afro-brasileiras. Um espaço caracterizado como ponto de encontro entre os adeptos

---

<sup>331</sup> REAL, Katarina. **Eudes**: o rei do maracatu. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001. p 33-34.



do Xangô e os numerosos carnavalescos, que aí se reúnem para costurar e bordar suas fantasias e estandartes, jogar cartas, búzios, rezar o terço. Essa casa traz em seu enredo personagens que sedimentam a memória do Carnaval de rua do Recife, como Eugênia Duarte Rodrigues (a primeira das Tias), africana e casada com Joaquim Duarte Rodrigues, com o qual tem duas filhas: a primogênita Viviana Rodrigues Braga (1867-1966), também conhecida como Mãe Sinhá; e Emília Duarte Rodrigues (1870-1968), mais conhecida por Tia Iaiá. Maria de Lourdes da Silva (1915 – 1991), a Badia, apresenta-se como a sucessora das Tias e responsável pela continuidade dos preceitos religiosos do espaço.

A casa de Badia tornou-se uma Federação. As velhas eram muito conhecidas e todo mundo do candomblé. [...] a casa era muito respeitada. Era como entrar no Palácio do Governo. A casa tinha as obrigações, era freqüentada por políticos. As agremiações, às vezes, recolhiam lá, pra sair no outro dia porque tava mais perto do centro da cidade. Às vezes tinha cinco estandartes na casa de noite, das agremiações que iam desfilarem no outro dia. Então se encontravam lá: adereços, estandartes, cabeças de roupas, até na calçada tinha roupas, carros alegóricos. A casa delas na verdade era o candomblé, com a Igreja Católica e a Federação Carnavalesca<sup>332</sup>.

O reconhecimento da atuação dessas mulheres, pelos moradores do Bairro, os quais atribuem a casa como sendo “um grande reduto de carnavalescos, pois lá se preparavam as comidas votivas<sup>333</sup> e ofereciam aos orixás para que esses trouxessem a vitória para os grupos no momento da disputa no Carnaval”<sup>334</sup>, constata que o sentido religioso das agremiações está circunscrito ao sentido das crenças de seus próprios atores, e de como

---

<sup>332</sup> Depoimento de Seu Manoel do Nascimento Costa, popularmente conhecido como Manoel Papai. Entrevista realizada por Mário Ribeiro. Recife, 25 set. 2009.

<sup>333</sup> Alimentos oferecidos às divindades nos terreiros, como elo entre este plano e o mundo dos invisíveis, a fim de fortalecer a relação entre o homem e o seu orixá.

<sup>334</sup> Trecho da entrevista realizada com a carnavalesca Severina dos Ramos Caminha, pelo Núcleo da Cultura Afro-Brasileira para a pesquisa sobre as Tias do Terço. Recife: Prefeitura do Recife, 2004. Sobre as histórias que tornam enriquecedor o enredo da trajetória das Tias, consultar o trabalho do antropólogo SILVA, Vagner Gonçalves da. **Caminhos da Alma: memória afro-brasileira**. São Paulo: Summus, 2002; e da historiadora ALMEIDA, Magdalena. **Novas Dimensões para a História do Recife**. (Revista Arrecifes). Recife, Ano 30, n 10, dez 2005. p 25-29.

transportam a estrutura ritualística vivenciada no seu cotidiano para a brincadeira<sup>335</sup>.

Esse tipo de prática é comum entre as agremiações ligadas à religiosidade afro-brasileira. Os rituais de proteção, como são conhecidos, realizam-se dias antes do Carnaval, pelas lideranças dos grupos e alguns integrantes adeptos, com o intuito de se resguardar e se prevenir do mal. Não executá-los pode trazer sérios prejuízos, seja para a agremiação ou para os próprios componentes. Também é denominado de “calço”<sup>336</sup>, podendo ser individual ou coletivo, que acontece juntamente com a preparação e purificação das fantasias, dos adereços e dos instrumentos musicais. O depoimento a seguir, reforça o pensamento anterior e legitima a devoção que alguns clubes pedestres carregam em suas religiões, trazendo para as ruas objetos consagrados impregnados de simbolismos. O estandarte do *Clube das Pás* possui um forte fundamento religioso, tradicionalmente preservado:

no estandarte do clube das Pás, mulher não pegava, porque não se sabia se ela estava menstruada. E aquilo era um estandarte preparado. No oxê, naquele símbolo que tem em cima do estandarte, tem duas pás cruzadas e uma bola. E entro daquela bola tinha um segredo<sup>337</sup>.

São muitas as fórmulas de proteção de acordo com o contexto da cultura africana no Brasil. Em geral, a procura pelas consultas ultrapassa o período de

---

<sup>335</sup> Sobre o cotidiano na casa das Tias, consultar a pesquisa “As Tias do Terço” realizada pelo Departamento de Documentação e História da Fundação de Cultura Cidade do Recife, em 2004. Os depoimentos arquivados constituem importantes fontes de conhecimento para reconstruirmos o cotidiano na casa, as pessoas que lá frequentavam, os acontecimentos realizados, além do contexto histórico da cidade do Recife na época. Em função da relevância histórica e religiosa, há aproximadamente dez anos, o Pátio do Terço transformou-se oficialmente no Pólo Afro do Carnaval do Recife, com programação específica e bastante frequentado por foliões e turistas. A Noite dos Tambores Silenciosos – cerimônia realizada pelos adeptos das religiões afro-brasileiras em homenagem aos “eguns” (antepassados), acompanhada por sacerdotes das diferentes casas religiosas, diversas Nações de Maracatus e foliões - acontece nessa localidade, na segunda-feira de carnaval, à meia-noite. É importante destacar que esse ritual teve início na década de 1960, pelo jornalista Paulo Viana e seus seguidores, na frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Bairro de Santo Antônio, só depois transferindo-se para o largo da Igreja de Nossa Senhora do Terço.

<sup>336</sup> Termo utilizado entre os adeptos das religiões afro-brasileiras para designar proteção espiritual; geralmente é realizado à base de ervas, banhos de purificação, velas, fumaçadas, bebidas, com cânticos e rezas para a entidade ou divindade responsável pelo trabalho. Com relação à diversidade de formas de proteção ritualística empregadas pelos carnavalescos seguidores dos cultos afro-brasileiros no Recife, conferir as pesquisas de SANTOS, Mário Ribeiro dos. **A Jurema e a Festa dos Encantados no Carnaval do Recife**. Monografia (Curso de Graduação em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2006.

<sup>337</sup> Depoimento de Seu Manoel do Nascimento Costa. *Op. Cit.*

Carnaval e vincula-se ao cotidiano dos moradores da comunidade e de outras localidades, que para os terreiros se dirigem em busca dos trabalhos de caridade (para curar os males físicos ou espirituais) realizados pelas entidades espirituais e sacerdotes dos espaços. É o que percebemos no depoimento de Seu Eudes Chagas:

Em 1934, quando eu tinha 13 anos, me dava umas crises. A família me levava aos médicos para descobrir a causa. O médico me examinou, não descobriu nada. Fiquei com as crises. Minha família era muito católica, nada de espiritismo. Minha mãe não gostava de espiritismo. As crises continuavam e eu ia ficando muito doente. Finalmente, uma tia me levou a uma mulher espírita que morava perto. Ela trabalhava com o “Caboclo Daniel”. Falei das crises ao Caboclo e ele me disse que meu problema não era doença, era dois “africanos” que me acompanhavam e que eu só ficava bom no Xangô. Eu estava espantado! Eu via aqueles folhetos de bruxa que os homens vendiam na feira e eu achava que ia me tornar assim. Minha mãe recusava a levar ao Xangô. Foi minha tia que me levou, afinal, á casa de Dona Santa, onde estava localizada a sede do Maracatu Elefante. A casa estava fechada. Naquele tempo todos os cultos eram ilegais. Assim que ela ficou sabendo das minhas crises, ela me disse que para resolver o problema, eu teria de aguardar o dia em que o Maracatu tocasse porque todos os terreiros estavam fechados e, naquela ocasião, eu poderia despistar. [...] Pouco depois, o Maracatu Elefante fez ensaio. Eu estava no segundo quarto com Dona Santa. Ela fez a recomendação e fez o amassi [a lavagem da cabeça do filho de santo com as ervas especiais do ritual iorubano]. É o batismo, ela disse, e me contou que eu teria que seguir a seita porque os Orixás Ogum e Xangô estavam me acompanhando. Cheguei a gozar de saúde [...] <sup>338</sup>.

Esse compartilhamento de favores, fundamentado na medicina natural à base de raízes, folhas, frutos, cascas, flores, mel, etc, e mesclada com traços da cultura africana, como orações, cânticos e oferendas, em dias normais ou outros agitados pela folia, historicamente é criticado pela cultura ocidental, pautada em discursos de “verdades” e numa totalidade homogeneizadora, que adota a Igreja Católica como o modelo ideal de religião e o discurso médico, como oficial para as questões de saúde orgânica e psíquica. <sup>339</sup>

---

<sup>338</sup> REAL, Katarina. **Eudes**: o rei do maracatu. *Op. Cit.* p 21-22.

<sup>339</sup> É importante frisar que a perseguição aos seguidores e praticantes das religiões afro-brasileiras é uma realidade nacional entre as décadas de 1930-1940. Estudos realizados em Florianópolis, Rio de Janeiro, Maceió, entre outros estados brasileiros revelam a existência de uma política preconceituosa que associa as práticas religiosas afro-brasileiras ao charlatanismo e à loucura. Este fato incute no imaginário da classe média que os seguidores

No entanto, o que se observa é que apesar do controle e da perseguição, vários aspectos relacionados à cultura religiosa afro-brasileira permanecem vivos através da resistência, e minam o contexto geral, instituindo valores e estabelecendo táticas de poder. Um período que se anuncia desde os preparativos em casa até a chegada dessas agremiações às ruas, espaços de manifestações do controle <sup>340</sup>.

Desse modo, considerando a concepção de Michel De Certeau, as táticas estão relacionadas a operações que fogem e minam um lugar. São mais simbólicas. De certa forma, estão relacionadas a um desafio comum: a possibilidade de se agir dentro de determinadas condições – o campo de batalha, o contingente ou dentro dos limites de discursos hegemônicos. <sup>341</sup> São procedimentos de caráter informal que atuam no espaço do outro, o lugar (controlado), e instituem um novo espaço, ou seja, o “lugar praticado”.

Nesse trânsito, no qual os foliões transportam para o Carnaval a sua ligação com o sagrado, identificamos o desenvolvimento, de maneira silenciosa e lenta (às vezes nem tão silenciosa assim); cuidadosa e habilidosa, de uma densa malha invisível que se encontra esticada pela cidade, a ponto de interferir na própria estrutura organizacional, funcional e simbólica da festa. A rua passa, então, a ser o domínio territorial dos caboclinhos, dos maracatus, das troças e dos clubes. É o “lugar praticado”, onde os becos, as esquinas, os pátios e as praças constituem movimentados espaços de circulação, cujos itinerários são fortemente definidos e conquistados.

---

dessas religiões precisam, urgentemente, serem tratados por médicos especialistas, afim de curar esse segmento da população brasileira de tais males, uma vez que o ideal do homem brasileiro, segundo o Estado Novo, “era um homem perfeito, de corpo e mente sãos.” Esse fato acarreta a transformação de muitas casas religiosas em laboratórios de observação e estudo para médicos psiquiatras. Como exemplo desse momento em Pernambuco, podemos citar a atuação da equipe de especialistas dirigida pelo médico Ulisses Pernambucano de Mello e os trabalhos realizados pelo Serviço de Higiene Mental (SHM). Sobre o assunto sugerimos as leituras de: ALMEIDA, Maria das Graças Ataíde. *A Construção da Verdade Autoritária*. Op. Cit. TRAMONTE, Cristiana. *Com a Bandeira de Oxalá. Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis*. Itajaí: UNIVALI, 2001.

<sup>340</sup> Sobre a atuação da cultura na conquista dos espaços sociais consultar os trabalhos de SANTOS, Jocélio T. dos. **O poder da cultura e a cultura no poder**. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000; SANTOS, Mário Ribeiro dos. **O Carnaval Preto do Recife: a conquista do espaço público da festa pelos afro-descendentes**. Op. Cit.

<sup>341</sup> JOSGRILBERG, Fábio B. **Cotidiano e Invenção: os espaços de Michel De Certeau**. Coleção Ensaio Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2005.p 30.



Troça formada por homens vestidos de mulher durante o Carnaval de 1945 na Rua da Imperatriz – centro do Recife. Observa-se um estandarte puxando o cortejo e os próprios integrantes compõem a percussão do grupo. Transeuntes na calçada caminham enquanto acompanham a cena. Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife.



Foliões tomam a rua e caem no passo ao som do frevo durante o Carnaval do Recife nos anos 1940. Observa-se a orquestra composta por instrumentos de metais, o que caracteriza o som do frevo de rua. A quantidade de homens (vestidos de calça e chapéu) chama atenção na imagem, o que não impede a participação das mulheres. Destaque também para o número de guarda-chuvas (instrumento de ataque e defesa dos antigos manobristas, precursores dos passistas de frevo.) Foto de Alexandre Berzim. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Cordão de foliões fantasiados de ciganos na Rua da Imperatriz em direção à Praça Maciel Pinheiro – Bairro da Boa Vista. Observar-se que o público mistura-se a brincadeira (crianças descalças). Pelo horário, durante o dia, acredita-se que seja uma troça. Carnaval do Recife nos anos 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Foliões fazendo o passo na rua durante o Carnaval nos anos 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.





Grupo de foliões divide o espaço da rua com os automóveis. Carnaval do Recife na década de 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Foliões fazem o passo ao som do frevo durante o Carnaval do Recife na década de 1940. Observa-se a falta de calçamento na rua e o formato igual das casas. Possivelmente uma das Vilas do Governo de Agamenon Magalhães. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



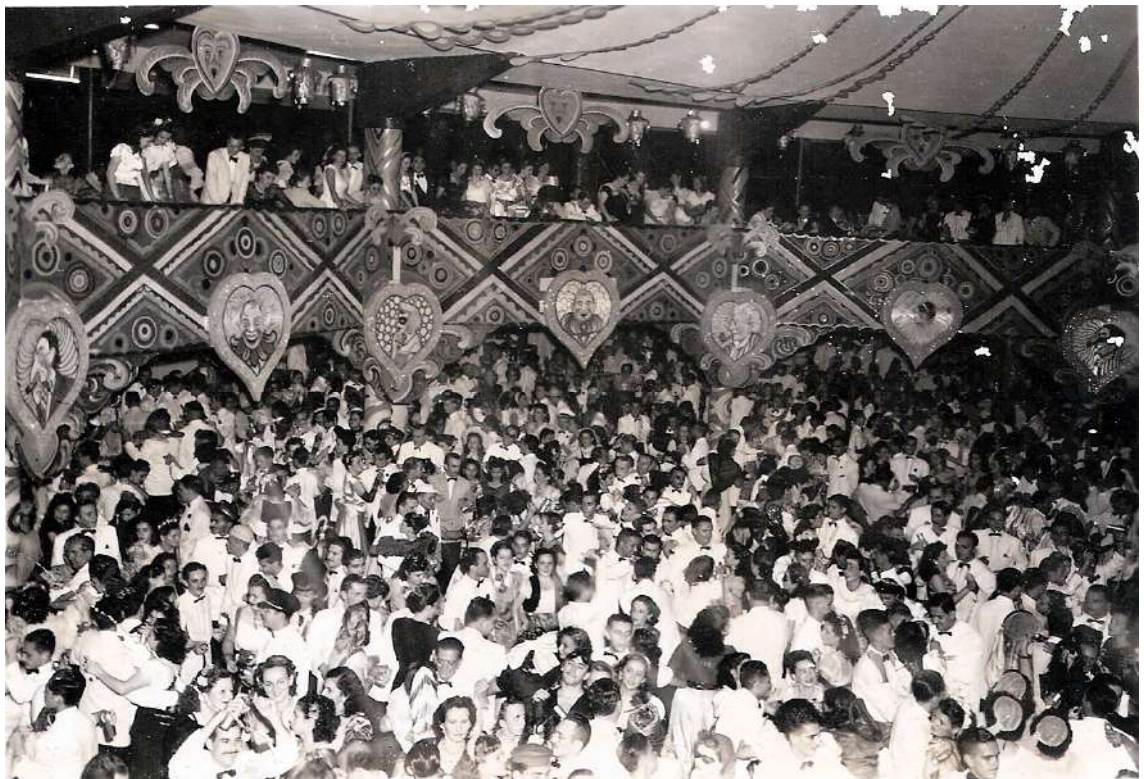
Brincadeira do Urso no Carnaval do Recife na década de 1940. Observam-se alguns personagens: no primeiro plano, uma criança com uma fantasia de calda, possivelmente o Diabo; o caçador (de calça branca), que se apresenta com uma corrente presa ao Urso. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Foliões caem no passo do frevo. Carnaval do Recife na década de 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Baile de Carnaval nos clubes Internacional (acima) e Português (abaixo). Recife na década de 1940. Fonte: Acervo Museu da Cidade do Recife.





Maracatu Nação Elefante. Observa-se no centro da imagem a Rainha Dona Santa seguida de alguns personagens do préstito. Carnaval do Recife na década de 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Foliona fantasiada de Carmem Miranda no Carnaval do Recife. Década de 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



Foliões fazendo o passo no Carnaval de Rua do Recife. Década de 1940. Foto de Alexandre Berzin. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.



*Capítulo 3*

*“Nós somos madeira de lei que cupim não rói”*



“Nós somos madeira de lei que cupim não róí”.

(Capiba)

A nossa intenção com este capítulo que se inicia com o verso de uma das canções mais populares do carnaval do Recife é mostrar, sobretudo, como o frevo, considerado até o início do século XX como sinônimo de atraso, de vagabundagem e de violência, ignorado por uma elite obcecada por valores europeus, transforma-se em elemento genuinamente pernambucano, de lei, exemplo de orgulho de uma identidade mestiça, merecedora de ser propagada e preservada pelo Estado em praticamente todos os acontecimentos sociais, sobretudo, no Carnaval.

O frevo - síntese das várias tradições étnico-culturais - passa a ser enaltecido como nosso e Pernambuco consagra-se como o território-berço dessa invenção popular, nascida do interior das fábricas da Capital, do desejo da classe trabalhadora, do povo. A nossa “madeira de lei”, com reservas espalhadas por praticamente toda a cidade. São poucos os subúrbios, na época, que não têm uma troça, um clube ou um bloco organizado pelos populares ao som do frevo.

Não é nossa intenção analisar a importância do frevo para o estudo da música popular no Brasil, muito menos temos a pretensão de caminhar pelo complexo percurso inteligentemente seguido por Hermano Vianna na descoberta dos mistérios do samba e sua nacionalização<sup>342</sup>. O desafio que ora assumimos nesta parte do trabalho, é entender como o carnaval popular conquistou o espaço público da festa no Recife durante a Era Vargas, a ponto de uma manifestação do povo transformar-se em símbolo do carnaval pernambucano, objeto de projetos políticos do Estado e fonte de inspiração para intelectuais e artistas.

Nesse sentido, a relação entre política e cultura popular emerge, portanto, no interior de um quadro mais amplo, o Estado, que em busca da construção de uma identidade nacional, estabelece uma tradição de pensamento que procura compreender as relações do moderno, a transformação da infra-estrutura econômica, com uma possível hegemonia

---

<sup>342</sup> VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: UFRJ, 2007.

cultural. “O país, antes cindido em raças e classes sociais, passa a ser imaginado como um todo, no qual simbolicamente (e apenas simbolicamente) todos seriam iguais”<sup>343</sup>.

Esse interesse pela cultura nacional surge nas décadas de 1920 e 1930, com a Semana de Arte Moderna e quando o mestiço torna-se símbolo da identidade do Brasil. Esse é o momento em que o futebol e o samba deixam de pertencer a grupos restritos da sociedade e são inteiramente ressignificados e incorporados no calendário oficial dos divertimentos públicos. Diante desse contexto, as autoridades governantes de posse de um novo projeto consideram de fundamental importância desconstruir o discurso ufanista da República Velha, impregnado de valores europeus, e instituem uma política que retome a ideia de nacionalidade, aproximando a população comum da elite, num processo de valorização das culturas populares<sup>344</sup>.

No entanto, Renato Ortiz, ao realizar estudos sobre a relação entre Estado, cultura popular e identidade nacional, afirma que “em diferentes épocas, e sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à identidade nacional.” Para o autor, no final do século XIX, o Bacharel em Direito Sílvio Romero, “precursor dos estudos sobre o caráter brasileiro, define o seu método de trabalho como ‘popular e étnico’, apresentando o brasileiro como mestiço, seguindo o conceito de povo que era o da mistura racial”<sup>345</sup>. Entretanto, é com Gilberto Freyre, a partir da repercussão de *Casa-grande e senzala*, em 1933 e com a valorização dos nossos traços mestiços, que a cultura popular se consolida como tema de um projeto político mais amplo. Com a “Revolução” de 1930, a política de branqueamento da população, preferencialmente escolhida para mão-de-obra nas lavouras de café, as

---

<sup>343</sup> Ortiz, Renato. In: Prefácio de VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Carnaval em Branco e Negro**. Carnaval popular paulistano (1914-1988). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

<sup>344</sup> Sobre a popularização do futebol e do carnaval como símbolos da identidade nacional, ver os trabalhos de SOIHET, Rachel. **O povo na rua**: manifestações culturais como expressão de cidadania. Publicado na Coleção Brasil Republicano, Livro 2 – o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo, editora Civilização Brasileira, 2003. **A subvenção pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2008.

<sup>345</sup> ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 127. O processo de miscigenação da sociedade brasileira é plausivelmente visualizado nos 10 programas da série baseada na obra-prima do antropólogo Darcy Ribeiro, **O Povo Brasileiro**. O documentário foi idealizado e dirigido por Isa Grinspum Ferraz. 260 min. Brasil, 2000.

tendências regionalistas e oligárquicas foram sufocadas, criando um novo modelo de Brasil, no qual “um pouco” de cada elemento formador do país fosse retirado para constituir um todo, o nacional<sup>346</sup>.

Na busca pela consolidação desse território mestiço o Carnaval emerge como a celebração que une o povo e a nação. Não tarda, e a festa passa a ser objeto de inúmeras atenções do Estado. Os populares, fortalecidos por um longo processo de resistência à praga dos “cupins”, identificam nessa relação o momento de concretizar o domínio do espaço público da festa, e rapidamente um novo modelo de brincar carnaval se difunde pelos bairros, pelas cidades, pelos estados, tomando conta do país.

Diante desse contexto de interesses mútuos, o Estado implanta um sistema de medidas que visa, sobretudo, o controle da produção artística dos populares, instituindo um modelo de festa a ser seguido por todos na rua. Para isso, estabelece parcerias com a mídia, empresários, intelectuais e instituições que se encarregam de preservar esses padrões, de registrar oficialmente os grupos, de distribuir a subvenção pública e de estabelecer quem pode participar e quais os critérios de inclusão na festa. Nesse ambiente de fiscalização e propaganda oficiais de uma política de valorização da cultura regional, focado no carnaval de rua do Recife, iremos nos deter ao papel da Federação Carnavalesca Pernambucana e sua relação com os clubes pedestres, entre as décadas de 1930 e 1940.

### **3.1 Uma relação para além da festa: a Federação Carnavalesca Pernambucana e as agremiações populares**

A ideia de reunir os grupos carnavalescos numa Federação se concretiza em 3 de janeiro de 1935, quando um grupo de intelectuais, políticos e empresários de grande prestígio econômico-social na capital fundam a Federação Carnavalesca Pernambucana. Uma instituição com personalidade jurídica, que tem como principal propósito: harmonizar as agremiações

---

<sup>346</sup> Sobre a importância da publicação de *Casa-grande e Senzala* nos anos 1930, ver a análise que o antropólogo Hermano Vianna faz no seu trabalho *O mistério do samba*.

carnavalescas, “dar-lhes sadia orientação, [educá-las], [encaminhá-las] para princípios mais elevados”<sup>347</sup>.

Essa preocupação em estabelecer uma política intervencionista no carnaval de rua do Recife está relacionada, entre outros fatores: ao interesse de aproximação das elites locais com as práticas culturais populares no início do século XX; a inserção no espaço público da cidade das agremiações carnavalescas e o combate ao comportamento rixoso e insubmisso que caracterizava a realidade dos clubes pedestres no Recife desde o século XIX.

Os agrupamentos carnavalescos viviam em ambiente de rivalidade tal, hostilizavam-se de tal maneira que havia receio de irem às ruas as pessoas pacatas, porque o encontro de dois clubes carnavalescos era sinal de derramamento de sangue. Vitorioso era o clube que deixava nas ruas o maior número de feridos e até de mortos. Os compositores faziam músicas especiais para o momento do encontro, conhecidas como “abafadoras”, não só para superar a orquestra do clube adversário, como para excitar à luta os próprios partidários. Por outro lado, esses agrupamentos carnavalescos poderiam tornar-se sementeiras de idéias perniciosas, ameaçadoras de subversão do mundo<sup>348</sup>.

Numa época em que o Estado se preocupa em “defender a cultura quando uma crise de sistemas sacode a civilização, subvertendo a ordem moral”<sup>349</sup>, a FECAPE surge como a grande aliada no combate aos problemas do governo. “Ela era ao mesmo tempo instrumento e projeção, no plano da cultura, do ideal estado-novista da construção de uma nova ordem econômica, política e social para o País”<sup>350</sup>. Nesse sentido, com o respaldo dos poderes estadual e municipal, a organização torna público para todas as agremiações responsáveis pelo carnaval do Recife, o seu estatuto estruturado com base num conjunto de medidas normativas, que interfere no cotidiano dos grupos para além dos dias da folia. Determinações que silenciam a opinião das entidades, uma vez que as mesmas se submetem às imposições em troca de auxílio financeiro, prêmios e principalmente reconhecimento público e social por parte das autoridades. Segundo o seu estatuto, cabe à Federação:

---

<sup>347</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

<sup>348</sup> *Idem*

<sup>349</sup> FOLHA da Manhã. Recife, 02 Fev. 1944

<sup>350</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **DIP DOPS no frevo**. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco: 1930-1945. *Op. Cit.*p. 98.

- I) Procurar a harmonia entre os clubes filiados;
- II) Distribuir auxílios equitativos, cada ano, aos clubes que tomarem parte do carnaval;
- III) Dar prêmios aos clubes carnavalescos que de modo mais digno se apresentem; (exaltando a pátria, figuras nacionais, com luxo)
- IV) Desenvolver o turismo;
- V) Moldar o carnaval no sentido do tradicionalismo histórico e educacional, fazendo reviver costumes nossos, tipos da nossa História, fatos que nos educam;
- VI) Colaborar com os poderes públicos para a regulamentação e boa distribuição do tráfego, a fim de que não haja prejuízo do frevo, que merece apoio para a sua conservação típica;
- VII) Organizar comissões para propaganda do carnaval de Pernambuco nas cidades do interior e nos Estados vizinhos, bem como por intermédio do rádio e da cinematografia.<sup>351</sup>

Entretanto, é importante destacar, que essa tentativa de disciplinamento dos divertimentos públicos de Momo, não constitui uma “invenção” do Estado Novo. As sementes de sua implementação são fecundadas na década de 1910, durante as reuniões para o 1º Congresso Carnavalesco em Pernambuco, realizadas no Recife, em maio de 1911.

Esse congresso tem como objetivo “acabar de uma vez para sempre com intrigas soeses e pequeninas que davam em resultados lutas sangrentas”<sup>352</sup>. A ideia é discutir com diplomacia, as questões intrigantes entre os clubes, dentro da nova ordem estabelecida, priorizando momentos de cordialidade e de diversão, principalmente durante os ensaios das manobras, nos acertos de marcha e nos desfiles oficiais em dias de Carnaval. Segundo Rita de Cássia,

Na prática, o Congresso Carnavalesco constituía a tentativa até então mais direta, sistematizada e abrangente das elites e do Estado, através da instância policial, de intervir nas folias de Momo. Seus dirigentes pretendiam reformar e padronizar os estatutos das sociedades carnavalescas, retirando-lhes autonomia e poder de decidirem sobre seus próprios destinos; como também tentaram interferir na forma de exibirem-se em público, redefinindo padrões comportamentais e estéticos [...] <sup>353</sup>.

<sup>351</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

<sup>352</sup> RABELLO, Evandro. **Memórias da folia**: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa (1822-1925). Recife: Funcultura, 2004. p. 174.

<sup>353</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **DIP DOPS no frevo**. *Op. Cit.* p. 88

O acontecimento do Congresso marca um dos momentos de aproximação das elites das práticas lúdicas populares, que passam a perceber na cultura, sobretudo a “popular”, um momento oportuno de apresentação de “dados e observações, para os planos de governos”, em alta até então<sup>354</sup>. Tal fato é identificado, entre outros exemplos, pelo próprio local escolhido para encerramento da festa do Congresso: a sede do clube pedestre *Dezoito de Março*. Da solenidade participam intelectuais como Osvaldo de Almeida (orador oficial da congregação), presidentes e outros integrantes de agremiações carnavalescas tradicionais como os clubes *Lenhadores*, *Pás*, *Filhos da Candinha* e representantes da Chefatura de Polícia. O chefe de Segurança Pública, o Dr. Ulysses Costa, recebe uma homenagem dos carnavalescos, e agradece deixando transparecer a gratidão pelos populares “dizendo-se feliz por ter encontrado auxílio no “Congresso” durante as lides carnavalescas, na época em que em tempos outros, os crimes se sucediam apavorando os que queriam se divertir”<sup>355</sup>.

Esse carnaval pacífico e ordeiro promovido pela integração entre Polícia e clubes pedestres, sob os olhares controladores do Estado, possibilita “a construção de um discurso (e apenas um discurso) no qual o traço de união, integração e congregação, harmonia e igualdade entre grupos extremos da sociedade”<sup>356</sup> caracterizaria a festa de agora em diante. Em virtude de mudanças no contexto político estadual, o Congresso Carnavalesco tem vida curta, realizando-se apenas a sua primeira edição.

Diante do novo cenário da política local, a postura das autoridades policiais com relação aos divertimentos populares oscila entre negociações e atitudes arbitrárias, com uso da violência, em geral com o auxílio da cavalaria na repressão aos atritos entre as agremiações e os foliões na rua.<sup>357</sup> Nesse sentido, imponderados de seu lugar de participação na festa pública, uma vez que passam a ter as suas manifestações inseridas na programação oficial do governo e a consciência de ocasionar a movimentação econômica do comércio, do turismo, dos transportes, dos jornais, entre outros serviços

---

<sup>354</sup> MAGALHÃES, Agamenon. **Idéias e Lutas**. *Op. Cit.* p.94

<sup>355</sup> RABELLO, Evandro. *Op. Cit.* p. 176

<sup>356</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas**: máscaras do tempo. *Op. Cit.* p. 396

<sup>357</sup> Sobre o assunto ver **JORNAL Pequeno**. Recife, 23 Jan. 1923. In: RABELLO, Evandro. *Op. Cit.* p. 184-185.

comuns ao cotidiano de uma cidade, os populares das agremiações se reúnem e fundam, em fevereiro de 1923, a Liga Carnavalesca Pernambucana. A iniciativa conta com a participação de clubes tradicionais do Recife e de Olinda, como *Vassourinhas*, *Toureiros de Santo Antônio*, entre outros, totalizando vinte e cinco grupos filiados e que têm como objetivo protestar contra: “a alta dos preços das orquestras; a falta de auxílio do comércio; e as medidas excessivas da polícia postas em prática”<sup>358</sup>. A solução encontrada pelos grupos é a de não se exibirem no carnaval daquele ano, apesar de alguns grupos quebrarem o pacto estabelecido. Apesar de algumas conquistas como a intervenção do prefeito e do chefe militar no caso e o barateamento das orquestras, tal como o Congresso, a Liga também tem vida curta e o projeto de reunir os clubes pedestres numa organização que “defendesse” os seus interesses só vem concretizar-se, em 1935, com a criação da Federação Carnavalesca.

Nos primeiros anos da década de 1930, numa tentativa de aproximação com o carnaval de rua, a imprensa pernambucana estabelece um diálogo com a população, ressaltando o reconhecimento da originalidade do nosso carnaval e estimulando a construção de um discurso a favor da preservação do frevo, instigando os empresários na promoção de concursos de músicas carnavalescas, a contribuição do comércio e a oficialização do Estado na distribuição de uma subvenção aos clubes carnavalescos.

Recife cai em pleno domínio do pagode. [...] Aqui então o Carnaval é marcado por uma nota inédita, que o torna ainda mais original. Esta nota é o frevo. O frevo, caracteristicamente pernambucano, nascido e idealizado nesta gleba provinciana [...]. Esta folha, carregando o peso desta vida centenária, conhecendo, através de muitas décadas, o sentido vivo da alma do nordestino, viu que precisava estimular o frevo, tão apegado aos sentimentos regionalistas dessa gente. Dahi a idéia do concurso de marchas que promovemos, o qual foi coroado do mais completo êxito. A marcha “É de Amargar”, primeiro premio do nosso concurso é a mais cantada e dansada nos dias presentes. Contribuímos, portanto, à altura de nossa missão de imprensa conservadora. Infelizmente da parte dos particulares partem iniciativas tendentes a animar os festejos a Momo, o governo queda-se em uma impassibilidade que irrita. O povo quer brincar e se expandir nestes dias fadados à expansão de máguas. Mas a crise, problema insolúvel para os desbravadores da fortuna, não deixa o pobre

---

<sup>358</sup> JORNAL Pequeno. Recife, 12 Fev. 1923. p.2



tirar da sua magra bolsa uma ninharia de dinheiro para se divertir um pouco. e o que fazem os poderes públicos? [...] abra um Governo um crédito extraordinário de 1.500.000;000\$000, pelo menos, e distribua com o povo, em dinheiro ou em artigos carnavalescos. Não se mantém soldados no Sertão para combater Lampião? [...] Por que não reservar uma parte destas importâncias, para fins carnavalescos? Boa oportunidade do poder público se reabilitar perante o povo, indo ao encontro de suas aspirações de convictos foliões<sup>359</sup>.

O ambiente, então, é propício para o nascimento da Federação: reivindicações da imprensa em prol do carnaval popular, manifestações da classe trabalhadora, insatisfação da população urbana com o alto custo de vida, burburinhos do movimento comunista que se espalham no país. Congregar o mais rápido possível as agremiações carnavalescas, e por tabela a massa trabalhadora numa instituição, significa mantê-las protegidas de movimentos sociais considerados nocivos ao Novo Regime.

Não demora, e representantes das elites locais se reúnem e fundam a FECAPE, que recebe o apoio “integral dos poderes constituídos, que tudo lhe tem facilitado”. A Secretaria de Segurança Pública coloca um representante permanente a sua disposição para registro e acompanhamento de todas as ações. O governador Carlos de Lima Cavalcanti e o prefeito João Pereira Borges também “compreenderam a finalidade da Federação e lhe deram todo o prestígio de que carecia, traduzindo-o, também, em auxílios pecuniários e tem contado igualmente com a indústria e o comércio em grosso”<sup>360</sup>. A imprensa também colabora desde o início com a organização de uma coluna específica sobre Carnaval, na qual divulga os ensaios e as festas dos clubes, noticia reuniões, concursos de músicas, de melhor fantasia, deixando o público sempre a par das atividades carnavalescas. Entre os veículos de comunicação de massa, a Rádio Clube de Pernambuco torna-se uma grande parceira na irradiação de músicas pernambucanas de carnaval.

No seu corpo social, congrega vários nomes de grande influência na vida cotidiana da Capital, corriqueiramente noticiados pela imprensa, citados nas conversas nos bondes, nas rodadas de café no Lafayette, entre um sorvete

---

<sup>359</sup> **O IMPRENSA.** Pasta nº 343, CD Rom APEJE. O documento é uma publicação organizada pela classe dos jornalistas. Não tem datação, porém como cita no corpo da matéria o sucesso da música “É de Amargar”, de autoria de Capiba, estima-se, que seja uma documentação do ano de 1934, data em que a composição foi gravada.

<sup>360</sup> **ANUÁRIO** do Carnaval de Pernambuco. Op. Cit. s/p

e outro na Rua Nova. Dessa forma, ocupando o cargo de presidente da Federação, um dos empresários mais renomados no estado, o Dr. J.F. Fish, superintendente da “Pernambuco Tramways and Power Company Limited, truste ianque-canadense que monopolizava o fornecimento de força e luz e os serviços de transportes urbanos, de gás encanado e de telefone”<sup>361</sup>. Na vice-presidência, o engenheiro Arlindo Cruz, ex-superintendente da Estrada de Ferro Central do Brasil e por vários anos à frente da Great Western Brazil Railway – empresa britânica ligada aos serviços de transporte de passageiros e de mercadorias, “nos planos interestadual e intermunicipal, em área que tinha a cidade e o porto do Recife como centro, irradiando-se por outras capitais e cidades interioranas do Nordeste”<sup>362</sup>. Outros doutores também encorpavam a classe de sócio-fundadores da Federação, entre os quais destacam-se: Pedro Alain Teixeira (2º Vice-presidente) ex-deputado da Assembléia Legislativa do Estado e grande incentivador para o desenvolvimento do Jockey Club; J.S.A. Pinheiro, engenheiro da Pernambuco Tramways, tendo trabalhado para outras multinacionais, desempenhava a função de tesoureiro da Federação, juntamente com Renato Silveira, ex-presidente da Câmara Municipal do Recife, da Federação de Desportos e secretário do Rádio Club de Pernambuco, e que ocupava o cargo de vice-tesoureiro; o intelectual Mário Carneiro do Rego Melo, mais conhecido como Mário Melo, Bacharel em Direito, professor da Faculdade de Comércio de Pernambuco e da Escola de Bela Artes de Pernambuco, redator de jornais de grande circulação na cidade, fundador da AIP – Associação da Imprensa de Pernambuco, e na Federação ocupava desde o início, o destacado lugar de fala na função de 1º Secretário.

É Mário Melo, no período de preparação da Federação, que redige e envia para todas as agremiações carnavalescas do Recife, uma carta circular convocando os grupos para uma “reunião inaugural, no dia 3 de janeiro, às 20 horas, na sede da Federação Pernambucana de Desportos, na Rua da Aurora, nº 237.” No documento, o jornalista ressalta a originalidade que marca o carnaval de Pernambuco, isto é, o frevo, e destaca a preocupação de uma parcela da sociedade interessada em preservar tal aspecto, visando,

---

<sup>361</sup> CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como caso foi: a luta clandestina: memórias políticas**. 2. Ed. Recife: CEPE, 2008. p.20.

<sup>362</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **DIP DOPS no frevo**. *Op. Cit.* p. 95.

sobretudo, o progresso de Pernambuco e projetar o Recife como a cidade do turismo. Nesse sentido, “resolveram fazer a coordenação de todos os elementos numa Federação dos clubes existentes e que de futuro se possa organizar”<sup>363</sup>. Entre outros nomes empossados como sócios-fundadores e com posição de destaque na Federação, destacam-se o Dr. Samuel Campelo, figura de destaque no campo das artes cênicas, grande representante do teatro em Pernambuco, e que na ocasião desempenhava a função de 2º secretário; o Dr. Teófilo de Barros, divulgador da música pernambucana na Capital Federal e outros estados; e o Capitão José Lourenço da Silva, popularmente conhecido como Capitão Zuzinha, “primeiro” compositor do frevo pernambucano, diretor da Banda de Música da Brigada Militar do Estado também empenharam esforços na estruturação da entidade.

É importante observar, que no centro das decisões da administração da FECAPE, apenas pessoas “do mais alto e merecido conceito intelectual e moral” são eleitas e empossadas, afastando dos populares, toda e qualquer oportunidade de interferir no processo de organização de suas próprias práticas culturais. Assim, fica estabelecido em estatuto, que

para garantir a ascendência moral da Diretoria, dando autoridade para harmonizar os clubes filiados, os estatutos determinam que o diretor e o membro do Conselho Consultivo não podem pertencer como sócio ou por outro título a qualquer daqueles clubes<sup>364</sup>.

Essa forma elitista de nomear para os cargos de maior influência pessoas publicamente conhecidas, tem a ver com uma ordem social que distingue, classifica, hierarquiza e traça limites. Uma ordem que encerra condições estabelecidas, papéis e modelos de comportamento comuns dentro de um grupo. Essa forma de pensar a composição da Diretoria da FECAPE afastando do poder central pessoas anônimas sem nenhum prestígio social, econômico e político, vincula-se ao que Georges Balandier diz sobre o perfil de uma autoridade que concentra em si todas as formas de poderes. Para o autor, “um candidato ao poder supremo não pode irromper, surgir do desconhecido,

---

<sup>363</sup> SILVA, Leonardo Antonio Dantas. **Carnaval do Recife**. *Op. Cit.* p. 220 - 221.

<sup>364</sup> **ANUÁRIO** do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

senão em condições excepcionais que fazem dele um herói e salvador. [...] Ele deve ter sido preparado, ter adquirido figura pública”<sup>365</sup>.

Agindo sob múltiplos aspectos no cotidiano das agremiações (inclusive funcionando como um fórum de encontro dos carnavalescos) e da sociedade de uma maneira geral, a Federação Carnavalesca fornece ferramentas importantes que caracteriza a atuação do Estado Novo em Pernambuco. Dez meses após a sua fundação, já se identifica a eficácia do empreendimento. O fracasso da Intentona Comunista, em novembro de 1935, pode ser apontado como uma conquista, uma vez que no seu estatuto combatia tenazmente “propaganda contra ideias extremistas, por meio de doutrinação, evitando assim que os elementos de nossos clubes se contaminem, e até mesmo indicando o bom caminho aos periclitantes.”<sup>366</sup>

Dois carnavais após a sua fundação, já apresenta resultados positivos, de cooperação com o poder público ao bem estar social, alegando que depois de fundada,

Não houve mais uma luta pelo carnaval ou por motivo de carnaval. Conseguimos o mais difícil de nosso objetivo, graças a confiança que, pelo nosso proceder inspiramos, e hoje é de completa harmonia o ambiente das agremiações carnavalescas. Tanto no primeiro ano como no segundo do carnaval [...] distribuimos auxílios a todos os clubes que tomaram parte nas festas carnavalescas e demos prêmios ao que mais se distinguiram<sup>367</sup>.

Essa realidade lhe confere respaldo para enviar ao governador do Estado um documento, em 26 de agosto de 1936, solicitando o reconhecimento da Federação Carnavalesca Pernambucana como de utilidade pública, e que o mesmo autorizasse a concessão de favores de sua alçada quando solicitados, auxiliando as associações carnavalescas permanentemente. De acordo com Rita de Cássia,

A partir de dezembro de 1936 – data em que adquiriu status de órgão oficialmente reconhecido para coordenar, promover e organizar os festejos carnavalescos do Estado, concentrando sua atuação na cidade do Recife -, a Federação passou a centralizar, regulamentar, disciplinar e controlar uma gama cada vez maior de atividades e instituições ligadas ao mundo

---

<sup>365</sup> BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. *Op. Cit.* p.34.

<sup>366</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

<sup>367</sup> Idem

do Carnaval, estendo a sua atuação a outras esferas que extrapolavam, em muito, o domínio exclusivo da festa<sup>368</sup>.

Com a promulgação do Estado Novo, uma parcela do orçamento geral do município é oficialmente destinada a “contribuições, subvenções e auxílios”, que por sua vez se divide para fins de assistência, fins culturais, defesa de Saúde Pública e aos Clubes Carnavalescos. Nenhum outro ciclo festivo, tradicionalmente vivenciado na região como São João e Natal é mencionado na documentação. Isso demonstra a importância adquirida pelos clubes carnavalescos perante as autoridades, a ponto do orçamento público separar um valor determinado para subsidiar as suas despesas.

Por outro lado, ao analisar os dados da tabela abaixo, percebemos alguns pontos que merecem destaque: primeiro, os clubes carnavalescos não se enquadram na lista de atividades destinadas à verba de fins culturais. Segundo o governo, entre as práticas culturais beneficiadas estão o teatro de Santa Isabel, as escolas de artes, o Liceu, o Conservatório de Música, entre outros espaços. Os clubes carnavalescos enquadram-se num segmento à parte, recebendo um investimento que permanece invariável (15:000\$000) durante vários anos (1940-1945), como se as despesas dos grupos com fantasias, contrato de orquestras, adereços, alimentação, aluguéis de transporte, espaços, organização de festas, entre outras necessidades, permanecessem as mesmas em todos os carnavais.

Outro ponto observado destina-se ao investimento total do município e a verba direcionada a contribuições, subvenções, auxílios diversos e clubes carnavalescos. Como exemplo, citamos os investimentos para o ano de 1944 (22.989.679,00), sendo desse total, 234.000,00 reservados para a manutenção de asilos, jardins da infância, abrigos, centros de ofícios, casas de reparo, mosteiros, Círculos Operários, combate à tuberculose, à mortalidade infantil, entre outras atividades. Os Clubes Carnavalescos permanecem recebendo o mesmo valor, 15.000,00 para todas as despesas<sup>369</sup>.

---

<sup>368</sup> ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **DIP DOPS no frevo**. *Op. Cit.* p. 99.

<sup>369</sup> Os dados da tabela foram retirados dos Decretos-Leis do Município do Recife (1937-1945), disponíveis na Biblioteca Setorial do Departamento Jurídico da Prefeitura do Recife, 3º andar, do edifício sede, no Bairro do Recife. Os investimentos totais do município referentes ao período de 1937 a 1940 não foram identificados na documentação, assim como o investimento aos clubes carnavalescos no ano de 1939, em virtude de algumas páginas da documentação se encontrarem rasgadas ou ilegíveis.

ANO	INVESTIMENTO TOTAL DO MUNICÍPIO	VALOR DESTINADO A CONTRIBUIÇÕES, SUBVENÇÕES E AUXÍLIOS DIVERSOS	INVESTIMENTO AUXÍLIO CLUBES CARNAVALESCOS
1937			25.000\$000
1938			12:000\$000
1939		275:432\$000	NÃO RECEBEU
1940		148:200\$000	15:000\$000
1941	18.687:588\$700	182:400\$000	15:000\$000
1942	19.467:297\$800	182:400\$000	15:000\$000
1943	19.493.079,00	189.000,00	15.000,00
1944	22.989.679,00	234.000,00	15.000,00
1945	27.135.861,00	178.200,00	15.000,00

Apesar de manter invariável durante muitos anos o investimento público na organização das festividades carnavalescas e da desvantagem no momento da distribuição do dinheiro entre os próprios clubes, como vimos no capítulo anterior, o patrocínio oficial do Estado vincula-se a uma conquista da Federação, fato que desencadeia nos grupos uma espécie de comportamento submisso, cujo modelo era definido em estatuto, frequentemente revisto e consertado pelo Conselho Consultivo da FECAPE. Uma forma de manter as camadas populares disciplinadas, vivenciando “fatos que nos educam” e reproduzindo modelos que elevem o sentimento nacionalista defendido pelo Estado Novo.

### **3.2 Doutrinando as Massas: a Federação Carnavalesca Pernambucana e o caráter pedagógico da festa**

O homem hoje, por mais ignorante que seja, está inquieto. Precisa de uma orientação e de uma disciplina. Essa orientação e essa disciplina, só poderemos encontrá-las na história, que é soma dos sacrifícios comuns pela pátria, pela ordem e pela continuidade nacional. [...] Os heróicos feitos dos antigos precisam agora e mais do que nunca estar bem vivos

na memória dos que lutam pela civilização e pela dignidade de viver<sup>370</sup>.

O pensamento de Agamenon Magalhães, sete anos após o golpe do Estado Novo, ainda reflete a preocupação do interventor com o controle das mentes e do comportamento social da população. As causas dessa inquietação do homem comum, cada vez mais agitado, apóiam-se na emergência de uma consciência política e na organização dos seus pares, fruto do avanço das ideias “extremistas” do comunismo e do ordenamento da classe trabalhadora, cuja dimensão incomoda e assusta as elites dirigentes. Nessa “hora de confusão que o Brasil atravessa”<sup>371</sup>, o governo investe numa política de orientação que coordena as vontades e as inteligências do povo comum, bloqueando “todas as forças particularistas, que tentem perturbar esse sistema, provocando reações do Estado”<sup>372</sup>.

No interior desse contexto ameaçador, o interventor amplia o seu programa de intervenção no Estado, visando alcançar o interior das principais sociedades civis constituídas, entre as quais se destacam pela reunião de centenas de pessoas, as agremiações carnavalescas. O medo das ideias da esquerda torna-se comum no Recife nas primeiras décadas do século XX. Nos espaços de sociabilidade da cidade, entre os quais, as reuniões das classes trabalhadoras, o debate sobre a propaganda antifascista e o combate ao integralismo, embalava calorosas discussões. Segundo Gregório Bezerra, “era uma linguagem nova no meio operário, onde se falava até então no anarquismo e no anarco-sindicalismo”<sup>373</sup>.

É nesse contexto de fervilhantes ideias antifascistas entre os militantes das grandes massas, no qual o povo “tinha diante de si duas opções: o comunismo e o fascismo”<sup>374</sup>, que a Federação Carnavalesca atua como a grande mentora desse empreendimento do governo, a qual incorpora no seu

---

<sup>370</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 02 Fev 1944.p.3

<sup>371</sup> **ANUÁRIO** do Carnaval de Pernambuco. Op. Cit. s/p

<sup>372</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 31 Mar 1940.p.3

<sup>373</sup> BEZERRA, Gregório. **Memórias (primeira parte: 1900 – 1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 160. Apud MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder: os intelectuais entre a Restauração Católica e a política no Recife (1930 – 1937)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. (Mímeo)

<sup>374</sup> LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época**. Recife: Editora Universitária, 1976. p. 48.

planejamento a política cultural do interventor, agindo como “um espírito novo que preside a organização dos filiados” <sup>375</sup>.

Com grande poder de interferência nos grupos, a FECAPE modifica a rotina do cotidiano das associações que fazem o carnaval de rua do Recife, implantando um programa de caráter educativo e nacionalista, que visa, sobretudo, transformar

cada associação carnavalesca em um núcleo educativo; proibindo qualquer preocupação político-partidária; guerreia as atividades subversivas da ordem constitucional vigente no país; defende o respeito à lei e à autoridade pública encarregada de aplicá-la, transforma os fúteis motivos carnavalescos em oportunos pretextos para fortalecimento no nativismo sadio e construtor <sup>376</sup>.

Registrado em estatuto, esse conjunto de princípios é periodicamente acompanhado no interior dos grupos por agentes designados pela FECAPE, que participam de todas as atividades da agremiação, desde as reuniões de formulação dos estatutos, escolha de diretoria até o planejamento do calendário anual, opinando nas festas, na inclusão de palestras, de seminários, e outros eventos, que contribuam para o fortalecimento da “unidade da pátria”, alimentando esse espírito de “brasilianidade, sem desviar as características tradicionais do carnaval pernambucano” <sup>377</sup>.

O discurso de valorização do regional, em alta nos anos 1930, trará para o centro dos debates entre a cúpula da Federação, motivos que visam sanear as festas carnavalescas de traços exóticos, exaltando o espírito superior e patriótico da população, com o estímulo de fantasias inspiradas nas diferentes fases da História de Pernambuco. Assim, no carnaval de 1937, circularam pelas ruas do Recife, membros dos cordões das diversas sociedades fantasiados de figuras heróicas de Pernambuco de 1817, 1824 e 1848, fazendo alusão, respectivamente, aos grandes nomes da Insurreição Pernambucana, da Confederação do Equador e da Revolução Praieira. Ao som do frevo,

---

<sup>375</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

<sup>376</sup> Idem

<sup>377</sup> Idem. É importante destacar que o pensamento nacionalista constitui uma das intenções do Estado Novo, para a criação de um sentimento nacional. Era algo nacional, e não apenas do nosso carnaval.



jovens, adultos e crianças, fizeram o passo à moda Henrique Dias, Felipe Camarão, Vidal de Negreiros, Ana Paes, Matias de Albuquerque, Antonio Dias Cardoso, Fernandes Vieira, entre outros que se encontravam pelas ruas com blocos fantasiados de soldados combatentes da época da invasão holandesa.

Como exemplo desse período, considerado positivo pelos organizadores da festa, uma vez que “traz benefício e instrui o povo” e introduz na “massa um nacionalismo puro”, citamos as experiências do diretor do antigo suplemento infantil do *Diário da Manhã*, Carlos Leite Maia, acerca da campanha que a Federação Carnavalesca promove pela preservação da tradição da nossa História. Segundo o autor, uma criança de classe média, vestida de Felipe Camarão, foi abordada por uma senhora, que admirada comentou com as amigas:

Veja que linda fantasia! Que bem feito Napoleão! O garoto olhou-a, com um certo desdém. Mas não se pode conter, a uma lição: - Minha senhora: eu sou Felipe Camarão, aquele índio que brigou com os holandeses quando estes aqui vieram mandar em Pernambuco!<sup>378</sup>



Criança fantasiada de Felipe Camarão  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.

---

<sup>378</sup> Idem

Esse sentimento instrutivo e patriótico que se espalha pela cidade no Carnaval de 1937, atinge entre outros grupos, os clubes pedestres do Recife, que encontram nos personagens e fatos históricos, os motivos para as fantasias dos seus cordões. Uma espécie de doutrinação das massas, identificada, por exemplo, no *Clube Linguarudos*, que traz uma de suas integrantes vestida de Ana Paes. Segundo Carlos Leite Maia, “um tipo de mulher de rua, sem nenhuma instrução”, mas consciente da importância e do significado da personagem que representava no cordão. Ao ser abordada por um repórter sobre a identidade da fantasia que vestia, a foliona responde: “Sou Ana Paes [...] Então o senhor acha que eu vestiria uma coisa doida que não soubesse o que representava?”<sup>379</sup>

O resultado satisfatório da pedagogia da festa no Carnaval de 1937 levou a Federação a organizar para as festividades do ano seguinte, o *Anuário do Carnaval Pernambucano*, com o propósito de ampliar a propaganda de fantasias com “motivos nossos”, criando na maioria da população outro ambiente que não o seu, vivenciado no cotidiano do trabalho, nas ruas, propiciando conhecimento e instrução, além de estimular a crítica negativa aos temas de modelos europeus “sem nenhuma significação para o nosso povo”. Nada de Pierrots e Arlequins, muito menos Luiz XV com seu chapéu de plumas e meias compridas conduzindo os estandartes dos clubes<sup>380</sup>. O incentivo agora é para fantasias inspiradas em produtos da agricultura e da indústria do Estado, ressaltando os ricos motivos da natureza. Reflexo do nacionalismo defendido pelo Estado Novo, na formação de uma identidade nacional. Algo que ia além do Carnaval. Segundo o *Anuário do Carnaval*, para 1938,

Tenta-se uma inovação interessante – os modelos inspirados em estilizações de nossos frutos, de nossos produtos, nossas belezas naturais. A manga, o coqueiro, a jangada, o engenho, o algodão, são motivos para estes trajes carnavalescos, e felizes. Havemos de vê-los pelas ruas da cidade no próximo carnaval, e de gostar deles porque são bonitos e expressivos<sup>381</sup>.

---

<sup>379</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit. s/p*

<sup>380</sup> Sobre as críticas ao modelo barroco renascentista dos estandartes das agremiações carnavalescas, ver **FOLHA da Manhã**. Recife, 24 Nov. 1937.

<sup>381</sup> Idem

Com essa iniciativa, a FECAPE contribui para a diminuição nos carnavais populares e nos clubes de motivos estrangeiros então decadentes. Dessa forma, estabelece, de acordo com o poder aquisitivo dos foliões, fantasias divulgadas publicamente, de autoria do artista plástico pernambucano Manoel Bandeira, que se destinam aos frequentadores dos clubes elegantes (clubes de alegorias e críticas) e dos clubes pedestres. Para os primeiros reserva modelos pomposos e custosos; para os cordões populares recomenda figurinos com tecidos menos onerosos, com menos brilho, mais colorido e chamativo, com estampas variadas<sup>382</sup>.

Uma troca das velhas fantasias de Marias Antonietas, de Luiz XV, de Pompadour por fantasias de vultos da nossa História, isto nos clubes elegantes Para que não haja queixa de falta de fantasias custosas. Nos blocos da gente humilde e nas ruas para os foliões da classe média, a troca dos batidos costumes por fantasias arranjadas sobre frutas e produtos nossos, nesse caso o abacaxi, o caju, banana, laranja, maracujá, o algodão, a cana, etc<sup>383</sup>.

Como exemplo desse momento na história do carnaval da cidade, apresentamos, abaixo, alguns modelos de fantasias indicadas para circular nas ruas do Recife durante o Carnaval de 1938. A ideia conta com o apoio das lojas de tecido, das grandes fábricas, do Estado e principalmente da FECAPE, sua grande incentivadora.

---

<sup>382</sup> Formado em desenho no Liceu de Artes e Ofícios do Recife, Manoel Bandeira foi ilustrador, pintor e aquarelista de grande destaque nas primeiras décadas do século XX. Contemporâneo de intelectuais da época como Gilberto Freyre e seu homônimo, o poeta Manuel Bandeira, seus desenhos flagram aspectos arquitetônicos e urbanos da paisagem do Recife, deixando transparecer a influência que a *Revista do Norte* deixou em sua produção. Maiores informações a respeito da vida e da obra do desenhista, ver MELO, Paulo Henrique Rodrigues. **Dando Forma, Vida e Cor**: um debate sobre as artes plásticas no Recife (1922-1932). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. (Mímeo)

<sup>383</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

## ABACAXI

Planta nativa brasileira. O rei dos nossos frutos, assim proclamado pelos estrangeiros que mais o admiram do que nós. Pernambuco é o solo privilegiado para sua cultura, já se notando regular exportação para fóra do país, prestándose, de maneira excelente para ser acondicionado em latas como doce. Aliás, os doces em calda, em Pernambuco, graças a iniciativa dos srs. Aurim Costa & Cia., com fabricas em Olinda, neste Estado, tem tomado grande impulso. Os doces marca "Leda", fabricados por aquela firma tem grande procura, não só os de abacaxi, como os de goiaba e outras frutas.



Abacaxi gengibirra  
Andam juntos lá e aqui.  
Onde RODO não espirra,  
Carnaval é "abacaxi"...

Desenho da fantasia de abacaxi – carnaval 1938  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.

## CAJÚ

*Pernambucano da gema, O fruto por excelência dos índios. Planta medicinal de primeira ordem. Matéria prima do magnífico vinho. Pela frutificação dos cajueiros marcavam os aborígenes o tempo e a idade dos seus homens. A época da frutificação era a das festas, pois, o cauim era tão necessário quanto hoje os vinhos espumantes. A castanha, amêndoa do cajueiro, tem mais valor para o estrangeiro do que a nós.*

*É crença que o caldo do cajú depura o sangue e cura a lepra. Da resina da árvore se faz a gomarábia. Quando o pernambucano souber tirar do cajueiro o que este lhe possa dar, teremos nova riqueza que não tem sabido ser aproveitada.*



*Quem não gosta de cajú,  
Desse fructo saboroso?  
Quem não gosta de **RODOURO**,  
Lança-Perfume cheiroso?*

Desenho da fantasia de caju – carnaval 1938  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.

### CANA

Se não é aborígine como parece, do que seria ainda a variedade conhecida como cana-croíola, esta a cana ra-dicada em Pernambuco desde antes da fundação da capi-tania. Em 1535, o Pernam-buco exportava açúcar. Foi devido a ela que entramos para a História como a mais rica das capitãis do Brasil. Ainda hoje é a principal cul-tura do Estado, que conta 72 usinas.

Também do cana se fabri-ca o álcool que além de apli-cações industriais, é combustí-vel vegetal destinado a substituir a gasolina, quando compreendermos a necessida-de de não cair para fora o ouro da nossa riqueza, com produtos de qualidade simi-lares nacionais.



Desenho da fantasia de cana – carnaval 1938  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.



Desenho da fantasia de banana – carnaval 1938  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.



**MAURICIO DE NASSAU**

Foi governador do Brasil holandês e general de terra e mar. Era alemão de nascimento. Um apaixonado da natureza brasileira.

Devemos-lhe a fundação da cidade Maurícia, que se transformou no núcleo que é hoje o Recife.

Menos soldado que administrador, difiriu dos outros governadores holandeses que o antecederam e o sucederam.

Era cavalheiro de boas maneiras, generoso, justiceiro. Porisso se indispôs com a Companhia das Índias Ocidentais, sendo forçado a retirar-se de Pernambuco, contra a vontade dos habitantes da capitania, que o estimavam e tudo fizeram para sua permanência.

Tal seu prestígio entre os brasileiros que, reconhecem hoje os historiadores, não teriam os holandeses sido expulsos, da maneira por que o foram, si como governador continuasse Maurício de Nassau.

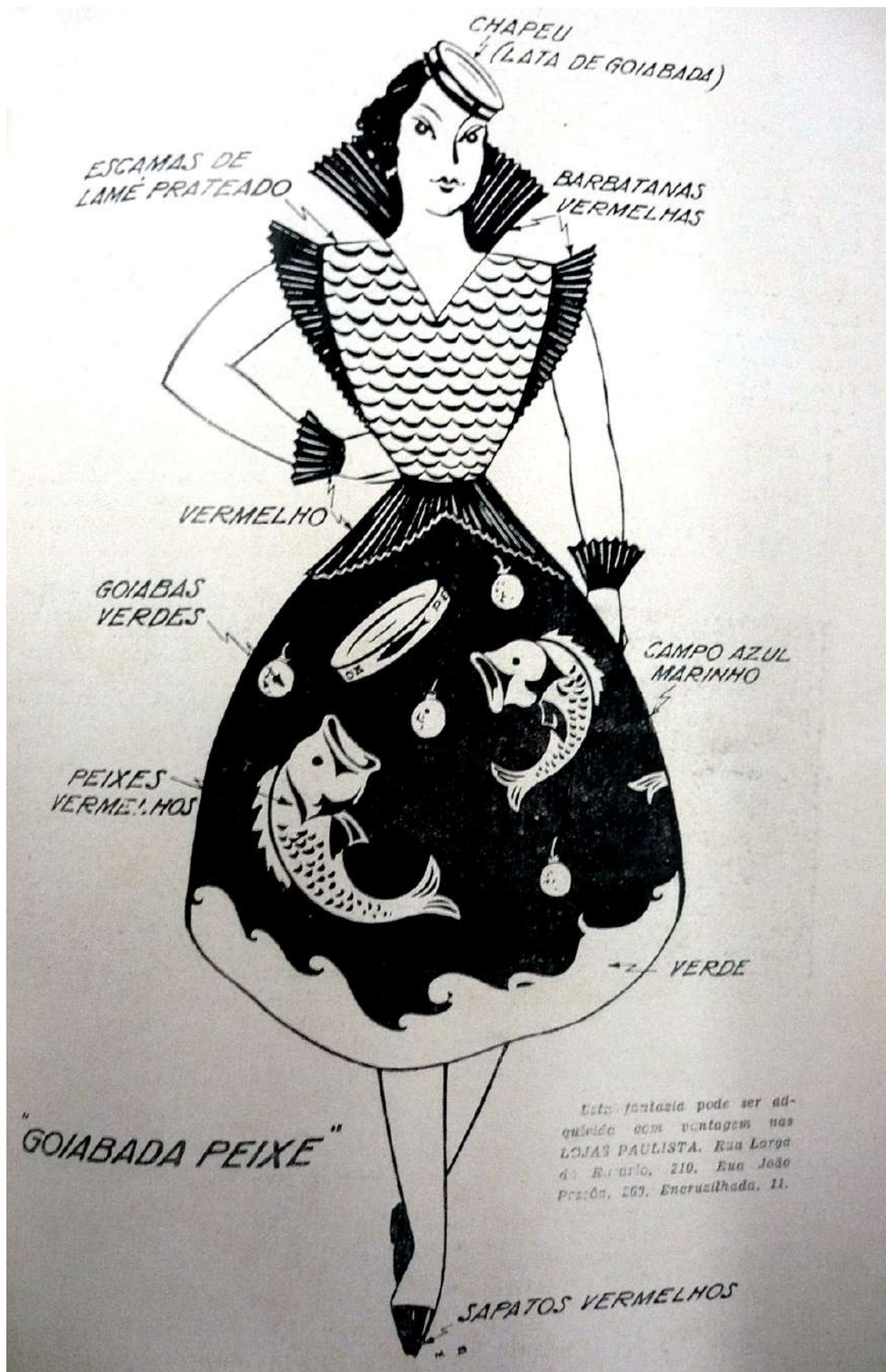
Par varios motivos é a memória desse notável administrador venerada pelos pernambucanos, maxime pelos recifenses.

Desenho da fantasia de Maurício de Nassau – carnaval 1938  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.





Desenho da fantasia de Dama Holandesa – carnaval 1938  
Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.



Desenho da fantasia em homenagem a Goiabada Peixe – carnaval 1938  
 Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.

## PESCA

A pesca é uma riqueza que em Pernambuco ainda não é explorada em toda sua extensão. Começa-se, agora, o desenvolvimento de sua indústria, prometendo-se que, brevemente, o Recife terá peixes baratos e em quantidade de satisfazer as necessidades da população. PEIXE lembra, também, em todo o Brasil, a indústria pernambucana de doces, massas de tomate e outros produtos, da firma Carlos de Brito & Cia., originária de Pesqueira, no interior do Estado.



Com anzol se pesca peixe,  
Festa se faz com rojão;  
Com Lança-Perfume RODO  
Se pesca até um "peizão"...

Desenho da fantasia de pesca – homenagem a Fábrica PEIXE - Carnaval 1938

Fonte: ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco.

A iniciativa da FECAPE contribui para desenvolver as indústrias pernambucanas, que encontram na instituição uma grande parceira na divulgação de seus produtos, além de contribuir para o Carnaval do Estado com a distribuição de prêmios entre as agremiações filiadas.<sup>384</sup>

Nessa estratégia de aproximação das massas e popularização de seus produtos, as firmas de alto comércio da cidade e indústrias organizam concursos para a distribuição oficial dos prêmios, os quais são concedidos mediante avaliação de uma comissão julgadora, com base nos seguintes critérios:

I – Serão excluídas desta série de concursos as associações filiadas que abusarem da propaganda comercial em benefício de firmas estranhas (sic) aos presentes concursos;

II – Fica entendido que o estabelecido acima também se refere aos concursos oficiais instituídos por esta Federação;

III – A comissão julgadora do concurso será a mesma dos concursos oficiais da Federação Carnavalesca, acrescida de um membro designado por cada firma patrocinadora<sup>385</sup>.

Entre os “Grandes Concursos para o Carnaval de 1938”, assim anunciados no Anuário e nos jornais locais, destacam-se os concursos: “Peixe” – marca pernambucana de doces, massas de tomates e outros produtos da firma Carlos de Brito & Cia, de Pesqueira, interior do Estado, e conhecida nacionalmente; “Paulista” – requintada loja de tecidos com comércio na Rua Larga do Rosário (Santo Antônio) e na Encruzilhada; “Malharia Imperatriz” – concorrente acirrada das lojas Paulista, dispõe de serviços de alta costura com preços que “não sofrem em absoluta concorrência”<sup>386</sup>. Essas lojas e indústrias patrocinam a publicação da Federação, divulgando nas suas páginas, entre um desenho e outro de fantasias para o carnaval, o seu nome e a sua marca.

Considerando a popularidade que esses empreendimentos têm no cotidiano da cidade, uma vez que o povo leva para dentro de suas casas os seus produtos, despertando a preferência pelo consumo, esses concursos atraem um público para além do universo dos clubes pedestres; reúnem os seus consumidores, fiéis compradores que vestem a camisa da empresa. Com

---

<sup>384</sup> Sobre a importância das indústrias no desenvolvimento da economia do estado ver PNADOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. Op. Cit.

<sup>385</sup> Idem

<sup>386</sup> Idem

lugar de destaque na opinião pública, principalmente entre as agremiações carnavalescas, essas empresas recebem o apoio da Interventoria de Agamenon Magalhães (principalmente as fábricas PEIXE), por lançar Pernambuco, entre os estados que mais contribuem para a diminuição das importações de artigos alimentícios do sul e do estrangeiro, possibilitando ainda maior aproveitamento da mão-de-obra local com oferecimento de emprego e renda. Além de contribuir para a formação de uma consciência patriótica na capital, a importância dessa marca também é avaliada por ressaltar a existência de um Recife moderno, que se industrializa, seguindo os passos da política desenvolvimentista de Getúlio Vargas.

O caráter doutrinador da Federação extrapola as fronteiras das sedes dos clubes, blocos e troças e das passarelas, penetrando nas residências dos seus filiados, por duas correntes principais: por meio de cartas-convite, diretamente enviadas pela diretoria para comparecer a reuniões, palestras, debates, festas cívicas; e pelas ondas do rádio, que, junto ao Estado, prestam serviços de modelação das massas. Ouvia-se aquilo que o Estado queria e a FECAPE selecionava. Para isso, idealizava concursos de músicas na tentativa de organizar o carnaval e colocar ordem nas composições. “Um erro, pois as coisas do povo não se organizam de cima para baixo”, disse Capiba que não poupava críticas à forma política da instituição se relacionar com a festa e de quem dela participa com maior intensidade<sup>387</sup>.

Entre as músicas premiadas do Concurso Anual da Federação Carnavalesca para o carnaval de 1938, em parceria com o Diário de Pernambuco e a Radio Club de Pernambuco (P.R.A. 8) destacam-se sete composições, cinco frevos e dois maracatus. São elas: *Hino do Carnaval Pernambucano* (Letra de Anibal Portela / Música de José Mariano Barbosa – Marambá); *Ui! Que medo eu tive!* (1º lugar no gênero frevo-canção. Letra de Anibal Portela / Música de Marambá); *Carnaval Pernambucano* (1º lugar no gênero frevo de rua, de Plácido de Souza); *Pai do Congo* (1º lugar no gênero

---

<sup>387</sup> Com a composição da música “Pergunte aos Canaviais”, no gênero maracatu, de 1936, Capiba sofreu a primeira censura entre os seus trabalhos durante o Governo Vargas. O D.I.P (Departamento de Imprensa e Propaganda) vetou a canção por considerar um dos seus versos perigosos, solicitando que o terceiro verso da estrofe que segue fosse retirado, o que não aconteceu: “*Quem quiser saber / Se eu padeço / Pergunte aos canaviais...*”. CÂMARA, Renato Phaelante da. **Capiba**: é frevo meu bem. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1986. p. 79-80.

Maracatu – letra de Luiz Luna, música de Manoel Tenório); *Não Acreditei!* (2º lugar no gênero frevo-canção. Letra de Orobres de Oliveira / Música de Regil de Moura); *Ondas Largas* (2º lugar no gênero frevo, de Plácido de Souza); *Maracatucá* (2º lugar no gênero Maracatu. Letra de Silvino Lopes / Música de João Valença).<sup>388</sup> É importante destacar, que nesse primeiro carnaval do Estado Novo, a música premiada para ser o hino do carnaval de Pernambuco (pelo menos oficialmente) não cai no gosto popular.

Foliões, viva o prazer!  
Viva o frevo original!  
O ideal é sorrir  
E ao passo aderir  
Aderindo ao Carnaval!

Evohé! Evohé!  
O Carnaval de Pernambuco  
É vibração  
É gozo,  
É o suco,  
Graças ao frevo e à FEDERAÇÃO (Bis)

Carnaval como se faz  
Nesta bela capital  
Vale a pena se ver,  
Pois é bom de doer,  
É de fato Carnaval!

Todo aquele que negar  
O prazer que anda aí,  
Faça o passo e verá  
Que no mundo não há  
Carnaval como o daqui!<sup>389</sup>

“Evohé” como ficou conhecida a canção que obteve o primeiro lugar do concurso, não despertou maiores interesses do público recifense, muito menos a sua identificação como o Hino do Carnaval de Pernambuco – o seu propósito inicial. Nos salões e nas ruas, o que se ouvia eram os frevos vencedores de outros concursos de músicas carnavalescas, realizados em outras épocas, como “Dobradiça” de Nelson Ferreira – campeão do concurso promovido pelo *Diário da Manhã*, “É de Amargar” de Capiba, 1º lugar no concurso do *Diário de*

---

<sup>388</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. Op. Cit. s/p

<sup>389</sup> JORNAL Olha a Curva. Recife, 1937.

*Pernambuco*, ambos em 1934, entre outras composições que entraram para a História do carnaval de Pernambuco, imortalizados no imaginário popular<sup>390</sup>.

Não satisfeita com a repercussão do “Hino”, a FECAPE faz uso do seu poder de controle entre os clubes filiados, e altera seus repertórios, incluindo como primeira música a ser executada diante do palanque oficial de desfile (na Pracinha do *Diário de Pernambuco*) o frevo de Marambá e Aníbal Portela. Mesmo com tal imposição, a marcha não emplaca no carnaval da capital<sup>391</sup>.

A postura elitista e autoritária da Federação desperta entre os intelectuais contrários à forma de tratamento oferecida aos clubes pedestres e ao carnaval de rua, manifestações públicas de repúdio. “Deu-se ao carnaval a aparência de espetáculo cívico-patriótico da pior qualidade”, disse o memorialista Paulo Cavalcanti.<sup>392</sup> Opiniões desse tipo circulam nas mesas de debates dos espaços de sociabilidades da cidade, e rapidamente transformam-se em notas publicadas na imprensa diária como forma de manifestar a insatisfação da maioria, impedida de expressar tamanha revolta.

Gilberto Freyre, preocupado com o que vê nas ruas do Recife, em 1937, externa em palavras a indignação de encontrar “donos” de uma festa, na qual o seu maior encanto “está na sua espontaneidade, no gosto do seu espírito popular sem temperos acadêmicos ou eruditos”, e assim desabafa:

O carnaval que se brincou no Recife afastou-se tanto da tradição dos bons carnavais recifenses que poderia nos ter perguntado com toda segurança do seu disfarce ou da sua deformação de homem que ri: Você me conhece? E recifense nenhum poderia ter respondido sim; que conhecia. [...] porque a nota mais característica do Carnaval de 1937 foi a adulação. [...] Longe de mim querer desconhecer o valor da cooperação da companhia de Bonde (Pernambuco Tramways & Power C<sup>o</sup> Ltd) e de outras empresas poderosas no sentido de dar brilho ao carnaval do Recife. [...] Mas nenhuma empresa rica deve levar sua cooperação a uma festa popular a ponto de tornar-se dono ou dona da festa; de dar-lhe intenções que nunca teve; de torná-la pretexto para homenagens pessoais ou para exibições eruditas. Vi o meu velho amigo Natividade, do Clube das Pás, fantasiado, no alto do palanque da Praça da

---

<sup>390</sup> **JORNAL O Corta-Jaca**. Recife, 1934. As letras desses frevos encontram-se no anexo desta dissertação.

<sup>391</sup> Sobre a postura autoritária da Federação e o vexame diante da não aceitação do Hino do Carnaval de Pernambuco, ver OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, capoeira e passo**. Recife: CEPE, 1971.

<sup>392</sup> CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto, como o caso foi**: a luta clandestina: memórias políticas. *Op. Cit.* p. 21.

República, como para uma comédia histórica de teatrinho de subúrbio e perguntei: que é aquilo? Me disseram: é Natividade fantasiado de Maurício de Nassau. Depois alguém me disse: é Natividade, de Henrique Dias.[...] e senti todo o postigo, todo o artificial, todo o intencional da palhaçada histórica a que se quis reduzir o Carnaval de 1937, no Recife. [...] E esse abafo ou essa deformação só foi possível sob o regime de burocratização do Carnaval imposto pela Federação aos clubes populares a troco de auxílio em dinheiro. [...] Este ano quiseram fazer dele uma parada da história; [...] Perde o seu melhor encanto. O seu melhor encanto está na independência, na espontaneidade, no gosto de seu espírito popular sem temperos acadêmicos ou eruditos. Está nas suas marchas e nos seus cantos de maracatus, cheios de erros de português, e nunca num hino gramatical que lhe querem dar: um canto horrível que dá vontade de vomitar aos ouvidos. Está nos seus reis e rainhas de maracatus, fantasiados segundo a imaginação do povo e não conforme figurinos eruditos. Está em ser o carnaval de que diria Manuel Bandeira: carnaval sem história e sem literatura... carnaval sem Maurícios de Nassau e Henriques Dias... carnaval sem mais nada<sup>393</sup>.

Essa forma “macaqueada” de impor à população um novo modelo de carnaval de rua, pautado na valorização dos ideais patrióticos, comunga com o pensamento do Estado de criação de novos símbolos culturais para Pernambuco. Algo que seja orgulhosamente nosso, relacionado a nossa História, sem precisar fazer cópias da “sintaxe lusíada”<sup>394</sup> porque é naturalmente pernambucano. Essa ideia da necessidade de preservação e de enaltecimento dos divertimentos populares, construída na década de 1930, será o mote da discussão, a seguir, intitulada *Outro Recife, outros carnavais: o que era “deles”, agora é “nosso”*.

### **3.3 Outro Recife, outros carnavais: o que era “deles”, agora é “nosso”**

[...] caminhando-se pelos becos e veredas que vão dar nos arraiais, serão, então, observadas cenas, reuniões e esportes, nitidamente populares, nitidamente brasileiros. Domingo último, andando sem procurar nada, descobri no Arruda, um clube de brigas de galos, com a sua arena e a sua arquibancada, coberta de palhas. Fiquei a certa distancia, vendo o movimento do clube. De todos os lados chegavam os parceiros, trazendo

<sup>393</sup> DIÁRIO de Pernambuco, Recife, 11 Fev. 1937.

<sup>394</sup> BANDEIRA, Manuel. Evocação do Recife. In: **Estrela da Vida Inteira**. 20. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.



um galo debaixo do braço. Em roda os torcedores. Depois a briga com a vitória dos favoritos. Adiante encontrei outra briga. Briga de canários. Um grupo, em volta, emocionado sem respirar. Nenhum grito, nem um aplauso. Houve empate<sup>395</sup>.

Outro Recife se revela nos subúrbios para o caminhante das ruas, becos e vielas dos anos 1930. Um Recife com fábricas e galpões de costura, de fornos acesos e máquinas trabalhando, dos diferentes sons (sirenes, conversas, miados, latidos, cantigas de roda, orquestras, tambores...) que se misturam aos cheiros de fumaça que chegam das chaminés, dos pães e bolos expostos nas padarias, do sangue pisado do matadouro, das cozinhas das escolas de culinária, dos cestos de frutas das mercearias e barracas de feira.

Um Recife pulsante, que se movimenta à sombra das árvores das mangueiras, dos cajueiros, dos sítios, dos morros e dos manguezais, como se escondesse do resto da cidade, longe do cais do porto e das linhas férreas dos bondes. Sobre essa realidade se concentra a preocupação do Novo Estado, em preservar esse ambiente como o espaço guardião dos costumes e tradições da grande massa, de moradia e trabalho da classe operária, distante das avenidas largas e do comércio elegante do centro da capital.

Esse processo de visibilidade das práticas culturais e dos espaços de sociabilidade dos populares constitui um dos eixos do projeto estadonovista, que prioriza, entre outros aspectos, a aliança entre política, educação e cultura, investindo numa campanha de busca de nossas raízes, com o objetivo de integrá-las à nação em vias de construção<sup>396</sup>. Para o Estado, faz-se necessário tornar público, que essas práticas culturais constituem importantes momentos de sociabilidades, porque “estreitam e revigoram a união dos homens, a vida em sociedade, a comunidade histórica, a nação”<sup>397</sup>.

No interior dessas “artes do fazer” do homem comum que se confundem com as práticas cotidianas da cidade e com a própria natureza política do governo, destacamos o interesse do interventor Agamenon Magalhães em preservar as festas populares tipicamente nossas, incentivadas cada vez mais

---

<sup>395</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 04 Jul. 1940. p.3

<sup>396</sup> O interesse pela busca das nossas raízes culturais toma vulto no país, entre outros fatores, após a Primeira Guerra Mundial, quando se desmorona a ilusão da Europa como centro de um progresso ilimitado.

<sup>397</sup> **FOLHA da Manhã**. Recife, 02 Abr. 1938.p.3

no Estado Novo, como um apelo “contra a assimilação espúria de crenças e ideologias que não são brasileiras”, e continua:

Um povo que encontra no seu clima histórico e nos próprios costumes motivos de alegria e saúde moral não deve trocar os seus folguedos ingênuos e a doçura das tradições da sua terra e da sua gente pelo esnobismo, que deforma e exaure as fontes de emoção espiritual<sup>398</sup>.

Esse “clima” que reúne motivos históricos e costumes próprios, ressaltados pelo interventor, como reservas de alegria e de saúde moral da população, é incentivado pelo Estado, que encontra na arte um dos mecanismos mais eficientes para a construção de uma consciência política de amor à pátria e aos temas nacionais. Nos subúrbios, principalmente, o teatro se destaca como uma forma de entretenimento que envolve e educa as populações de todas as idades e classes sociais. A peça “Terra Adorada” de Valdemar de Oliveira, encenada nos teatros do Recife, entre eles os dos Centros Educativos Operários, constitui um dos exemplos da atuação do Estado em sedimentar a edificação da valorização dos temas patrióticos e o desenvolvimento do projeto pedagógico do governo pautado na educação pela cultura.

A sua peça – “Terra Adorada” é um primor de arte. Arte que fixa a inquietação da criação do século XX, dando realidade ao sonho do menino, em que o Zeppelin despertou a curiosidade de conhecer o mundo. [...] correm o mundo e voltam as crianças loucas pelo Brasil. loucas pela Terra Adorada, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas acácias, os seus pássaros, as suas árvores frutíferas, o céu claro, o clima igual, a música, os tipos regionais, a alegria, a fartura e a paz. [...] Valdemar de Oliveira está de parabéns. [...] Não sei de acontecimento mais original, nem mais edificante, nos anais do teatro brasileiro<sup>399</sup>.

Outra prática vivenciada no cotidiano dos subúrbios e valorizada pelo discurso oficial diz respeito aos momentos de sociabilidades entre vizinhos,

---

<sup>398</sup> MAGALHÃES, Agamenon. Festas Populares (FM 21/12/1939). **Ideias e Lutas**. Op. Cit. p. 424. A reportagem aborda as festas natalinas no Recife (apresentações de lapinhas (pastoril), fandango, distribuição de presentes com crianças pobres, missas), porém destaca o período de encerramento dos cursos com entrega de certificados dos Centros Educativos Operários de Santo Amaro, Afogados, Pina, Monteiro, Água Fria e Várzea. Sobre os tradicionais costumes das festas de São João, nos clubes da capital e nos subúrbios, no Recife e no interior do Estado, ver a reportagem TRADIÇÃO (FM 27/06/1941), também nessa mesma página.

<sup>399</sup> MAGALHÃES, Agamenon. “Teatro Infantil”. **Ideias e Lutas**. Op. Cit. p. 100.

amigos e familiares, residentes nos Morros e alagadiços, em dias de lazer. Como exemplo de tais práticas, nas quais “todos parecem felizes”, notando-se “nas atitudes um desejo diferente de viver”, citamos as brigas de galo e de canários organizadas pelos moradores dessas localidades nas manhãs de domingo.

As cenas “nitidamente populares, nitidamente brasileiras”, expressas no futebol, na roda de samba, no ensaio de uma orquestra de frevo, numa briga de galo ou de canário, que reúne arquibancadas lotadas, antes motivo de reportagens sobre violência e vadiagem envolvendo a população pobre do Recife, atinge agora um grau diferenciado na escala dos valores defendidos pelo estado, ganhando as manchetes dos jornais como reduto de preservação dos nossos costumes mais ingênuos e emocionantes, das tradições que falam e dizem de nós, porque brasileiras e pernambucanas autênticas.

A presença física do interventor nesses momentos de confraternização aproxima o Estado das práticas lúdicas populares, sedimentando a base do projeto da nova Nação, e servindo como atrativo para as elites de reconhecimento de tais manifestações como legítimas e vinculadas às nossas raízes culturais.

Esse outro Recife que se revela, aparentemente harmônico do ponto de vista social, integrando elites e massas, é transmitido para grupos sociais mais amplos, principalmente através da imprensa, que coloca em contato para as diferentes classes, os costumes e as tradições típicos da cultura local.

A integral contribuição dos meios de comunicação nessa política de valorização das manifestações da massa lança, por exemplo, o Carnaval de Pernambuco no mundo. O frevo se faz ouvir em diferentes lugares por intermédio das ondas do rádio; os ensaios das agremiações, os bailes, as matinês, os saraus, ganham reconhecimento e espaços cada vez maiores nas páginas dos periódicos. As revistas e os jornais promovem concursos de músicas e fantasias, distribuem prêmios entre os clubes, blocos e troças que mais se destacam na folia. Ações que reforçam a imagem de uma festa de tradição, conectada com os “sentimentos regionalistas” de nossa gente em possuir um carnaval “marcado por uma nota inédita, que o torna mais original” - o frevo – “sentido vivo da alma do nordestino”.

A política de propaganda do carnaval popular encontra reforço nas empresas estrangeiras aqui sediadas, entre elas a *Gret Western*, uma das parceiras do governo na organização da festa, que contribui espalhando cartazes com a programação da folia nas estações da companhia e com a mobilização de trens de turismo, “tanto para servir aos habitantes do interior como aos dos estados vizinhos”<sup>400</sup>. Uma espécie de “performance” dos poderes instituídos, promovida pelo Estado e seus parceiros, para criar formas de intervenção social e simbólica nos acontecimentos de aglutinação popular

401

Essa iniciativa de valorização do patrimônio artístico, no Carnaval, encontra seu expoente maior na FECAPE, que assume o papel de representante do Estado junto aos segmentos populares que formam as agremiações carnavalescas. A sua atuação na organização da festa, na formação da estrutura administrativa dos clubes, faz com que o governo se encontre presente nas reuniões deliberativas, agindo como uma espécie de co-autor dos projetos, escolhendo repertórios, locais e horários de apresentação, intervindo social e simbolicamente, com ideologias e definições de postura política no interior dos grupos.

Uma atuação que transforma o frevo no principal motivo de atração da festa, seja nas ruas ou nos salões, nos recintos abertos ou fechados, causando grande impacto na vida cotidiana da cidade. Quando o assunto é carnaval, o frevo se encontra nos debates dos bondes, dos bancos das praças, nas mesas dos botequins e esquinas da cidade. Passando de combatido e perseguido pelas elites como bárbaro e incivilizado, para ser propagado como “nosso”, revisto pela imprensa, pela polícia, pelos intelectuais, entre outros segmentos da sociedade pernambucana como a peça-chave das mudanças na dinâmica da cidade.

Nasceu tão plebeu que não se lhe conhece a origem. E vindo do espúrio, teve, entretanto, o agasalho dos seus iguais, para que hoje assim triunfe admiravelmente. Foi o Frevo que deu ao carnaval essa nova alma. [...] Dirão, talvez, que eu seja o mais

---

<sup>400</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p

<sup>401</sup> O termo performance foi empregado segundo a concepção de Homi Bhabha para se referir a atuação da política do Estado diante das práticas culturais populares, no sentido de criar formas de intervenção e de necessidade vital para o cotidiano. Ver BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

ardoroso adepto do frevo. Não! Apenas lhe reconheço a força, vendo que ele domina tudo, tendo apenas se dividido no Frevo suarento e canalha das rales e no Frevo relacionado das elites. [...] Essa criancinha que hoje saltita e faz reviravoltas ao som da música dos clubes, com o riso dos pais e os aplausos dos presentes, será amanhã a nova alma do frevo, o novo adepto de uma dança que lhe ensinaram na sua infância. Essa senhorita, que no peitoril de sua janela, debaixo, muitas vezes do olhar carrancudo dos pais, fez insensivelmente o meneio do corpo, é uma alma adepta do frevo, e que não se expande a falta de uma liberdade mais ampla. O auto ornamentado onde se salta e se pula, se canta e se pula, nada mais é que o frevo, limitado a um círculo restrito<sup>402</sup>.

Essa “nova alma” do carnaval pernambucano se espalha pelo território conquistando adeptos de todas as idades e classes sociais, alterando rotinas e instituindo novos modelos de comportamento público. Os clubes passam a investir cada vez mais em fantasias e adereços, as orquestras aumentam seus valores de contrato, o comércio aumenta a variedade de produtos trazidos da Capital Federal, as formas de financiamento, o horário das lojas, o número de funcionários trabalhando. Os ambulantes negociam com as autoridades licenças para montagem de barracas de prendas para venda de artigos carnavalescos nos pátios e praças da cidade (Praça da Independência, Joaquim Nabuco, Pátio do Terço, entre outros espaços)<sup>403</sup>.

A popularidade do frevo atrai turistas e pesquisadores da dança popular para Pernambuco em busca de diversão e aperfeiçoamento dos seus currículos, com o desenvolvimento de pesquisas e estudos com as agremiações populares brasileiras. Como exemplo desse momento, citamos a presença da bailarina carioca Eros Volússia, que em rápida passagem pelo estado entra em contato com o ritmo local e apresenta alguns números baseados em danças populares. No Recife, leva para os palcos do Teatro de Santa Isabel um bailado essencialmente nacional, no qual apresenta uma combinação bastante insólita, com passos de *ballet* importado e movimentos das danças populares, entre as quais, o frevo e o maracatu. O contato com

---

<sup>402</sup> **JORNAL A Folia**. Recife, 26 Fev. 1933. Ano I. Número I.

<sup>403</sup> Sobre as licenças para fazer funcionar livremente as barracas de prendas e de lança-perfumes nas praças e pátios da cidade durante o carnaval, consultar os livros de petição da Inspetoria Geral de Polícia – Secção de Theatro e Diversões Públicas, no período de 1930-1940. Acervo APEJE. Sobre o funcionamento dos estabelecimentos comerciais do Recife durante o carnaval, com especificação de horários de abertura e fechamento das lojas, artigos comercializáveis, arrumação das vitrines, multas, entre outros assuntos, consultar os Decretos-Leis do Município do Recife, no período de 1937-1945.

essas expressões dar-se em função da sua visita ao Maracatu Cruzeiro do Forte, nas proximidades do Arraial Novo do Bom Jesus – atual Bairro dos Torrões, num xangô do Bairro do Pina e em conversas com intelectuais e carnavalescos da Federação Carnavalesca. Em depoimento sobre as impressões da festa na capital, a artista destaca:

Conservar e estimular o carnaval de Pernambuco é defender um grande patrimônio artístico deste belo pedaço do Brasil. a Federação Carnavalesca de Pernambuco faz mais ainda: mantém confraternizadas por uma ingênua alegria as coletividades obreiras – a massa desprovida de fortuna e pródiga de bondade, essa gente que é sempre uma grata surpresa em todos os pontos de nossa terra e que é a melhor do mundo. [...] Não sei fazer literatura. Quero porém assinalar nestas linhas, minha gratidão pelas amabilidades dispensadas ao meu intento artístico, meu louvor a ação patriótica dessa associação e um elástico abraço de saudade aos carnavalescos do Recife <sup>404</sup>.

Essa construção da concretização do carnaval popular não nasce aleatoriamente, sem haver a intermediação de alguém, de um grupo ou de uma instituição. É fruto dos esforços dessas “coletividades obreiras”, do Estado e das elites recifenses que identificam na Federação Carnavalesca, o símbolo do processo desse encontro. Uma ação gradativa que contribui para a construção de uma identidade cultural para Pernambuco, dentro da qual, o frevo, é um fator de grande destaque na identificação de “o que é ser pernambucano” <sup>405</sup>.

---

<sup>404</sup> **ANUÁRIO** do Carnaval de Pernambuco. *Op. Cit.* s/p. É importante destacar que esse modelo de espetáculo de dança apresentado pela bailarina Eros Volusia nos teatros consagrados do país, como o Santa Isabel (PE), o Teatro Municipal (RJ), entre outros, também identifica-se com a política brasileira desenvolvida durante o Estado Novo. Associando a mestiçagem a sua forma de fazer arte, Eros Volusia foi prestigiada, em 1937, com a presença de Getúlio Vargas e de seu corpo diplomático num espetáculo realizado na Capital Federal, no qual mesclou as sapatilhas de *ballet* com as danças populares nacionais. Sobre o assunto, consultar PEREIRA, Roberto. **A formação do balé brasileiro: nacionalismo e estilização**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

<sup>405</sup> Esse movimento de transformação das práticas culturais que desloca a posição inicial do popular para outras esferas (a nacional, a regional) é direcionado pela atuação de agentes intermediários, que Renato Ortiz vai chamar de “mediadores simbólicos” e Hermano Vianna, de “mediadores transculturais”. No caso do frevo, os compositores e maestros (Irmãos Valença, Capiba, Nelson Ferreira, Edgar Moraes, Capitão Zuzinha, entre outros), os artistas plásticos Cícero Dias, Manoel Bandeira, Nestor Silva, Lula Cardoso Ayres, entre outros), literatos e escritores (Ascenso Ferreira, Gilberto Freyre, Mario Sette, Mário Melo), políticos, empresários e outros representantes da intelectualidade pernambucana contribuíram para desempenhar a tarefa que projetou o carnaval popular do Recife e alçou o frevo como símbolo da identidade cultural de Pernambuco. Sobre o assunto ver: ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. VIANNA, Hermano. **O Mistério do Samba**. *Op.*

Favorecido por um contexto cultural-nacional, no qual ganha força o interesse pelas manifestações nacionais, o frevo é apropriado pelo discurso do Estado que passa a considerá-lo como uma manifestação de brasilidade, tal como o posicionamento que o futebol e o samba adquirem nacionalmente.

O futebol no Brasil, de esporte considerado da elite desde fins do século XIX, transforma-se, nas primeiras décadas do século XX, num grande fenômeno de massas, praticado na sua maioria por pobres. A participação de jogadores negros nos clubes demonstrava a existência de um sistema que supostamente inexistiam preconceitos de classe e raça. A vitória da Seleção Brasileira na Copa de 1938 e a euforia que se espalhou pelo país entre os diversos segmentos sociais contribuíram para reforçar a ideia do futebol como um elemento de integração nacional e uma aparente harmonia social.<sup>406</sup>

Aproveitando as possibilidades que a conjuntura lhes apresentavam, o carnaval popular no Rio de Janeiro conquista seu espaço por meio do samba, entre fins da década de 1920 e início de 1930. O carnaval se consolida como a maior das festas populares e o espaço principal de exibição das manifestações culturais desse segmento, que aí se encontram, desenvolvem momentos de sociabilidades, assim como exercitam a sua cidadania e legitimam a sua identidade.<sup>407</sup>

Essa valorização das práticas culturais do povo vincula-se ao modelo político de Vargas, o qual identifica nessas expressões um veículo de integração dos populares no seu projeto de construção da nacionalidade. Dessa forma, o Novo Estado rompia com o passado que caracterizara a República Velha, impregnado de valores europeizantes.

O caso do frevo assemelha-se a trajetória do futebol e do samba na conquista efetiva do espaço público da festa pelos populares. O frevo passa a unificar o que antes se encontrava separado, ou seja,

---

*Cit.* Observar também as ilustrações de abertura de capítulos assinadas por artistas pernambucanos e a relação de frevos que se encontra nos anexos deste trabalho.

<sup>406</sup> Sobre a relação estreita entre o futebol e o projeto político do Estado Novo, ver o trabalho de PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

<sup>407</sup> Como sugestão de leituras sobre esse momento de fusão entre cultura popular e Estado, indicamos os trabalhos de SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Op. Cit. e TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis, 1996.

Os Clubes alegóricos, máscaras avulsos, “caninhas verdes”, bailes elegantes, o que há de comum nos carnavais europeus, sem nenhuma particularidade regional, a representarem o elemento étnico da raça branca. Clubes de caboclinhos, fantasiados à moda dos aborígenes [...] a restaurarem o que era o Brasil de ontem, antes da conquista dos civilizadores. Maracatus, clubes de negros, com os costumes de uma corte africana em visita pomposa a outra, com sua musica fortemente característica, tangida por instrumentos bárbaros, a mostrarem o elemento negro importado rudemente para o trabalho braçal, gente que sofreu as agruras da escravidão, mas contribuiu com forte contingente para o nosso progresso e para dosar o nosso sangue. Blocos Carnavalescos – agrupamentos mixtos que evocam o carnaval brasileiro da Capital Federal. Finalmente Clubes Pedestres, que representam a união dos três elementos étnicos e tomaram caráter puramente pernambucano, com a criação do frevo, que é tipicamente nosso <sup>408</sup>.

A identidade cultural de Pernambuco nesse sentido é percebida no frevo como elemento de unificação das partes. Ele aglutina os substratos de cada cultura formadora da identidade brasileira e reúne tudo numa manifestação com “caráter puramente pernambucano, que é tipicamente nosso.”

Mas será que esse símbolo que representa o Estado vai ser apropriado por toda a população? Como uma elite, que até então ignorava a mestiçagem vai aceitar, com unanimidade, a ideia do frevo como o elemento que a representa culturalmente? Esse pensamento vai sendo transformado gradativamente na sociedade, em meio a conflitos e contradições, publicamente manifestados, como a opinião do intelectual, que assina uma nota no jornal *O Imprensa* com o pseudônimo Zero:

[...] em Recife o povo é frevento até a medula. Nesta época se esquece a crise, o jogo de bicho, o imposto “Per Capta”, para se cair no desbragamento destes dias loucos. Quem se atrever a dar um pulinho à rua nos dias em que “Vassouras” ou “Pás”, dão o ar de sua graça, se arrisca a ser contagiado pelo mal .... de Momo. Falo com a minha experiência [...] Não é demais, contudo, que o assunto “frevo” que motivou este comentário, me leve a sugerir aos poderes públicos normas que remodelem certos folguedos carnavalescos em nosso meio. Optima oportunidade para que o chefe da Polícia de costumes celebre o seu nome. Tome esta autoridade providencias tendentes a regularizar o brinquedo e passará à história. Precisamos quanto antes abolir a praxe, muito de uso da

---

<sup>408</sup> ANUÁRIO do Carnaval de Pernambuco. Op. Cit. s/p



maioria dos foliões, de dar pulos exagerados quando fazem o passo. Por que não se dançar nas ruas com calma, serenidade, como se faz nos salões elegantes, como se faz num girar de um “Fuxe”? Providencie a Polícia para que seja construída uma base aérea, onde o povo danse com ordem, vigiado por um corpo de policiaes, e deixe, cá embaixo, as ruas livres do frevo exagerado, e livres para o transito dos carros que compõem o corso.

Outro inconveniente: o uso exagerado de injectar lança-perfumes nos olhos nas “Colubinnas” necessita ser prohibido pelos que estão à testa do policiamento, nesta phase freventa. Basta que atraz de cada “Pierrot” ou outro qualquer mascarado, se poste um guarda-civil e estará morta a questão. [...] Estão ahí várias inovações que a Polícia pode aproveitar. Decretadas, ellas acabariam de vez com os abusos que desvirtuam o Carnaval pernambucano <sup>409</sup>.

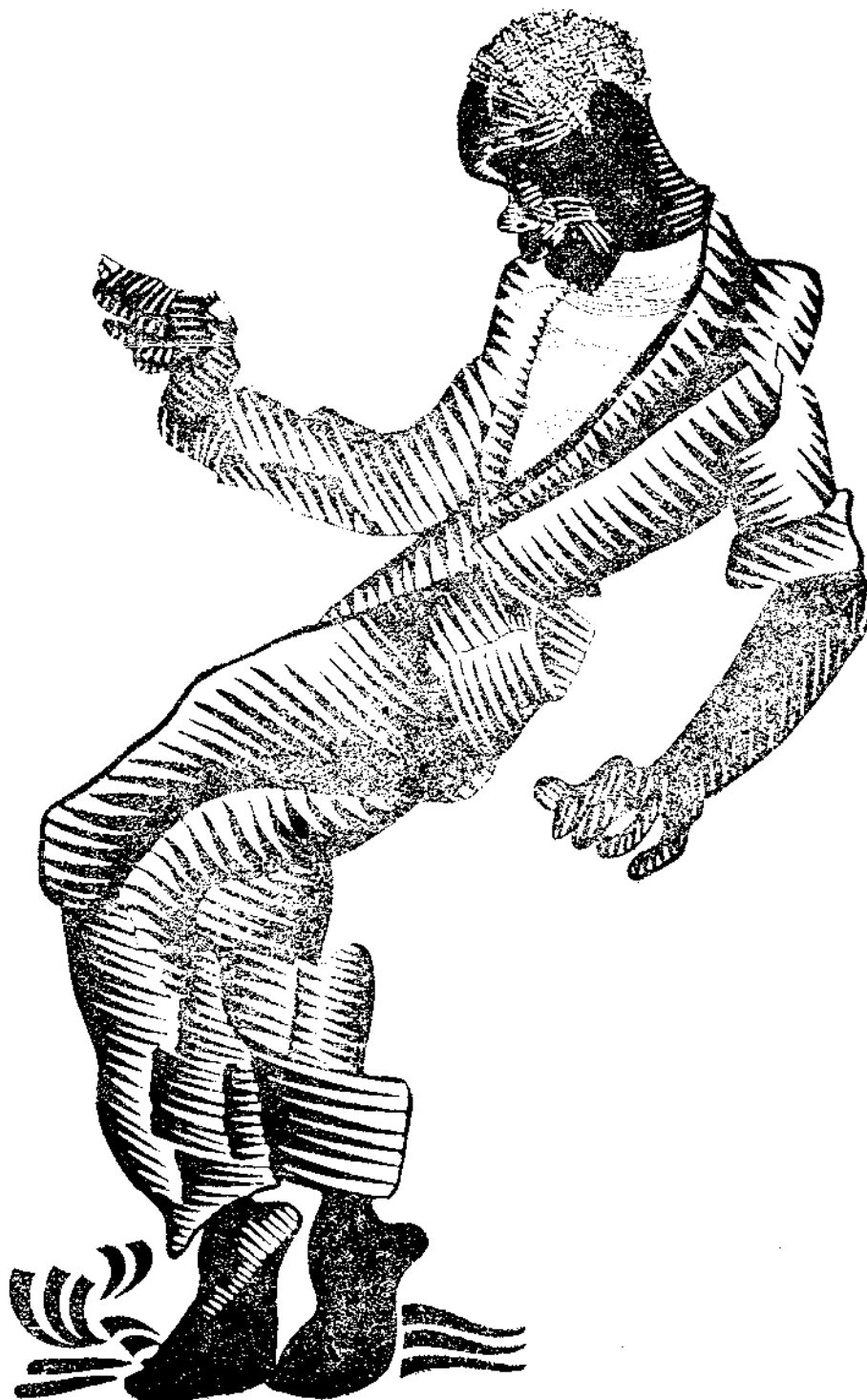
A opinião do colunista revela a insatisfação de uma parcela da sociedade inconformada com o “desvirtuamento do carnaval pernambucano”, que fora invadido pelo movimento “desorganizado”, “mal educado” e “inconveniente” do povo na rua. Uma mostra do cotidiano conflituoso que caracteriza o carnaval popular do Recife entre as décadas de 1930 e 1940, período marcado pela construção de uma identidade cultural mestiça para o país, porém fortemente delimitado por medidas de ordem e pela imposição dos poderes públicos instituídos.

---

<sup>409</sup> JORNAL O Imprensa. Recife, s/a .Cd-Rom Apeje – Pasta 343. Op. Cit

*Considerações Finais*

*“Adeus, adeus minha gente, pois já cantamos bastante”*



**“Adeus, adeus minha gente, pois já cantamos bastante”  
(Considerações Finais)**

Há pouco mais de dois anos quando nos preparávamos para seleção do mestrado, participamos de uma reunião na qual estavam presentes representantes da Prefeitura da Cidade do Recife, diretores da FECAPE e carnavalescos, para discutir, entre outros assuntos, o concurso de agremiações carnavalescas 2007. A pauta do encontro: negociação de novos valores da subvenção pública para o concurso; quantidade de agremiações por modalidade e sua divisão em três grupos: especial, um e dois; quantidade mínima de integrantes; horário e local de apresentação na cidade e quais os critérios de julgamento do concurso.<sup>410</sup>

A experiência nos aproximou da documentação que investigávamos nos arquivos, a qual nos levava a percorrer ruas e subúrbios do Recife durante os carnavais e outras épocas dos anos das décadas de 1930 e 1940. Ao estudar a cidade nesse período e manter contato com as posturas municipais de controle dos divertimentos públicos, não podemos deixar de associar aquilo que presenciava no auditório da Prefeitura com o que líamos nos arquivos.

Aquela reunião participativa (e bastante barulhenta), na qual os carnavalescos negociavam com os representantes do poder público a escolha do local e o horário das apresentações; os valores da subvenção; concordavam e discordavam; xingavam baixinho ao pé do ouvido; exaltavam-se; roubavam a palavra no grito; aplaudiam; vaiavam; representava para nós, o avesso da realidade que os jornais e as cartas amarelados pelo tempo revelavam. Obviamente que não encontramos nas fontes consultadas, as conversas dos corredores, nem as combinações nos discursos entre os carnavalescos no momento de pedir a palavra em público, como nos deparamos em algumas ocasiões na reunião. Os silêncios encontrados nos escritos, muitas vezes por

---

<sup>410</sup> Estavam presentes na reunião aproximadamente 250 agremiações cadastradas na Fundação de Cultura do Recife, que participaram do concurso no ano anterior. A cada ano o cadastro é atualizado com novos grupos que passam a incorporar a programação. É importante destacar que esse quantitativo não está relacionado com a realidade das agremiações que existem no Recife e Região Metropolitana. Outros grupos participam do carnaval de rua da cidade, embora não constem no cadastro da Prefeitura. Chamamos de modalidade os diversos estilos de agremiações que desfilam no concurso. São elas: Clubes de Frevo, Troças, Clubes de Boneco, Blocos de Pau e Corda, Maracatus de Baque Solto, Maracatus de Baque Virado, Escolas de Samba, Tribos de Índio, Caboclinhos, Ursos e Bois.

uma estratégia de resistência dos grupos ou medo de algum tipo de punição, foram completados, e muitas vezes, interpretados, à luz dos discursos oficiais do Estado e demais autoridades que diariamente deixavam registrados, nos principais veículos de comunicação da época, as suas opiniões e desejos acerca da paz social e da manutenção da ordem pública. Isso foi possível, porque percebemos ao longo do trabalho, que o carnaval não consistia numa celebração à parte da realidade da cidade. As pessoas e os grupos que dele fazem parte estavam agregados ao cotidiano do Recife. Seus fazeres, suas práticas, estavam associados (e continuam) às diversas formas de relacionamento social.

Por isso, a análise desenvolveu-se sobre o cotidiano, mostrando o carnaval como uma manifestação pública de uma sociedade em transformação. O Recife modernizava-se nas primeiras décadas do século XX. Ganhava arranha-céus; novas avenidas largas e iluminadas; "limpava" as ruas do centro dos mendigos e ambulantes, empurrando-os para os subúrbios; combatiam-se os mocambos; novas opções de lazer com museus, teatros, orquestra sinfônica, salões de arte eram frequentemente oferecidas; construía-se vilas residenciais; inauguravam-se centros educativos com cursos profissionalizantes, mão-de-obra qualificada; mais fábricas; mais empregos; ampliavam-se os serviços de transportes e de telefonia (isso não significava melhoria); entre outras novidades que reforçavam a imagem de uma cidade moderna, a qual atendia as necessidades de propaganda do Estado Novo.

Nesse contexto de mudança de mentalidades, de novos espaços de convívio sociocultural e econômico, os carnavalescos estavam completamente inseridos. Eles incorporavam o contingente operário das fábricas, das lojas do centro da cidade, os bancos escolares dos centros educativos, as fileiras dos teatros, a vizinhança das novas vilas, os desapropriados dos mocambos. Essas pessoas também formavam a massa humana que frequentava, às escondidas, as reuniões de esquerda nas sedes de algumas agremiações, nas mesas dos cafés ou nas casas de alguns intelectuais da cidade; que participavam de um toque nos terreiros de Xangô; ou de encontros com integralistas, e por isso consideradas, muitas vezes, como "perigosas".

Diante desse novo cenário que se desenhava no país, considerar normal esses hábitos e práticas dessa parcela da sociedade e alimentar a imagem de um carnaval de rua “violento”, “desordeiro”, com conflito entre os clubes e brigas sangrentas (como era conhecida a festa dos populares até o início do século XX) era o mesmo que caminhar na contramão da nova proposta política do Estado. O mesmo que levantar o estandarte com a faixa de “cidade atrasada”, não adequada aos tempos modernos.

Fazia-se necessário, na opinião das autoridades, interferir na forma de organização dos divertimentos públicos da classe trabalhadora, pois temiam perder o domínio do espaço da festa para as pessoas comuns e a instalação de momentos de desordem política que abalasse o bem estar social. Dessa forma, criam formas de “disciplinar” as massas, na tentativa de impedir ideologias de oposição ao governo e manter tudo sob controle. A FECAPE é uma dessas invenções que surge e se insere no interior dos grupos carnavalescos populares controlando seus estatutos, seu cotidiano, representando a presença do Estado em todos os momentos das agremiações. Esse medo do carnaval popular nasce, entre outros fatores, da capacidade de organização da classe trabalhadora e da amplitude com que as ideias comunistas chegam até as capitais brasileiras por meio de intelectuais de esquerda, que circulam nos diferentes espaços de sociabilidades do país.

Era preciso por em prática um modelo de política que priorizasse uma relação mais próxima entre o Estado e a sociedade. Uma administração forte, que se fizesse perceber no cotidiano da cidade (no caminho para o trabalho, no próprio trabalho, na escola, dentro de casa, na sede da agremiação, na rua, nos bondes, nas conversas nas esquinas, nos restaurantes, nas praças, nas lojas, no carnaval, nos mercados, entre outros espaços de convívio social), com um projeto que aproxime as elites e as massas, que priorize a reeducação social, articulando política, cultura, trabalho, família e religião, discurso e poder. O Estado como coordenador de todo esse processo.

*Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás* estruturou-se na tentativa de apresentar alguns desses momentos de mudança de comportamento no cotidiano do Recife, enfatizando a importância do carnaval para compreender como se desenvolveu a política cultural de Pernambuco protagonizada por Agamenon Magalhães, entre as décadas de 1930 e 1940. Um modelo de

administração que deixava transparecer a afinidade com a ordem política vigente no país (quem não a cumprisse era preso), priorizando a aproximação dos populares e a criação de uma identidade nacional.

Envolvidos pelo desejo de construção de marcos nacionais, em atendimento as intenções do Estado Novo, para a criação de um sentimento nacional, os intelectuais da situação investem na ideia de uma identidade cultural mestiça, e encontram no frevo, o símbolo que melhor lhe representa culturalmente. Ele passa a unificar o que antes se encontrava separado, ou seja, as influências das manifestações culturais européias, africanas e indígenas. Ele aglutina os substratos de cada cultura formadora da identidade brasileira e reúne tudo numa manifestação com “caráter puramente pernambucano, que é tipicamente nosso.”

O frevo nasce como uma prática popular urbana do Recife, em fins do século XIX, mas é apropriado pelo discurso do Estado, apenas nos anos 1930, quando o modelo de carnaval popular invade as ruas e conquista o espaço público da festa, em pleno território da ditadura varguista. A partir de suas manifestações culturais, os populares relacionam-se com as demais classes sociais, desenvolvem formas alternativas de integração à vida da cidade, constroem novas formas de aglutinação, com novas possibilidades de escolha, que venham atender as suas necessidades.

Dessa forma, o predomínio da cultura popular nas ruas do Recife, durante o Carnaval, não ocorreu de forma simples e espontânea. Decorreu de um fenômeno complexo, que envolveu um processo de luta contínua, com negociações, acordos e desacordos, satisfações e insatisfações. Uma resistência que foi se materializando na mudança de relações sociais, na apropriação e reconstituição dos territórios urbanos, por meio de investimentos simbólicos, que redesenharam a geografia da cidade, impulsionados pelos variados desejos humanos.

Assim, considerando as evidências que a pesquisa revelou, novos desdobramentos se fazem pertinentes. Trabalhos que tragam o cotidiano para o centro dos debates, com suas histórias de vida, relações de gênero, de classe, as experiências vivenciadas pelos múltiplos sujeitos, possibilitando a intensificação das relações sociais humanas, o fortalecimento dos elementos identitários, entre outras observações, que se configuram como questões para

aprofundamento e elaboração de novos estudos, a partir das experiências vivenciadas.

## Referências

### 1. Livros

ABREU, Marta. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: Edusc, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 1999.

ALMEIDA, Magdalena Maria de. **Mário Sette**: o retratista da palavra. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. **A construção da verdade autoritária**. São Paulo: Humanitas, 2001.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo**: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

\_\_\_\_\_. **Festas Públicas e Carnavais**: o negro e a cultura popular em Pernambuco. In: O Negro e a Construção do Carnaval no Nordeste. Maceió: EDUFAL, 2003.

\_\_\_\_\_. **DIP DOPS no frevo**. Carnaval, política e identidade cultural em Pernambuco: 1930-1945. In GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Tradições & Traduções**: a cultura imaterial em Pernambuco. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A Vocação do Prazer**. A cidade a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARLÉGO, Edvaldo. **Recife de Ontem e de Hoje**. 30ª ed.s/a

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2004.

\_\_\_\_\_. **A capital da saudade**: destruição e reconstrução em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.



- BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena**. Tradução Ana Maria Lima. Coimbra: Minerva, 1999.
- BANDEIRA, Manuel. **A Cinza das Horas**.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- BARROS, Souza. **A década de 20 em Pernambuco: uma interpretação**. Rio de Janeiro, 1972.
- BENJAMIN, Roberto. **Folgedos e Danças de Pernambuco**. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 1989.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.
- BEZERRA, Gregório. **Memórias (primeira parte: 1900 – 1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Apresentação do Bumba-meu-boi**. Recife: Imprensa Universitária, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Espetáculos Populares do Nordeste**. São Paulo, 1996. (Coleção Buriti, nº 10).
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Trad. Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CÂMARA, Renato Phaelante. **Fragments da história do Rádio Clube em Pernambuco**. Recife: CEPE, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Capiba: é frevo meu bem**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular, 1986.
- CANNADINE, David. **Que é a História Hoje?** Trajectos 6. Gradiva.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro: Funarte; UFRJ, 1994.

CAVALCANTI, Paulo. **O Caso Eu Conto Como o Caso Foi**. Da coluna Prestes à queda de Arraes. São Paulo: Alfa Omega, 1978.

\_\_\_\_\_. **O caso eu conto como caso foi: a luta clandestina: memórias políticas**. 2. Ed. Recife: CEPE, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2ª Ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. São Paulo: Difel, 1988.

COSTA, Valéria Gomes. **É do Dendê! História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992)**. São Paulo: Annablume, 2009.

COSTA, Valéria Gomes **É do Dendê! História e memórias urbanas da Nação Xambá no Recife (1950-1992)**. São Paulo: Annablume, 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_. **A Casa e a Rua**. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano, 2: morar, cozinhar**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano**;1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DOSSE, François. **A História em Migalhas: dos annales á nova história**. São Paulo: Ensaio; Campinas, Unicamp, 1992.

DUARTE, Ruy. **História Social do Frevo**. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1968.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2001.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. São Paulo: UNESP, 2007.

FERNANDES, Teixeira Antônio. **Dinâmicas Urbanas e Poder Político**. Sociologia. Faculdades de Letras. 13. Porto. 2003. Paraíba – UFPB.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Ed. 1968.
- GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. Trad. Maria Betânia Amoroso. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOMINHO, Zélia. **Veneza Americana x Mucambópolis: o Estado Novo na Cidade do Recife (Décadas de 30 e 40)**. Recife: CEPE, 1998.
- GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO. **In Memórias Agamenon Magalhães**. Recife: Secretaria de Interior e de Justiça: Imprensa Oficial, 1952
- GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, trabalho e cotidiano**. In: JANCSÓ, István e Kantor, Íris (orgs). **Festa: Cultura e sociabilidade na América portuguesa**. Volume II. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP: Imprensa Oficial, 2001.
- GUATARRI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Ricordi Brasileira Editores, 1955.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins; LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Cultura Afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós**. Recife, Bagaço, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- HOBBSAWM, Eric. **Pessoas Extraordinárias: resistência, rebelião e jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- LIMA FILHO, Andrade. **China Gordo: Agamenon Magalhães e sua época**. Recife: Editora Universitária, 1976.
- LIMA, Cláudia. **História do Carnaval**. Recife. Edição Especial. 2001.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias**. Recife, Bagaço, 2005.
- MAGALHÃES, Agamenon. **Ideias e Lutas**. Recife, Raiz, 1985.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo: EDUSC, 2002.
- MOTTA, Roberto. **Os Afro-brasileiros**. Recife: Massangana, 1985.

OAKESHOTT, Michael. **Sobre a História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 2003.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Frevo, capoeira e passo**. 2. Ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 7ª Ed. Campinas, São Paulo: Ed. Pontes, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PANDOLFI, Dulce Chaves. **Pernambuco de Agamenon Magalhães**. Consolidação e crise de uma política. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Editora Massangana, 1984.

PARAÍSO, Rostand. **A Esquina do Lafayette e Outros Tempos do Recife**. Recife: Rostand Paraíso, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Carnaval das Letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. 2 ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

\_\_\_\_\_. E o Rio Dançou. Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922), in CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.

PEREIRA, Roberto. **A formação do balé brasileiro**: nacionalismo e estilização. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2003.

PONTUAL, Virgínia. **Uma Cidade e Dois Prefeitos**: narrativas do Recife nas décadas de 1930 a 1950. Recife: Ed UFPE, 2001.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Carnaval Brasileiro**: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RABELLO, Evandro. **Memórias da Folia**: o carnaval do Recife pelos olhos da imprensa: (1822-1925). Recife: Funcultura, 2004.

REAL, Katarina. **O Folclore no Carnaval do Recife**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1990.

\_\_\_\_\_. **Eudes: o rei do maracatu.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2001.

REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo.** 20ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

RUSEN, Jorn. **Reconstrução do passado.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SAHLINS, Marshal David. **Ilhas de História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **Natais de histórias, natais de memórias.** Cartilha Ciclo Natalino 2008. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

SANTOS, Jocélio T. dos. **O poder da cultura e a cultura no poder.** Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SERRA, Ordep. **A Festa de Largo e seus Horizontes: uma breve reflexão.** In: Eparrei, Bárbara: fé e festas de largo em São Salvador. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005.

SETTE, Mário. **Arruar: história pitoresca do Recife Antigo.** Coleção Brasil. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1978.

\_\_\_\_\_. **Romances Urbanos. Seu Candinho da Farmácia.** (coleção os velhos mestres do romance pernambucano). Organização: Lucilo Varejão Filho. Recife: Editora do Organizador, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Orfeu Extático na Metrópole.** São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Leonardo Antônio Dantas. **Carnaval do Recife.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Caminhos da Alma: memória afro-brasileira.** São Paulo: Summus, 2002.

SOIHET, Rachel. **A Subvenção pelo Riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas.** 2. Ed. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SOUTO MAIOR, Mário. **Nordeste: a inventiva popular.** Rio de Janeiro: Cátedra, 1978.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2002.

TELES, José. **O frevo**. Rumo à modernidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Trad. Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRAMONTE, Cristiana. **O samba conquista passagem**: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis. Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. **Com a Bandeira de Oxalá**. Trajetória, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis. Itajaí: UNIVALI, 2001.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. Ed: UFRJ, 2007.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. **Carnaval em branco e negro**: carnaval popular paulistano 1914-1988. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

## **2. Artigos, Folders, Monografias, Dissertações, Revistas e Teses**

ALMEIDA, Magdalena. **Novas Dimensões para a História do Recife**. (Revista Arrecifes). Recife, Ano 30, n 10, dez 2005.

ASSIS, Maria Elizabete Arruda de. **Cruzeiro do Forte**: a brincadeira e o jogo de identidade em um maracatu rural. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

BARBOSA, Lúcia Falcão. **O Castelo de Alecrim**: intelectuais no Recife, em 21 de abril de 1960. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. **O Combate ao Catimbó**: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Culturas Populares**: múltiplas leituras. In: Anais do Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares. Brasília, 2005.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **A Sedução da Noite nos Cafés do Recife dos Anos 1920:** entre prazeres e transgressões. Associação Nacional de História – ANPUH. XXIV Simpósio Nacional de História.

COSTA, Manuel Nascimento. **Candomblé e Carnaval.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Centro de Estudos Folclóricos, 1980. (Folclore, 96).

COSTA, Valéria Gomes. **Nos Arrabaldes da Cidade:** práticas de apropriação e estruturação dos espaços no subúrbio do Recife pelo Terreiro Santa Bárbara – Nação Xambá (1950-1992). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

GUSMÃO, Neusa M. Mendes e VON SINSON, Olga R. de Moraes. **A Criação Cultural na Diáspora e o Exercício da Resistência Inteligente,** ANPOCS, Ciências Sociais Hoje, São Paulo, Vértice, 1989

JOSGRILBERG, Fábio B. **Cotidiano e Invenção:** os espaços de Michel De Certeau. Coleção Ensaios Transversais. São Paulo: Escrituras Editora, 2005

MELO, Paulo Henrique Rodrigues. **Dando Forma, Vida e Cor:** um debate sobre as artes plásticas no Recife (1922-1932). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010. (Mímeo)

MOURA, Carlos André Silva de. **Fé, Saber e Poder:** os intelectuais entre a política e a religião no Recife. (1930-1937). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2010.(Mímeo)

NETO, José Maria. **O importante não é falar, mas ser ouvido:** meios e entremeios da propaganda de Agamenon Magalhães em Pernambuco (1937-1945). In Saeculum (UFPB), João Pessoa, v.10. p 49, 2004.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. **Temp(l)os de consumo:** memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). SAECULUM – Revista de História [16]; João Pessoa, jan./jun.2007.

PINTO, Clélia. **Saravá Jurema Sagrada:** as várias faces de um culto mediúnico. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

PREFEITURA DO RECIFE. **Canindé:**110 anos de resistência. Recife, abr, 2007 (Folder publicado pelo Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval).

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Religiões Afro-brasileiras no Recife:** intelectuais, policiais e repressão. Dissertação (Mestrado em História) – Centro

de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des)encantos Modernos**: histórias da cidade do Recife na década de XX. Tese (Doutorado em História) São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. **A Jurema e a Festa dos Encantados no Carnaval do Recife**. Monografia (Curso de Graduação em História) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Carnaval Preto do Recife**: a conquista do espaço público da festa pelos afro-descendentes. Monografia (Especialização em História) - Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife, 2008.

\_\_\_\_\_. **Maracatu de Baque Virado e Maracatu de Baque Solto**. In: PREFEITURA DO RECIFE. Cartilha do Carnaval. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Festa dos Encantados no Carnaval do Recife**. Artigo publicado no Ciclo de Debates História e Culturas Indígenas – caminhos e dilemas contemporâneos. Recife: Fundação de Cultura do Recife, 2008.

SILVA, Fabiana de Fátima Bruce da. **Uma vela para os vivos**. Irmandades e chão histórico em Olinda – Pernambuco. Percepção da mudança numa cidade Patrimônio Cultural. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1998.

SILVA, Marcilia Gama da. **O D.O.P.S e o Estado Novo**: os bastidores da repressão em Pernambuco. (1935-1945). Dissertação (Mestrado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1996.

SOIHET, Rachel. **O povo na rua**: manifestações culturais como expressão de cidadania. Publicado na Coleção Brasil Republicano, Livro 2 – o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo, editora Civilização Brasileira, 2003.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **As Cidades Enquanto Palco da Modernidade**: o Recife de princípio do século. (Mestrado em História) Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1991.



### **3. JORNAIS**

#### 3.1 DIÁRIOS

DIARIO DA MANHÃ: jun./nov. 1933

DIARIO DE PERNAMBUCO: fev. 1929; ago./nov. 1933; jan./fev. 1934; jan. 1935; fev. 1937; jan./fev. 1938.

FOLHA DA MANHÃ: nov. 1937; fev./dez. 1938; jan./jun. 1939; jan./ jul. 1940; nov. 1941; fev./mar. 1942; dez.1943; fev./nov. 1944.

JORNAL DO COMMERCIO: fev. 1939.

JORNAL PEQUENO: jan. 1920; jan./fev.1923; fev. 1930; fev. 1940; out. 1945.

#### **3.2 PERIÓDICOS**

A Aranha. Recife, 1933.

A Aranha. Órgão Oficial do Clube Vasculhadores. Recife, 1934. (CD-Rom APEJE – Doc nº 224. Abertura capítulo 3).

A Bessa. Recife, Mar. 1946.

A Folia. Recife, Fev. 1933.

Arlequim. Recife, 1934. (CD-Rom APEJE – Doc nº 327. Abertura capítulo 2).

A Trombeta de Momo. Recife, 1934. (CD-Rom APEJE – Doc nº 295. Abertura capítulo 1).

Carnavolândia. Órgão Oficial do Clube de Alegorias Quatro Diabos. Recife, 1934. (CD-Rom APEJE – Doc nº 698. Abertura capítulo considerações finais).

Olha a Curva. Recife, Fev. 1937.

O Passo. Recife, Abr. 1933.

O Corta-Jaca. Recife, 1934.

O Rabecão, Recife, 1934.

O Imprensa. Recife, s/a (CD-Rom APEJE – Doc. nº 343)

### **4. Documentos Oficiais**

ANUÁRIO do Carnaval Pernambucano 1938. Recife: Publicação da Federação Carnavalesca Pernambucana, 1938, s.p.

Carta do Clube Carnavalesco Misto Oleiros da Várzea. *Secção de Teatros e Diversões Públicas*. Recife, jan. 1933.

Carta do policial Milton Villela ao Comissário Supervisor da Delegacia Auxial. Recife, ago. 1956.

Convite da Conferência Pública realizada na sede do Clube Bola de Ouro. Recife, 23 mar.1941.

Documentação policial da Troça Carnavalesca Mista Traquinos de João de Barros. Secção de Teatros e Diversões Públicas. Recife, ago.1946.

Estatuto do Bloco Carnavalesco Misto Batutas da Boa Vista. Recife,ago. 1931.

Prontuário da Troça Carnavalesca Abanadores do Arruda. Recife, 1941.

Prontuário do Bloco Carnavalesco Batutas de São José. Recife, 1942

Prontuário do Bloco Carnavalesco Mixto É Feio Mas É Bom. Recife, 1941.

## **5. Fontes Orais**

Entrevista com Severina dos Ramos Caminha (Dona Sevi Caminha – presidente do Bloco Carnavalesco Misto Pierrot de São José). Recife, 27 mar. 2009.

Entrevista com Manoel do Nascimento Costa (Seu Manoel Papai, babalorixá do Ilê Axé Iemanjá Oguntê; carnavalesco e antigo presidente do Clube das Pás). Olinda, 25 set. 2009.

Entrevista com Luiz de França. (Babalorixá e antigo presidente do Maracatu Leão Coroado). Acervo Centro de Formação, Pesquisa e Memória Cultural – Casa do Carnaval. Pátio de São Pedro.Recife-PE.

## **6. CD-Romm e Filmografia**

Antologia Pastoril Profano (CD-Romm) – Sambada Comunicação e Cultura, Recife, 2007. (Acervo Pessoal).

Arquitetura da Destruição. Filme de Peter Cohen. 121 Min. 2006. (Acervo Pessoal).

Carnaval do Recife 1926. (Filme) Acervo Fundação Joaquim Nabuco. Recife  
Carnaval do Recife de 1941. (Filme) Meridional Films. Acervo Fundação Joaquim Nabuco.

CD-Romm História do Carnaval - Arquivo Público Estadual de Pernambuco (Séculos XIX / XX) (Acervo Pessoal).

Frevo. Acervo Prefeitura do Recife. 2006

Irôco: a árvore sagrada.(Filme).Núcleo da Cultura Afro-Brasileira - Prefeitura do Recife, 2006. .

O Povo Brasileiro. (Filme baseado na obra de Darcy Ribeiro).260 Min. Brasil, 2000.

Solano Trindade: 100 anos. (Filme).Recife, 2008.

## **7. Fotografias**

Acervo Museu da Cidade da Prefeitura do Recife.

BERZIN, Alexandre. Arquivo Fundação Joaquim Nabuco. Arquivo também existente no Museu da Cidade da Prefeitura do Recife.

## **8. Endereços eletrônicos**

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/analise\\_populacao/1940\\_2000/comentarios.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf)> Acesso em 28/09/2008.

<<http://nuevomundo.revues.org/document3212.html>.PESAVENTO, Sandra Jatahy. História, memória e centralidade urbana. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nº7, 2007> Acesso em 23/10/2008.

ANEXO 1 – CAPÍTULO 1

**Club C. M. Cabeça Branca**

===== DOS REMEDIOS =====



**Proposta para Socio**

Nome do proposto.....

Idade.....

Nacionalidade.....

Profissão.....

Residencia.....

Estado Civil.....

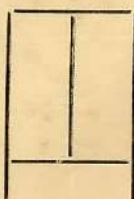
Logar onde trabalha.....

Ass. do proposto.....

Ass. do proponente.....

Em..... de..... de 193.....

ANEXO 2 – CAPÍTULO 1



Club Carnavalesco Mixto  
"Oleiros da Varzea"

Sr.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Romano.

Honra-nos trazeremos ao conhecimento de V. Excia. que este **Club** reunido em Assembléa Geral, realizada em sua sede social na Ambolê, distinguio o vosso respeitavel nome para o cargo de *Socio da Directoria de Honra*.

Estamos certos de que V. Excia. zelando bem alto as tradições de Pernambuco em suas festas e seus costumes, prestará inteira solidariedade moral e material para que **Oleiros** possa assim com o seu progresso honrar o nome da terra que lhe serviu de berço.

Congratulando-se convosco, este Club se sente feliz com a aquisição feita e está conscio de que terá em V. Excia. um sustentaculo de raro valor.

O PRESIDENTE

Manoel Sariany  
Pela Directoria

O SECRETARIO

O THESOUREIRO

Varzea, 3 de Junho de 1923.

## ANEXO 3 – CAPÍTULO 1

### Estrutura administrativa dos clubes pedestres

Nº	NOME DA AGREMIÇÃO	CARGO
01	Batutas da Boa Vista	Presidente / Vice-presidente / 1º Secretário / 2º Secretário / Orador / Vice-orador / Tesoureiro / Vice-tesoureiro / Diretor / Vice-diretor / Fiscal / Comissão de sindicâncias / Comissão de contas / Fiscal junto à Federação
02	Maracatu Carnavalesco Misto Cruzeiro do Forte	Presidente / 1º Secretário / 2º Secretário / Tesoureiro / Delegado / 1º Fiscal / 2º Fiscal / Zelador / Diretor de rua / Diretor de sede / Orador
03	Troça Carnavalesca Mista Calafate de Posição	Presidente / Vice-presidente / Tesoureiro / Vice-tesoureiro / 1º Secretário / 2º Secretário / Orador / Diretor / Vice-diretor / 1º Fiscal / 2º Fiscal / 1º Procurador / 2º Procurador / 3º Procurador / Delegado junto à Federação / Diretor de Bandeira
04	B.C.M Madeiras do Rosarinho	Presidente / Secretário / Tesoureiro
05	C.C.M Vassourinhas de São José	Presidente / Vice Dito / 1º Secretário / 2º Dito / Orador / Vice Dito / Tesoureiro / Vice Dito / 1º procurador / 2º Dito / Diretor / Vice dito / 1º Fiscal / 2º Dito / Conselheiros / Delegado junto à Federação
06	TCM Traquinos	Presidente / Vice / Secretário / Vice / Orador / Vice / Tesoureiro / Vice / 1º Procurador / 2º Procurador / 1º Fiscal / 2º Fiscal / Diretor / Delegado
07	C.C.M Cabeça Branca dos Remédios	<b>Diretoria masculina:</b> Presidente / Vice / 1º Secretário / 2º Secretário Tesoureiro / Vice-Tesoureiro / Orador / Vice-

		Orador / Diretor /Vice-Diretor / Procurador /Vice- Procurador / 1º Fiscal / 2º Fiscal / Zelador / Presidente do Conselho /Vice <b>Diretoria feminina:</b> Presidente / 1ª Secretária / 2ª Secretária / Tesoureira / Oradora / Diretora / 1ª Procuradora / 2ª Procuradora /1ª Fiscal / 2ª fiscal / Zeladora
08	Banhistas do Pina	Presidente / Vice / Secretário / Tesoureiro / Procurador / Conselheiro / Diretor
09	BCM Lyra da Noite	Presidente / Vice / 1ºSecretário / 2ºSecretário 1º Tesoureiro / 2º Tesoureiro / Orador / Diretor Geral / 1º Diretor / 2º Diretor / 1º Fiscal / 2º Fiscal / 3º Fiscal / 1º Procurador / 2º Procurador / Conselheiro
10	BCM Flor da Lira	Presidente / Vice / 1º Secretário / 2º Secretário Tesoureiro / Vice-Tesoureiro / Orador / Vice-Orador / Diretor / Vice-Diretor
11	Pavão Dourado	Presidente / Vice / 1º Secretário / 2º Secretário Tesoureiro / Vice-Tesoureiro / Orador / Vice-Orador/ Diretor / Vice-Diretor / Vice-Fiscal / Delegado
12	CCM Toureiros de Santo Antônio	Presidente / Vice / Secretário / 2º Secretário / Tesoureiro / 2º Tesoureiro / Fiscal / 2º Fiscal Diretor do cordão / Delegado / Conselheiro
13	CCM Lenhadores	Presidente / Vice-Dito / Secretário / 2º Secretário / Tesoureiro / Vice-Dito / Orador / Vice Orador / Diretor / Vice Diretor / Fiscal / 1º Fiscal / Zelador

## ANEXO 4

### MÚSICAS CARNAVALESCAS PREMIADAS EM CONCURSOS ORGANIZADOS PELA IMPRENSA E PELA FECAPE

<b>Música:</b> PIERROT, MEU PIERROT
<b>Autoria:</b> Fernando Lôbo
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Marcha
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Eu vi um Pierrot, falando sozinho... Dizendo baixinho, eu sou infeliz Porém meu Pierrot, você está enganado Pierrot apaixonado não sabe o que diz</p> <p>Pierrot, meu Pierrot Não fique triste não Pois meu coração é quem padece Tome o meu conselho: Arranje outra paixão... Pois no Carnaval tudo se esquece</p> <p>Se acaso Colombina Resolver voltar Negue Pierrot o seu perdão Caia no folgado, deixe de chorar Pague a ingratidão com ingratidão</p>

<b>Música:</b> UM SONHO QUE DUROU TRÊS DIAS
<b>Autoria:</b> Irmãos Valença
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Tive um sonho que durou três dias Foi um sonho lindo Sonho encantador Eu dançando tu me conduzias Ao castelo azul onde mora o amor</p> <p>Tu cantavas assim Bem pertinho de mim Esta linda canção Comigo a dançar Em rico salão!</p> <p>Este sonho real Foi o meu carnaval A mais grata ilusão Que já se passou Em meu coração!</p>



<b>Música:</b> NÃO CHORA, PIERROT
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Pierrot, meu Pierrot não chora  Esquece Colombina  Perdoa o Arlequim  Manda esta tristeza embora  E fica sorrindo para mim</p> <p>Seu romance é bem igual ao nosso  Não tem começo, mas tem fim  Não chora Pierrot apaixonado  Que esse mundo mentiroso  Está cheio de Arlequim...</p> <p>Talvez mesmo você seja culpado  Por ter perdido Colombina...  Meu pobre Pierrot, não leve a mal  Que Rei Momo está sorrindo  Anunciando o Carnaval</p>

<b>Música:</b> EH! UÁ! CALUNGA!
<b>Autoria:</b> Capiba
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Maracatu
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>De São Paulo de Luanda  Me trouxeram para cá  Eh! Eh! Eh! Calunga!  Calunga!  Me trouxeram para cá</p> <p>Hoje sofro tanto  Calunga!  E todo meu pranto  Calunga!  Maracatu  Maracatu  Eh! Uá! Calunga!</p> <p>Minha mãe chorava  Calunga!  Eu baixinho cantava  Calunga!  Maracatu  Maracatu  Eh! Uá! Calunga!</p>

<b>Música:</b> COROA IMPERIAL
<b>Autoria:</b> Sebastião Lopes e Paulo Lopes
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Maracatu
<b>Fonte:</b> Olha a Curva
<p>Meu maracatu  É da coroa imperial  É de Pernambuco  E ele é  Da casa Real...</p> <p>Oh meu rei minha rainha  Vamos todos é brincar  A boneca é de ouro  Vou botá-la pra dançar</p> <p>A coroa está em festa  Lá na casa imperial  Hoje é dia de folgado  É de brincar o Carnaval...</p>

<b>Música:</b> ARLEQUIM
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Olha a Curva
<p>Arlequim, que fizeram com você,  Arlequim,  Pra você está triste assim?!</p> <p>Se foi o seu amor que lhe deixou,  não faz mal!  Chegou o Carnaval!</p> <p>Eu tenho um recadinho pra você,  De Pierrot, Pierrete e Colombina  Dizendo que o frevo está na rua  E estão esperando por você lá na  esquina...</p> <p>Se toda essa tristeza, Arlequim  É por um amor que você abandonou,  Não chore por uma coisa tão banal!  Foi mais uma ilusão que o éter  carregou...</p>

<b>Música:</b> QUE FIM VOCÊ LEVOU?!
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Olha a Curva
<p>Olá! Como vai você?  Nunca mais lhe vi  Que fim levou?!</p> <p>A última vez que falei com você  Foi na terça-feira  Do Carnaval que passou...</p> <p>Eu bem me lembro  Como se hoje fosse...  Era de cor verde  A sua fantasia...  Tão bonita  Como a esperança  Que meu coração vive  De você ser minha um dia...</p> <p>Agora volta, louco  O Carnaval!  O seu ruído já domina  O espaço!  Vamos unir os nossos corações  E de braços com a ilusão  Amar com o frevo  E com o passo...</p>

<b>Música:</b> COMENDO UM GALO
<b>Autoria:</b> Annibal Portella e Sebastião Lopes
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Olha a Curva
<p>Você pisou o meu calo  Meu velho calo de estimação...</p> <p>Fiquei comendo um galo  Fiquei comendo um galo  Mas agüentei a mão...</p> <p>Você pensa que fazer o passo  É machucar, dar trancão, pontapé...</p> <p>Mas qual, seu Juvenal  Isso não é Carnaval  Não é, não é, não é...</p> <p>Você ante de cair no frevo  É bom treinar, aprender-lhe o jeito...  Senão, veja você  Saia desse fusuê  E vá lamber sabão...</p>

<b>Música:</b> CHORA PALHAÇO!
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Olha a Curva
<p>Chora, palhaço!  Grande é tua dor!  Eu também estou triste, ó palhaço  Pois morreu o meu amor!</p> <p>Parecem dois confetes vermelhos  Os teus olhos tão tristonhos!  Como serpentinas, multicores  Voaram os teus sonhos...</p> <p>Sofrendo como tu, meu palhaço  Também está meu coração!  Foi num dia assim de Carnaval  Que morreu minha ilusão...</p>

<b>Música:</b> HINO DO CARNAVAL PERNAMBUCANO
<b>Autoria:</b> Annibal Portella e José Mariano Barbosa
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Hino
<b>Fonte:</b> Olha a Curva
<p>Foliões, viva o prazer!  Viva o frevo original!  O ideal é sorrir  E ao passo aderir  Aderindo ao Carnaval!</p> <p>Evohé! Evohé!  O Carnaval de Pernambuco  É vibração  É gozo,  É o suco,  Graças ao frevo e à Federação</p> <p>Carnaval como se faz  Nesta bela capital  Vale a pena se ver,  Pois é bom de doer,  É de fato Carnaval!</p> <p>Todo aquele que negar  O prazer que anda aí,  Faça o passo e verá  Que no mundo não há  Carnaval como o daqui!</p>

<b>Música:</b> DOBRADIÇA
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Pernambucana
<b>Fonte:</b> O Folião
<p>Dobra! Dobra!  Vem pra dobradiça  Caboclinha do amor  É o frevo quem te atiça</p> <p>Quando chega a folia  A gente fica que nem yô-yô  E sobe... e desce... e se atrapalha  E se embaraça todo  No cordão do carnaval</p> <p>... Todo mundo  Dobra! Dobra!</p> <p>Caboclinha do outro mundo  Pra lá do céu, olha pra mim  Não sê tão mal!  E pelo menos no carnaval  Dá pro teu "corta-jaca"  Um tiquinho desse olhar</p> <p>... E depois  Dobra! Dobra!</p>

<b>Música:</b> É DE AMARGAR
<b>Autoria:</b> Capiba
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Pernambucana
<b>Fonte:</b> O Folião
<p>Eu bem sabia  Que esse amor um dia  Também tinha seu fim  Esta viola é mesmo assim  Não penses que estou triste  Nem que vou chorar  Eu vou cair no frevo  Que é de amargar  Oi...</p> <p>Eu já arranjei  Outra morena bonita  Ainda bem vestida  Cheia de laço de fita  Gosta de mim  Com toda emoção  E já se diz a dona  Do meu coração</p> <p>Sempre me diz quando me vê  Minha morena  Gosto de você  Não sei como e porque  Me faz carinhos  A todo momento  Porém eu tenho medo  Do seu juramento</p>

<b>Música:</b> CHEGOU O POVO
<b>Autoria:</b> J. Leocadio
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Chegou agora  Agüenta firme quem puder  Chegou o frevo  Quem é vovô vai ficar Bebê  Não vá dar água  Que fica muito feio pra você  E com isto  Alguém diz  E eu posso dizer  Oi Nã?  E seja pra ver!</p> <p>Lá vai poeira  Diz o Olympio com vigor  Batutas de Boa Vista abafou  Batutas de Boa Vista  Não houve que o abafasse  Com o Bandeira  Turuna antigo e seu diretor  Cai no passo  E ver logo  A turma gritar  Que Boa Vista  É de amargar</p>

<b>Música:</b> VIRA VIRA
<b>Autoria:</b> João Ninguém
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Oi! Vira Vira  Vira Vira sem pará  Vira moço e vira velho  Quero ver tudo, tudo virá</p> <p>Quando chega o Carnaval  Eu não penso mais em nada  Só penso mesmo no frevo  Deixo a casa abandonada</p> <p>Quando eu caio no banzé  Quase que me viro em pó  Pego a zinha bem de lado  Viro tanto que faz dó</p> <p>É que me lembro de casa  Na quarta-feira de cinza  A mulher está me esperando</p>

<b>Música:</b> O ENGANO ESTÁ NA VISTA
<b>Autoria:</b> Edgard Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Canção
<b>Fonte:</b> O Rabecão
<p>Ao som da canção maviosa  Que nós entoamos com toda  expressão  Dizendo que são os Batutas  De São José e campeão  Alerta morenas faceiras  Que vem radiando a folia ideal  Pra dizer bem, mesmo com fé  Que somos o herói do Carnaval</p> <p>Vem, folia  Dizendo que o Batutas de São José  É o Bloco de encantar</p> <p>No meio da onda pesada  Desfilamos Batutas, fremente a  cantar  As suas canções saudosas  Que às vezes faz recordar  Vem pra nos alegrar  Aqueles folias de outrora  Da qual só existe hoje as recordações  Fazendo crer, que afinal,  A vida é completas ilusões</p>

<b>Música:</b> SURPRESA
<b>Autoria:</b> J. S. Calasans e José Felipe
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha
<b>Fonte:</b> O Rabecão
<p>Isto é uma surpresa  Aqui nesta canção  Quem quiser duvidar  Não se acanhe de dizer não  Surpresa só se faz  É mesmo assim  Quer seja boa ou seja ruim  Então ouçam lá  Eu vou dizer, podem crer  Esta surpresa ninguém há de ver  "Bobinho em Folia", perder a  simpatia,  Mas de dia em dia o seu nome  crescer</p> <p>Outra melhor surpresa  Que também cantaremos  Sem fazer zum, zum, zum  Ao povo diremos  "Bobinhos" sairá no Carnaval  Honrando o seu belo ideal  De paz, harmonia, confraternização  No Carnaval só deve haver união  Surpresa bonita  Rei Momo que dita  "Bobinho em Folia"  Ser o bi-campeão</p>

<b>Música:</b> VENDE-SE UM CORAÇÃO
<b>Autoria:</b> Raul Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Não há mais  No meu coração  Um lugar  Pra o amor meu bem  Sem ter a ilusão  De amar  Nem pensar  Em mais ninguém</p> <p>Vou botar  Já, no jornal  De maior circulação  Pra chamar  Mais atenção  E em tipo original  Eu vou vender meu coração  E se, a alguém interessar  A reclame tentação  Nada tem  Mais que pensar  Não perca o leilão  De um lindo coração</p> <p>Eu tentei  Por mais de uma vez  O prazer  De gostar de alguém  Mas não sei  O que assim se fez  Descrer  De vencer  No amor, meu bem</p>

<b>Música:</b> MARCHA DO BLOCO UM DIA DE CARNAVAL
<b>Autoria:</b> Edgard Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha de Bloco
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Vem chegando o Carnaval  E vamos pois, pandegar  Caie-mos no meio do frevo  Esquecendo a vida sempre a cantar</p> <p>Brincamos com alegria  Com a nossa bela união  Sentimos orgulho em dizer  Que seremos na certa o campeão</p> <p>Cantando a nossa canção  Sentimos grande prazer  Um dia de Carnaval  Bloco mui querido, que irá vencer</p> <p>Com suas lindas morenas  Ninguém pode resistir  E tem que cair, bem no frevo  Quer queira, ou não queira, tem que aderir</p>



<b>Música:</b> ESTOU VINGADO!
<b>Autoria:</b> Edgard Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marchinha Carnavalesca
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Chegou a hora  De gritar em voz bem forte  Estou vingado  Você pensava  Que o céu era pertinho  E ficasse avacalhado</p> <p>Talvez vá lhe servir esta lição  Pra você deixar de ser metido  Depois de contar tanta lorota  Você ficou de tudo, foi perdido</p> <p>Agora é tarde, e não tem jeito a dar  Sustenta seu capricho fanfarrão  Bem deves conhecer que é  impossível  Vou agüentar o meu rojão</p>

<b>Música:</b> SUSTENTA O PASSO, MORENA
<b>Autoria:</b> Walter de Oliveira e Gilberto Fontes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Sustenta o passo morena  Que eu não sou varredura  Cai logo no frevo sem pena  Que nos três dias da folia não há  amargura</p> <p>É o que eu te digo</p> <p>Azeita essa dobradiça  Do teu corpo tão mimoso  Requebra e deixa de preguiça  Vem cair neste rojão com teu nego  dengoso</p> <p>Agüenta firme</p> <p>O frevo aqui é o suco  A "ondia" é de "amaigá"  O "Carnavá" em Pernambuco  É do "amô" é do chamego e é  "ispiciá"</p> <p>É de "amaigá"</p>

<b>Música:</b> VOCÊ FAZ ASSIM COMIGO
<b>Autoria:</b> João Valença
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Querer bem é um castigo  É coirana que se roe  Você faz assim comigo, não é?  Pra me ver ficar dodói</p> <p>De que serve querer bem  Não adianta a ninguém  Você sente até prazer  De me ver chorar  De me ver sofrer</p> <p>Querer bem é um castigo...</p> <p>Toda arenga finda em zero  Cada vez mais eu lhe quero  Pelo bem que vem depois  De fazer as pazes  Eu... você... nós dois</p> <p>Querer bem é um castigo...</p>

<b>Música:</b> NÃO CAIO NESSA
<b>Autoria:</b> José Mariano Barbosa
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Não caio nessa, não  Pra não maltratar  O meu coração</p> <p>O tempo agora tem andado apertado  Que nem é bom falar  E ainda queres me trazer amarrado  Sem te poder largar  E assim meu bem</p> <p>Teu grande amor adora minha  carteira  Mais do que mesmo a mim  Tua amizade é de gente fiteira  Sempre tu foste assim  Interesseira</p> <p>Teu lindo olhar atrapalhou minha  vida  Eu não te posso amar  Estou bem certo que és muito sabida  E queres me tapear  Não caio nessa</p>

<b>Música:</b> QUANDO A GENTE GOSTA
<b>Autoria:</b> Fifa
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Eu gosto muito de você  Nem sei porque pensar assim  Mas, faço tudo, só meu bem  Pra ver se você gosta de mim</p> <p>De nada vale esta canção  Meus versos, já, valor não têm  Pra quem não tem mais coração  Nem faz conta do meu pesar,  também</p> <p>Quando eu vejo alguém sorrir  Creio que a vida bem diz  Se sofre, sabe mentir  E, se não sofre, é feliz</p> <p>Quando eu ouço alguém cantar  Sinto uma saudade que  Vem sempre me lembrar  O bem que eu quero a você</p> <p>Não sei se devo mais sorrir  Já estou cansado de chorar  Nem vale a pena mais insistir  No que você não quer escutar</p> <p>Mas, ouça bem esta canção  Responda, se quiser, depois  O que você fez da ilusão  Pois do amor que aproximou nós  dois?</p>

<b>Música:</b> PORQUE VOCÊ FUGIU DE MIM?
<b>Autoria:</b> Lugowan
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Porque você fugiu de mim  Eu não fiz mal a ninguém  Já sei meu bem é o Carnaval  Que fez você me abandonar</p> <p>Foi tão depressa que você fugiu de mim  Que nem deu tempo de te agarrar  Gritei, andei, corri atrás meu bem de ti  Somente para perguntar</p> <p>Gritei, andei, corri atrás meu bem de ti  Fiquei cansado de procurar  Entrei no trevo sem querer diabinho te vi  Porém não pude perguntar</p> <p>Entrei no frevo sem querer diabinho te vi  Fazendo passos de admirar  Furei a onda para ver se junto a ti  Chegava a onda para perguntar</p>

<b>Música:</b> PRA VOCÊ...
<b>Autoria:</b> Raul Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha de Bloco
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Ouça bem o que eu vou dizer  Para poder compreender  Todo o segredo (já se vê)  Que eu só digo meu bem, a você</p> <p>Conte muito, mas pra mim  Dance comigo no fim  Deixe alguém despeitado, pois  Se quiser falar mal de nós dois</p> <p>Quando eu quero mesmo bem  Não me importa com ninguém  Pra mim não há coisa melhor  Do que ouvir falar de amor</p> <p>Mas precisa pra amar  Jovem ser  E saber  Disfarçar  E com jeito, dizer  Tudo num olhar</p> <p>E assim quero, também,  Confessar,  Pra acabar  Fui eu quem  Isto fez... pra você cantar  Dançar  E... me querer bem!</p>

<b>Música:</b> CADÊ VOCÊ?
<b>Autoria:</b> J. Corrêa e H. Celso
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Pernambucana
<b>Fonte:</b> O Rabecão
<p>Estamos no Carnaval  Em pleno frevo, na sensação  De querer o seu amor  Mergulhando na minha alma  No meu coração</p> <p>Cadê você?  Cadê ninguém...</p> <p>Você fugiu e me deixou  Porque não me quer bem</p> <p>Juntinhos por muito tempo  Eu tive junto de mim, você  Depois você foi se embora  E eu fui chorar na praia</p> <p>Sem saber porquê  Você, minha Colombina  Sombra de amor que por mim passou  Você foi linda mentira  Que fez de mim na vida  O seu Pierrot</p>

<b>Música:</b> LÁ SE FORAM OS GARGANTAS
<b>Autoria:</b> Edgard Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha de Bloco
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>No Carnaval  Queremos ver  Qual é o bloco  Que irá vencer  Batutas de São José  Está firme pra combater  Não temos mais  Em nosso meio  Os tais gargantas, de outrora pra fingir  Estamos bem dispostos para luta  Na certa que a vitória nos fará sorrir</p> <p>Alerta tropa  Que estamos firmes  E não podemos pois recuar  Ficas sabendo morcego  Que não podes mais soprar  O teu castigo será infindo  E hás de viver como o tal Judas a vagar  Enquanto nós aqui estamos fortes  Unidos pela força  Que nos fará triunfar</p>

<b>Música:</b> EM PLENA FOLIA
<b>Autoria:</b> Julieta Oliveira
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Carnaval! Carnaval! Carnaval!  Que loucura sem igual  Quanta gente na rua a brincar  Canta, ri, folga a dançar...</p> <p>Carnaval! Carnaval! Carnaval!  Que loucura sem rival  Toda gente a correr mascarada  A brincar e a saltar  Só três dias e mais nada...</p> <p>Cantemos todos juntos com alegria  Gozando a quadra louca da folia  E nestes dias de pilherias  Vamos deixar de lado as coisas sérias</p>

<b>Música:</b> TIRADENTES
<b>Autoria:</b> Penteado, E. Silva e Decio Carlos
<b>Ano:</b> 1933
<b>Categoria:</b> Samba
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Joaquim José Da Silva Xavier Morreu a vinte e um de abril Pela Independência do Brasil Foi traído e não traiu jamais Os inconfidentes de Minas Gerais</p> <p>Joaquim José da Silva Xavier Era o nome de Tiradentes Foi sacrificado Pela nossa liberdade Esse grande herói Pra sempre a de ser lembrado</p>

<b>Música:</b> SUPREMO PODER
<b>Autoria:</b> Fernando Martins e Vitor Simon
<b>Ano:</b> 1933
<b>Categoria:</b> Samba
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Só o supremo poder É quem faz e desfaz E ninguém mais Mas enquanto houver vaidade Egoísmo e maldade Ninguém viverá em paz</p> <p>O mundo não é de ninguém Somos todos iguais E não vivemos bem O destino é tão cruel Mas cumprindo a lei de Deus A terra será como céu</p>

<b>Música:</b> ADEUS CIDADE
<b>Autoria:</b> Luiz Soberano e Gelio Batista
<b>Ano:</b> 1933
<b>Categoria:</b> Samba
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Meu amor  Foi embora  Sem razão abandonou meu lar  Vem chorar  Violão amigo  Vem me consolar</p> <p>Quero os meus dias findar</p> <p>Cidade tudo em ti é artificial  Até o bem que se espera de alguém  Quando vem, vem mal</p>

<b>Música:</b> LEVIANAS
<b>Autoria:</b> Arthur Montenegro
<b>Ano:</b> 1933
<b>Categoria:</b> Samba
<b>Fonte:</b> Evohé
<p>Recebi a tua carta  Senti que estás fracassada  Mas não sei dizer porque  Ao ver-te derrotada  E assim desprezada  Sinto imenso prazer</p> <p>Tu nunca foste minha  Mas não vivias sozinha  Queria luxo e vaidade  Que te importava meu pranto  Para quem te amava tanto  Só havia felicidade</p> <p>Hoje vejo com ironia  Com prazer e alegria  O teu fim de perdição  Leviana é teu destino  Ser levada ao desatino  Sem carinho e sem perdão</p>

<b>Música:</b> RISO DE IRACEMA
<b>Autoria:</b> Edgard Moraes
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Marcha Regresso
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Do reinado da folia  Partiremos a cantar  A canção saudosa  Que aos corações fazem chorar  É tristonho ao longe ouvir  Os cantares e violões  Que faz recordar tudo que passou  Em momentos de completas ilusões</p> <p>Adeus, Adeus  Que já vamos regressar  Sentindo n'alma as saudades  E uma vontade de chorar  Adeus, Adeus  Queridos foliões  Um dia de Carnaval  Leva as recordações</p> <p>Foliões, aceitai o adeus  Do conjunto jovial  Que levamos n'alma  Recordações do Carnaval  Iracema o teu cantar  Vibra com grandes emoções  Que faz recordar tudo que passou  Em momentos de completas ilusões</p>

<b>Música:</b> FREVO NO CÉU
<b>Autoria:</b> P. Macacheira
<b>Ano:</b> 1934
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> O Corta-Jaca
<p>Morena melindrosa  Não contes prosa  De circo eu sou  Dou-te um beijo só  No casório não vou  Que sou escolado  E deixo de lado  O teu caritó  Morena melindrosa  Também me atrevo  E faço o meu  Se me queres assim  Sem consumição  Cairemos enfim  Mesmo em pleno frevo  De qualquer pensão</p> <p>Gozar esta vida, meu bem  É este meu ideal  Meu amor, esta vida é uma canja  Que se pode tomar pelo Carnaval  Chamego de morena  É um céu aberto  Ai quem me dera quando morrer  Ao teu lado, morena ver o céu de  perto  Nos braços teus quero adormecer  Voar com a morena e levá-la ao céu  Gozando as delícias de aviador  E deixando S. Pedro encarregado  De abri o ninho de nosso amor</p>



<b>Música:</b> A CANOA VIROU
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1931
<b>Categoria:</b> Marcha Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>A canoa virou, pois é  Seu Estácio fugiu, pois é  O beijudo beijola, pois é  Nunca mais ninguém viu, pois é</p> <p>Da forma que a coisa virou  É fato que jamais se viu  Quem estava de cima foi d'água  abaixo  Quem estava embaixo subiu</p> <p>Havia muita gente gorda  Contente, que de tudo ria  Mas vem de repente a bruta virada  E lá foi-se a zombaria</p> <p>Quiseram até fazer museu  Sem ter licença do seu Mário  Voaram em cima de um raro espelho  E quase vai-se o armário</p>

<b>Música:</b> JÁ FAZ UM ANO
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1936
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Já faz um ano que eu conheci você  Foi pelo Carnaval, foi pelo Carnaval  E desde então fiquei sabendo o porquê  De todo o meu mal, de todo o meu mal</p> <p>Ao som de guizo, estalar de serpentina  Foi que nasceu a ilusão de um grande  amor  Foi ilusão, foi sonho que passou  E hoje mascarada trago a minha dor</p> <p>Os dias passam tão ligeiros, vão  voando  É do destino, tudo passa afinal!  Temos três dias de loucura intensa  Assim vou lhe esquecer, chegou o  Carnaval</p>

<b>Música:</b> SORRI PIERRÔ
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1940
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Pierrô, onde está teu amor?  O veludo negro da tua fantasia  Traduz a tua dor</p> <p>Basta de tanto chorar  Os guizos vem agitar  Sorri! Sorri! Sorri!</p> <p>Pois afinal  A vida não é mais  Que um Carnaval</p>

<b>Música:</b> DANÇA DO CARRAPICHO
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e Sebastião Lopes
<b>Ano:</b> 1942
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Morena, eu já sei!  Me largue, me solte!  Deixa eu me espalhar, ei  No Carnaval  Eu quero virar bicho, u u  Agora vou mostrar  Pra você aprender  A Dança do Carrapicho</p> <p>Um passo pra frente  E outro pra trás  A mão na cabeça  E o dedo na boca  E depois que começar a confusão  Você vai ver  Que coisa louca!</p>

<b>Música:</b> LÁ NO DERBY
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e Sebastião Lopes
<b>Ano:</b> 1943
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Mandei parar o bonde  Lá na Praça do Derby  Saltei e dei o braço  A Maria das Dores  Com a minha Maria  Vai ser meu Carnaval  Escondido entre as flores  Lá na Ilha dos Amores</p> <p>Com a das Dores  A correr pra lá, pra cá  E a água em redor  Chué, Chuá, Chuá, Chuá  Que bom!  Minha folia vai ser bem original  Estampado lá no Derby  Vai ficar meu Carnaval</p>

<b>Música:</b> O FREVO É ASSIM
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e Nestor de Holanda
<b>Ano:</b> 1946
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Eu danço tango, danço conga  E danço samba  Danço boogie-woogie  Danço até na corda bamba  Mas o tal frevo  Original de Pernambuco  Fui tentar dançar  E fiquei maluco</p> <p>É uma dança bem quente, oi  Que remexe com a gente, oi  E faz a cintura girar  Joga as pernas pra frente, oi  Mexe feito serpente, oi  E a cabeça fica fora do lugar</p>

<b>Música:</b> DEDÉ
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e H. Alves
<b>Ano:</b> 1930
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Comprei um bonde pra nós dois morá  Comprei um trem pra nós dois viajá  Mandei fazê um pierrô de novo  Bem bonito pra nós dois brincá de  Carnavá!</p> <p>Dedé! Dedé!</p> <p>Você diz que me qué  Mas você me engano  E deu a outro o seu amô</p> <p>Um dia desse indo eu passeá  Vi uns terreno escrito: "a prestação"  Arranjei um assim desse tamanho  E pra você eu vou fazê um lindo  arranha-chão</p>

<b>Música:</b> EVOHÉ!
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1931
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Evohé! Evohé!  Tudo alegre  Tudo alegre, ninguém triste  Evohé! Evohé!  Tudo contente  Que a tristeza não existe</p> <p>Dó, ré, mi, ré, dó, si, lá  E chegou o Carnaval  Tô me coçando  Tô me acabando</p> <p>Evohé! Evohé!  Tudo pulando  Que esta vida é um suco  Evohé! Evohé!  Na dobradiça  O Carnavá em Pernambuco</p>

<b>Música:</b> QUE FIM VOCÊ LEVOU?
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira
<b>Ano:</b> 1937
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Olá  Como vai você?  Nunca mais lhe vi  E que fim levou?  A última vez  Que falei com você  Foi na terça-feira  Do Carnaval que passou</p> <p>Eu bem me lembro  Com se hoje fosse  Era de cor verde  A sua fantasia  Tão bonita  Como a esperança  Que em meu coração vive  De você ser meu um dia</p> <p>E agora volta  Louco o Carnaval  O seu ruído  Já domina o espaço  Vamos unir  Os nossos corações  E de braço com a ilusão  Amar com o frevo e com o passo</p>

<b>Música:</b> BOCA-DE-FORNO
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e Ziul Matos
<b>Ano:</b> 1939
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Boca-de-forno, forno  Tirando bolo, bolo  Boca-de-forno, forno  Tirando bolo, bolo  Senhor Rei mandou dizer  Vocês prestem atenção!  Que será muito feliz (muito feliz)  Quem roubar meu coração</p> <p>Quem roubar meu coração  Nunca mais há de sofrer  Tudo, tudo nele é Carnaval  Carnaval até morrer</p> <p>Se você não acredita  Eu não vou fazer questão  Fico, fico mesmo no Brasil  E você vai pro Japão</p>

<b>Música:</b> PEIXE BOI
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e Oswaldo Santiago
<b>Ano:</b> 1940
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>Ela saiu de casa  E nunca mais voltou  Que foi que a roubou?  Quem foi? Quem foi?  Você vai responder  Por que o mundo anda a dizer:  Foi, foi, foi, foi  Foi o peixe boi</p> <p>O peixe boi, porém  Vive tão feliz  Que às vezes fora d'água  Só põe o nariz  No entanto eu estou vendo  Que desse jeito  O coitado está levando  Fama sem proveito</p>

<b>Música:</b> NO PASSO DO CAROÁ
<b>Autoria:</b> Nelson Ferreira e Sebastião Lopes
<b>Ano:</b> 1941
<b>Categoria:</b> Frevo Canção
<b>Fonte:</b> Revivendo Músicas
<p>No passo do caroá, á, á, á, á  Eu quero ver como é, é, é, é, é  É muito fácil, menina!  Nada tem de encrencado  É só na ponta do pé  Do pé, do pé, do pé</p> <p>Repare bem  Que não tem nada  De Capote, nem de Fox  Minueto, nem Quadrilha  Nem Lanceiro Pá de Quatro  Pois é!</p> <p>Pra dançar o passo do caroá  Basta um mexido no corpo  E um trançado no pé  Sim senhor, muito bem!</p>